# NÃO HÁ DIA FÁCIL

UM LÍDER DA TROPA DE ELITE AMERICANA CONTA COMO MATARAM OSAMA BIN LADEN

MARK OWEN
COM KEVIN MAURER

MARK OWEN
COM KEVIN MAURER

# NÃO HÁ DIA FÁCIL

## UM LÍDER DA TROPA DE ELITE AMERICANA CONTA COMO MATARAM OSAMA BIN LADEN

Tradução
DONALDSON M. GARSCHAGEN
BERILO VARGAS

parabela

*O único dia fácil foi ontem*
Filosofia dos Seal

*Viva a fraternidade*

# Sumário

Nota do autor

Prólogo: Chalk Um
1. A Equipe Verde
2. Os cinco mais, os cinco menos
3. O segundo convés
4. Delta
5. Batedor
6. *Maersk Alabama*
7. A guerra sem fim
8. Trilhas rústicas
9. Algo muito especial em Washington
10. O Marchador
11. Para matar o tempo
12. Dia de partir
13. Infiltração
14. Khalid
15. Terceiro piso
16. Gerônimo
17. Exfiltração
18. A confirmação
19. Tirar uma casquinha
Epílogo

Fontes consultadas
Sobre os autores

# Nota do autor

Quando eu estava nos primeiros anos do ensino médio, no Alasca, minha turma foi incumbida de fazer a resenha de um livro. Tínhamos de escolher um livro de que gostássemos. Percorrendo as estantes, me deparei com *Os homens de rosto verde*, de Gene Wentz, um ex-Seal.* O romance falava de missões no delta do rio Mekong, no Vietnã. Cheio de emboscadas e tiroteios, tinha como núcleo a caça de um perigoso coronel norte-vietnamita.

Desde a primeira página, eu soube que queria ser um Seal. Quanto mais lia, mais vontade tinha de me pôr à prova.

Durante o treinamento, nas águas do oceano Pacífico, conheci outros homens como eu: homens avessos ao fracasso, motivados pela ânsia de serem os melhores. Tive o privilégio de servir todos os dias com esses homens, aos quais queria me igualar. Trabalhar junto deles me fez uma pessoa melhor.

Depois de treze grandes missões de combate consecutivas, minha guerra acabou. Este livro é a conclusão dessa parte da minha vida. Antes de me retirar, eu quis tentar explicar o que nos leva a escolher o brutal curso de treinamento dos Seal, além de uma década de mobilização constante.

Não somos super-heróis, nossa união vem do fato de nos dedicarmos a um objetivo maior que nós mesmos. A fraternidade nos mantém unidos, e é esse vínculo que nos dá disposição para enfrentar juntos o perigo.

Esta é a história de um grupo de homens extraordinários ao qual tive a felicidade de pertencer, como Seal, de 1998 a 2012.

Mudei os nomes de todos os personagens, inclusive o meu próprio, para proteger a nossa identidade, e não incluí no livro detalhes de missões em andamento.

Tive o máximo cuidado em proteger detalhes de táticas, técnicas e procedimentos usados na batalha diária travada contra terroristas e rebeldes no mundo inteiro. Se você estiver procurando por segredos, este não é o livro certo.

Embora eu tenha me esforçado para narrar acontecimentos da vida real exatamente da forma como ocorreram, foi imprescindível para mim que nenhuma informação sigilosa fosse revelada. Com a ajuda de meu editor, contratei um advogado com experiência na área de Operações Especiais para ler o original e garantir que não houvesse referência a assuntos proibidos e que o livro não servisse a inimigos como fonte de informação confidencial que pudesse comprometer ou prejudicar os Estados Unidos. Tenho certeza de que a equipe que trabalhou comigo neste livro também promoveu e preservou os interesses da segurança do país.

Quando me refiro a organizações, atividades ou departamentos militares ou do governo, faço-o em interesse da continuidade, e na maioria das vezes apenas quando outra publicação ou documento oficial não sigiloso já tenha mencionado a participação dessa organização na missão que estou relatando.

Em alguns casos, fiz referência aos nomes verdadeiros de alguns altos líderes militares conhecidos publicamente, mas só quando era certo que não havia questões de segurança operacional envolvidas. Em todos os outros casos, despersonalizei os relatos para manter o anonimato das pessoas envolvidas. Não detalhei nenhuma tecnologia que pudesse comprometer a segurança dos Estados Unidos.

Todo o material contido neste livro provém de fontes e publicações não sigilosas; nada do que se escreveu aqui pretende confirmar ou negar, oficialmente ou não, os acontecimentos relatados ou as atividades de qualquer pessoa, governo ou órgão oficial. Para proteger a natureza de operações

específicas, às vezes generalizei datas, épocas e a ordem dos acontecimentos. Mas nenhum desses "rodeios" afeta a exatidão de minhas lembranças ou a narrativa de como se desenrolaram os fatos. As operações discutidas neste livro já foram relatadas em numerosas publicações civis e governamentais, e todas essas fontes estão à disposição do público. As que eu consultei estão discriminadas em "Fontes consultadas", no final do livro.

Os fatos narrados em *Não há dia fácil* baseiam-se em minha própria memória. As conversas foram reconstituídas a partir de minhas lembranças. A guerra é sempre caótica, mas fiz o possível para garantir que os relatos deste livro fossem exatos. Se neles houver imprecisões, a responsabilidade é minha. Este livro foi escrito a partir do meu ponto de vista, e não representa o posicionamento da Marinha dos Estados Unidos, do Departamento de Defesa ou de quem quer que seja.

Apesar das medidas que tomei para proteger a segurança nacional dos Estados Unidos e a segurança operacional dos homens e mulheres que continuam lutando no mundo todo, acredito que *Não há dia fácil* é um retrato fiel dos acontecimentos que narra, um retrato da vida nas equipes do Seal e da fraternidade que existe entre nós. Ainda que escritas em primeira pessoa, minhas experiências são universais, e não sou melhor nem pior que qualquer homem com quem tenha servido. A decisão de escrever este livro foi difícil e demorada, e alguns integrantes da comunidade certamente vão me censurar por isso.

No entanto, chegou a hora de registrar por escrito uma das mais importantes missões da história militar dos Estados Unidos. A explicação de por que e como ela teve sucesso se perdeu na cobertura jornalística da operação. Finalmente, este livro dá o devido crédito àqueles que o merecem. A missão foi um esforço coletivo que incluiu os analistas de inteligência que encontraram Osama bin Laden, os pilotos de helicóptero que nos transportaram a Abbottabad e os homens que tomaram de assalto o complexo onde ele se encontrava. Nenhum homem ou mulher foi mais importante que outro.

*Não há dia fácil* conta a história dos "rapazes", o preço humano que pagamos e os sacrifícios que fazemos para executar esse serviço sujo. Este livro trata também de um grupo, uma fraternidade, que existia muito antes de eu me tornar um membro e que continuará existindo por muito tempo depois de minha saída.

Espero que, um dia, um jovem nos primeiros anos do ensino médio leia este livro e se torne um Seal, ou pelo menos viva uma vida maior do que ele próprio. Se isso acontecer, este livro terá valido a pena.

Mark Owen
Virginia Beach, Virgínia, 22 de junho de 2012

* Como são chamados os membros da principal força de operações especiais da Marinha dos Estados Unidos. A sigla Seal refere-se ao fato de seus integrantes serem treinados para operar em mar (*sea*), ar (*air*) e terra (*land*). (N. E.)

# Prólogo

## Chalk* Um

Faltava apenas um minuto quando o chefe da tripulação do Black Hawk** abriu a porta do helicóptero.

Ele estava com um dedo erguido, e eu mal podia enxergá-lo. Seus olhos estavam cobertos por óculos de visão noturna. Olhei em volta e vi meus companheiros do Seal passando o sinal calmamente um para o outro.

O ronco do motor encheu a cabine, e já era impossível ouvir qualquer coisa além dos rotores do Black Hawk girando no ar. O vento me fustigou quando me inclinei para fora, percorrendo com os olhos o solo lá embaixo, na esperança de ver alguma coisa da cidade de Abbottabad.

Uma hora e meia antes, tínhamos subido a bordo de nossos dois MH-60 Black Hawks e decolado na noite sem lua. A partir de nossa base em Jalalabad, no Afeganistão, até a fronteira com o Paquistão seria um voo curto, e dali até o alvo que durante semanas vínhamos estudando por imagens de satélite levaria mais uma hora.

Com exceção das luzinhas na cabine dos pilotos, estávamos às escuras. Eu ia espremido contra a porta esquerda, sem espaço para qualquer movimento. Tínhamos retirado os assentos do helicóptero para reduzir-lhe o peso, e viajávamos sentados no chão ou em cadeirinhas dobráveis compradas pouco antes da partida numa loja local de artigos esportivos.

Minhas pernas estavam dormentes e com cãibras. Estiquei-me em direção à porta, numa tentativa de restabelecer o fluxo sanguíneo. Amontoados ao meu lado na cabine, e no segundo

helicóptero, estavam vinte e três de meus companheiros do Grupo para o Desenvolvimento de Operações Especiais da Marinha, o DEVGRU. Eu já estivera em dezenas de operações com aqueles homens. Alguns deles eu conhecia havia dez anos ou mais. Tinha confiança absoluta neles.

Cinco minutos antes, a cabine começara a se movimentar. Pusemos os capacetes, conferimos os rádios e fizemos uma verificação final nas armas. Eu carregava trinta quilos de equipamento, e cada grama fora cuidadosamente incluída para um fim específico. Minha carga tinha sido aperfeiçoada e calibrada ao longo de doze anos, depois de centenas de operações similares.

Os homens mais experientes do nosso esquadrão tinham sido selecionados para formar a equipe. Durante as últimas quarenta e oito horas, à medida que o momento se aproximava, era adiado e se aproximava de novo, cada um de nós tinha conferido e tornado a conferir o equipamento, de modo que estávamos mais do que preparados para aquela noite.

Era a missão com que eu sonhava desde que assisti aos ataques de Onze de Setembro de 2001 pela TV em meu quarto, no alojamento em Okinawa. Acabava de voltar do treino e cheguei bem a tempo de ver o segundo avião se chocar contra o World Trade Center. Não consegui desgrudar os olhos enquanto a bola de fogo aparecia do outro lado do edifício e uma coluna de fumaça começava a sair da torre.

Como milhões de americanos nos Estados Unidos, fiquei olhando sem acreditar no que via, com uma sensação de desespero na boca do estômago. Fiquei obcecado pelo resto do dia, enquanto minha cabeça tentava incessantemente dar sentido ao que eu acabara de testemunhar. O choque do primeiro avião até poderia ser acidental. Mas a cobertura jornalística ao vivo confirmava o que eu pensara no momento em que o segundo avião apareceu na tela. Um segundo avião

sem dúvida representava um ataque. Não tinha como ser um acidente.

Em Onze de Setembro de 2001, eu estava em minha primeira missão como Seal, e quando o nome de Osama bin Laden começou a ser mencionado, imaginei que minha unidade seria chamada ao Afeganistão no dia seguinte. Durante um ano e meio, treináramos para entrar em ação. Nos meses anteriores havíamos feito treinamentos na Tailândia, nas Filipinas, no Timor Leste e na Austrália. Ao ver os ataques, ansiei por estar longe de Okinawa; queria estar nas montanhas do Afeganistão, caçando combatentes da Al-Qaeda, dando o troco.

Nunca recebemos o chamado.

Era frustrante. Não tinha treinado tanto e durante tanto tempo até tornar-me um Seal para ficar assistindo à guerra pela TV. Claro que eu não ia dividir minha frustração com minha família e meus amigos. Eles me escreviam perguntando se eu não iria ao Afeganistão. Para eles, sendo um Seal, era óbvio que seria imediatamente enviado ao Afeganistão.

Lembro-me de ter mandado um e-mail para minha namorada da época, tentando minimizar uma possível situação ruim. Falamos das ordens iminentes que eu receberia e fizemos planos para minha licença antes da próxima missão.

"Tenho cerca de um mês de férias", escrevi. "Logo estarei em casa, a menos que tenha de matar Bin Laden primeiro." Era o tipo de brincadeira que se fazia a toda hora naquele tempo.

Agora que os Black Hawks voavam em direção ao alvo, pensei nos dez últimos anos. Desde que ocorreram os ataques, todos os que faziam um trabalho como o meu sonhavam participar de uma missão como essa. O líder da Al-Qaeda personificava tudo contra o que lutávamos. Ele tinha orientado seus homens a atirar aviões contra edifícios cheios de civis inocentes. Esse tipo de fanatismo é assustador, e enquanto eu via as torres desabarem e reportagens sobre os ataques em Washington e na Pensilvânia, compreendi que estávamos em

guerra, e não era uma guerra que tínhamos escolhido. Uma porção de homens corajosos tinha se sacrificado durante anos para lutar numa guerra sem saber se algum dia teria a oportunidade de participar de uma missão como aquela que estava começando.

Uma década após aquele acontecimento e depois de oito anos de caçada e eliminação de líderes da Al-Qaeda, faltavam minutos para que nós descêssemos por uma corda sobre o conjunto onde estava Bin Laden.

Agarrado à corda presa à fuselagem do Black Hawk, finalmente pude sentir o sangue voltando às minhas articulações. O atirador de elite que estava perto de mim tomou posição, pondo uma perna para fora do helicóptero, abrindo mais espaço na porta estreita. O cano de sua arma procurava alvos dentro do conjunto. Sua tarefa era cobrir o lado sul da propriedade enquanto os integrantes da equipe de assalto descessem pelas cordas e se separassem para cumprir suas tarefas.

Na véspera, nenhum de nós acreditava que Washington aprovaria a missão. Mas depois de semanas de espera, estávamos agora a menos de um minuto do conjunto. O pessoal da inteligência dissera que nosso alvo estaria ali; eu acreditei que estivesse, mas nada me surpreenderia. Muitas vezes tínhamos acreditado estar perto.

Em 2007, passei uma semana perseguindo boatos falsos sobre Bin Laden. Tínhamos sido informados de que ele voltara do Paquistão ao Afeganistão para uma última estada. Uma fonte declarou ter visto um homem de túnica branca esvoaçante nas montanhas. Depois de semanas de preparativos, aquilo acabou sendo a perseguição de uma miragem. Dessa vez parecia que ia ser diferente. Antes de sairmos, a analista da CIA responsável por localizar o paradeiro de Bin Laden em Abbottabad disse que tinha cem por cento de certeza de que ele estava lá. Eu esperava que ela tivesse razão, mas a experiência recomendava guardar a minha opinião para depois da missão.

Isso agora não tinha importância. Estávamos a alguns segundos da casa e quem quer que estivesse em seu interior ia ter uma noite difícil.

Já tínhamos feito ataques semelhantes incontáveis vezes. Nos dez últimos anos, eu estivera no Iraque, no Afeganistão e no Chifre da África. Em 2009 tínhamos participado da missão de resgate de Richard Phillips, capitão do porta-contêineres *Maersk Alabama*, que estava em poder de três piratas somalis, e eu já tinha servido no Paquistão. Do ponto de vista tático, a operação dessa noite não tinha nada de incomum em relação a centenas de outras; do ponto de vista histórico, eu esperava que fosse bem diferente.

Assim que agarrei a corda, me senti totalmente calmo. Todos os participantes da missão tinham ouvido o aviso de último minuto milhares de vezes, e nesse ponto a operação não tinha nada de especial. Uma vez na porta do helicóptero, comecei a localizar pontos de referência que reconheci por ter estudado imagens de satélite da área durante as semanas de treinamento. Como eu não estava preso ao helicóptero por nenhum cabo de segurança, meu companheiro Walt segurava uma alça de náilon nas costas do meu colete tático blindado. Todos estavam se comprimindo em direção à porta da direita, atrás de mim, prontos para me seguir. Do lado direito, meus companheiros tinham uma boa visão do helicóptero de cobertura, com Chalk Dois avançando para a área de pouso.

Assim que passamos pelo muro sudeste do conjunto, nosso helicóptero levantou o nariz, nivelou e entrou em voo estacionário perto do ponto de inserção previamente determinado. Olhando o conjunto, dez metros abaixo, vi roupa lavada sacudindo no varal. Os tapetes estendidos para secar estavam se sujando com a poeira dos rotores. Havia lixo em redemoinho pelo quintal, e, num curral próximo, cabras e vacas se atropelavam, assustadas com o barulho do helicóptero.

Atento ao chão, vi que ainda estávamos sobre a casa de hóspedes. Como o helicóptero trepidava muito, achei que o piloto estava com dificuldade para manter a posição.

Desviamos para passar entre o telhado da casa de hóspedes e o núcleo do conjunto. Olhei para o chefe da tripulação e vi que ele tinha o microfone do rádio muito próximo da boca, dando instruções ao piloto.

O helicóptero corcoveava na tentativa de encontrar ar suficiente para um voo estacionário estável e de manter sua posição. O balanço não era violento, mas tive certeza de que não estava previsto. O piloto lutava com os comandos, tentando corrigir a situação. Alguma coisa estava errada. Os pilotos tinham participado de missões como aquela tantas vezes que, para eles, posicionar um helicóptero sobre um alvo era como estacionar um carro.

Olhando para o conjunto, pensei em jogar a corda para escapar daquele pássaro instável. Sabia dos riscos, mas era imperativo chegar ao solo. Eu não ia poder fazer nada preso à porta do helicóptero. Só precisava de um espaço aberto para largar a corda.

Mas o espaço aberto nunca chegava.

"Vamos circular. Vamos circular", ouvi pelo rádio. Isso significava que o plano original de abordar o conjunto descendo pelas cordas tinha sido abortado. Íamos circular pelo sul, pousar e proceder ao assalto pelo lado de fora. Com isso perderíamos um tempo precioso e permitiríamos que os ocupantes do conjunto se armassem.

Senti um aperto no coração.

Até a ordem de circular, tudo estava funcionando como planejado. Tínhamos conseguido burlar os radares e evitar os mísseis do Paquistão durante o trajeto, e havíamos chegado sem que nos detectassem. Agora, a invasão estava indo à merda. Tínhamos ensaiado essa possibilidade, mas como plano B. Se o alvo estivesse realmente lá dentro, o fator surpresa seria fundamental, mas agora estava desaparecendo.

Na tentativa de sair de seu voo estacionário instável, o helicóptero fez um giro brusco de noventa graus à direita. Pude sentir a guinada que a cauda do aparelho deu para a esquerda. Fui apanhado de surpresa e imediatamente comecei

a lutar para não escorregar porta afora, procurando algo dentro da cabine a que me segurar.

Senti meu corpo descolando do piso, e por um segundo fiquei com o peito apertado de puro pânico. Esqueci a corda e comecei a me inclinar para dentro da cabine, mas meus companheiros estavam todos amontoados na porta. Eu tinha pouco espaço para recuar. Senti que Walt segurou meu colete com mais força quando o helicóptero começou a perder altura. Com a outra mão, ele segurava o equipamento de tiro. Inclinei-me para trás o máximo que pude. Walt estava praticamente deitado em cima de mim para me segurar dentro do helicóptero.

"Puta merda, estamos entrando", pensei.

A virada violenta fez com que minha porta ficasse de frente, enquanto o helicóptero se punha de lado. Vi o muro do quintal se aproximando de nós. Lá em cima, os motores, que antes zuniam, agora pareciam gritar na tentativa de controlar o ar e segurar a máquina.

Por muito pouco, o rotor da cauda não atingiu a casa de hóspedes quando o helicóptero deslizou para a esquerda. Antes de iniciar a missão, havíamos dito de brincadeira que nosso helicóptero tinha baixíssima probabilidade de cair porque muitos de nós éramos sobreviventes de quedas anteriores. Tínhamos certeza de que se algum dos helicópteros tivesse de cair seria o que transportava o Chalk Dois.

Milhares de horas, talvez milhões, tinham sido gastas para levar os Estados Unidos àquele momento, e a missão estava a ponto de fracassar antes mesmo que tivéssemos a chance de pôr os pés no chão.

Tentei dar um forte impulso para cima com as pernas a fim de me lançar mais para dentro da cabine. Se o helicóptero batesse de lado contra o chão, poderia rolar e prender minhas pernas debaixo da fuselagem. Inclinando-me para trás o mais que podia, juntei as pernas no peito. Ao meu lado, o atirador de elite tentava recolher a perna que estava do lado de fora,

mas havia gente demais. Não se podia fazer nada além de esperar que o helicóptero não virasse e cortasse a perna dele.

Tudo ficou em câmera lenta. Tentei tirar da cabeça a ideia de ser esmagado. A cada segundo, o chão estava mais perto. Meu corpo estava tensionado, pronto para o impacto inevitável.

* Na terminologia militar norte-americana, um Chalk é uma unidade treinada para operações de "assalto" por via aérea. O termo pode se referir também às aeronaves que transportam tais equipes de assalto. (N. E.)

** Helicóptero militar bimotor utilizado para transporte utilitário e infiltrações aéreas. (N. E.)

# 1

# A Equipe Verde

O suor escorria pelas minhas costas, empapando a camisa, enquanto eu descia devagar o corredor da casa da morte em nosso local de treinamento no Mississippi.

Estávamos em 2004, sete anos antes que eu embarcasse num Black Hawk rumo a Abbottabad, no Paquistão, para uma das operações especiais mais importantes da história. Estava no curso de seleção e treinamento para a Equipe Seis do Seal, chamada às vezes por seu nome completo: Grupo para o Desenvolvimento de Operações Especiais da Marinha, ou DEVGRU. O curso de seleção de nove meses, conhecido como Equipe Verde, era a única coisa que se interpunha entre nós, candidatos, e o corpo de elite do DEVGRU.

Meu coração batia com força, e eu tinha de piscar para tirar o suor dos olhos, seguindo meu companheiro até a porta. Respirava com dificuldade, sem ritmo. Tentava tirar da cabeça qualquer pensamento desnecessário. Estava nervoso e tenso, e sabia que é nessas condições que se comete erros. Precisava manter o foco. Mas qualquer coisa que estivesse à nossa espera no lugar em que estávamos a ponto de entrar era insignificante se comparada ao quadro de instrutores que nos observavam.

Todos os instrutores eram combatentes veteranos do DEVGRU. Escolhidos para treinar novos quadros, eles tinham meu futuro em suas mãos.

"Aguente até o almoço", sussurrei para mim mesmo.

Era a única forma de controlar minha ansiedade. Em 1998, consegui passar pela Demolição Submarina Básica/Seal, ou BUD/S, pensando apenas na minha próxima refeição. Não importava que eu não sentisse mais os braços à medida que erguíamos troncos acima da cabeça ou que a água gelada me ensopasse até os ossos. Aquilo não duraria para sempre. Há um ditado que diz: "Como se faz para comer um elefante?". A resposta é simples: "Um bocado por vez". Meus bocados eram demarcados por refeições: faça isso até o desjejum, treine com afinco até o almoço, aguente até o jantar. Repita.

Em 2004 eu já era um Seal, mas chegar ao DEVGRU seria o ápice da minha carreira. Como unidade antiterrorista da Marinha, o DEVGRU empreendia missões de resgate de reféns, perseguia criminosos de guerra e, desde os ataques de Onze de Setembro, caçava e eliminava combatentes da Al-Qaeda no Afeganistão e no Iraque.

Mas nada do que se fazia na Equipe Verde era fácil. Para mim, já não bastava ser um Seal. Durante o treinamento na Equipe Verde, passar, e nada além disso, significava fracassar. O segundo colocado era o primeiro perdedor. O objetivo não era cumprir os requisitos, e sim triturá-los. Ter sucesso na Equipe Verde significava administrar o estresse e exigir o máximo de si o tempo todo.

Antes de cada dia de treino, executávamos exercícios extenuantes ou um trabalho físico que consistia em longas corridas, flexões de peito, flexões de barra e qualquer outra atividade que os instrutores sádicos conseguissem bolar. Empurrávamos carros e em muitas ocasiões chegamos a empurrar ônibus. Quando chegávamos à casa da morte, uma construção especial à prova de balas com corredores e cômodos usados para a prática de CQB, ou combate em ambiente confinado, nossos músculos já estavam cansados e doloridos. O objetivo do trabalho físico era nos cansar para provocar o estresse de uma operação real antes de sermos testados num ambiente tático exigente.

Não tive tempo de olhar para os instrutores no momento em que seguíamos pelo corredor. Era o primeiro dia de treinamento, e os nervos de todos estavam à flor da pele. Tínhamos começado o treino na escola de tiro depois de um mês inteiro praticando paraquedismo de grande altitude no Arizona. Também lá tínhamos sofrido pressão por um desempenho perfeito, mas quando chegamos ao Mississippi ela piorou.

Eu tirei da cabeça as dores inoportunas que sentia e me concentrei na porta que havia diante de mim. Era feita de compensado fino, sem maçaneta. Tinha sido golpeada e quebrada por grupos anteriores ao nosso, de forma que meu companheiro pôde abri-la com facilidade com a mão enluvada. Detivemo-nos por um instante na soleira, procurando alvos antes de entrar.

O cômodo era quadrado, com paredes rústicas feitas de velhos dormentes para absorver os projéteis reais. Ouvi meu companheiro chegando atrás de mim, enquanto meu fuzil descrevia um arco em busca de um alvo.

Nada. O cômodo estava vazio.

"Adiante", exortou meu companheiro, entrando no cômodo para revistar um dos cantos.

Instintivamente, me pus em posição de cobri-lo.

Assim que comecei a me deslocar, ouvi os murmúrios dos instrutores. Não podíamos parar, mas eu sabia que um de nós acabava de cometer um erro. Por um segundo, senti que meu nível de estresse bateu no pico, mas rapidamente tirei isso da cabeça. Não tinha tempo para me preocupar com erros. Havia outros cômodos para revistar. Não dava para ficar pensando nos erros cometidos no primeiro.

De volta ao corredor, entramos no cômodo seguinte. Divisei dois alvos ao entrar. À direita, vi a silhueta de um bandido segurando um pequeno revólver. Usava um moletom e parecia um marginal de filme dos anos 1970. À esquerda, uma silhueta de mulher segurava uma bolsa.

Disparei um tiro no bandido segundos depois de entrar no cômodo. O projétil acertou na mosca. Fui em direção ao alvo, disparando mais alguns tiros.

"Limpo", disse eu, baixando o cano da arma.

"Limpo", respondeu meu companheiro.

"Travem e pendurem as armas", disse um dos instrutores lá de cima.

Pelo menos seis instrutores olhavam para nós, instalados num passadiço que se estendia por toda a parte superior da casa da morte. Eles podiam se deslocar em segurança enquanto revistávamos os diferentes ambientes, avaliando nosso desempenho e procurando pelos menores erros.

Travei meu fuzil e pendurei-o no ombro pela alça. Enxuguei com a manga as gotas de suor que me caíam nos olhos. Meu coração ainda batia forte, embora tivéssemos terminado. Os cenários de treinamento eram bem realistas. Todos nós sabíamos revistar ambientes. Esse processo nos submetia ao mesmo estresse que em um combate.

Não havia margem de erro, e naquele momento eu não sabia exatamente o que tínhamos feito de errado.

"Onde foi parar seu grito de ação?", perguntou Tom, um dos instrutores que estava no passadiço.

Não respondi. Apenas aquiesci. Estava constrangido e desapontado. Tinha esquecido de dizer a meu companheiro que podia entrar no primeiro cômodo, o que era uma violação das normas de segurança.

Tom era um dos melhores instrutores do curso. Eu sempre conseguia identificá-lo porque tinha a cabeça grande, sólida, como se o crânio guardasse um cérebro gigante. Era sua única característica física notável. Se não fosse isso, ele passaria despercebido, pois era delicado e nunca se alterava. Todos nós o respeitávamos, porque era ao mesmo tempo firme e justo. Quando você cometia um erro diante de Tom, era como se ele ficasse abatido. Sua decepção comigo estava estampada em seu rosto.

Não gritava.

Não vociferava.

Era apenas o seu semblante.

Eu o vi lá em cima, olhando em minha direção com uma expressão que dizia: "*Ah, é assim, cara? Você fez isso mesmo?*".

Eu quis falar ou pelo menos tentar explicar, mas sabia que eles não estavam dispostos a ouvir. Se diziam que você tinha errado, você tinha errado. Ali, embaixo deles na sala vazia, não havia discussão ou explicação.

"O.k., positivo", eu disse, indefeso e furioso comigo mesmo por ter cometido um erro tão primário.

"Precisamos fazer melhor", disse Tom. "Supere isso. Vá para a escada."

Agarrei o fuzil, corri para fora da casa da morte e fui em disparada até uma escada de cordas pendurada numa árvore a cerca de trezentos metros de distância. Subindo a escada, degrau por degrau, me senti cada vez mais pesado. Não era a camisa ensopada de suor, nem os trinta quilos do colete tático, com equipamentos, amarrado a meu peito.

Era o medo de fracassar. Eu nunca tinha falhado em minha carreira de Seal.

Quando cheguei a San Diego, seis anos antes, para a BUD/S, nunca duvidei de que me sairia bem. Muitos candidatos à BUD/S que tinham chegado comigo foram cortados ou desistiram. Alguns não aguentaram as brutais corridas na praia, ou entravam em pânico debaixo d'água durante os treinos de mergulho.

Como muitos outros candidatos à BUD/S, eu queria ser um Seal desde os treze anos. Lia tudo o que conseguia encontrar sobre os Seal, acompanhava o noticiário sobre a Operação Tempestade no Deserto em busca de qualquer referência a eles e sonhava acordado com emboscadas e em surgir de repente numa praia em missão de combate. Eu queria fazer todas aquelas coisas que tinha lido nos livros quando era pequeno.

Ao me formar numa pequena faculdade da Califórnia, fiz a BUD/S e ganhei meu tridente de Seal em 1998. Depois de um período de seis meses no litoral do Pacífico e uma missão de combate no Iraque em 2003-4, eu estava pronto para algo novo. Tinha ouvido falar no DEVGRU em minhas duas primeiras missões. O DEVGRU reunia a nata da comunidade Seal, e eu nunca me perdoaria se não fosse aceito no curso de seleção.

A unidade de antiterrorismo da Marinha nasceu logo depois do fracasso da Operação Garra de Águia, uma missão ordenada pelo presidente Jimmy Carter em 1980 para o resgate de cinquenta e dois reféns americanos presos na embaixada dos Estados Unidos em Teerã, no Irã.

Depois dessa missão, a Marinha percebeu a necessidade de uma força capaz de executar com êxito quaisquer missões especializadas, e incumbiu Richard Marcinko de desenvolver uma unidade antiterrorista chamada Equipe Seis do Seal. Esse grupo era treinado para operar em ambientes confinados e em países inimigos, assim como em navios, bases navais e plataformas de petróleo. Com o passar do tempo as missões se diversificaram e passaram a envolver resgate de reféns, segurança e ações contra o desenvolvimento de armas de destruição em massa.

Na época em que Marcinko fundou o comando, havia apenas duas equipes Seal. O número "seis" era usado para que os soviéticos acreditassem que as equipes da Marinha fossem mais numerosas. Em 1987, a Equipe Seis do Seal transformou-se no DEVGRU.

A unidade começou com setenta e cinco membros, selecionados por Marcinko. Atualmente, todos os integrantes da unidade provêm de outras equipes do Seal e das unidades de Descarte de Material Bélico Explosivo. Cresceu substancialmente e ganhou inúmeras equipes, assim como pessoal de apoio, mas o princípio continua sendo o mesmo.

A unidade faz parte do Comando de Operações Especiais Conjuntas, o JSOC. Assim, o DEVGRU trabalha em estreita colaboração com outras organizações, como a Força Delta do Exército.

Uma das primeiras missões do DEVGRU foi executada em 1983, durante a Operação Fúria Urgente. Membros da unidade resgataram o governador-geral da ilha de Granada, Paul Scoon, durante a invasão liderada pelos Estados Unidos, depois de uma insurreição comunista. Não fosse o resgate, Scoon poderia ter sido executado.

Seis anos depois, em 1989, o DEVGRU uniu-se à Força Delta para capturar Manuel Noriega durante a invasão do Panamá.

Os membros do DEVGRU participaram da operação que, liderada pelos Estados Unidos, foi encarregada da captura do comandante militar somali Mohamed Farrah Aidid, em outubro de 1993, no episódio que ficou conhecido como Batalha de Mogadíscio. Os combates são relatados no livro de Mark Bowden intitulado *Falcão Negro em perigo*.

Em 1998, membros do DEVGRU perseguiram criminosos de guerra bósnios, entre eles o general Radislav Krstić, que seria indiciado por sua participação no massacre de Srebrenica em 1995.

A partir de Onze de Setembro de 2001, os integrantes do DEVGRU entraram numa roda-viva de missões no Iraque e no Afeganistão, tendo como alvo comandos da Al-Qaeda e do Talibã. Foram para o Afeganistão imediatamente depois dos ataques ao World Trade Center e protagonizaram algumas das missões que tiveram maior cobertura da imprensa, como o resgate de Jessica Lynch no Iraque, em 2003. Foram missões como essa e o fato de eles terem sido os primeiros convocados que me motivaram a ir para lá.

Antes de fazer parte da Equipe Verde, você precisa ser um Seal. A maior parte dos candidatos já participou de pelo menos duas missões. Isso significa que eles têm a formação e a experiência necessárias, que podem ser cruciais para o êxito no processo de seleção.

Ao subir os degraus da escada, no calor do Mississippi, não pude deixar de pensar que quase tinha fracassado no processo seletivo de três dias, antes mesmo de começar na Equipe Verde.

Esses três dias caíram durante o período de treinamento de guerra terrestre da minha unidade. Eu estava em Camp Pendleton, na Califórnia, escondido debaixo de uma árvore, observando os Marines* que construíam um acampamento-base. Era 2003, e já estávamos a uma semana num treino de reconhecimento quando recebi ordens de voltar a San Diego para começar o processo de seleção de três dias. Se tivesse a sorte de ser selecionado, começaria o curso de treinamento de nove meses da Equipe Verde. Se, então, tivesse a sorte de ser aprovado no curso, me tornaria um integrante do DEVGRU.

Fui o único escolhido do meu pelotão. Um companheiro de outro pelotão também fora selecionado. Durante a viagem, fomos tirando a tinta verde do rosto. Depois de dias no campo, ainda vestíamos os uniformes de camuflagem, tínhamos cheiro de suor e de repelente de insetos. Meu estômago doía, porque eu não tinha comido nada além da ração fornecida a soldados em combate. Eu tentava me manter hidratado, bebendo água pelo caminho. Não estava em minha melhor forma, e sabia que a primeira parte da seleção para a Equipe Verde consistia em testes de condicionamento físico.

Na manhã seguinte estávamos na praia. O sol acabava de surgir no horizonte quando concluí minha corrida cronometrada de seis quilômetros. Depois de um breve descanso, me reuni a cerca de vinte outros candidatos em fila numa laje de concreto. Uma leve brisa vinda do Pacífico soprava, e o ar ainda estava fresco da noite anterior. Em

qualquer outro momento, seria uma linda manhã na praia. Mas eu já estava cansado da corrida e, antes de nadar, ainda tínhamos de fazer flexões de braço, abdominais e flexões na barra.

Passei facilmente pelo teste de flexões, embora os instrutores procurassem defeitos em cada repetição. Cada uma delas tinha de ser perfeita, senão não valia. Virei-me de costas e me preparei para as abdominais.

Já estava bem cansado quando as comecei.

Ficar ao relento no campo não tinha sido bom para minha resistência. A princípio, mantive um bom ritmo, que se interrompeu quando um instrutor se pôs ao meu lado e começou a repetir o número de meus exercícios.

"Dez, dez, dez", dizia ele. "Dez, onze, doze, doze."

Minha técnica não vinha de livros. Ele estava repetindo o número dos exercícios que não saíam perfeitos. A cada número que ele repetia, eu sentia mais vergonha. Estava me cansando sem nem conseguir chegar perto da média do teste.

"Um minuto."

Eu estava bem atrasado quando ouvi o aviso, não teria tempo de completar o exercício. Se me desse mal nas abdominais, estava liquidado. Minha mente foi assaltada por dúvidas. Comecei a inventar desculpas esfarrapadas: eu estava mal preparado porque vinha treinando com minha unidade em vez de me preparar para o teste.

"Trinta segundos."

Com meio minuto de tempo, eu ia ficar dez repetições abaixo do mínimo. Ao meu lado, outro cara já tinha ultrapassado o mínimo e continuava dando tudo de si para ir o mais rápido que pudesse. Minha cabeça rodava, eu não podia acreditar que estava fracassando. Expulsei os pensamentos venenosos da cabeça e foquei na técnica. Aos poucos eu chegaria lá.

"Dez segundos."

Estava chegando perto. Meu estômago doeu. Ofegava. O medo substituiu o cansaço. Fiquei em choque. Não podia

fracassar. Não tinha como voltar para o meu pelotão depois de falhar já no teste de condicionamento físico.

"Cinco, quatro, três..."

Os instrutores concluíram a contagem regressiva, então executei minha última abdominal. Passei raspando, superei o mínimo por duas míseras repetições. Estava acabado, mas ainda tinha as flexões de barra. Enquanto ia até a barra, a proximidade do fracasso descarregou em mim alguma adrenalina e consegui fazer as flexões sem problemas.

A última prova era de natação na baía de San Diego. O mar estava calmo. Como usávamos roupas de neoprene, eu não sentia o frio da água. Comecei bem. Um dos rapazes que faziam o teste tinha sido nadador da Academia Naval e ia bem à frente, mas eu estava em segundo. Continuei forçando, mas me sentia lento, como se nadasse numa esteira.

Quando cruzamos a linha de chegada, os instrutores me disseram que eu tinha sido reprovado. Aconteceu com todos, menos com o nadador da Academia. Isso chamou a atenção dos instrutores, que resolveram consultar a tábua de marés. Depois de um exame rápido das correntes, concluíram que tínhamos nadado contra a correnteza.

"Vamos repetir o teste todo amanhã", disseram, para meu alívio.

Começar cada exercício já cansado faz parte do desafio, e portanto não podíamos repetir apenas a parte da natação. Teríamos de fazer as abdominais de novo, e no fundo eu sabia que uma noite de descanso não bastaria para que eu pudesse fazê-las bem.

Era uma questão de preparo emocional.

No dia seguinte, cheguei pronto para arrasar, determinado a atingir o nível de aprovação. Sabia que minhas marcas não eram ótimas, e estava preocupado com a avaliação delas pela banca do exame oral do dia seguinte. Obter as marcas mínimas não significava nada no conjunto das coisas. Era um curso de seleção dos melhores entre os melhores, e eu não vinha provando aos instrutores que estava preparado.

Cheguei cedo para a entrevista, vestido com meu uniforme azul e todas as minhas barretas e condecorações. Tinha cortado o cabelo na véspera e fiz questão de me barbear bem rente. Eu parecia um desenho tirado de um manual de uniformes. Sabia que era uma das raras ocasiões em que um corte de cabelo, sapatos lustrosos e um uniforme bem passado tinham importância para um Seal. Pelo menos era uma coisa a menos para pegarem no meu pé durante a entrevista.

A sala de reuniões tinha uma grande mesa num dos extremos. Sentados à mesa estavam meia dúzia de suboficiais da Marinha, um psicólogo que tinha nos avaliado no segundo dia de testes e um orientador de carreira. Diante da mesa, uma única cadeira vazia. Entrei na sala e me sentei.

Durante quarenta e cinco minutos, eles se revezaram nas perguntas que me dirigiam. Eu nunca tinha sido bombardeado daquela maneira. Não sabia que antes da minha chegada a banca já tinha falado com o chefe do meu pelotão e comandante da Equipe Cinco do Seal. Eles já tinham uma ideia de quem eu era, mas aquela seria a única oportunidade que teriam para me avaliar pessoalmente.

Até hoje, não consigo me lembrar de quem fazia parte da banca do exame oral. Para mim, eram apenas militares de excelência que tinham meu futuro nas mãos. Dependia de mim convencê-los a me escolher.

Mas minhas marcas no condicionamento físico não ajudavam.

"Você sabe para o que está sendo selecionado?", perguntou um deles. "Você sabe o que está tentando fazer? Este é o teste básico. Você está se preparando para grandes operações. Isso é o que você apresenta?"

Não hesitei. Sabia que eles iam me pressionar com aquilo e eu só tinha uma cartada.

"Assumo toda a responsabilidade", respondi. "Estou constrangido por estar aqui e lhes apresentar essas marcas de condicionamento físico. Só posso lhes dizer que se for escolhido, essas marcas nunca mais vão se repetir. Não

pretendo dar nenhuma desculpa. É minha responsabilidade, e só depende de mim e de mais ninguém."

Sondei a fisionomia deles para descobrir se tinham acreditado. Nada indicava que sim, nem que não. Tudo o que vi foram olhares inexpressivos. A avalanche de perguntas continuou, com o propósito de me desequilibrar. Eles queriam testar se eu conseguiria manter a calma. Se não pudesse nem me sentar numa cadeira e responder a perguntas, o que faria debaixo de fogo? Se queriam me deixar desconfortável, tiveram sucesso, mas eu estava mais para constrangido do que para qualquer outra coisa. Essas eram as pessoas que eu admirava, com as quais queria me parecer, e ali estava eu, um jovem Seal que mal conseguira passar no teste de abdominais.

Terminado o exame, eles me dispensaram.

"Nos próximos seis meses você saberá se passou ou não."

Ao deixar a sala, pensei que tinha cinquenta por cento de chance de me dar bem.

De volta a Camp Pendleton, besuntei o rosto de tinta verde e voltei ao campo com o rabo entre as pernas para me reunir a meus companheiros nos últimos dias de treinamento.

"Como foi?", perguntou meu chefe quando me juntei ao grupo.

"Não sei", respondi.

Não disse nada a ninguém sobre o teste de condicionamento físico. Sabia que havia uma possibilidade real de ter fracassado.

Eu estava servindo no Iraque com a Equipe Cinco do Seal quando finalmente recebi a notícia. O chefe do meu pelotão me chamou para o centro de operações.

"Você foi selecionado", disse ele. "Vai receber ordens da Equipe Verde quando voltarmos."

Fiquei surpreso, porque no fundo estava me preparando para o pior. Tinha posto na cabeça que teria de tentar outra vez. Mas agora que tinha sido selecionado, não permitiria que os mesmos erros se repetissem. Sabia que quando me apresentasse, teria de estar preparado para a Equipe Verde.

* Como são chamados os membros do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos. (N. E.)

# 2

# Os cinco mais, os cinco menos

Meus pulmões queimavam e minhas pernas doíam quando voltei correndo da escada, no verão úmido do Mississippi. A dor era mais pelo orgulho ferido do que física. Eu estava fracassando. Eu me pressionava mais do que qualquer instrutor. O erro cometido na casa da morte era resultado da perda de foco, e eu sabia que era inaceitável. Não iria longe se não conseguisse ignorar a pressão e me concentrar nas tarefas imediatas. Os candidatos podiam ser afastados do curso a qualquer momento.

Voltei correndo e fiquei fora da casa. Podia ouvir os tiros de fuzil de outras equipes revistando ambientes. Tínhamos poucos minutos para tomar fôlego e voltar para dentro para outra repetição.

Tom descera do passadiço e estava do lado de fora quando cheguei. Puxou-me para um canto.

"Olhe aqui, irmão", disse ele. "Você fez o movimento certo. Você cobriu seu companheiro, mas não houve grito de ação."

"Positivo", respondi.

"Sei que no seu antigo comando vocês faziam as coisas do seu jeito e talvez não precisassem do grito de ação", disse Tom. "Mas aqui queremos o manual de CQB e o palavreado que pedimos. Se você tiver a sorte de chegar ao fim deste treinamento e participar de um esquadrão de assalto no segundo convés, pode ter certeza que não vai fazer CQB básico. Mas aqui, sob pressão, você precisa provar que é capaz de fazer

o CQB mais elementar. Temos um padrão, e você não pode fazer nenhum movimento sem um grito de ação."

O "segundo convés" era onde trabalhavam todos os esquadrões de assalto em Virginia Beach. Durante nossos primeiros dias na Equipe Verde, nos informavam que não era permitido subir ao andar superior do edifício. Estava vedado para nós até a graduação.

Portanto, subir ao segundo convés era o objetivo. Era o prêmio.

Fiz que sim com a cabeça e coloquei um novo carregador no fuzil.

Naquela noite, peguei uma cerveja gelada e esparramei meu kit de limpeza sobre a mesa. Dei um longo gole e saboreei o fato de ter sobrevivido a mais um dia, ter dado mais uma mordida no elefante proverbial. Eu estava um degrau mais perto do segundo convés.

Durante o bloco de treinamento denominado CQB, morávamos em duas amplas casas perto dos estandes de tiro e da casa da morte. Eram basicamente dois grandes quartéis arrasados pela passagem de centenas de Seal e de membros de forças especiais em turnos de treinamento. Os quartos estavam cheios de beliches, mas eu passava a maior parte do tempo no andar de baixo, no saguão. Havia uma mesa de sinuca e uma grande TV da década de 1980 normalmente ligada em algum programa esportivo. Muito barulho de fundo, rapazes limpando suas armas, dando tacadas, tentando relaxar.

A comunidade Seal é pequena. Todos nós nos conhecíamos, pelo menos de ouvir falar. No momento em que você chega à praia para começar a BUD/S, começa a construir uma reputação. Desde o primeiro dia, todos falam em reputação.

"Vi você na escada hoje", disse-me Charlie, recolhendo as bolas para mais uma partida de sinuca. "Qual foi a cagada que você fez?"

Charlie era grande em estatura e em senso de humor. Um gigante com mãos do tamanho de pás e ombros enormes. Com

quase dois metros de altura, pesava cem quilos. Falava pelos cotovelos. De sua boca jorrava um fluxo contínuo de palavras de gozação, dia e noite.

Era chamado de "Valentão".

Charlie foi criado no Meio-Oeste e entrou para a Marinha depois que se formou. Passou cerca de um ano como taifeiro, raspando pintura e brigando com seus colegas de tripulação, antes de ir para a BUD/S. Da maneira como ele contava, estar numa embarcação da esquadra era como estar num covil de bandidos. Falava sobre brigas no navio, nos portos e no mar. Detestava estar à deriva, tudo o que queria era tornar-se um Seal.

Charlie era um dos melhores candidatos da turma. Esperto e agressivo, não lhe fizera mal algum o fato de ter sido instrutor de CQB para equipes do Seal da costa leste antes de entrar para a Equipe Verde. As casas da morte chegaram a ele com naturalidade. Além disso, era um atirador de primeira.

"Não dei o grito de ação", respondi.

"Continue assim e vai estar de volta a San Diego para pegar um bronze", disse ele. "Pelo menos vai ficar bonito para o calendário do ano que vem."

Os Seal têm bases em dois lugares — em San Diego, na Califórnia, e em Virginia Beach, na Virgínia. Havia uma forte rivalidade entre os dois grupos, baseada principalmente em questões geográficas e demográficas. As diferenças entre as equipes são mínimas. Participam das mesmas missões e recebem o mesmo treinamento, mas os Seal da costa oeste têm fama de surfistas fanfarrões e os da costa leste são vistos como operários-padrão.

Eu era da costa oeste, razão pela qual andar com Charlie significava ser submetido a uma dieta rigorosa de alfinetadas, principalmente a respeito do calendário.

"Certo, senhor Maio?", disse Charlie, contendo o riso.

Anos antes, alguns de meus companheiros — entre os quais eu não figurava — tinham sido fotografados para um

calendário com fins beneficentes. As fotos eram embaraçosas: rapazes sem camisa, na praia ou ao lado de navios militares em San Diego. Essa iniciativa pode ter ajudado a alimentar crianças pobres ou colaborado na luta contra o câncer, mas nos custou anos de gozação.

"Ninguém ia querer fazer um calendário com os branquelos azedos da costa leste", retruquei. "Desculpe se podemos tirar a camisa e aproveitar o sol de San Diego."

Era uma batalha sem fim.

"Vamos resolver isso amanhã no estande de tiro", eu disse.

Minha salvação estava sempre no estande de tiro. Eu não era espirituoso a ponto de enfrentar Charlie ou qualquer outro engraçadinho da Equipe Verde. Todos sabiam que minhas piadas eram fracas. O melhor era bater em retirada e fazer o possível para derrotar esses caras no tiro, no dia seguinte. Eu era um atirador acima da média, tinha sido criado no Alasca com uma arma na mão desde a mais tenra infância.

Meus pais nunca me deram armas de brinquedo, porque quando terminei o ensino fundamental já carregava uma espingarda calibre 22. Desde muito cedo tive a responsabilidade de lidar com uma arma de fogo. Para nossa família, armas eram ferramentas.

"Você tem de respeitar a arma e o que ela é capaz de fazer", dizia meu pai.

Ele me ensinou a atirar e a manipular a espingarda com segurança. Mas isso não significa que eu não tenha aprendido a lição do modo mais difícil antes de assimilá-la bem.

Depois de uma caçada com meu pai, fazia tanto frio que não dava para limpar as nossas armas ao relento. Juntei-me ao resto da família que estava dentro de casa. Minha mãe preparava o jantar, minhas irmãs se entretinham com um jogo na mesa da cozinha.

Tirei as luvas e comecei a descarregar a espingarda. Meu pai me ensinara a verificar a câmara várias vezes, insistindo na

segurança. Primeiro, retirar o carregador e fazer o movimento de ejetar qualquer eventual projétil. Depois verificar a câmara. Apontar para uma direção segura e acionar o gatilho.

Naquela ocasião, eu não estava atento e devo ter deixado um projétil na câmara ao retirar o carregador. Apontando para o chão, destravei a arma e apertei o gatilho. A bala saiu pelo cano da espingarda e ficou encravada no piso, na frente do aquecedor a lenha. Eu não estava atento porque tentava me aquecer. O estrondo ecoou pela casa toda.

Fiquei gelado.

Meu coração batia tão forte que o peito doía. Minhas mãos tremiam. Olhei para meu pai, que olhava para o buraquinho no piso. Minha mãe e minhas irmãs vieram correndo para ver o que tinha acontecido.

"Você está bem?", perguntou meu pai.

Gaguejei um sim e examinei a espingarda para ter certeza de que estava descarregada. Com as mãos ainda trêmulas, larguei a arma.

"Desculpe", disse. "Esqueci de verificar a câmara."

Eu estava mais envergonhado do que qualquer outra coisa. Sabia cuidar da espingarda, mas me descuidei porque estava mais preocupado em me aquecer. Meu pai descarregou sua espingarda e pendurou o casaco. Não estava zangado. Só queria ter certeza de que eu tinha consciência do que se passara ali.

Ajoelhou-se a meu lado com minha espingarda e repassamos todos os passos mais uma vez.

"O que você fez de errado? Repita, passo a passo", disse ele.

"Tirar o carregador", respondi. "Esvaziar a câmara. Examiná-la. Destravar a arma e puxar o gatilho apontando para uma direção segura."

Mostrei a ele diversas vezes como se fazia para esvaziar corretamente a arma, que depois penduramos na prateleira ao lado da porta. Basta uma vez para ferrar com tudo. Aprendi muito com isso. Foi uma grande lição de que nunca mais me esqueci.

Da mesma forma como nunca mais esqueci o grito de ação depois daquele dia na casa da morte.

Nossa programação diária na Equipe Verde durante o período de CQB começava ao amanhecer. Trabalhávamos ao ar livre todas as manhãs. Depois, pelo resto do dia, metade da turma de trinta homens ia para o estande de tiro e a outra metade para a casa da morte. Na hora do almoço, trocávamos de posição.

Os estandes de tiro estavam entre os melhores do mundo. Não eram como os estandes elementares, em que se atira em alvos em linha reta. Nada disso, tínhamos de correr entre obstáculos, carcaças de carros pegando fogo, e fazer uma série de flexões antes de correr para disparar contra os alvos. Estávamos sempre em movimento. Já conhecíamos o básico, estávamos aprendendo a atirar em combate. Os instrutores faziam de tudo para manter nosso batimento cardíaco lá no alto, e por isso tínhamos de controlar a respiração para atirar.

As instalações de treinamento tinham duas casas da morte. Uma delas era feita de dormentes. Tinha corredores compridos e cômodos quadrados. A casa mais nova era construída em módulos e podia ser reconfigurada para simular salas de reunião, banheiros e até um salão de baile. Dificilmente encontrávamos a mesma disposição mais de uma vez. O objetivo era nos apresentar algo novo a cada dia para ver como conduzíamos a situação e se era possível nos flagrar em erro.

O ritmo do treino era acelerado. Os instrutores não esperavam por ninguém. Era um treino de velocidade, e se alguém não acompanhasse a bateria desde o primeiro dia, o mais provável era que fosse sumariamente despachado de volta para sua unidade. Como num *reality show*, a cada semana o número de participantes diminuía, à medida que rapazes iam caindo. Tudo isso era parte de nossa preparação para o mundo real, para desmascarar o "Homem Cinzento". Era o homem que se misturava ao grupo. Não era o melhor, mas também nunca o pior: o Homem Cinzento sempre ficava na média,

raramente a superava, e tornava-se invisível. Para eliminar o Homem Cinzento, os instrutores nos davam alguns minutos no fim da semana para classificar o desempenho de nossos companheiros.

Nós nos sentávamos em mesas de piquenique que ficavam debaixo de um toldo. Os instrutores davam uma folha de papel a cada um de nós.

"Os cinco melhores, os cinco piores, senhores", dizia um dos instrutores. "Vocês têm cinco minutos."

Cada um de nós tinha de fazer uma lista anônima dos cinco melhores e dos cinco piores desempenhos. Os instrutores não podiam nos observar durante todas as horas do dia, de modo que a lista lhes dava uma noção de quem era realmente bom. Um candidato podia ser grande atirador e fazer tudo certinho na casa da morte, mas no alojamento podia se comportar de forma arrogante ou não se dar bem com os demais, o que dificultaria a convivência nas missões. Os instrutores comparavam nossas listas com as que eles mesmos faziam. Elas traçavam o destino de um candidato, pois, combinadas, proporcionavam um retrato claro do sujeito.

No início, ficava bastante óbvio quais eram os cinco piores da turma. Era fácil ver os elos mais fracos. Mas quando esses caras começaram a ir embora, escolher os cinco piores deixou de ser tão simples.

Charlie estava sempre entre os meus cinco melhores. Steve, que como Charlie era um Seal da costa leste, também. Eu costumava ficar com Steve e Charlie nos fins de semana e nas viagens de treinamento.

Quando não estava trabalhando, Steve lia, quase sempre livros de não ficção, com destaque para política e atualidades. Recebera como herança uma carteira de ações, que monitorava em seu laptop durante as poucas horas vagas. Ele não só era um Seal fora do comum como falava sobre política, investimentos e futebol com a mesma propriedade.

Era parrudo, não esguio como um nadador; seu biótipo estava mais para o de um jogador de futebol americano.

Charlie sempre dizia brincando que Steve parecia uma marmota.

Era um dos poucos que me superava com uma pistola. Ao fim de cada dia, eu verificava a pontuação dele para ver se era melhor que a minha. Da mesma forma que Charlie, Steve fora instrutor de CQB antes de vir para a Equipe Verde. Tinha participado de três grandes missões, e era um dos poucos caras da costa leste com alguma experiência de campo. Naquela época, só equipes da costa oeste tinham sido mandadas para o Iraque ou o Afeganistão. Steve servira na Bósnia no fim da década de 1990, e sua equipe entrou em combate, um dos poucos que ocorreram antes de Onze de Setembro de 2001.

Charlie e Steve estavam sempre na minha lista dos cinco melhores. À medida que os caras iam sendo eliminados, ficava cada vez mais difícil preencher a lista dos cinco piores.

"Fazer essa lista dos cinco piores está me enchendo o saco", eu disse a Steve uma noite.

Estávamos sentados à mesa no estande de tiro, limpando nossas armas.

"Quais foram seus cinco piores da semana passada?", ele perguntou.

Mencionei alguns nomes, quase os mesmos que os dele.

"Não sei quem pôr esta semana", eu disse.

"Já pensou em pôr seu próprio nome?", perguntou Steve.

"Tenho três nomes. Não sei quais poderiam ser os outros dois. Acho que podíamos pôr nossos próprios nomes. Não quero jogar ninguém na fogueira."

Eu não achava que ele ou eu estivesse indo mal.

"Vou arriscar", disse Steve. "Precisamos de cinco nomes."

Umas poucas semanas antes, tínhamos tentado deixar em branco a lista dos cinco piores. Nossa turma decidiu se rebelar em grupo e encarar os instrutores. Não fomos longe. Passamos o resto da noite correndo e empurrando carros em vez de relaxar depois de um longo dia de treino.

Naquela sexta-feira, pus meu próprio nome no último lugar da lista. Steve fez o mesmo. Ele estava querendo defender o que era certo. Era um dos líderes da turma, e suas ideias eram aceitas pelos demais.

No fim da etapa de treinamento de CQB no Mississippi, tínhamos perdido um terço da turma. Os caras que tinham sido eliminados não conseguiam processar a informação a tempo de tomar a decisão correta. Não é que fossem ruins, já que muitos deles se candidataram de novo e conseguiram se dar bem da segunda vez. Os que não quiseram tentar de novo voltaram a suas equipes de antes, nas quais normalmente se destacavam.

Comentava-se reservadamente que se você chegasse ao fim da etapa de treinamento de CQB, teria mais de cinquenta por cento de chance de ser aprovado para a Equipe Verde. Os instrutores ouviram o boato, de modo que quando voltamos a Virginia Beach mantiveram a pressão para não nos deixar esquecer que ainda faltava muito para cantar vitória.

Estávamos apenas no terceiro mês de um curso de treinamento de nove meses de duração. Os seis meses seguintes não seriam mais fáceis. Depois do CQB, fomos treinados em arrombamento com explosivos, combate terrestre e comunicações.

Uma das principais tarefas dos Seal é a abordagem de barcos, que chamávamos de "abordagem em curso". Passamos semanas praticando a abordagem de embarcações diversas, desde navios de cruzeiro a cargueiros. Mesmo ficando muito tempo no Iraque e no Afeganistão, precisávamos ser eficientes na água. Ensaiamos operações "além da praia", nas quais tínhamos de atravessar a zona de arrebentação nadando, patrulhar a praia e fazer uma incursão. Depois disso, tínhamos de desaparecer nas águas e chegar até nossos barcos em alto-mar.

No último mês de treinamento, praticamos segurança pessoal de pessoas importantes, os VIPS. A primeira equipe de seguranças do presidente afegão Hamid Karzai era composta de membros do comando do Seal. Fizemos também um curso avançado de SERE, ou Resistência e Fuga para Evasão e Sobrevivência.

O segredo do curso era administrar o estresse.

Os instrutores nos mantinham cansados e no limite, obrigando-nos a tomar decisões importantes nas piores condições. Essa era a única forma de reproduzir um combate. O sucesso ou o fracasso de nossas missões era resultado direto da maneira como cada membro era capaz de processar a informação num ambiente estressante. A Equipe Verde era diferente da BUD/S porque sabíamos que não bastava passar pelas provas de natação e de corrida ou deixar-se congelar sem desistir.

A Equipe Verde tinha a ver com tenacidade mental.

Durante aquele período, estávamos aprendendo também a cultura do comando. Durante toda a duração da Equipe Verde, tivemos convocações-relâmpago para simular o que íamos experimentar no segundo convés. Quando convocados, o pager vibrava e tínhamos uma hora para nos apresentar. Todos os dias, às seis horas da manhã, recebíamos uma dessas chamadas de teste. Os pagers tornaram-se mais uma fonte de pressão usada pelos instrutores. Muitas vezes, recebíamos chamadas para nos apresentar ao trabalho antes do amanhecer.

Um domingo, por volta de meia-noite, meu pager disparou. Balançando a cabeça para expulsar o sono, cheguei à base a tempo e me mandaram pegar meu equipamento de treino e esperar. Seríamos submetidos a um teste de condicionamento.

Nunca podíamos estar a mais de uma hora do alojamento, muito menos nos embriagar. Tínhamos de estar em boas condições sempre que fôssemos chamados. Podíamos receber um chamado e embarcar num avião para um destino qualquer em poucas horas.

Dali a pouco, meus companheiros começaram a chegar. O aspecto de alguns deles mostrava que o pager tinha interrompido uma visita ao bar.

"Você está bêbado?", ouvi um dos instrutores perguntar ao candidato.

"Claro que não. Tomei só uma cerveja em casa", ele respondeu.

O tempo passava e nada de Charlie.

Ele chegou uns vinte minutos atrasado. Os instrutores não gostaram. No caminho, ele tomou uma multa por excesso de velocidade, o que só serviu para atrasá-lo ainda mais. Felizmente, levou apenas uma advertência verbal dos instrutores e permaneceu em nossa turma.

Faltando poucas semanas para o fim do treinamento de nove meses, começamos a ouvir boatos sobre nosso destino. Os instrutores classificariam a turma toda e, depois disso, os suboficiais dos grupos de assalto se sentariam para escolher os novos integrantes de seus respectivos esquadrões entre meus colegas de Equipe Verde.

Os esquadrões ficavam em movimento contínuo, executando missões por turnos além-mar, passando por meses de treinamento e depois meses em alerta, durante os quais se podia receber um chamado para uma missão a qualquer momento.

Depois da classificação, os instrutores da Equipe Verde publicaram uma lista. Um punhado de amigos meus, Charlie, Steve e eu íamos para o mesmo esquadrão.

"Ei, parabéns!", disse Tom, quando me viu examinando a lista. "Quando cumprir meu tempo como instrutor, vou voltar a esse esquadrão como chefe de equipe."

Os Seal podem ser enviados a qualquer parte do mundo, a qualquer hora. A unidade básica do esquadrão é a equipe, integrada por meia dúzia de homens e liderada por um Seal experiente. As equipes formam uma companhia, chefiada por um oficial da Marinha com patente de vice-comandante. Um grupo de companhias forma um esquadrão, liderado por um

comandante. Os esquadrões de assalto do DEVGRU são complementados por analistas de inteligência e pessoal de apoio.

Quando você chega a uma equipe, começa a abrir caminho para subir nessa cadeia. A maior parte do tempo você fica na mesma equipe, a menos que seja indicado para ser instrutor da Equipe Verde ou desempenhar alguma função colateral.

No dia seguinte à classificação, levei meu equipamento para o segundo convés. Acompanhei Steve e Charlie à sala da equipe do esquadrão. Era uma sala grande, com um pequeno bar e uma copa. Cada um de nós tinha levado um pacote de cerveja, uma tradição para o momento em que você se apresenta à equipe pela primeira vez.

Nosso esquadrão se preparava para entrar em alerta e depois ser enviado ao Afeganistão. Alguns de meus companheiros da Equipe Verde já embalavam seus equipamentos e se apresentavam como combatentes aos respectivos esquadrões.

Ao longo da parede, ficavam os escritórios dos suboficiais e do comandante. Uma mesa pesada ocupava a maior parte da sala, rodeada de mesas menores com computadores. Numa parede, havia monitores de tela plana usados para instruções. No resto da parede havia placas de outras unidades, como a SAS Australiana, e lembranças de missões antigas. Um capuz ensanguentado e um par de algemas de plástico tinham sido montados num quadro que evocava a captura de um criminoso de guerra bósnio na década de 1990. Uma foto e a metralhadora do suboficial de primeira classe Neil Roberts, da Esquadra de Armas Automáticas (SAW), também estava na parede. Ele caiu de um helicóptero Chinook atingido por dois disparos de lança-rojões durante a Operação Anaconda, no começo da guerra do Afeganistão, e foi morto por combatentes talibãs.

Enquanto fazíamos fila na cabeceira da mesa, eu ia vendo todos aqueles veteranos de cabelo comprido e barba. A maior parte de seus braços estava coberta de tatuagens, poucos

usavam uniforme. Perto do fim do curso na Equipe Verde, nós deixávamos o cabelo e a barba crescer. O padrão de beleza mudou várias vezes ao longo dos anos, mas àquela altura da guerra estávamos bem menos preocupados com o corte de cabelo e mais interessados nos campos de batalha. Era um punhado heterogêneo de profissionais. Vínhamos de formações diferentes, tínhamos passatempos e interesses diversos, mas o que havia em comum entre nós era a disposição de sacrificar a convivência familiar, o tempo e até mesmo a vida por um bem maior.

Na sala da equipe, os caras pediram que nos apresentássemos e lhes déssemos uma curta biografia. Charlie, o Valentão, foi o primeiro a falar e mal chegou a dizer o nome quando um coro de vaias e assobios começou por parte dos mais velhos.

"Cale a boca", gritavam. "Não queremos saber!"

Foi assim com todos nós. Mas depois disso, eles nos cumprimentaram com apertos de mão e nos ajudaram a desempacotar nosso equipamento. Era tudo de brincadeira, e além disso estávamos ocupados demais para nos aborrecer. Havia uma guerra em curso, não tínhamos tempo a perder com o trote de calouros.

Eu me senti em casa.

Esse era o tipo de comando do qual eu quis fazer parte desde que entrei para a Marinha. Aqui não havia limites para o talento ou para a contribuição de cada um. No meu caso, o medo de fracassar deu lugar à ambição de um desempenho de excelência.

O que eu tinha aprendido durante os três dias de seleção, havia mais de um ano, era ainda mais verdadeiro no esquadrão: cumprir os requisitos não bastava.

Ao desempacotar meu equipamento, compreendi que tinha de me pôr totalmente à prova outra vez. Ter passado pela Equipe Verde não queria dizer nada. Todos os caras que estavam ali tinham concluído o mesmo curso. Prometi a mim mesmo que me tornaria fundamental para a equipe e que ia trabalhar como um condenado.

# 3

# O segundo convés

Poucas semanas antes que fosse marcada nossa viagem para o Afeganistão, imprimi a lista de bagagem. Estávamos em 2005, e eu me preparava para minha primeira missão num país da Ásia Central. Quando estive na Equipe Cinco do Seal, minha única missão de combate tinha sido no Iraque. De pé ao lado da impressora, observava os papéis saindo. Depois de seis páginas, comecei a reunir meu equipamento. A lista de sugestões incluía praticamente tudo.

No comando, trabalhávamos em regime de "Rapazes Crescidos", o que quer dizer que ninguém ficava dando ordens, a menos que fosse preciso. Desde que cheguei à equipe, tive orgulho de minha independência. Durante os meses que se passaram, havia treinado muito e tentado ser o melhor. Aprendi que podia fazer perguntas, mas ninguém queria ser o cara que não sabe o que está acontecendo e pergunta sem parar. Eu não queria cometer um erro em minha primeira missão por deixar de levar alguma coisa, por isso, quando vi o líder da minha equipe na sala, perguntei-lhe sobre a lista.

"Olá", eu disse, pegando uma xícara de café. "Eu estava arrumando minhas coisas, mas a lista sugere que eu leve praticamente tudo."

Ele estava sentado na bancada de granito tomando café e examinando uns papéis. Pequeno e atarracado, ele era bem-apessoado, tinha cabelos curtos e barba feita, ao contrário de alguns outros caras cabeludos e barbudos. Não falava muito e

tinha muito mais tempo de DEVGRU do que eu tinha de Marinha.

Ele levava a sério o princípio dos "Rapazes Crescidos".

"Há quanto tempo você está na Marinha?", perguntou.

"Quase seis anos", respondi.

"Você foi um Seal durante seis anos e não sabe de que vai precisar numa missão?"

Eu me senti um idiota.

"Cara, o que você acha que precisa levar numa missão? É isso. A lista é uma orientação. Leve aquilo de que precisa."

"Positivo", respondi.

De volta a minha gaiola, observei meus equipamentos, meus kits. Cada membro do DEVGRU tinha uma gaiola, uma espécie de cofre tão grande que se podia entrar nele. Era do tamanho de um quartinho, com paredes cobertas de estantes e uma pequena arara na parede dos fundos para pendurar uniformes.

Havia bolsas nas estantes contendo todo o equipamento de que se poderia precisar nas operações para as quais fôssemos convocados. Uma bolsa tinha todo o necessário para o CQB. Outra tinha Equipamento de Salto, que incluía equipamento para saltos de grande altitude e acionamento imediato do paraquedas. Meu traje aquático de combate, ou kit de mergulho, estava numa grande bolsa. Tudo pronto e em código de cores. Meu TOC estava a todo vapor, e eu tinha tudo perfeitamente organizado e separado.

Algumas peças do equipamento, como uma multiferramenta, eram úteis na maior parte das operações. Quando você entrava para a Equipe Cinco do Seal, ganhava uma multiferramenta com um canivete, chave de fenda, tesoura e abridor de lata.

Ganhava também uma mira telescópica para o fuzil.

Uma faca.

Um conjunto de placas à prova de balas.

Com tudo isso, era preciso revirar bolsas inteiras para encontrar um único objeto que devia ser transferido para uma bolsa específica, a ser usada em determinada operação. Era

uma confusão total, e nada eficiente, mas assim queria o governo dos Estados Unidos e eu tinha de me adaptar.

No DEVGRU era diferente.

Naquele mesmo dia, o chefe da minha equipe veio até minha gaiola para verificar como eu estava me virando e viu meu equipamento nas bolsas em código de cores. Ao lado delas, eu tinha uma outra sacola com os objetos que me pareciam úteis na maior parte das operações, entre eles uma multiferramenta.

"Desça ao almoxarifado e pegue uma multiferramenta para cada bolsa", disse meu chefe.

Olhei para ele, confuso.

"Posso pegar quatro?"

"Sim, você tem quatro bolsas de equipamento para operações diferentes. Precisa de uma multiferramenta para cada bolsa."

Ele assinou a requisição e eu desci para o almoxarifado. Um cara da área de apoio me recebeu no guichê.

"Do que você precisa?"

Mostrei minha lista. Coisas simples, como lanternas e outras ferramentas, mas eu queria quatro de cada.

"Tudo bem", disse ele sem hesitar. "Já volto."

Em poucos minutos, voltou trazendo um recipiente de plástico com tudo o que havia na minha lista. Precisei me segurar para não sorrir demais. Era um sonho. Em nossas equipes anteriores, gastávamos milhares de dólares de nosso próprio dinheiro para comprar o material necessário para trabalhar.

O arsenal era ainda melhor. Sobre a porta havia um lema: "Você sonha, a gente realiza".

Para um cara ligado em armas como eu, era um paraíso. Eles montaram meus dois fuzis M4 de assalto, um deles com cano de catorze polegadas e o outro com dez polegadas. Peguei uma submetralhadora MP7 e uma coleção de pistolas, entre elas uma Sig Sauer P226 usada rotineiramente pelos Seal. Minha principal arma, a que eu usava todos os dias, era um fuzil

Heckler & Koch (ou H&K) 416 com silenciador, cano de dez polegadas e visor óptico de ponto vermelho EOTech com lente de aumento de três vezes.

Meu H&K 416 com cano de catorze polegadas foi configurado para tiro de longo alcance. Também tinha silenciador, e montei no cano uma mira telescópica de 2.5 x 10 Nightforce, além de equipá-lo com um laser infravermelho e um sensor térmico de imagem que me permitia atirar à noite com maior precisão. Eu não usava muito esse fuzil porque minha arma principal, o fuzil de dez polegadas, dava conta da maior parte das missões, mas era bom dispor de uma arma de maior alcance, caso precisasse.

Usei a submetralhadora MP7 com silenciador em algumas operações, mas ela não tinha o poder de impacto do H&K 416. Era útil na abordagem de embarcações, na selva, ou quando o peso, o tamanho e o fato de ser extremamente silenciosa eram importantes. Muitas vezes atirávamos em combatentes, num ambiente fechado, com uma MP7 com silenciador, e seus companheiros no cômodo ao lado não escutavam nada. O H&K 416 não chega aos pés da MP7 quando se quer agir com o máximo silêncio.

Completando minha coleção havia duas pistolas — a Sig Sauer P226 e uma H&K 45C. Ambas aceitavam silenciador, e eu normalmente usava a 45C. Levava também um lançador de granadas M79, que chamávamos de garrucha de pirata, porque parecia um bacamarte. Nossos armeiros cortavam-lhe o cano e transformavam a coronha num cabo de pistola.

É claro que nenhuma das minhas armas tinha sido fabricada do jeito que eu as usava. Nós fazíamos modificações no gatilho e nos cabos. Tenho certeza de que armeiros tinham muito orgulho de preparar as ferramentas que cuidavam de nós. Sem dúvida, o DEVGRU tinha as melhores armas do ramo.

Andando pelo comando, não era raro ouvir disparos provenientes dos estandes de tiro interno e externo, ou o estouro de uma carga de demolição dentro da casa da morte. O treinamento era constante. Víamos caras passando entre dois treinos, vestidos com o kit completo, com as armas carregadas penduradas nos ombros. Tudo estava voltado para o combate ou para o treino de combate.

Em 2005, eu estava começando a pegar o jeito de como as coisas funcionavam no esquadrão quando me vi cruzando os mares num avião com destino ao Afeganistão. Na época, a Força Delta do Exército estava no Iraque, e a nossa unidade se ocupava do Afeganistão.

Mas naquele ano a Delta tinha passado por um período complicado e sofrido muitas baixas em pouco tempo. Solicitou pessoal de assalto suplementar, o DEVGRU atendeu ao pedido e minha equipe foi indicada para a tarefa. Como meu esquadrão não queria que a minha primeira missão fosse com a Delta, antes fui com minha companhia para o Afeganistão, atuar como curinga. Depois, deixei o Afeganistão com dois outros Seal e fui para o Iraque ajudar a Delta.

Chegamos a Bagdá bem depois da meia-noite. Saímos do heliponto no escuro, em zigue-zague pelas ruas desertas da Zona Verde. Era verão e a umidade caía sobre nós como uma manta. Íamos sentados na caçamba de uma caminhonete com nosso equipamento, uma brisa agradável soprando. Tudo causava a mesma sensação e tinha o mesmo cheiro que em minha primeira missão em Bagdá, com a Equipe Cinco, em 2003.

Tínhamos chegado logo depois da invasão. Nossa primeira operação seria garantir a segurança da hidrelétrica de Mukatayin, a nordeste da capital iraquiana. Nosso comando temia que forças iraquianas destruíssem a represa que abastecia a hidrelétrica para retardar o avanço americano.

O plano era simples. Com base em nossa experiência — que era nenhuma —, planejamos voar para o X, adotando uma tática que consiste em inserir-se diretamente no alvo, tendo a rapidez e a surpresa a nosso favor. Nesse caso, o X era a represa. Uma vez sobre o alvo, num helicóptero, desceríamos no pátio da hidrelétrica por cordas. Correríamos até o edifício principal para revistá-lo e garantir sua segurança. Perto de nós, a GROM, unidade de operações especiais da Polônia, também estaria revistando um grupo de edifícios, enquanto outra equipe de Seal, em dois buggies, cobriria todo o perímetro por terra.

Depois de alguns dias à espera de que o tempo abrisse, recebemos ordem de partir. Quando subi no MH-53, senti o coração batendo mais rápido. Esperava por aquele momento desde menino, lendo sobre emboscadas no delta do Mekong.

Estava a um passo de executar minha primeira operação real de combate. Tinha pensado tanto naquilo, lido tanto, e agora finalmente faria a coisa de verdade.

Devo ter sentido medo, ou pelo menos preocupação diante do desconhecido, mas era tão bom finalmente fazer aquilo! Eu não queria apenas treinar para o jogo, queria jogá-lo realmente; pela primeira vez ia sentir seu gosto.

O voo levou várias horas e houve até um reabastecimento aéreo. Minha equipe, composta por vinte homens, estava espremida no interior do helicóptero. O cheiro do combustível inundou a cabine quando começaram a encher os tanques. Dentro da cabine estava escuro como breu, e, até recebermos o sinal para nos preparar, eu desliguei completamente.

"Dois minutos", gritou o chefe da tripulação, sinalizando com as mãos e acendendo uma luz vermelha. Passava bastante da meia-noite quando o helicóptero se aproximou da represa.

Tomei posição junto à porta e agarrei a corda. Não ouvia nada por causa do ronco dos motores. Como todos os meus companheiros, eu levava equipamento de assalto e roupa de proteção contra produtos químicos. A "fada das boas ideias" —

como chamávamos o costume dos planejadores de sempre acrescentar mais uma coisinha nas bolsas, para alguma possível emergência, sobrecarregando-nos com mais opções, equipamento adicional e "boas" ideias — tinha feito muitas intervenções nessa operação. Levávamos até serras elétricas para abrir os portões. Tínhamos de levar comida e água para alguns dias. Não sabíamos quanto tempo ficaríamos ali, de modo que precisávamos ser autossuficientes. A regra era: "Na dúvida, leve". É claro que quanto mais peso você carrega, maior é o preço que seu corpo paga por isso, mais devagar você se desloca, mais difícil é reagir de imediato contra uma ameaça.

Quando o helicóptero entrou em voo estacionário, agarrei a corda com as duas mãos e desci até o solo. Estávamos a cerca de dez metros de altura, e pude ver o chão se aproximando. Tentei retardar a descida, mas não queria retardá-la a ponto de levar meus companheiros a se estatelarem em cima de mim. Com todo aquele equipamento, cheguei ao chão como uma tonelada de tijolos. Minhas pernas doíam quando eu empunhei minha arma e parti rumo ao portão, a menos de cem metros.

Assim que saí debaixo do helicóptero, veio a ventania de ar deslocado pelo rotor. Senti pedrinhas batendo em meu corpo, e a poeira me fez lacrimejar. Mal pude distinguir onde estava o portão. Quando comecei a correr em sua direção, o vento do rotor me empurrou ainda mais e, numa disparada incontrolável, segui em frente. Fiz um enorme esforço para me manter de pé e literalmente derrapei em direção ao portão trancado.

Os outros vinham logo atrás. Quebrei a tranca do portão com meu alicate, assumi a dianteira e me dirigi ao aglomerado de edifícios. O principal deles tinha dois andares e arquitetura monótona típica dos países do bloco oriental: concreto e porta de metal. Meus companheiros me davam cobertura. Experimentei a maçaneta: estava aberta.

Não sabia o que iria encontrar quando entrei no longo corredor. Poderíamos começar a levar chumbo a qualquer

momento.

Vi salas de ambos os lados do corredor. Ao avançar, percebi movimento numa das mais distantes. Foi quando, de uma das portas, saíram duas mãos levantadas, seguidas de diversos guardas iraquianos. Eles tinham as mãos acima da cabeça e estavam desarmados.

Atrás de mim, meus companheiros cuidaram deles, e eu continuei avançando pelo corredor. Dentro das salas, encontrei os fuzis AK-47 deles. Nenhuma das armas tinha um só projétil na câmara. Parecia que estavam dormindo e acordaram com o barulho dos helicópteros.

Levamos um bom tempo revistando o edifício por causa do tamanho. Demos atenção especial aos detalhes, já que buscávamos explosivos que supostamente fariam a represa desaparecer. Nunca tínhamos revistado nada daquele tamanho, por isso demoramos um pouco mais do que esperávamos.

Ninguém ficou ferido, à exceção de um dos caras da GROM, que fraturou o tornozelo ao descer pela corda.

Depois que vasculhamos o edifício principal, o chefe do meu pelotão veio até mim.

"Dê uma olhada no meu rádio, estou sem comunicação", disse ele.

Quando descemos do helicóptero, ele tinha o rádio amarrado às costas. Com ele de frente para mim, ainda vi o fio do fone pendurado em seu ombro. Quando virou de costas, vi que sua mochila tinha sumido. Só restava o fio.

"Sua mochila sumiu", eu disse.

"Sumiu? O que você quer dizer com isso?", perguntou ele.

"Sumiu", repeti.

Ele não tinha amarrado a mochila ao corpo da maneira correta. O colete tático tinha alças de náilon na frente e atrás para prender objetos. Meu chefe tinha prendido a mochila só pelas alças de cima e de baixo, e quando desceu pela corda o ar deslocado pelo rotor arrancou a mochila de suas costas (com rádio e tudo) e lançou-a nas águas da represa. No fundo do rio,

o rádio não serviria para muita coisa. O mesmo aconteceu com nosso socorrista. Ele perdeu um bocado de morfina num erro parecido.

Grande parte do equipamento que estávamos usando na operação era nova para nós. Pouco antes da missão, havíamos recebido caixas com novidades. O mantra generalizado era "Treine como se estivesse lutando", o que significa: "Só entre em combate com equipamento que já usou, de preferência à exaustão". Tínhamos quebrado essa regra, e percebi que uma sorte extraordinária nos impediu de fracassar. Foi a primeira lição que aprendemos.

E não foi só essa a sorte que tivemos naquela missão. Os iraquianos tinham armamento antiaéreo perto da represa, carregado e engatilhado. Se eles tivessem preferido lutar, poderiam ter derrubado os helicópteros enquanto descíamos pelas cordas.

Aprendemos um milhão de lições naquela operação, desde a necessidade de um trabalho melhor de inteligência até como garantir a segurança do equipamento, isso tudo sem perder ninguém. Normalmente, as melhores lições se aprendem nos momentos mais difíceis, mas não gostei da importância que a sorte teve para nos manter vivos naquela missão. Minhas tendências perfeccionistas sofreram um rude golpe.

Três dias depois, quando o helicóptero nos levava de volta para o Kuwait, eu pensava que, embora todos ali tivessem tempo de trabalho e experiências diferentes, ainda éramos novatos, e aquele assalto foi o primeiro para cada um de nós.

# 4

# Delta

Dois anos depois, de volta a Bagdá, eu me sentia um pouco mais preparado para as missões, mas não muito. Tinha sido selecionado para a Equipe Verde e feito o treinamento, mas decididamente ainda era um novato. A parte boa era que eu já tinha alguma experiência de trabalho na capital do Iraque desde minha época na Equipe Cinco. Depois da operação na represa, minha equipe foi enviada novamente a Bagdá para ajudar a procurar adeptos do antigo regime e líderes rebeldes.

A base da Força Delta ficava na Zona Verde, ao lado do rio Tigre, no centro da cidade. Pouco depois do pouso, comecei a me situar. Estávamos perto das famosas espadas de lâminas cruzadas, monumento que celebrava a "vitória" do Iraque na guerra contra o Irã. As mãos e os antebraços, moldados no corpo do ditador, inclusive com a impressão digital de seu polegar, erguiam-se em uma larga avenida construída para desfiles militares. Durante o dia, viam-se unidades inteiras posando para fotos no local.

A Delta ocupava as antigas instalações do Partido Baath. Entrei para me registrar no Centro de Operações Conjuntas. Jon, meu novo chefe de equipe, me recebeu assim que entrei na base. Eu era um calouro e não tinha ideia do que esperar.

Jon tinha sido Ranger* antes de se unir à Força Delta. Tinha braços fortes e um tórax de grosso calibre. Uma longa e espessa barba castanha cobria seu rosto e roçava a parte superior de seu peito. Ele parecia uma versão menor do Gimli, o anão emburrado de *O senhor dos anéis*.

Ao terminar o ensino médio, Jon tinha ido direto para o Exército. Depois de anos de cabelo curto e de regras com os Rangers, candidatou-se a um curso de suboficiais para se tornar piloto de helicópteros Apache. Mas, no final das contas, não conseguiu abandonar as armas. Inscreveu-se na Força Delta, foi escolhido e fez carreira.

"Bem-vindo ao paraíso", disse ele, quando nos encaminhávamos para a sala da equipe. "Muito calor?"

"Pelo menos vocês têm ar-condicionado", respondi. "Da última vez que estive aqui, fiquei numa barraca. Semanas sem ar-condicionado."

"Aqui é um pouco melhor", disse ele, abrindo a porta de nosso quarto, que ficava numa das alas do palácio. Os corredores eram amplos, com piso de mármore e pé-direito alto. Eu ia dividir quarto com ele e com o cara mais novo de nossa equipe. Joguei minhas bolsas ao lado do meu beliche, que ficava perto da porta. Antes de me mostrar o palácio, Jon me ajudou a carregar o equipamento para o quarto.

O palácio tinha sua própria academia de ginástica, cantina e mais de uma piscina. Cada equipe ocupava dois quartos. A minha era composta de cinco rapazes. Um deles era um veterano da Marinha britânica com dupla nacionalidade. Foi para os Estados Unidos, alistou-se e chegou à Delta. Os demais eram, como Jon, ex-Rangers ou ex-soldados das Forças Especiais. O mais novo, um ex-Ranger, tinha sido ferido na Somália, na batalha em que o Black Hawk foi derrubado. Parecia ser amish, cristão anabatista, com seu cabelo cortado em tigela e uma barba desigual cujos fios nunca cresciam juntos.

Depois de uma breve conversa, passei o resto da noite arrumando o equipamento. Primeiro, acomodei meu "equipamento operacional" num cubículo que havia no corredor do lado de fora do quarto. Assim, se alguma coisa desse errado, ele estaria a meu alcance rapidamente, sem que eu precisasse entrar no quarto. Depois desempacotei minha roupa e arrumei a cama. Como dormíamos em beliches, nós

usávamos a cama de cima para guardar coisas e, para ter um pouco de privacidade, pendurávamos um poncho no estrado superior.

Quando terminei a organização, faltava pouco para o amanhecer. Tínhamos horário de vampiro — descansávamos de dia e trabalhávamos à noite —, então muitos dos caras ainda estavam dormindo. O quarto tinha um sofá e uma TV. Peguei um café e estava vendo o noticiário quando Jon entrou.

"Amanhã ponho você por dentro de tudo", disse Jon. "Avise-me se precisar de alguma coisa."

"Obrigado", respondi.

"Estamos bem ocupados", ele disse. "Este foi um raro dia de folga. Tenho certeza de que vamos sair amanhã à noite."

Não havia moleza ali. Muitas vezes, eu me levantava de tarde e ia para a piscina com meu iPod. Relaxava ouvindo Red Hot Chili Peppers ou Linkin Park, espichado num colchão inflável. Boiava, pegava um pouco de sol, descansava. Como passatempo, um de meus companheiros começou a cuidar do gramado que havia em volta da piscina. Num país de areia e de poeira, andar sobre a grama era um privilégio. Algumas vezes, boiando na piscina, sentia o cheiro de grama recém-cortada.

Depois, comia alguma coisa e ia para a academia, ou corria. Tentava ir para o estande de tiro o máximo que podia. Ao anoitecer, as missões começavam a pipocar e éramos chamados para uma operação, ou duas — se tivéssemos sorte.

Eu fazia parte da "equipe de telhado". Nosso trabalho era acessar o alvo por vias aéreas, pendurados em extensões externas instaladas sobre o patim de aterragem de um MH-6 Little Bird. Pousávamos no telhado e procedíamos ao assalto. O resto do grupo chegava em veículos blindados e revistava o térreo.

O Little Bird é um helicóptero leve usado em operações especiais pelo Exército dos Estados Unidos. A cabine dos pilotos é oval, e há dois compartimentos móveis para assentos.

Na versão de “ataque”, os assentos cedem lugar a foguetes e metralhadoras.

Os helicópteros eram pilotados por membros do 160º Regimento Aéreo de Operações Especiais, o 160º SOAR. Esses pilotos participavam da maior parte das missões do Comando de Operações Especiais Conjuntas. Trabalhei com eles durante anos, e posso dizer que são os melhores pilotos do mundo. Sediados em Fort Campbell, Kentucky, os membros do 160º SOAR são chamados de Caçadores Furtivos porque quase todas as suas missões são noturnas.

Eu já tinha trabalhado um pouco com Little Birds na Equipe Verde, mas em Bagdá me via encarapitado nas extensões do patim de aterragem quase todas as noites, enquanto a cidade passava como um borrão.

Certa vez, pouco depois de minha chegada, passava da meia-noite e tudo o que eu conseguia ouvir era o ronco do motor e o vento. A mais de cem quilômetros por hora, o vento me açoitava e meus pés balançavam do lado de fora do helicóptero. Eu sabia que o segredo era tomar decisões claras e com calma. Mas era bem difícil quando eu me sentia como se estivesse numa montanha-russa.

Segurei firme minha arma pela alça colada ao peito e examinei a tira de segurança que deveria me manter preso ao helicóptero caso eu escorregasse. Sentado na extensão do patim de aterragem, vi à direita outro Little Bird, no tom esverdeado das lentes dos óculos de visão noturna. Um dos caras da Delta no outro helicóptero percebeu que eu estava olhando e exibiu o dedo médio. Devolvi a saudação.

Naquele assalto, estávamos caçando um distribuidor de armas de alto escalão, mais um elo da cadeia que financiava a insurreição. Ele estava escondido com diversos combatentes num conjunto de casas perto do centro da cidade, onde havia um grande depósito de armas. Nossa equipe fora encarregada de chegar ao telhado num Little Bird e invadir o lugar. Outra equipe chegaria num Pandur, um caminhão blindado equipado

com metralhadoras de calibre .50 e lançadores de granada Mark 19. Eles esperariam cerca de meio minuto para que pudéssemos derrubar a porta que dava para a laje, e então derrubariam a porta do térreo.

Lá embaixo, eu observava a cidade, que se espraiava num emaranhado de ruas e becos em torno de conjuntos de edificações ocupadas. De vez em quando, a paisagem se abria num terreno baldio inundado de lixo. Eu estava na parte da frente do patim de aterragem, perto da cabine dos pilotos. Do outro lado estava Jon.

"Um minuto", ouvi pelo rádio a voz do piloto. Calmamente, ele ergueu um dedo diante de meu rosto, através da porta da cabine, para ter certeza de que eu tinha escutado.

Da posição em que eu estava, pude ver o copiloto apontando um laser para a laje do alvo. Noite após noite, os pilotos conseguiam encontrar a laje exata num mar de tetos. Eu não fazia ideia de como faziam isso, já que lá de cima pareciam todas iguais.

Percebi que o helicóptero começava a descer em direção à laje deserta. Em voo estacionário, o piloto fez um pouso arriscado, encostando os patins de aterragem na beirada do teto. Em vez de descer pelas cordas, saltamos direto para o solo. Em menos de dez segundos, nossos quatro homens já estavam na laje e o Little Bird se foi.

Correndo para a porta, o especialista derrubou-a com carga explosiva. Segundos depois, ouvi a explosão no térreo, seguida de tiros.

Começamos a descer a escada, Jon ia na frente.

"Descemos na casa errada", disse Jon, poucos degraus abaixo.

O som dos disparos vinha da casa ao lado. Ouvi várias pequenas explosões, que deviam ser de granadas de mão, enquanto corríamos para um dos cantos da laje.

"Passamos do alvo por um prédio", disse Jon. Começamos a estudar o que fazer para ajudar nossos companheiros que estavam na casa certa.

De cima, os prédios pareciam todos iguais, e pela primeira vez os pilotos tinham nos deixado na laje errada. Chegamos pelo sul e pousamos no telhado contíguo, a norte do alvo.

"Precisamos passar para o outro prédio", disse Jon. "Ficar aqui não vai servir para nada."

O prédio de que ele falava ficava a leste do alvo e tinha três andares. Isso nos permitiria dar cobertura a nossos companheiros, pois estaríamos acima deles.

"Uma águia caiu", ouvi pelo rádio. Isso queria dizer que alguém tinha sido atingido.

Soubemos que um dos homens da Força Delta levara um tiro na panturrilha. Outros tinham sido atingidos por estilhaços das granadas de mão.

Os rebeldes que estavam na casa lançavam granadas escada abaixo, retardando o avanço dos homens, que tinham acabado de vasculhar o térreo e tentavam subir para o próximo andar.

A equipe de terra começou a evacuar os feridos e retrocedeu para longe da escada. Enquanto isso, vasculhamos o prédio de três andares a leste do alvo.

Explosões e tiros ecoavam nos edifícios. De onde estávamos, começamos a procurar combatentes. Vi lasers infravermelhos percorrendo as janelas do edifício: eram meus companheiros fazendo o mesmo que eu, buscando alvos. Com intervalos de poucos minutos, rebeldes sacavam seus AK-47 pela janela do andar de cima e ouvia-se uma prolongada rajada.

"*Allahu Akbar*", gritavam eles, depois de atirarem contra o grupo de assalto que estava embaixo.

Estávamos num impasse. A equipe de terra não conseguia subir a escada, nós não tínhamos como chegar à laje da casa para descer por ela. Pelo rádio, ouvi chamados dirigidos a uma unidade de infantaria do Exército que estava a dez quadras do lugar. Seus soldados formariam o cinturão externo de segurança.

O ideal era sempre ter dois cinturões de segurança. Naquela noite, o cinturão interno era formado por uma esquadra de

Rangers que se posicionou nas esquinas da área-alvo. A um quilômetro e meio dali havia tanques M1 e carros de combate Bradley, que são veículos blindados para transporte de tropas equipados com canhões de torreta de vinte milímetros.

"Tragam um Bradley", ouvi pelo rádio.

Em pouco tempo, as esteiras do Bradley mastigavam o asfalto, aproximando-se da casa.

"Quero que vocês ponham abaixo o andar superior", gritou o líder do grupo de terra ao comandante do Bradley, que estava encarapitado na escotilha no alto da torreta.

Derrubando um muro de pedra que havia no lado sul da casa, ele parou no quintal e disparou uma curta rajada com o canhão de vinte milímetros. Os projéteis atravessaram facilmente as paredes do andar de cima, abrindo grandes brechas no concreto.

Recuando, vi o líder do grupo de terra correr em direção ao Bradley.

"Continue atirando", gritou ele para dentro da escotilha.

"O quê?", perguntou o artilheiro.

"Quero que você derrube todo o andar de cima", disse o líder do grupo de assalto. "Ponha abaixo."

O Bradley recomeçou a mastigar o cascalho e abriu fogo de novo. Um dos rebeldes gritou "*Allahu Akbar!*" e disparou uma saraivada de tiros pela janela.

Dessa vez, o Bradley não deu trégua. Os rapazes começaram a aplaudir à medida que os projéteis atingiam o alvo em explosões sucessivas. Em poucos minutos, o Bradley ficou Winchester — o termo militar que significa estar sem munição. Um segundo Bradley se aproximou e atirou até ficar Winchester também.

Quando o segundo Bradley se retirou, um incêndio furioso eclodiu no pavimento superior. Colunas de fumaça preta saíam pelas janelas, e começaram a subir em direção ao céu. De nossa posição, ainda ouvíamos os gritos dos rebeldes. Eu estava no vértice nordeste do edifício que dava para os fundos da casa.

Era difícil ver alguma coisa por trás de toda aquela fumaceira preta.

De repente, vi uma cabeça e um tronco surgirem numa das janelas.

Sem pensar, mirei meu laser no peito dele e abri fogo. Vi que os projéteis tinham atingido o alvo, que caiu para dentro, desaparecendo na fumaça.

Depois da minha rajada, Jon correu até onde eu estava.

"O que foi?"

"Vi um cara na janela de trás", eu disse.

"Tem certeza?", perguntou ele, varrendo a mesma janela com seu laser.

"Sim."

"Você o pegou?"

"Com certeza."

"O.k. Fique aí."

Jon voltou para seu posto, eu continuei procurando novos alvos. Não tinha tempo de ficar pensando naquilo, não experimentei sentimento nenhum. Era a primeira pessoa que eu baleava na vida, e apesar de já ter pensado muito sobre como me sentiria quando isso acontecesse, não senti nada. Eu sabia que os caras da casa já tinham tentado matar meus amigos e não hesitariam em fazer o mesmo comigo.

Mesmo depois dos dois Bradleys e do incêndio, ainda ouvíamos gritos seguidos de fogo inimigo. Taticamente, não fazia sentido tomar as escadas de assalto.

"Eles vão explodir o prédio", disse Jon.

Jon preferiu nos tirar da laje a nos expor ao deslocamento de ar que a explosão provocaria. Reunimo-nos aos demais lá embaixo. Uma pequena equipe, liderada por um dos caras do Descarte de Material Bélico Explosivo da Delta, o EOD, correu até o térreo para instalar uma carga termobárica. Essa carga produziria uma onda de choque capaz de derrubar o prédio todo.

Minutos depois, com a carga explosiva colocada, o EOD recuou e se pôs a meu lado, protegendo-se. Agachado atrás do Pandur, eu ouvi a contagem regressiva. Esperei pela explosão.

Nada.

Olhamos para o cara do EOD. Tínhamos todos a mesma expressão confusa estampada no rosto. Vi Jon caminhar até ele.

"Que merda foi essa?", perguntou Jon.

"O tempo deve ter sido marcado errado", ouvi-o murmurar.

Tive certeza de que a cabeça dele estava a mil. Ele tentava descobrir por que a carga não tinha explodido.

"Você armou detonadores duplos?", perguntou Jon.

Éramos treinados para sempre ligar dois detonadores à carga explosiva, a fim de prevenir a falha de um deles. A regra era simples: quem tem dois tem um, quem tem um não tem nenhum.

Mas isso de nada nos valia agora. Tínhamos de tomar uma decisão: mandar alguém de volta à casa para recolocar a carga, ou esperar para ver o que acontecia. Não havia como saber se agora os rebeldes já teriam descido para o andar térreo e estavam esperando que o grupo de assalto voltasse. Tampouco sabíamos se o EOD marcara o tempo errado, e nesse caso a carga poderia explodir a qualquer momento, com nossos homens lá dentro.

Finalmente, decidiram mandar o técnico do EOD colocar um novo detonador. Mais uma vez, a equipe de explosivos entrou na casa. Continuamos cobrindo o alvo, e em minutos a equipe voltou para detrás do Pandur.

"Acha que agora vai funcionar?", perguntou Jon com um sorriso forçado.

"Sim, tenho certeza", disse o técnico do EOD. "Armei dois detonadores."

A carga explodiu pontualmente e a casa desabou, levantando uma nuvem que nos deixou cobertos por uma camada de pó

fino como talco. Observei a nuvem, que subia e se mantinha no ar quente e úmido da manhã. O sol começava a sair.

Entramos no meio dos escombros em busca de corpos e armas. Havia pelo menos seis combatentes mortos. A maior parte dos corpos estava no andar superior. Tinham o rosto coberto de fuligem. Jon notou os sacos de areia junto de alguns corpos.

"Ei, olhe aqui, o pavimento superior era uma verdadeira barricada", disse ele. "Ainda bem que os pilotos erraram o alvo. Acho que isso nos salvou."

"Por quê?", perguntei.

"Se tivéssemos pousado no edifício certo", respondeu Jon, "nós quatro teríamos avançado contra uma posição bem protegida no andar de cima. Mesmo com o fator surpresa do nosso lado, nossas chances não seriam nada boas lá dentro. Sem sombra de dúvida, teríamos mais baixas."

Fiquei em silêncio. Levantei os olhos para Jon, que estava dizendo que tínhamos tido sorte. Um erro provavelmente nos salvou a vida. Tudo não passava de uma questão de sorte.

Depois de vasculhar os escombros, nossa volta à base foi silenciosa. Estávamos cansados e famintos. Tínhamos o rosto coberto de fuligem. Normalmente, havia mais papo furado e mais agitação depois de tomar um alvo tão dinâmico. Deixei que os acontecimentos começassem a ocupar meus pensamentos.

Durante a volta, as palavras de Jon continuavam ecoando em minha cabeça. Se a missão tivesse sido perfeita, o Little Bird teria pousado na laje certa e nós teríamos entrado pela porta do andar superior para dar de cara com pelo menos quatro rebeldes fortemente armados. Uma luta de quatro contra quatro com armas automáticas num ambiente do tamanho de um quarto nunca acaba bem.

Quando estacionamos na base, eu tinha encerrado minha operação mental. Ignorei o que poderia ter acontecido e passei

a pensar no que aprendera: às vezes algo aleatório pode salvar sua vida. E sempre é preciso usar dois detonadores numa carga explosiva.

No fim daquela temporada, voltei para os Estados Unidos. Pousamos na base aérea da Delta em Pope, na Carolina do Norte. Quando saí do avião, os integrantes da unidade me receberam como se eu fosse um deles.

Antes de pegar o avião para Virginia Beach, Jon me deu um quadro. Era um desenho a lápis que mostrava um operador da Delta e um Little Bird. Estava emoldurado em verde, com a insígnia da Força Delta.

"Quero que fique com isto", disse Jon. "Todos os que atuam com esta equipe ganham um."

O desenho original tinha sido feito pelo sargento Randy Shughart, um atirador da Delta. Fora encontrado depois de sua morte na Somália. Shughart tinha recebido medalha de honra durante a Batalha de Mogadíscio e, quando o Black Hawk caiu, ele se ofereceu como voluntário para defender o lugar da queda até a chegada de ajuda. Foi morto por uma multidão de somalis.

Antes dos ataques de Onze de Setembro, havia uma rivalidade entre a Delta e o DEVGRU. Éramos como os dois melhores alunos de uma turma, discutindo acaloradamente sobre qual unidade era superior. Com a guerra, já não havia espaço para rivalidades e toda aquela bobagem foi esquecida. Eles me trataram como irmão durante toda a missão.

Apertei a mão de Jon e embarquei rumo a Virginia Beach.

De volta ao DEVGRU, no dia seguinte, encontrei-me com Charlie e Steve. Eles me acompanharam em minha gaiola enquanto eu desfazia as bolsas e guardava o equipamento no lugar. O esquadrão acabava de voltar do Afeganistão. Comparada com minha estada em Bagdá, a temporada deles tinha sido menos dinâmica.

Por mais que eu tivesse me divertido no Iraque com a Delta, era muito bom estar de volta, com os rapazes.

“Parece que vocês estiveram ocupados o tempo todo”, disse Charlie.

“Quando é que você se muda para Fort Bragg, para se juntar aos seus irmãos do Exército?”, perguntou Steve.

Sabia que estavam me sacaneando, mas minhas piadas sempre seriam mais fracas que as deles. Era bom estar de volta.

“Ha-ha!”, eu disse. “É bom ver vocês também.”

Eu esperava que fizéssemos logo uma viagem ao Mississippi para atirar. Minha única chance de calar a boca daqueles dois era no estande de tiro. Embora tivéssemos acabado de voltar para casa, não iríamos ficar ali por muito tempo. Duas semanas de licença era tudo o que teríamos antes do treinamento. Esse ciclo se repetiria durante quase uma década.

* Como são chamados os soldados da Força “Ranger”, unidade de elite da Infantaria do Exército norte-americano. (N. E.)

# 5

# Batedor

Em dezembro de 2006, fomos enviados para o oeste do Iraque. Seria minha terceira missão com o DEVGRU. Eu tinha passado um tempo trabalhando junto à CIA, a agência de inteligência americana, e era bom estar de volta, depois de ajudar a organizar e treinar combatentes. Trabalhávamos com uma porção de outras unidades, mas é sempre melhor estar com a rapaziada: éramos todos farinha do mesmo saco.

Minha companhia estava trabalhando na fronteira síria e em algumas das cidades mais perigosas do Iraque, como Ramadi, sede da Al-Qaeda no país. Nossa tarefa consistia em impedir a ação de mensageiros de alto escalão, que traziam combatentes estrangeiros e armas iranianas para o país.

Os Marines de Al Anbar haviam pedido nossa ajuda para uma operação de invasão e neutralização de uma série de casas num vilarejo próximo à fronteira síria. O lugar era um porto seguro para os rebeldes, que tinham vários de seus líderes alojados perto do centro da cidadezinha. De acordo com o plano, atacaríamos as casas à noite. Os Marines cercariam o vilarejo e nos substituiriam pela manhã.

Mesmo com a equipe toda comprimida num Black Hawk, eu lutava contra o frio.

Levávamos conosco um cão de assalto, que usávamos para detectar bombas e ajudar no rastreamento de inimigos. Tentei fazer o cão se sentar no meu colo para me aquecer. Mas toda vez que eu conseguia trazê-lo até mim, o adestrador o puxava para longe.

Fazia um frio de congelar quando pousamos, a cerca de seis quilômetros do vilarejo. Protegendo os olhos da poeira, esperei que os helicópteros fossem embora, rumo a leste, de volta para a base aérea de Al Asad. Em questão de minutos, o ruído dos motores diminuiu, e desapareceu por completo.

Bati os pés e esfreguei as mãos na tentativa de restabelecer a circulação enquanto nos organizávamos para a ação.

Embora eu já tivesse agido no Iraque duas outras vezes, essa terceira missão foi diferente. O inimigo evoluíra. Então, como os Seal fazem sempre, nós nos adaptamos. Em vez de voar até o alvo como fazíamos antes, começamos a pousar a quilômetros de distância e marchar em silêncio até ele. Dessa forma, o inimigo não ouvia os helicópteros. Estávamos numa transição entre a ação barulhenta e rápida, que surpreendia o inimigo de imediato, e a ação silenciosa e lenta, que mantinha por mais tempo o fator surpresa. Rastejávamos até as casas deles para entrar em seus quartos e pegá-los dormindo, sem chance de reagir.

Mas patrulhar o alvo não era fácil, principalmente nas noites geladas de inverno. O vento entrava por nossos uniformes enquanto marchávamos para o vilarejo. Eu ia na frente, servindo de batedor para minha equipe.

Uma das principais lições que um Seal aprende desde o início da carreira é a capacidade de se sentir à vontade no desconforto. Eu aprendi essa lição ainda menino, no Alasca, conferindo armadilhas de caça com meu pai.

Quando fazia muito frio no Iraque, ou durante a Semana no Inferno com a BUD/S, meus pensamentos sempre voltavam ao Alasca. Quase podia ouvir o ronco da motoneve, quando ia com meu pai para a área onde ficavam as armadilhas que ele mantinha a quilômetros da cidade e nos internávamos na imensidão branca.

A motoneve parecia flutuar na nuvem de neve que ela mesma levantava. Fazer uma curva era como surfar uma onda.

A temperatura oscilava em torno de vinte graus negativos, e o ar que exalávamos cristalizava.

Numa dessas expedições de caça, eu ia todo enrolado numa roupa Carhartt marrom própria para neve, além de vestir casacos, botas e luvas. Minhas orelhas estavam cobertas por um gorro de pele de castor, feito a mão por minha mãe, e um cachecol protegia meu rosto, deixando apenas os olhos de fora. Eu estava aquecido, menos nos pés e nas mãos. Ficamos horas ao relento, e em dado momento eu mal podia sentir os dedos dos pés.

Tentei mexê-los dentro das grossas meias de lã, mas não adiantou. Encolhido atrás de meu pai para evitar o vento, eu só conseguia pensar em minhas mãos e em meus pés gelados. Já tínhamos apanhado algumas martas e uma doninha do tamanho de um gato, com pelagem castanha bem macia e cauda peluda como a de um esquilo. Meu pai vendia as peles no vilarejo para ganhar uns trocados, ou então as dava para minha mãe, que fazia gorros.

Mas o frio insuportável tirava a graça de estar participando daquela expedição com meu pai. Todo o prazer que eu pudesse sentir desaparecia com a sensação de que o calor de meu corpo estava se esvaindo.

Eu tinha implorado a meu pai que me levasse com ele.

"Tem certeza?", ele perguntou. "Você sabe que vai fazer frio."

"Quero ir", respondi.

Eu queria sair com meu pai, e não ficar enfiado dentro de casa. A vida ao ar livre era coisa de homens, e meu pai me ensinara a atirar e a caçar. Quando cresci, ele me deixava inclusive caçar e pescar sozinho. Eu levava o nosso barco rio acima e ficava fora uma semana. De certa forma, foi assim que tive meu primeiro contato com o princípio dos "Rapazes Crescidos", e gostei. Além disso, não tinha de ficar trancafiado em casa com as meninas.

Eu sempre queria estar fora. Adorava os espaços abertos, embora não gostasse nada do tempo gelado. Sabia que se meu pai tinha me deixado ir com ele, eu não podia ficar

reclamando do frio. Mas lembro-me de uma vez em que, depois de poucas horas de viagem, tudo o que eu queria era aquecer as mãos e os pés.

"Pai", gritei ao vento. "Pai, meus pés estão congelados."

Meu pai, vestido com o mesmo casaco e o mesmo gorro que eu, reduziu a velocidade e parou. Ele se virou, e imagino que viu um menininho batendo o queixo atrás do cachecol.

"Estou congelando", eu disse.

"Faltam poucas armadilhas", disse meu pai. "Você acha que consegue aguentar?"

Fiquei olhando para ele, sem vontade de dizer não. Eu não queria desapontá-lo. Continuei olhando, na esperança de que ele fizesse a escolha por mim.

"Não estou sentindo meus pés", respondi.

"Desça e ande atrás da motoneve. Siga as marcas que eu vou deixar. Vou na frente. Não me afasto muito de você. Siga meu rasto e continue andando. Isso vai mantê-lo aquecido."

Deslizei da garupa da motoneve e ajeitei a espingarda calibre 22 que trazia amarrada nas costas.

"Entendeu?", perguntou meu pai.

Fiz que sim com a cabeça.

Ele ligou o motor e se dirigiu para a armadilha seguinte. Comecei a andar e meus pés se aqueceram.

Pessoas de espírito aventureiro pagam milhares de dólares para conhecer a tundra do Alasca. Durante a maior parte da minha infância, eu só precisava sair pela porta de casa para vê-la.

Minha família apreciava aventuras como poucos. Quando eu tinha cinco anos, fomos morar numa cidadezinha esquimó no interior do Alasca. Meus pais eram missionários, tinham se conhecido na universidade, na Califórnia, e descobriram que sua fé não só lhes permitiria pregar o cristianismo como também atendia ao gosto deles pelo desconhecido.

Além do trabalho como missionário, meu pai tinha um emprego público. A função exigia educação superior, e ele era um dos poucos na cidadezinha que tinha um diploma.

Minha mãe ficava conosco. Fazia o serviço da casa e cuidava de mim e de minhas duas irmãs. Eu era o filho do meio. Éramos uma família unida, já que não havia muito o que fazer na cidadezinha. Os invernos eram brutais, por isso sempre nos aconchegávamos em torno da mesa da cozinha e jogávamos jogos de tabuleiro.

Chamar aquele lugar de cidade seria muita bondade. Havia dois armazéns que, juntos, não seriam do tamanho de um pequeno posto de gasolina, uma escolinha e uma agência de correio. Não havia shoppings. Não havia cinema, mas em um dos armazéns era possível alugar filmes. O orgulho da minha "cidade" era a pista de pouso. Era grande o bastante para receber um Boeing 737 e dava conta dos maiores aviões de carga a hélice. Isso fazia de nosso vilarejo uma capital regional. Monomotores chegavam e partiam, trazendo caçadores e aventureiros de Anchorage e levando-os para os vilarejos mais remotos espalhados ao longo do rio.

Morávamos numa casa de dois andares, a cem metros do rio. De casa tínhamos uma vista linda, um verdadeiro cartão-postal do Alasca. Às vezes, com um pouco de sorte, eu conseguia ver um alce ou um urso. Quando não estava na escola, estava pescando ou caçando. Desde muito pequeno eu me sentia à vontade usando uma arma, andando pelo mato e cuidando de mim mesmo.

No treinamento da BUD/S, eu me destaquei nos combates terrestres. Tais combates não eram muito diferentes de minhas expedições de caça na infância. Como tinham tido as mais variadas experiências no passado, os rapazes eram bons em especialidades diversas. Eu me dava bem na água, mas me sentia mais à vontade no treinamento para assaltos por terra.

Dessa forma, quando cheguei à Equipe Seis, geralmente servia de batedor para minha equipe de assalto. Naquela noite fria no Iraque, a marcha de seis quilômetros até o alvo levou

cerca de uma hora. Chegamos por volta de três da manhã. Ao nos aproximarmos, pude ver as luzes do vilarejo piscando do outro lado da estrada.

Era um fim de mundo cheio de poeira.

Na rua, sacolas de supermercado de plástico azul eram levadas pelo vento. De uma vala paralela à rua, o vento trazia o cheiro do esgoto a céu aberto. Eu mal conseguia distinguir as casas marrons, que, vistas através dos óculos de visão noturna, ganhavam um leve tom esverdeado. Os fios da rede elétrica que acompanhavam a estrada que levava a Síria estavam meio caídos. Tudo parecia degradado, em petição de miséria.

Chegando ao vilarejo, as equipes começaram a se separar para alcançar seus objetivos predeterminados. Conduzi minha equipe até a casa que era nosso alvo. Arrastei-me até o portão e experimentei a maçaneta. A pesada porta preta de ferro se abriu com um estalo. Empurrei-a apenas o necessário para enxergar lá dentro e passei os olhos pelo quintal. Estava vazio.

A porta da frente da casa de dois andares tinha um grande postigo gradeado. Olhei para dentro do saguão, enquanto meus companheiros examinavam o interior com seus lasers, a partir das janelas do térreo.

Abri devagar a porta da frente da casa. Também estava destrancada. Parei na soleira, com o fuzil engatilhado, e esperei. Olhando para trás por cima do ombro, vi um de meus companheiros erguendo o polegar. Pisquei para tirar a poeira dos olhos e enxergar alguma coisa antes de entrar. Apesar dos trinta quilos de equipamento nas costas, além do casacão de inverno, eu precisava me movimentar com a leveza de um gato.

"Pense baixo", disse para mim mesmo.

O saguão era apertado. No chão, havia um pequeno gerador. Reparei numa porta bem diante de mim e em outra à minha direita. Ignorei a porta da direita, bloqueada pelo gerador, e me arrastei até a primeira.

Meus sentidos estavam aguçados. Apurei o ouvido para captar um movimento qualquer à frente, enquanto examinava

a sala vazia. O cheiro de querosene do aquecedor da família irritava minhas narinas.

Cada passo soava como um estrondo. Tínhamos sido treinados para sempre esperar por um rebelde com um colete explosivo ou um AK-47 atrás de cada porta, pronto para o ataque.

A entrada que levava para os quartos de dormir estava coberta por uma cortina. Eu detestava cortinas. Diante de uma porta você pelo menos se sente um pouco protegido. Eu não podia saber se alguém estava espiando por baixo ou esperando que minha sombra passasse para disparar.

Última cartada. Não era possível que os quartos estivessem vazios e não havia como saber se seus ocupantes tinham nos ouvido. Em minha missão anterior, com a Delta, muitos homens tinham sido mortos ao entrar numa casa e ser emboscados por um combatente escondido atrás de uma muralha de sacos de areia. Era uma lição fatal de que nunca esqueceríamos e que sempre nos voltaria à memória quando entrássemos num alvo.

Esperei um ou dois segundos, tentando detectar emboscadores impacientes. O quarto atrás da cortina estava com a luz acesa. Levantei os óculos de visão noturna e puxei lentamente a cortina para um lado.

Vi uma geladeira estreita posicionada bem na intersecção do corredor em forma de L. Notei uma porta entreaberta e corri para cobri-la, enquanto meus companheiros invadiam o corredor e revistavam os outros quartos. Um deles me acompanhou quando empurrei a porta e entrei num dos quartos. Ninguém falava. Todos sabiam o que fazer.

Havia três colchões no chão, e eu mal reparei nos dois olhos que me fitavam de um canto do quarto escuro. Era um rapaz de barba rala e olhos negros. Parecia nervoso, e seus olhos iam de um lado a outro, acompanhando nossa entrada.

Pareceu-me estranho que ele ficasse ali, estático, olhando para mim.

Duas mulheres, também acordadas, fitavam o chão. Sem perda de tempo, fui até o rapaz. Eu sabia que havia alguma coisa errada porque normalmente homens e mulheres dormem em quartos separados. Ao passar pelas mulheres, ergui a mão e fiz sinal para que ficassem calmas. O homem ameaçou começar a falar.

"Shhhh!", murmurei. Não queria que ele alertasse outros que poderiam estar na casa.

Ele não desgrudava os olhos de mim. Agarrei-o pelo braço direito e puxei-o com força, empurrando as cobertas para longe para me certificar de que ele não tinha armas. Segurando-o contra a parede, puxei as cobertas das mulheres. Uma menininha de não mais de cinco ou seis anos dormia entre as duas. Ao ver que eu puxava as cobertas, sua mãe agarrou-a e puxou-a para perto de si.

Levei o homem para o meio do aposento, prendi as mãos dele com algemas de plástico e pus um capuz em sua cabeça. Meu companheiro vigiava as mulheres enquanto eu revistava os bolsos do rapaz. Fiz com que se ajoelhasse e empurrei a cabeça dele contra a parede. Ele queria falar, mas apertei o rosto dele contra a parede, abafando sua voz.

A cabeça do líder da nossa companhia, responsável pela missão, apareceu na porta.

"O que você encontrou?", perguntou ele.

"Um MAM", respondi, sigla em inglês para "homem em idade militar". "Ainda preciso fazer uma busca."

Fui até o canto mais distante do quarto, perto de onde estavam os colchões, e vi a coronha marrom de um AK-47. Sobre uma pilha de sacolas plásticas, havia um colete verde com cartucheira, usado para carregar pentes de fuzil, e uma granada.

"Tem um AK aqui", eu disse. "Colete com cartucheira. Granada. Merda." Eu estava irritado por não ter visto as armas antes.

Meu companheiro, que vigiava as mulheres, também não tinha visto nada quando entramos no quarto.

O homem era sem dúvida um combatente, e bem esperto. Escondeu a arma, o colete e a granada de mão, pondo-os fora do alcance de nossa visão, de modo que não conseguimos vê-los logo de cara.

Eu queria atirar naquele cara ali mesmo, na hora. Ele conhecia as regras que tínhamos de seguir e estava usando isso contra nós. Não podíamos atirar nele, a menos que representasse uma ameaça. Se tivesse colhões, teria atirado em nós quando cruzamos a porta. Sabia que estávamos na casa. Deve ter nos ouvido chegar e pensou que poderia se esconder com as mulheres.

Com a casa sob controle, levei o homem a outro quarto para interrogá-lo. O piso estava coberto de tapetes, e havia uma pilha de esteiras para dormir. No chão, havia uma TV ligada, mas só se via riscos na tela. Nosso intérprete se pôs ao lado do homem, e eu tirei-lhe o capuz. Tinha o rosto molhado de suor e os olhos arregalados, tentando se acomodar à luz.

"Pergunte a ele por que tinha granadas e colete com cartucheira", eu disse ao intérprete.

"Sou hóspede na casa", o homem respondeu.

"Por que estava dormindo com as mulheres e a criança? Hóspedes não dormem ao lado de mulheres."

"Uma delas é minha mulher", disse ele.

"Mas pensei que você fosse hóspede", eu disse.

O interrogatório durou cerca de meia hora. Ele não soube se explicar e na manhã seguinte foi entregue aos fuzileiros navais.

As operações eram assim, dia após dia, e nos deixavam frustrados. Um sistema de prende e solta. O combatente era capturado e em poucas semanas voltava para a rua. Eu tinha certeza de que aquele homem seria solto em pouco tempo. A única forma de eliminar os insurgentes definitivamente era quando eles estavam mortos.

Mais tarde, por intermédio dos moradores mais antigos do vilarejo, ficamos sabendo que os homens — inclusive o que tínhamos flagrado no quarto com as mulheres — faziam parte de uma célula rebelde que ocupava as casas da aldeia em sistema de rodízio. O que nós capturamos tinha ido passar a noite com a família. Três outros rapazes de sua célula foram mortos na mesma noite, depois de uma breve troca de tiros com meus companheiros, que tiveram sorte e se adiantaram antes que os rebeldes reagissem. Nossa companhia encontrou na casa armas, minas e explosivos para bombas.

Depois de neutralizar nossos alvos iniciais, a companhia revistou a maior parte das casas do vilarejo. Num dos dormitórios, encontrei uma gaveta cheia de sutiãs. Pesquei um dos mais bonitos, branco e rendado, com um lacinho no meio. Dobrei-o e guardei-o no bolso da calça cargo para uso futuro.

Lá fora, ecoava o BOP, BOP, BOP dos helicópteros CH-53 dos Marines. O sol começava a nascer quando tomamos posições numa casa próxima. Estava gelado. As manhãs costumavam ser a parte mais fria do dia.

Levantei os olhos a tempo de ver o que pareciam dois enormes ônibus escolares cinzentos passando por mim, fazendo uma curva de noventa graus e parando em pleno deserto, a norte dos fios da rede elétrica. As rampas da traseira baixaram e por elas começaram a descer Marines, como se vê nos anúncios da corporação.

O líder da minha companhia passou por mim em direção aos Marines; ia combinar com eles a troca de turno.

"Está vendo o quartel-general dos Marines?", ele me perguntou.

"Acho que fica na estrada", respondi, indicando um grupo de homens e antenas de rádio.

Quando ele me deu as costas, tirei do bolso o sutiã e pendurei-o discretamente na antena do rádio dele. Com aquele frio miserável, eram essas pequenas brincadeiras que nos

aqueciam. Ele passou por alguns Marines, que olharam para suas costas e começaram a rir.

"Onde fica o QG de vocês?", o líder da companhia perguntou a um dos oficiais.

Ele indicou a estrada.

"O senhor está com um sutiã pendurado nas costas", disse o Marine.

"Sim, não tenho dúvida disso. Acontece a toda hora", respondeu, olhando para nós.

Na marcha de volta à área de pouso no deserto, minha visão periférica captou algo que ondulava ao vento. Estiquei o braço e encontrei uma alça nas minhas costas. Alguém tinha pendurado um sutiã no torquês que eu trazia amarrado ao corpo.

Essas brincadeiras eram nosso modo de viver.

De tão frequentes, o esquadrão acabou fazendo um diagrama que interligava os suspeitos. Usávamos esse mesmo tipo de diagrama para rastrear terroristas. Pusemos os nomes de todos os companheiros numa pirâmide, em cujo topo ficava o mais gozador: Phil, o líder da minha equipe na época.

Phil estava na Marinha desde sempre. Concluiu a Equipe Verde no ano em que eu concluí a BUD/S. Depois disso, ele saiu do DEVGRU por um tempo, entrou para as Rãs Saltadoras, a equipe de paraquedismo de exibição da Marinha. Também serviu como instrutor militar de queda livre antes de voltar ao comando.

Conheci Phil em meus primeiros dias no esquadrão e gostei dele logo de cara. Ele participou de diversas missões de assalto e liderou o programa Cão de Assalto do esquadrão antes de tornar-se líder de minha equipe.

Phil era um grande gozador, talvez o melhor. Pelo menos uma vez, voltei para minha gaiola e encontrei os cordões de todos os pés direitos de minhas botas cortados. Não podia

provar que Phil tinha feito aquilo. Mas sabia que ele andava com ímãs só para desmagnetizar cartões de crédito dos outros. Era famoso por gostar de pulverizar nossos equipamentos com purpurina. Nem sei quantas bolsas e uniformes tive de substituir porque a purpurina entranhou no velcro ou nas dobras do tecido.

Quando as coisas ficavam monótonas, ele inventava uma rixa.

"Está certo, quem me fez essa gracinha?", ele gritava, entrando na sala da equipe.

Mas todos sabíamos que ele tinha passado um trote em si mesmo. Estava tentando nos provocar porque estava entediado.

Às vezes, os rapazes lhe davam o troco. Numa sexta-feira à noite, depois do trabalho, fomos todos ao estacionamento ver o carro de Phil pendurado no ar. Uma de suas vítimas, nunca se soube quem, levantou o carro com uma empilhadeira e deixou-o lá.

Uma das pegadinhas que teve mais desdobramentos no esquadrão foi criada por Phil. Quando não estávamos em missão, treinávamos em vários pontos dos Estados Unidos. Naquela noite, estávamos em Miami para um treino urbano de CQB num hotel abandonado. Começava a escurecer.

Antes de começar o treino, Phil e a polícia da cidade, que estava lá para afastar os curiosos, entraram no hotel para se certificar de que estava mesmo vazio. Não queríamos começar o treino e nos deparar com algum invasor sem-teto. Na época, Phil trabalhava também como adestrador de cães.

Ao percorrer os corredores, Phil viu num dos quartos algo pregado na parede. Era um pênis artificial gigante, preto, de trinta centímetros. Usando uma luva de borracha, Phil tirou-o da parede e levou-o para baixo.

"Vejam o que encontrei", disse ele, com a coisa no alto.

"Leve isso para longe de mim", eu disse, retrocedendo, enquanto Phil balançava o pênis artificial para frente e para trás.

Com o hotel desocupado, começamos o treino. Terminamos quando faltava pouco para o amanhecer. Pus meu equipamento no bagageiro do carro alugado e desabei exausto no assento do motorista. Quando estava ligando o motor, notei alguma coisa presa ao volante.

"Phil!", gritei, pulando do carro para ficar longe daquilo.

Olhei em torno, mas Phil não estava mais lá. Tinha desaparecido da cena do crime.

O pênis estava amarrado no volante, da esquerda para a direita. Tirei-o dali e abandonei-o num capacete escolhido ao acaso junto com as sacolas de equipamento.

O pênis, que ganhou o apelido de Bastão de Comando, desapareceu. Ficou no esquecimento durante alguns meses até que voltamos a Virginia Beach depois de um treino com máscaras antigases.

Como o DEVGRU tem entre suas tarefas a busca de armas de destruição em massa, muitas vezes treinávamos na casa da morte equipados com todo o uniforme de proteção contra produtos químicos. Custava um pouco acostumar-se com as máscaras antigases, e tínhamos de nos sentir à vontade para operar com as roupas e as máscaras durante longos períodos.

Estava anoitecendo, e todos nós fomos à sala da equipe para tomar uma cerveja. Ao entrar, fui direto para a geladeira. Tirei a tampinha, tomei um bom gole e, ao me virar, vi os caras agachados em torno do pé da mesa de conferências.

"Puta merda", ouvi alguém dizer.

"Não pode ser, não é ele, é?", disse outro.

Fui até o grupo e vi uma foto Polaroid colada numa folha de papel em branco. Mostrava a máscara antigases de alguém enrolada no Bastão de Comando. Assim que vi a foto, meu estômago deu um nó. Ninguém poderia dizer por onde o Bastão tinha andado antes que Phil o encontrasse, e a máscara da Polaroid podia ser a minha. A mesma máscara com a qual eu passara horas naquele dia. Tentei descobrir de quem era a máscara em questão, mas o enquadramento da foto era tão

fechado que não dava para saber. O Bastão de Comando podia ter sido amarrado à máscara de qualquer um, e ninguém ia se arriscar.

Fui com o grupo todo ao almoxarifado e troquei minha máscara por uma nova. E, mais uma vez, o Bastão de Comando desapareceu por alguns meses.

Sempre havia comida na copa. Os rapazes costumavam trazer grandes sacos de pretzels e outros petiscos de um supermercado Costco. Um dia apareceu na sala da equipe uma lata de biscoitos de bichinhos. Aos poucos, os biscoitos começaram a desaparecer. Viam-se caras comendo biscoitos na copa, no estande de tiro e nas gaiolas.

De repente, lá pela metade da lata, encontramos outra foto Polaroid. Dessa vez, o Bastão de Comando estava metido entre os biscoitos de bichinhos.

Até hoje não consigo comer biscoitos de bichinhos.

Se o culpado foi Phil, não tenho ideia. Só sei que foi ele quem encontrou pela primeira vez o Bastão de Comando, que atualmente está em local incerto e indeterminado.

# 6

## *Maersk Alabama*

Só havia uma coisa de que Phil gostava mais do que pregar uma boa peça: paraquedismo. Como era o líder da nossa equipe, sua paixão nos levou a executar diversas operações aéreas, principalmente saltos de grande altitude e de acionamento imediato, chamados de HAHO. Essa técnica proporcionava a melhor maneira, e a mais furtiva, de se infiltrar num alvo. Num salto de HAHO, você deixa a aeronave, abre o paraquedas poucos segundos depois e conduz o velame para a zona de pouso.

Eu consegui meu brevê em queda livre na Equipe Cinco, mas só dominei realmente a arte do salto quando passei para o DEVGRU.

Para dizer a verdade, a ideia de saltar de um avião me apavorava no início.

Há algo antinatural em saltar de um avião. A princípio, a coisa não só me apavorava como eu detestava fazer aquilo. Eu era sempre o cara que ficava chupando oxigênio durante a subida. Depois de cada salto, quando já estava em terra firme, eu achava o máximo. Mas, na manhã seguinte, ficava mal-humorado de novo. Ainda assim, o fato de ser obrigado a saltar repetidamente acabou tornando tudo mais fácil. Da mesma forma que na BUD/S, desistir não era uma opção, e saltar era uma parte importante de nosso trabalho. Portanto, foi algo de que aprendi a gostar.

Em 2005, quando estive com a Delta em minha primeira missão no Iraque, Phil liderou com sucesso um salto HAHO no Afeganistão. Sempre treinávamos para esse tipo de operação, mas eu não acreditava que um dia faria uma coisa dessas para valer. Desde que cheguei ao comando, fiz rodízio entre o Iraque e o Afeganistão, missão após missão. Minha vida entrou numa rotina de operações, treinamentos e alerta. As missões eram tantas que comecei a confundi-las. Em cada uma delas ganhávamos mais experiência de combate. O comando como um todo continuava aprimorando suas táticas e se tornara ainda mais eficiente.

Em 2009, finalmente, aconteceu algo novo.

Eu estava de licença, esperando um voo comercial para retornar a Virginia Beach quando vi o plantão de notícias na TV do aeroporto. O *Maersk Alabama*, navio cargueiro com dezessete mil toneladas de carga, estava perto do Chifre da África, a caminho de Mombasa, no Quênia, quando foi atacado por piratas somalis. Era quarta-feira, 8 de abril de 2009. Os piratas capturaram o capitão do navio, Richard Phillips, e fugiram com ele numa lancha salva-vidas de dezoito pés. Tinham comida para nove dias. O contratorpedeiro USS *Bainbridge* estava acompanhando a lancha, a trinta milhas da costa da Somália. Havia quatro piratas a bordo, armados com fuzis AK-47.

Sentado no aeroporto, fiquei imaginando que poderíamos ser chamados. Conseguir uma licença por motivos pessoais era uma proeza, já que meu esquadrão estava em alerta e podia ser enviado para qualquer lugar do mundo com uma hora de antecedência.

Pela TV do aeroporto, vi a lancha salva-vidas laranja balançando sobre as ondas. Perto dela, a belonave USS *Bainbridge*. O aeroporto estava barulhento, e tentei chegar mais perto da TV para conseguir ouvir a reportagem. Quando saí de Virginia Beach, poucos dias antes, nada estava acontecendo, mas agora eu tinha quase certeza de que seríamos chamados.

Quando a lancha apareceu na tela de novo, meu celular começou a vibrar no bolso. Era Phil.

"Viu as notícias?", perguntou ele.

"Vi. Acabo de ver", respondi.

"Onde você está?"

Naquela altura, eu era o membro mais antigo de minha equipe, depois de Phil.

"Estou no aeroporto", respondi. "Esperando meu avião."

"O.k., tudo bem", disse Phil. "Venha assim que puder."

Na mesma hora, minha cabeça ficou a mil. O avião não ia voar rápido o bastante. Uma operação como aquela acontecia uma vez na vida. Eu não queria perdê-la por nada.

Subir num avião já é frustrante quando você não está com pressa. Agora, eu observava as pessoas buscando seus assentos e mexendo ruidosamente nos compartimentos acima das poltronas. No íntimo, eu suplicava para que se apressassem. Quanto mais cedo decolássemos, mais rápido eu retornaria ao trabalho. E mais, eu sabia que uma vez embarcado, ficaria incomunicável. Não haveria como fazer contato comigo se recebessem ordem de partir. Eu me afligia pensando que, no momento em que o comissário fechasse a porta do avião, eu receberia a mensagem da convocação, dando-me uma hora para chegar ao comando. Quando pousássemos, a equipe já teria ido embora. Coloquei meus fones de ouvido e tentei não pensar mais nisso, mas foi impossível.

Depois de pousar na Virgínia, nem bem passei pelo portão e já estava ao telefone.

"O que está acontecendo?", perguntei quando Phil atendeu.

Passava um pouco das oito da noite quando cheguei da costa oeste.

"Ainda aqui", disse ele. "Venha ao trabalho amanhã cedo que ponho você a par de tudo. O planejamento está sendo feito, mas temos que esperar uma decisão de Washington."

Na manhã seguinte fui para lá bem cedo. Phil me recebeu na sala do esquadrão. Sentamo-nos diante da mesa de reuniões.

“Temos um refém”, disse ele. “Quatro piratas. Querem dois milhões de dólares por ele.”

“Nada como saber exatamente quanto se vale”, eu disse.

“Eu pediria mais”, disse Phil. “Dois milhões é uma merreca, a menos que você pergunte a minha ex-mulher.”

“Para onde estão indo?”, perguntei.

“Eles vão fazer contato com outros combatentes e devem levar Phillips a um acampamento ou a um navio-mãe”, disse Phil. “Temos de estar preparados para tomar um navio ou para ir pela praia e tomar um dos acampamentos.”

Tínhamos passado anos nos preparando para qualquer uma dessas duas missões.

“Já temos um punhado de caras no *Bainbridge*”, disse Phil. “Estavam trabalhando na África e embarcaram no navio na noite passada. As negociações foram interrompidas na quinta-feira.”

“Quanto tempo temos até eles atracarem?”, perguntei.

“Eles não querem se aproximar do continente no ponto onde estão agora, por questões tribais”, disse Phil. “A tribo deles fica um pouco mais ao sul, onde eles não vão conseguir chegar em menos de dois dias. É provável que tenhamos de lutar contra o tempo.”

Perguntei sobre a convocação.

“Ainda não houve convocação, o assunto está sendo discutido”, disse Phil.

“Por que ainda não disseram nada?”, perguntei. “Não faz sentido demorar tanto para tomar uma decisão.”

“Isso é Washington, cara”, disse ele. “Alguma coisa faz sentido lá?”

No dia seguinte, finalmente, a convocação chegou pelo pager. Quase todos nós já estávamos no comando. E o equipamento estava pronto.

Umas vinte horas depois já estávamos no ar, no C-17. A rampa da aeronave se abriu e a luz do sol invadiu a cabine.

Sentindo a brisa, tive de proteger os olhos da luminosidade da África Oriental. Minutos depois, um pequeno paraquedas, preso a uma embarcação de assalto de alta velocidade (HSAC), abriu-se e a volumosa carga cinzenta começou a se dirigir para a cauda do avião. Duas dessas embarcações HSAC estavam carregadas com todo o equipamento de que poderíamos precisar. O plano consistia em lançar primeiro os barcos e suas tripulações, depois as equipes de assalto.

Clic. Clic. Clic.

O HSAC deslizava sobre as rodinhas metálicas em direção à porta, ganhando velocidade e desaparecendo pelo ar. Momentos depois, um segundo paraquedas se abriu e o vulto cinzento de outra embarcação passou como um borrão em direção ao céu, seguido das tripulações.

"Uau", gritei. Outros rapazes a meu redor deram gritos de aprovação ao ver os tripulantes sumirem rampa afora.

Enquanto eu esperava o o.k. de meus companheiros, meu coração batia acelerado, mais por excitação do que por qualquer outra coisa. Eles monitoravam a abertura dos paraquedas presos aos barcos.

Estávamos saltando além do horizonte do USS *Bainbridge*, de modo que os piratas não pudessem nos ver. O USS *Boxer*, um navio anfíbio de assalto usado para conduzir Marines aos palcos de combate, iria a nosso encontro para que pousássemos em seu convés.

Lá embaixo, na água, os tripulantes dos HSAC pousaram bem perto de seus barcos e começaram a dobrar os paraquedas. Tínhamos trinta minutos de espera até a hora do salto, o que parecia uma vida.

Eu estava sentado perto da parte dianteira do avião, num dos bancos. Junto de mim estava um dos especialistas em comunicações do meu esquadrão. Usava um arnês para salto duplo amarrado ao corpo. Horas antes, ele tinha sido avisado não só de que iria à África colaborar no resgate de um refém

como também de que saltaria em pleno oceano Índico para participar da missão.

Para reunir no USS *Boxer* todo o pessoal de que necessitávamos, tivemos de levar em saltos duplos três homens, entre eles o especialista em comunicações. Os três, que não eram membros do Seal, formavam um grupo de apoio indispensável. Durante o voo, conversei um pouco com o técnico em comunicações e lhe dei uma prévia.

"Você vai comigo", eu disse. "Está preparado?"

Ele era magro, tinha o cabelo cortado rente e um ar de intelectual. Pareceu nervoso quando comecei a falar sobre o salto e sobre o que ia acontecer.

"Você já saltou alguma vez?", perguntei.

"Não", ele respondeu.

Quando recebemos o sinal de seis minutos, todo mundo se levantou para as verificações finais. O especialista em comunicações estava pálido. Não tinha dito uma só palavra desde que a porta se abriu pela primeira vez. Pelo menos meu primeiro salto tinha sido no Arizona. Saltar no oceano Índico era parada dura.

"Vai dar tudo certo", eu disse.

Ele não parecia convencido.

A rampa se abriu de novo. Havia uns quarenta paraquedistas no avião, e fizemos uma fila diante da rampa.

"ATENÇÃO!", gritou o mestre de salto, avisando que faltavam menos de trinta segundos.

Senti a perna do especialista em comunicação começar a tremer. Quando nos aproximamos da rampa, ela praticamente vibrava.

"Ei, cara, relaxe", eu disse.

Tudo o que ele tinha de fazer era se lembrar do que eu havia lhe dito.

"Luz verde, VAI!"

O oficial responsável indicou a rampa traseira do avião.

Todos começaram a andar e, um por um, mergulharam no ar. Quando cheguei à rampa, vi o céu azul-claro e a água se confundindo no horizonte. Dei dois tapinhas no ombro do meu passageiro e gritei.

"Avance!"

Era o sinal para a tomada de posição. Eu queria que ele ficasse com os dedos dos pés para fora da borda da rampa, de modo que as canelas dele não batessem quando mergulhássemos.

Ele estava paralisado. Senti os pés dele querendo se fixar na rampa. Dei-lhe dois tapinhas de novo e gritei.

"Avance!"

De novo, ele não se mexeu.

Não tínhamos tempo a perder. Empurrei-o para frente e saltamos.

O pequeno paraquedas abriu-se às minhas costas. Ele serviria para nos dar estabilidade e controlar a velocidade da queda livre. Como eu já tinha feito em centenas de saltos, realizei todas as conferências, puxei o cordel e abri o velame principal.

De repente, o ruído do avião desapareceu e tudo ficou em silêncio absoluto. O único som que se ouvia era o do paraquedas estalando ao vento.

A vista era bonita. O ar fresco era um alívio bem-vindo depois da cabine do C-17. O céu e a água tinham o mesmo tom de azul-claro, e havia pequenas nuvens acima de nós. Mais embaixo, um turbilhão de paraquedas circulava em torno dos quatro barcos cinzentos que flutuavam no oceano. Parecia uma batalha aérea da Segunda Guerra Mundial: meus companheiros descendo em círculos, evitando trombar uns nos outros e pousando no oceano.

O mar estava calmo, com pequenas ondas. Não muito longe, vi o convés do USS *Boxer* esperando por nós. Quando estávamos próximos da água, puxei os batoques do paraquedas e caímos. A água estava morna como a de uma banheira. Desenganchei o

especialista em comunicações e comecei a operação de me livrar do arnês.

Não havia mais de vinte metros entre nós e o barco. Soltei os pés de pato que eu tinha amarrado nas canelas para o salto e fui nadando na direção do especialista em comunicações. Atrás de mim, o paraquedas começou a afundar, puxado para o fundo do oceano pelo paraquedas reserva cheio d'água. Nadei até o especialista em comunicações, que boiava na água com um colete salva-vidas, tentando nadar em direção à escada do barco.

"E aí, cara? Como foi?", perguntei.

"Muito louco", ele respondeu.

Foi a primeira vez que o vi sorrir desde que a rampa se abriu.

Subindo a bordo do HSAC, encontrei um lugar na parte da frente do barco enquanto esperava pelos outros. Sua capacidade era de apenas doze pessoas, e ele logo ficou lotado. Fui até a proa e pus os pés na água.

"Ei, cara, você viu algum tubarão?", perguntou um companheiro vindo em direção à proa.

"Não", respondi. Eu sabia que aquelas águas estavam infestadas de tubarões, mas não tinha visto nenhum por perto.

"Quando eu estava chegando, vi uma sombra enorme lá embaixo", disse ele.

Puxei meus pés para mais perto do barco.

Durante nosso voo, o capitão Phillips tinha tentado fugir, o que aumentou a tensão. Ele pulou na água, mas foi fisgado sob a mira de uma arma. Os piratas amarraram-lhe as mãos e jogaram um celular e um rádio transmissor-receptor americano no mar, achando que ele podia estar recebendo ordens.

Àquela altura, o barco salva-vidas sequestrado estava sem combustível e à deriva. O comandante Frank Castellano, capitão do USS *Bainbridge*, convenceu os piratas a se deixar rebocar pelo contratorpedeiro e a permitir que o bote inflável

do navio levasse água e alimentos até eles. Numa dessas viagens de abastecimento, um dos piratas, Abduhl Wal-i-Musi, pediu atendimento médico para a mão machucada. Foi transferido para o *Bainbridge* a fim de ser tratado. Tinha sido ferido durante a tentativa de fuga de Phillips.

No sábado, depois de instalados a bordo do USS *Boxer*, mandamos ao USS *Bainbridge* um pequeno grupo. Os demais membros do esquadrão foram instruídos a permanecer juntos. Se o barco pirata resolvesse atracar, seríamos obrigados a tentar uma missão de resgate na praia.

O grupo que foi até o *Bainbridge* se compunha de uma equipe de assalto, vários atiradores de elite e um pequeno grupo de comando. Os Seal assumiram posição de observação no balanço de popa do *Bainbridge*. Os atiradores faziam rodízio na vigilância, enquanto as negociações continuavam. Esperamos pacientemente o desenrolar dos acontecimentos.

No dia seguinte, de uma hora para outra, fomos avisados de que Phillips estava em segurança, a bordo do USS *Bainbridge*. Em pouco tempo, todos os rapazes já estavam de volta, e me deparei com um amigo, Gary, de uma turma anterior à minha na BUD/S. Gary tinha entrado para a Equipe Verde poucos anos antes de mim. Começou a carreira de Seal pilotando minissubmarinos. Era engraçado pensar nele, com seu metro e noventa de altura, encolhido num submarino. Em sua última missão, ganhou uma Estrela de Prata depois de literalmente costurar cinco caras que tentavam flanquear sua unidade durante uma operação em Kandahar.

Apertamos as mãos.

"Puta merda, cara, me conta o que aconteceu!", pedi.

"Pegamos o último quando ele levantou a cabeça e a fumaça deteve os três", contou Gary.

Ele contou que tinha sido incumbido de conversar com o pirata ferido, Wal-i-Musi, quando ele embarcou no *Bainbridge* para tratar dos ferimentos. Esperava que Musi convencesse os

outros a se entregar. Gary começou a paparicar o insurgente assim que ele pisou no *Bainbridge*.

"Cara, quer um pouco de sorvete?", perguntava. "Que tal uma Coca gelada?"

Musi e Gary logo entabularam uma camaradagem que tinha a ver com comida e conforto. Gary mantinha Musi à vista dos demais piratas para que o vissem tomando Coca-Cola e comendo sorvete. Como tinham jogado celulares e rádios no mar, os piratas que ainda estavam no barco salva-vidas tinham de gritar para negociar.

"Não consigo ouvir", disse Gary a Musi. "Diga a eles que puxem a corda."

Musi concordou e a corda entre as duas embarcações foi ficando cada vez mais curta, pouco a pouco o barco salva-vidas se aproximava do *Bainbridge*. O mar estava ficando mais revolto e, sem motor, o barco salva-vidas era jogado de lá para cá. À medida que escurecia, Gary e seus companheiros puxavam o barco salva-vidas para mais perto. Quando anoiteceu completamente, não havia como os piratas saberem que estavam sendo puxados para mais perto do USS *Bainbridge*. No balanço de popa, Gary e seus camaradas começaram a varrer a superfície do barco pirata com o laser infravermelho, que só podia ser visto com óculos de visão noturna.

Um dos piratas estava sempre sentado, de vigia, no ponto mais alto da área coberta. Seria fácil pegá-lo. O segundo podia ser visto pela janela, ao leme, outro alvo relativamente fácil. Mas o terceiro pirata ainda estava oculto. A única forma de atirar garantindo a segurança de Phillips seria pegando os três ao mesmo tempo, quando o terceiro pirata se expusesse. Finalmente, depois de horas de espera, a cabeça e os ombros do terceiro pirata emergiram pela escotilha da proa. Era tudo o que os atiradores queriam. As ordens eram claras no sentido de que só se deveria agir se a vida de Phillips estivesse em risco iminente. Com a tensão já bem alta — e temendo pela

segurança do refém —, meus companheiros abriram fogo. Em poucos segundos, os três piratas caíram.

Depois do último disparo de nossos atiradores, a equipe do balanço de popa ouviu o inconfundível estampido de um fuzil AK-47 dos piratas. O tiro ecoou sobre a água, e o ânimo de meus companheiros sumiu imediatamente. Muita coisa estava em jogo. Washington estava recebendo informações atualizadas de nossa equipe a cada instante, além das imagens enviadas por aviões espiões não tripulados. O comandante do DEVGRU e o comandante do nosso esquadrão estavam no USS *Boxer*.

Temendo o pior, e sem saber se Phillips tinha sido morto ou ferido, dois atiradores de elite saltaram para o cabo de reboque e, equilibrando-se nele como numa corda bamba, chegaram ao barco pirata em poucos segundos. Não havia tempo a perder. Armados apenas com pistolas, abordaram a embarcação e entraram na parte coberta. Havia uma única abertura, o que fazia deles alvos fáceis mesmo para um pirata ferido.

Ao chegar, com agilidade e método, eles voltaram a atirar em cada um dos piratas para ter certeza de que não havia mais perigo. Encontraram Phillips amarrado num canto, incólume.

De volta ao *Bainbridge*, antes de ouvir o último tiro, Gary agarrou Musi e o jogou no convés.

"Você vai para a cadeia", disse ele. "Seus companheiros estão mortos. Você já não me serve para nada."

Com as mãos algemadas e um capuz na cabeça, Musi foi levado embora.

Gary encontrou Phillips no balanço de popa. O capitão estava confuso e desorientado ao subir a bordo do *Bainbridge*.

"Por que vocês fizeram isso?", perguntou Phillips.

Ele manifestava sintomas leve da síndrome de Estocolmo, e na troca de tiros não tinha entendido o que tinha acontecido nem por quê.

Phillips foi submetido a exames médicos e verificou-se que estava em condições relativamente boas. Não demorou muito para que a síndrome de Estocolmo desaparecesse. Ele estava

agradecido a meus companheiros. Ligou para casa e foi levado de avião ao USS *Boxer* antes de voltar para Vermont.

Passamos mais alguns dias no USS *Boxer* esperando ordens antes de desembarcar e ir para casa. Era bom sentir que enfim tínhamos salvo uma vida em vez de apenas tirar uns caras da toca. Era agradável fazer alguma coisa fora do Iraque e do Afeganistão. Estava feliz por ter feito alguma coisa diferente. Mas o lado sombrio de tudo aquilo era que tínhamos tido um vislumbre da máquina em Washington e de como as decisões podem demorar. Estávamos prontos para a ação dias antes de receber a ordem. Mas a operação de resgate do capitão Phillips nos tornou mais visíveis e nos pôs na mira de Washington para outras missões importantes e perigosas.

# 7

# A guerra sem fim

Eu sentia as pernas doendo e os pulmões queimando enquanto corria montanha acima.

Era o verão de 2009, e estávamos a cerca de dois mil e quinhentos metros de altitude, nas montanhas do Afeganistão central, duas horas ao sul de Cabul. Depois do resgate de Phillips, voltamos para casa, treinamos durante alguns meses e fomos novamente enviados ao país. Vi o laser infravermelho dos aviões não tripulados seguindo os movimentos de oito combatentes que saíram correndo do complexo-alvo quando chegamos. Nossa equipe pôs-se a correr atrás deles assim que a rampa do helicóptero tocou o solo.

"Equipe Alfa. Temos contato visual com os fujões", ouvi Phil dizendo pelo rádio.

Os combatentes se dirigiam para uma cadeia montanhosa a trezentos metros dali. Estávamos tentando isolá-los, enquanto o resto da companhia ocupava o alvo. Quando nos aproximamos, olhei para trás e vi Phil e o resto da equipe bem perto. Era nossa primeira missão no lugar e ainda não estávamos acostumados à altitude.

Ao ver o resto da equipe tomando posição, espantei o cansaço e empunhei o fuzil. O inimigo estava assumindo posição de combate apenas cento e cinquenta metros a nossa frente. Eu mal conseguia manter firme meu laser depois da corrida de quinhentos metros com todo o equipamento, mas dei um jeito de fechar a mira sobre um dos combatentes com uma metralhadora PKM. Depois de muitos disparos, ele caiu. A

essa altura, meus companheiros chegaram e abriram fogo, derrubando mais dois combatentes, enquanto o resto do grupo desaparecia, embrenhando-se nas montanhas.

Abandonando seus mortos, os remanescentes desceram a vertente posterior da montanha.

"Temos cinco elementos deslocando-se para o norte em direção a várias casas", disse o controlador do avião não tripulado pelo rádio. Eu via o laser do avião percorrendo de cima a baixo a encosta posterior da elevação.

Phil fez um aceno de cabeça para a equipe e lá fomos nós em mais uma correria desgovernada, tentando reduzir a distância entre nós e o inimigo.

À medida que íamos chegando ao topo das montanhas, reduzimos a velocidade para não cair numa emboscada. Vi três corpos caídos, um deles com uma metralhadora e outro com um lança-rojão. Tivemos a sorte de tirar de combate as duas armas mais pesadas do inimigo logo nos primeiros instantes do confronto.

Os combatentes mortos vestiam camisas e calças largas e um tênis preto de oncinha, tipo Puma, frequentemente usado pelos combatentes talibãs. Era uma piada comum no esquadrão dizer que no Afeganistão qualquer pessoa que usasse tênis pretos de oncinha era automaticamente suspeita. Nunca vi ninguém que não fosse combatente talibã usando aqueles tênis.

Do alto das montanhas pudemos ver os sobreviventes descendo a vertente posterior a toda velocidade. Phil agarrou o lança-rojões que estava ao lado de um dos mortos e o disparou contra o grupo que fugia. O foguete caiu perto e os estilhaços choveram sobre eles em plena corrida.

Largando o lança-rojões, Phil virou-se para mim. Pelo rádio, ouvimos avisos sobre apoio aéreo próximo, ou CAS. Um avião AC-130 voava em círculos sobre nós.

"UM CAS ESTÁ CHEGANDO À ESTAÇÃO", Phil berrou para mim, a apenas meio metro de distância.

O lança-rojões tinha acabado com a audição dele.

“Estou ouvindo”, eu disse. “Pare de gritar.”

“O QUÊ?”

Durante o resto da noite, eu escutava a voz de Phil bem antes de vê-lo. Cada palavra que saía de sua boca vinha em forma de grito.

De cima das montanhas, vimos o canhão de vinte milímetros do AC-130 castigando os combatentes. Soltamos na dianteira o cão de combate que nos acompanhava — apelidado por Phil de “Míssil Peludo” —, e passamos o resto da noite perseguindo os combatentes que fugiam. Todos eles foram mortos ou gravemente feridos.

Phil e outro integrante da equipe de assalto perseguiram um dos combatentes até o interior de uma casa, enquanto eu e os outros começávamos a vasculhar um descampado com mato até a cintura. O AC-130 informava sobre mais elementos. Lançamos o Míssil Peludo, que farejou um combatente a quinze metros de mim, à direita. Ouvi os gritos quando o cão atacou.

Depois de chamar de volta o cachorro, o grupo de assalto atirou granadas de mão no interior da vala em que o combatente esperava para nos emboscar. Assim que o grupo subiu para vasculhar a vala, comecei a avançar.

Mesmo com os óculos de visão noturna, era difícil enxergar. O mato estava alto, o que complicava a caminhada por ele. Atrás de mim, eu ouvia disparos intermitentes, feitos por Phil e outro Seal, que trocavam tiros com um atirador protegido por uma barricada em uma das construções. Minha arma estava erguida, e eu tentava iluminar o caminho com o laser. À frente, vi clareiras de mato queimado nos pontos em que os projéteis do canhão de vinte milímetros tinham caído.

Cada passo era calculado.

Vi uma sombra preta a meus pés, debaixo dos óculos de visão noturna. Levantei o pé para pisar nela, supondo que fosse um tronco, ou um galho, quando ouvi uma espécie de suspiro. Dei um salto para trás e abri fogo. Quase me borrei de medo.

Depois de um momento verificando se não tinha me borrado de verdade, controlei os nervos. Levantei-me para procurar o corpo. O homem já devia estar morto quando pisei nele. O peso de meu pé sobre seu peito expulsou o ar dos pulmões. O corpo estava queimado pelos projéteis do canhão de vinte milímetros. Depois de uma rápida busca, encontrei um AK-47 e um colete com cartucheira.

De volta a Jalalabad, posamos para algumas fotos. Phil usava um boné preto Under Armor, sem viseira, e trazia o lança-rojões pendurado no ombro. A foto seria uma lembrança do dia em que ele deteve o inimigo usando seu próprio armamento e acabou quase surdo.

Foi uma boa noite de trabalho e um grande começo para uma temporada que seria bastante agitada. Naquela noite, matamos mais de dez combatentes e não sofremos baixas. Como sempre, foi uma combinação de competência e sorte. Sem dúvida, o atirador que estava na vala teria conseguido nos emboscar, o que provou a utilidade de um bom cão de assalto.

Desde que chegara à unidade, minha vida tinha sido uma alternância entre adrenalina e chatice insuportável — grandes operações seguidas de dias infinitos de espera pela missão seguinte. Quando não estávamos operando, treinávamos. Atuávamos ora no Iraque, ora no Afeganistão. O ritmo era febril. Não importava se você fosse solteiro ou casado e com filhos. Nosso mundo era o trabalho. Era nossa prioridade número um.

Por razões de segurança, não seria recomendável que eu me aprofundasse muito em questões familiares, mas eu não seria sincero se deixasse o leitor pensar que elas não existiam. Tínhamos mulheres, filhos, namoradas, ex-mulheres, pais e irmãos, todos competindo por nosso tempo. Tentávamos ser bons pais e maridos, mas depois de anos de guerra era difícil ser presente, mesmo quando voltávamos para casa.

Vivíamos de olho no noticiário, esperando que o próximo capitão Phillips fosse sequestrado. Quando treinávamos, simulávamos a realidade o máximo possível. Estávamos muito concentrados nas missões e no treinamento para poder pensar em algo além disso.

Na maior parte dos casos, nossas famílias compreendiam esse modo de vida. Como ficávamos de oito a dez meses por ano em treinamento ou em combate, nossos parentes acabavam relegados ao último lugar entre nossas prioridades.

Eles nos queriam em casa.

Queriam nossa segurança.

Sabiam muito pouco sobre o que acontecia em nossa vida. Nunca se satisfizeram em saber, por exemplo, que a cada fabricante de bomba caseira ou combatente da Al-Qaeda que matávamos, o mundo ficava um pouco mais seguro, ou que isso pelo menos facilitaria a vida dos soldados que patrulhavam as ruas no Afeganistão. Eles entendiam isso na teoria, mas não na prática.

Nossas famílias temiam o dia em que homens em uniforme de gala bateriam à porta para dizer que não voltaríamos mais. A comunidade Seal perdeu milhares de rapazes ótimos, e só o DEVGRU perdeu mais gente do que seria justo. Mas esses sacrifícios não eram gratuitos. As lições que aprendemos e as ações heroicas de nossos irmãos não seriam em vão. Sabíamos o risco que estávamos correndo nas missões e nos treinamentos, mas convivíamos com ele. Compreendíamos que era preciso fazer sacrifícios por nosso trabalho. Nossas famílias — como era o caso de meu pai, que não queria essa vida para mim —, nem sempre compreendiam.

Ainda no Alasca, pouco antes de terminar o ensino médio, eu disse a meus pais que pretendia me alistar. Eles não gostaram. Quando eu era pequeno, minha mãe não me deixava brincar com os Comandos em Ação ou com outros brinquedos de guerra porque eram muito violentos. Ainda faço graça com ela dizendo que se ela tivesse me deixado brincar com bonecos

de ação eu teria tirado aquilo da cabeça e não teria entrado para as forças armadas.

Antes da formatura, sentei-me na cozinha e conversei por telefone com recrutadores. No início, meus pais devem ter pensado que aquilo era uma fase. Mas logo perceberam que eu estava falando sério sobre ingressar na Marinha.

Meu pai sentou-se comigo para falar sobre meus planos e sobre a faculdade.

"Não quero você nas forças armadas", ele disse afinal.

Ele não era um pacifista, mas fora criado durante a Guerra do Vietnã e conhecia o impacto do combate sobre as pessoas. Muitos amigos dele tinham sido convocados e nunca voltaram. Ele não queria que o próprio filho estivesse sempre a serviço da guerra. Mas eu não percebi a preocupação em sua voz, ou o nervosismo de ver o único filho arriscando a vida. Só ouvi ele dizendo que eu não podia fazer isso.

"Eu vou", respondi. "É o que eu quero."

Meu pai nunca levantava a voz. Em vez disso, ponderava comigo.

"Ouça", disse ele, "se você dá alguma importância ao que digo, seguiria um conselho meu? Tente um ano de faculdade. Se não gostar, não precisa voltar."

Meu pai sabia que por ter sido criado numa cidadezinha do Alasca, eu conhecia muito pouco do mundo. Achava que se conseguisse me convencer a ir para a faculdade, eu teria contato com tantas coisas novas que o sonho de me tornar um Seal não persistiria.

Fui aceito em uma pequena faculdade do sul da Califórnia.

"Está bem, pai. Um ano."

Um ano se transformou em quatro. Com o diploma em mãos, pensei na hipótese de entrar para a Marinha como oficial. Mas tinha feito amizade com um ex-Seal que me aconselhou a não entrar dessa forma. Disse que eu poderia me tornar oficial mais tarde, e o caminho do alistamento representaria mais tempo como combatente e permitiria que

eu participasse de ações reais. Quando me alistei, depois da faculdade, meu pai não fez objeção.

Como todos os meus companheiros, eu estava absolutamente determinado a me tornar um Seal. E quando terminei a BUD/S, eu também queria ser o melhor. Mas eu não estava sozinho. Havia muitos outros jovens iguais a mim. Embora, como eu, todos tivessem dificuldade em encontrar o equilíbrio. Era o que chamávamos de "trem em movimento": é difícil saltar para dentro dele e é difícil pular fora, mas depois que você está nele, é melhor aguentar o tranco, já que não se sabe o que pode acontecer.

Na verdade, tínhamos duas famílias. Uma delas formada pelos rapazes do trabalho, a outra pelos parentes e pessoas queridas que deixávamos em casa. Eu vinha de uma família do Alasca muito unida. E sentia por eles o mesmo carinho que tinha pelos meus companheiros do Seal, como Phil, Charlie e Steve.

Para muitos dos rapazes, o problema de manter o equilíbrio entre trabalho e vida familiar foi transitório. Muitos se divorciaram. Deixávamos de ir a casamentos e a enterros importantes, não tínhamos férias. À Marinha não se pode dizer não, mas a nossas famílias sempre dizíamos. E com muita frequência. Era difícil conseguir uma folga. O trabalho era sempre prioridade. Tirava tudo de nós e devolvia muito pouco.

O mais engraçado era que mesmo quando estávamos de licença, antes de uma nova missão, eu via os caras trabalhando. Íamos à unidade para mexer com o equipamento, fazer exercícios, ou cuidar de detalhes de última hora antes da missão.

O segredo inconfessável era que todos, eu inclusive, adorávamos aquilo. Queríamos ser convocados todas as vezes, o que significa que, sim, todo o resto ficava em segundo plano.

Em 2009, eu estava em minha décima primeira missão consecutiva. De um simples novato, passei a ser o número dois de Phil. Desde 2001, o único descanso foi o período na Equipe Verde, se é que aquilo pode ser chamado de descanso. Tinham sido oito anos — sem pausa — de missões e treinamentos. Nessa época, eu já era mais experiente e maduro. À medida que eu ascendia, novos rapazes vinham atrás de mim. Também os novatos tinham agora mais experiência de combate. Com certeza, eram melhores do que eu quando cheguei à Equipe Verde. O comando como um todo era melhor. Estávamos focados principalmente no Afeganistão. Mesmo com a redução das operações no Iraque, nosso ritmo nunca diminuiu. Todos queríamos trabalhar, mas os caras mais velhos estavam começando a sentir a quilometragem.

Steve tinha sido promovido. Tornou-se responsável por uma equipe de nossa companhia. Charlie passou a ser instrutor na Equipe Verde.

Era uma temporada de verão, o que quer dizer que teríamos trabalho. A ofensiva anual dos talibãs estava a todo vapor. Durante o inverno, os combates diminuíam porque fazia um frio desgraçado. Quando um soldado americano desapareceu em ação, no começo do verão, paramos tudo para procurá-lo.

Bowe Bergdahl, um soldado de primeira classe, desapareceu em 30 de junho de 2009. Capturado por um grupo de talibãs, foi levado imediatamente para uma região contígua ao Paquistão, de onde pretendiam fazê-lo cruzar a fronteira. Nossos analistas de inteligência rastrearam cada sinal dele, e fizemos várias tentativas de resgate, mas voltamos de mãos abanando. Queríamos resgatá-lo antes que fosse levado para o Paquistão. Temíamos que acabasse sendo vendido por seus captores a outro grupo, como a rede Haqqani, aliada ao Talibã.

Menos de um mês depois do sumiço de Bergdahl, os talibãs divulgaram um vídeo em que ele aparecia vestindo o camisão azul-bebê e a calça larga típicos da região, sentado diante de uma parede branca. Estava magro, com o pescoço comprido e fino. Parecia assustado.

Certa noite, pouco tempo depois da exibição do vídeo, soubemos que o paradeiro de Bergdahl provavelmente tinha sido encontrado.

"A inteligência diz que ele deve estar hoje na zona sul de Cabul", disse o comandante da nossa companhia, apontando para um mapa da região central do Afeganistão. "Não temos muitas informações em que nos basear, mas isso é uma prioridade."

Reunimo-nos no centro de operações para receber instruções sobre a missão. Steve e sua equipe também estavam lá. A companhia inteira tinha sido convocada. O plano consistia em "voar para o Y", o que significava que pousaríamos fora do alcance dos lançadores de granadas e depois tomaríamos posição. Não era tão seguro quanto ir a pé, mas não tão perigoso quanto voar até o X. Era a única forma de tomar o alvo de assalto e revistá-lo antes que o sol nascesse.

Já era meia-noite, em poucas horas estaria claro. Tínhamos de agir imediatamente.

"Temos cem por cento de luminosidade esta noite. Vai estar claro à beça, pessoal", disse Phil.

Normalmente, tentávamos não agir na lua cheia. Nossa visão noturna funcionava melhor nessas condições, mas a luminosidade permitia que o inimigo também nos visse, o que cortava nossa vantagem pela metade.

Ter paciência era fundamental. Normalmente preferíamos esperar, amadurecer o alvo e atacar quando tivéssemos todas as chances a nosso favor. Não estávamos lutando contra amadores. Os talibãs eram bons combatentes, e sabíamos que a operação podia ser complicada.

"Rapazes, vamos forçar um pouco a barra neste caso", disse o comandante. "Precisamos correr um pouco mais de risco, pela pessoa que queremos recuperar."

Assim que desci a rampa do Chinook CH-47, fui coberto por uma nuvem de poeira. Tínhamos pousado num campo aberto. Minha equipe deveria se dirigir ao alvo pelo oeste, enquanto a de Steve iria pelo sul, formando um L em movimento à medida que nos aproximávamos do conjunto de construções onde se supunha que Bergdahl estivesse preso.

O alvo ficava a uma hora e meia de nossa base em Jalalabad. Havia uma casa perto da zona de pouso. Foi só a equipe de Steve pôr os pés fora da rampa do helicóptero para começarem a sair combatentes da construção. Um dos talibãs tinha uma metralhadora PKM. Corri, ouvindo o pipocar das armas automáticas se sobrepondo ao barulho do rotor.

Olhando para trás, na direção dos helicópteros, vi projéteis traçadores, cortando a nuvem de poeira. Mal pude enxergar a equipe de Steve se protegendo e imediatamente avançando sobre o inimigo.

Sob fogo de metralhadora, um dos companheiros de Steve sacou sua garrucha de pirata, um pequeno lançador de granadas de um tiro só. Num lance inacreditável, ele se meteu entre as rajadas das metralhadoras e lançou a granada que caiu diante da porta da casa. Ouvi uma explosão abafada e vi fumaça saindo pela porta. A granada fez com que o fogo cessasse de imediato, dando a Steve e sua equipe segundos vitais para chegar sem percalços até a construção. Agrupados perto da porta, eles revistaram a casa e mataram os combatentes que restavam.

"Temos inimigos em deslocamento no norte e no leste", disse Phil pelo rádio.

Com tanto luar, eu enxergava como se estivesse à luz do dia. Se eles podiam nos ver a olho nu a cem metros de distância, com os óculos de visão noturna nós os víamos a trezentos metros.

O campo que estava diante de nós era perfeitamente plano, e pude ver combatentes com armas penduradas nas costas fugindo do local. Uma estrada na direção norte-sul cruzava o

campo, passando pelo complexo e pelo vale. Distingui dois caras fugindo de motoneta. Phil viu um grupo de quatro combatentes correndo para o oeste, afastando-se da estrada e tentando chegar a uma casinha.

"Vou com mais dois", disse Phil. "Vamos pegar os caras que estão indo para o oeste. Você pega os das motonetas."

A equipe de Steve revistou o alvo. Não havia sinal de Bergdahl, mas imaginamos que ele devia estar nas proximidades. Os combatentes eram muitos e estavam fortemente armados.

Iam comigo dois atiradores de elite de nossa unidade mais o técnico do EOD. Phil foi com a equipe do cachorro e um cara do grupo de assalto.

Ao correr pelo campo, praticamente pisamos em cima de um combatente que se escondia no mato. A princípio não o vi, quem o viu foi um dos atiradores, que logo abriu fogo. Chegando mais perto, percebi que ele usava tênis de oncinha. Culpado.

Voltando a avançar, vi as motonetas dos combatentes paradas ao lado da estrada. Duas cabeças surgiram sobre um monte de feno, que tinha pelo menos um metro e meio de altura e de três a quatro metros de largura.

"Vi dois pax, mais ou menos trezentos metros a nossa frente", informei.

No jargão militar, "pax" quer dizer pessoa. Os atiradores tinham visto a mesma coisa. Fizemos uma pausa. Precisávamos pensar num plano rápido.

"Vou me posicionar na estrada e ver se consigo dar um tiro", disse um dos atiradores.

Era um dos atiradores de elite mais experientes do comando. Numa missão anterior, no Iraque, ele tinha perseguido um iraquiano que estava alvejando Marines. Demorou semanas, mas ele acabou encontrando o cara escondido numa casa. Abateu-o por um buraco na parede, onde faltava um tijolo.

A estrada ficava à esquerda do monte de feno e tinha uma pequena elevação, o que lhe dava um ponto mais alto.

"Vou pelo flanco direito", disse o técnico do EOD.

"O.k.", respondi. "Vou pelo centro e tento atirar uma granada de mão."

Eu não estava gostando do plano, mas não tínhamos alternativa. Tínhamos uma margem de manobra muito limitada para chegar atrás do monte de feno.

Confiei na cobertura dos atiradores para avançar. Seriam tiros de duzentos metros de distância — nada fácil — mas, com as miras telescópicas e o equipamento de visão noturna, não chegava a ser difícil.

Rapidamente tomamos posição.

"Reconhecimento em posição."

Eu levava nas costas uma pequena escada extensível. Depositei-a na relva e marquei-a com uma luz química infravermelha.

"EOD em posição."

Passei o fuzil para a mão esquerda, ajoelhei-me e peguei uma granada do bolso com a direita. Tirei o pino. Tomei fôlego e comecei a correr em disparada para o monte de feno. Ouvia apenas minha respiração e o vento, enquanto tentava abreviar a distância entre mim e os combatentes, que mais uma vez apareciam no topo do monte. A meio caminho, ouvi disparos de um AK-47 em meu flanco direito. Phil e seu grupo deviam ter rastreado os combatentes inimigos.

A corrida não demorou mais que poucos segundos, mas na minha cabeça tinha sido como um replay em câmera lenta. Estava a menos de trinta metros do monte de feno quando vi uma cabeça.

Eu estava em campo aberto, sem cobertura, mas não podia recuar. Tinha de chegar ao monte de feno. Eu não era um ótimo lançador e sabia que não ia atingir o monte de feno se atirasse dali. Precisava chegar mais perto. Uma fração de segundo depois, projéteis disparados pelos atiradores atingiram

o combatente no peito, derrubando-o para trás como uma boneca de pano.

Um dos projéteis acionou o propelente de um lança-rojões preso às costas do combatente. Enquanto ele caía atrás do monte de feno, faíscas e clarões saíam de sua mochila. Parecia um espetáculo pirotécnico.

Deitei-me na base do monte de feno, atirei a granada por cima dele e rolei para longe. Ouvi a explosão e voltei a correr.

Coberto pelo atirador, me juntei ao técnico do EOD e ao outro atirador no campo. Voltamos ao monte de feno, cobertos pelo segundo atirador. Fizemos a volta pelo lado esquerdo, com as armas engatilhadas, e atrás do monte de feno encontramos o combatente caído, com o lança-rojões ainda queimando. Não havia sinal do outro.

Começávamos a procurar o outro combatente quando uma mensagem nos chegou pelo rádio.

"Temos uma águia ferida, temos uma águia ferida, evacuação médica de urgência."

Um dos atiradores que estava comigo era socorrista e imediatamente foi em direção à equipe de Phil. Ainda não tínhamos encontrado o outro combatente inimigo, por isso tirei da cabeça a preocupação com nosso ferido e continuamos a busca.

Ajudei o técnico do EOD a pegar as armas e as motonetas. Os combatentes tinham morfina e granadas. Eram profissionais, nada a ver com agricultores que pegavam um fuzil AK-47 na entressafra.

Não conseguimos encontrar Bergdahl naquela missão, e no começo do segundo semestre de 2012, ele ainda era prisioneiro. Mas minha intuição dizia que ele estava ali, em algum lugar. É provável que o tenhamos perdido por poucas horas, ou talvez seus captores tenham conseguido fugir durante o combate.

Depois que as coisas se aquietaram, o técnico armou cargas explosivas junto do equipamento do inimigo para explodi-lo.

“Estou pronto”, disse ele.

Afastamo-nos, e ele explodiu a carga, reduzindo o equipamento e o corpo do inimigo a picadinho. O explosivo atingiu o feno, incendiando uma parte dele e deixando o resto chamuscado.

O corpo do outro combatente nunca apareceu, mas, quando fomos verificar se o equipamento estava destruído, encontramos três mãos humanas. Achamos que o segundo homem se arrastou para dentro do monte de feno e morreu lá.

Em pouco tempo, ouvi o barulho familiar de um CH-47 Chinook se aproximando. Ficou em terra apenas o tempo necessário para que se pusesse o ferido a bordo, levantou voo e foi às pressas para o hospital de traumatologia de Bagram, um enorme campo de pouso a norte de Cabul.

“Alfa Dois, aqui fala Alfa Um”, dizia Phil pelo rádio. Eu era Alfa Dois. Phil era Alfa Um. Era a primeira vez que eu tinha notícia de Phil desde o momento em que nos separamos para perseguir os fujões.

“Ei, cara, tome conta dos rapazes para mim”, disse Phil.

A águia ferida era ele. Estava sentado no deque do helicóptero, com a calça cortada no sentido longitudinal. Seu uniforme e o deque estavam ensopados de sangue. Ele não sentia dor, graças a uma dose cavalar de morfina.

Mais tarde, eu soube que o grupo dele tinha se aproximado de dois combatentes fortemente armados. Mandaram o cão de assalto na frente. Os combatentes viram o cachorro e abriram fogo. Phil foi atingido, e o cachorro morreu. O projétil abriu um buraco na perna de Phil. Perdeu muito sangue e quase morreu, mas o rápido atendimento de nossos dois socorristas salvou-lhe a perna e a vida.

“O que você foi arrumar, cara”, eu disse. “Se cuide.”

Assim que voltei à zona de pouso para me reunir à companhia, começaram as piadinhas.

“Legal você despachar o Phil, assim vira chefe da equipe”, disse um de meus companheiros. “Vimos você atirar na perna

dele e depois sair correndo para agarrar o crachá de identificação."

Phil ainda nem chegara ao hospital e já estavam pegando no meu pé.

# 8

# Trilhas rústicas

Eu estava louco para urinar.

Desde que embarcara no helicóptero em Jalalabad, trinta minutos antes, com destino a um posto avançado de combate na província montanhosa de Kunar, no Afeganistão, a pressão vinha aumentando. Urinar antes de sair era um procedimento básico. Mas a viagem seria tão curta que resolvi segurar até a chegada.

Fazia dois meses que Phil tinha sido ferido. Estava em casa, se recuperando. Nossa missão já durava três semanas. Desde que Phil fora evacuado, eu era o chefe da equipe. Estávamos indo para uma remota base operacional avançada, ou FOB, numa das regiões mais instáveis do leste afegão. A FOB seria a área de preparo para uma operação que faríamos nas montanhas.

Senti o CH-47 Chinook entrar em voo estacionário e começar a descer. Assim que o trem de pouso tocou o solo e a rampa desceu, saí às pressas para me aliviar, passando sob o grande motor traseiro em direção a uma vala a cerca de vinte metros da área de pouso. Estávamos a uns cinquenta metros da pequena base de artilharia, de modo que me senti em segurança no espaço aberto.

Juntaram-se a mim alguns de meus companheiros que também estavam apertados. A escuridão era total, iluminação zero. As montanhas que se elevavam diante de mim impediam qualquer possibilidade de luz. Olhando por cima do ombro, vi

as pás do helicóptero levantando uma nuvem de poeira do chão. O ronco dos motores do CH-47 era ensurdecedor.

De pé na borda da vala, admirei a beleza das encostas. Envoltas no halo verde de meus óculos de visão noturna, eram a imagem da serenidade. De repente, meus olhos captaram o brilho de algo que cruzava o céu. Por uma fração de segundo, achei que era uma estrela cadente, mas logo vi que aquilo vinha em minha direção.

BUM!

Uma granada propelida por foguete caiu a três metros da cauda do helicóptero, atingindo meus companheiros com uma chuva de estilhaços. Antes que eu pudesse reagir, vi projéteis traçantes e mais foguetes caírem a nosso redor. Comecei a correr para uma vala do outro lado da zona de pouso. Estávamos todos perplexos. Na nossa cabeça, estávamos usando aquela base simplesmente como um ponto de partida para a missão. Não esperávamos qualquer contato com o inimigo antes de atacar o alvo.

Ouvi o zumbido dos motores dos helicópteros que decolavam e abandonavam o vale. Quando o segundo helicóptero levantou voo, às pressas, o movimento do rotor detonou um dos foguetes de sinalização que cercavam o perímetro da área que pretendíamos usar como posto avançado de combate. Os foguetes, em princípio, tinham sido instalados para alertar a base sobre um ataque, mas agora estávamos expostos, iluminados pelo clarão, em campo aberto. Começamos a correr em pequenos grupos para longe da luz, enquanto os combatentes direcionavam mais fogo para a base.

Tentei abotoar minha calça mesmo na correria. Ouvi a pancada dos primeiros morteiros e logo depois a rajada de uma metralhadora americana .50 disparada pelos soldados da base, que respondiam ao ataque. Deslizando para dentro de uma vala, vimos os projéteis das armas pesadas americanas sendo lançados em direção às montanhas. Pareciam cebolas empanadas do restaurante Outback. Armas surgiram por todos

os cantos da base, que era feita de paredes Hesco, grandes módulos aramados ocos preenchidos com areia.

Depois que a claridade acabou e pudemos contar com a proteção do escuro, voltamos para o portão principal e nos pusemos detrás das paredes de proteção do posto.

Entramos, e os socorristas começaram a atender os feridos. Ninguém sofrera ferimentos graves, mas os estilhaços das granadas tinham atingido um Ranger, nosso intérprete, um soldado afegão que estava em conluio conosco, e o cão de assalto. Os helicópteros deram uma volta nas proximidades, e, quando o fogo cessou, voltaram ao vale para resgatar os feridos.

Com os feridos embarcados e em segurança, a caminho do hospital, o líder da companhia do DEVGRU e os chefes de equipes se reuniram no bunker de comando com o comandante da companhia do Exército encarregada da FOB e seu primeiro-sargento.

Charlie e o resto da companhia aguardavam na sala de musculação do posto. Ele tinha se apresentado como voluntário para participar dos últimos meses da missão e estava em minha equipe. Desde que Phil fora ferido e eu assumi a liderança, ficamos com um homem a menos e precisávamos de mais um atirador de elite. Charlie acabara de completar seu período como instrutor da Equipe Verde e juntou-se a nós.

"Ouvi dizer que você atirou em Phil para pegar o emprego dele", disse Charlie ao chegar ao Afeganistão. "Agora é assim que se conquista uma equipe, é? Olho vivo em seus seis homens, hein?"

Eu estava com saudades do Valentão, era muito bom tê-lo de volta.

Depois que Phil foi embora, os trotes tinham cessado. Eu podia ter certeza de que meu quarto estaria livre das bombas de purpurina, mas o clima já não era tão leve como na época em que ele estava conosco. Mais que qualquer outra coisa,

sentíamos falta da experiência dele. Como um time de futebol, tínhamos a cultura do "banco de reservas". Todos nós sabíamos fazer nosso trabalho, mas mesmo assim era difícil argumentar contra a experiência. E Phil tinha toneladas de experiência. O ritmo das operações impedia que ficássemos remoendo o passado. Mas que ele fazia falta, fazia.

Ter Charlie de volta supria um pouco essa ausência. Reciclado pelo trabalho como instrutor da Equipe Verde, ele estava bem afiado, e sua contribuição para aquela operação seria vital. Sua experiência e sua serenidade sob fogo inimigo eram insuperáveis.

O centro de operações era pequeno, e havia mapas da região pendurados na parede e móveis de compensado. Antenas foram instaladas nos ângulos da construção achatada. As paredes e o teto eram de sacos de areia, para proteger seus ocupantes das granadas e dos tiros de morteiro. Num canto havia um rádio, com dois jovens especialistas do Exército ou dois soldados tomando conta dele.

Sentei-me ao lado de Steve e olhei para o mapa.

"Desculpem pela festa de boas-vindas", disse o capitão do Exército responsável pelo posto. "Isso acontece mais ou menos uma vez por semana. Vocês estavam no lugar certo na hora certa."

As operações em Kunar eram árduas. Eu diria que era um dos lugares mais perigosos de todo o país. Era raro que viajássemos pela província sem entrar em confronto. As montanhas íngremes e os vales estreitos da cordilheira de Hindu Kush eram formidáveis obstáculos naturais. A província era o esconderijo preferido de grupos rebeldes havia décadas. O terreno era impenetrável, e as cavernas, labirínticas. Além disso, a proximidade da Província da Fronteira Noroeste do Paquistão, semiautônoma, proporcionava vantagens significativas para os insurgentes.

Entre janeiro de 2006 e março de 2010, mais de sessenta e cinco por cento de todos os confrontos com rebeldes ocorreram em Kunar, conhecida também como "Central

Inimiga" e "Terra de Índios", onde forças talibãs locais se misturavam a combatentes estrangeiros da Al-Qaeda. Milícias de mujahedins também ocupavam a província.

No meio da sala do centro de operações havia uma mesa com um mapa da região. Reunimo-nos em volta dele. Planejávamos nos internar num vale ao sul do posto avançado e empreender uma operação de morte ou de captura de um grupo de talibãs de alto escalão que se reuniria ali para uma conferência.

Nossa temporada estava perto do fim, e essa podia ser a última oportunidade que teríamos para atingir um alvo tão apetitoso. Apesar do ferimento de Phil e da morte de um de nossos cães, a temporada tinha sido produtiva. Se déssemos a cartada certa, seríamos recompensados.

Por meio de nossos aviões não tripulados que sobrevoavam o complexo suspeito, localizamos patrulhas em movimento. Com o passar dos anos, Steve e eu ficamos bem bons em detectar o que chamávamos de "atividade abominável".

Sozinhas, as imagens captadas pelos aviões de espionagem não diziam muito. Na tela, as pessoas pareciam formiguinhas andando de cá para lá, mas, para mim e para Steve, cada detalhe do que víamos era importante. A maior parte dos complexos inimigos não era protegida por patrulhas. Juntando essa informação ao fato de o alvo reunir-se em Kunar e diante dos relatórios da inteligência sobre a conferência dos líderes rebeldes, tudo apontava para uma atividade abominável.

Sabíamos que estávamos nos preparando para um combate.

Nosso plano era que minha equipe de oito homens subisse pela encosta, paralelamente ao vale, até ultrapassar o complexo-alvo. Ficaríamos na encosta em posição de bloqueio para segurar os combatentes no vale, caso tentassem escapar. Eles não iriam desconfiar de que estávamos acima do complexo-alvo, ele próprio situado numa parte já bem elevada do vale. Outras duas equipes avançariam pela estrada principal, entrando no vale, tentando fazer com que os talibãs se dirigissem para onde minha equipe pudesse emboscá-los. Se

essas duas equipes chegassem ao objetivo sem ser notadas, meus homens e eu desceríamos até o complexo para ajudar a revistar o alvo por todos os lados.

Na maior parte das vezes, os combatentes não se dispunham a lutar quando nos viam. Preferiam fugir, tentando se esconder entre as árvores ou escapando para vales contíguos. Posicionando uma equipe no alto, pretendíamos fazê-los entrar em nossa zona de tiro. Seriam liquidados facilmente, sem chance de escapar.

A rota de infiltração tinha cerca de sete quilômetros, o que num terreno plano não seria muito. Mas não era o caso: a rota nos levava diretamente encosta acima, o que significava que minha equipe teria de fazer a marcha mais difícil da noite. Sabendo que tinha uma escalada muito árdua pela frente, preferi deixar minhas placas à prova de balas e levar apenas três pentes de munição sobressalentes, uma granada de mão, rádio e estojo de primeiros socorros. Tentamos levar o menor peso possível. Tínhamos um princípio: "Leveza é certeza".

Mas quando se deixa de lado as placas balísticas, você tem de estar disposto a sofrer as consequências. Depois da surpresa que tivemos ao pousar, eu já estava a ponto de reavaliar minha decisão.

Enquanto discutíamos o plano com o capitão do Exército, senti os olhos dos soldados cravados em nós. Para aqueles soldados arrumadinhos, devíamos parecer uma gangue ou um bando de vikings.

Quase todos nós tínhamos cabelos compridos demais para os padrões militares. Ninguém usava uniforme completo, pelo contrário, descombinávamos calças e camisas. Também usávamos óculos de visão noturna engraçados, de quatro sensores, e tínhamos miras térmicas e silenciadores acoplados a nossos fuzis. Usávamos a última moda. Cada um de nós tinha de saber exatamente qual era o seu trabalho, e cabia a cada um carregar aquilo de que precisaria.

"Alguns desses caras não estão nem usando as placas balísticas", disse um dos soldados.

O líder da equipe de reconhecimento mostrou ao capitão a trilha rústica que se via no mapa. Ele ia fazer a navegação para minha equipe.

"Vocês conhecem essa trilha?", ele perguntou.

"Vi uma vez", respondeu o capitão. "É bem íngreme. Mais ou menos que tempo vocês têm em mente?"

"Queremos atacar e voltar antes do dia nascer", disse o chefe da equipe de reconhecimento.

"Não tem como", respondeu o capitão do Exército. "O terreno é péssimo e não dá nem para fazer o trecho de ida enquanto ainda estiver escuro."

Como a unidade dele estava vivendo no vale, não podíamos discutir. Era a praia deles. Conheciam o terreno.

"Vocês já foram até lá em cima?", perguntou o líder da companhia, mostrando o complexo-alvo.

"O mais longe que chegamos foi aqui", respondeu ele, indicando um ponto que não estava sequer a meio caminho de onde queríamos chegar. "Levamos seis horas, fizemos contato e tivemos um prolongado tiroteio. Fomos obrigados a recuar e sair do vale."

Passamos alguns minutos conversando sobre o plano.

O líder da companhia olhou para mim, para Steve e para os outros líderes de equipe.

"O que acham disso?"

O alvo era bom demais para deixar passar. Mesmo com três homens a menos e sem cachorro, ainda tínhamos pessoal suficiente para cumprir com o objetivo. Os aviões espiões não registravam grande movimentação, então ainda contávamos com o fator surpresa. Decidimos descartar o plano de subir pela trilha. Iríamos todos juntos num deslocamento único pela estrada que levava ao vale, depois nos separaríamos, formando um anel em torno do terreno elevado, e cairíamos sobre o alvo vindo de cima.

"Vamos fazer isso", eu disse, quando o líder da companhia me inquiriu com o olhar. Steve também fez que sim.

"Vocês vão mesmo assim?", perguntou o capitão.

“Vamos”, respondeu por fim o líder da companhia.

“O ataque a nossa base pode ser uma boa justificativa para a ação”, disse o capitão do Exército. “Por que não mandamos também uma patrulha para acompanhar vocês?”

Ele pretendia deslocar cerca de vinte soldados, que patrulhariam um vilarejo próximo, na parte baixa do vale, ao sul. Iríamos atrás da patrulha deles até certo ponto, onde nos separaríamos para adentrar o vale. Se alguém estivesse vigiando, e provavelmente estaria, esperávamos que mordesse a isca e seguisse o corpo principal da patrulha.

“Vocês se importam se a gente pegar um pouco de munição antes de sair?”, perguntou o líder da companhia.

“Claro que não. Vou buscar.”

O capitão começou a organizar sua patrulha, e nós voltamos à sala de musculação para dar instruções aos rapazes que nos esperavam. A sala, que não era maior que um escritório doméstico, tinha alguns halteres, um ou dois bancos supinos e um rack de agachamento. A sala, como toda a base operacional, era protegida por sacos de areia contra ataques de morteiro.

Substituí em meu cartucho os poucos projéteis que tinha usado e verifiquei se minha equipe estava pronta. Walt e Charlie também carregaram seus pentes de munição. Walt fazia parte da equipe de Steve, e desde que chegou da Equipe Verde ficou muito próximo de Steve e de mim.

Eu tinha ouvido falar dele durante minha passagem pela Equipe Verde. Ao que parece, todos os Seal da costa leste o conheciam e ficavam de olho nele à medida que ele traçava seu caminho para o segundo convés.

Em altura, Walt não passava do meu ombro. Tinha o cabelo desgrenhado e o rosto coberto por uma espessa barba castanha. Era pequeno, mas metido a fanfarrão. Sofria gravemente da síndrome dos baixinhos e tinha uma quantidade exagerada de pelos. Era como se pudesse cultivar uma barba em poucos dias.

Walt devia ter começado com a Equipe Verde um ano antes, mas se meteu em encrencas e teve de atrasar seus planos por um ano.

Ele e eu nos demos bem imediatamente. Ele gostava de atirar e, como eu, adorava armas. Um dia, no estande de tiro, convidei-o para ir comigo ao Shot Show, uma feira de tiro e caça em Las Vegas. Se nossa programação permitisse, iríamos ao evento todos os anos para conversar com fornecedores e conhecer as novas armas e equipamentos que entravam no mercado.

No primeiro dia da viagem, apresentei-o a todos os fornecedores. No segundo dia, meus contatos já perguntavam por onde andava o Walt. Na terceira noite, depois da exposição, encontrei-o conversando com vários executivos da Associação Nacional do Fuzil. Com um charuto na boca, distribuía tapinhas nas costas e apertos de mão como se fosse político. Todos gostaram dele.

Walt era um cara pequeno com grande personalidade.

Fizemos uma rápida reunião de equipe, na qual expliquei que a ideia da trilha estava descartada. Íamos marchar todos juntos.

"Vamos subir pelo caminho principal, desviando quando chegarmos perto do alvo", eu disse. "Dúvidas?"

Todos fizeram que não com a cabeça.

"Negativo", disse Charlie. "Estamos satisfeitos."

Era como jogar basquete. Sabíamos o que tinha de ser feito, e só precisávamos do plano básico. Se você souber "atirar, se mexer e se comunicar", o resto entra nos eixos. Quando as operações são muito complicadas, as coisas tendem a se atrasar. Cada um dos presentes na sala de musculação naquela noite tinha anos de experiência. Além disso, como o plano sempre sofria mudanças, era melhor que fosse simples. Já tínhamos feito isso antes e confiávamos uns nos outros.

A patrulha cruzou o portão e começou a descer a estrada pavimentada em direção ao vilarejo. Era uma estrada boa, provavelmente construída com dinheiro de contribuintes americanos. A menos de um quilômetro do portão, passamos a avançar mais devagar, para ficar atrás do grupo principal e depois virar à direita em direção ao vale, a oeste.

Seguimos pela estrada durante duas horas. Seu traçado virava para um lado e para outro, em zigue-zagues cada vez mais íngremes. Em pouco tempo chegamos até um grupo de carros. Uma caminhonete Hilux estacionada de um dos lados da estrada e duas vans com porta-bagagem no teto. Ao passar por elas, olhei pelos para-brisas. Estavam vazias.

Não tinham conseguido ir mais longe.

Era o fim da estrada. A trilha se estreitava e se tornava mais íngreme à medida que adentrávamos no vale. A cada passo, eu sofria mais o efeito da altitude e o peso de meu equipamento querendo me atrasar. Estava ficando cansado e ainda estávamos na metade do caminho. Torci para que todo aquele esforço valesse a pena.

Depois de mais uma hora de trilha, consegui ver o complexo-alvo e pelo menos duas luzes fracas acesas perto de uma das casas. Grupos de árvores bloqueavam a maior parte de meu campo de visão. As casas, de pedra e barro, pareciam emergir da encosta.

Percorrer o resto do caminho pela estrada principal teria sido mais fácil, mas sabíamos que havia sentinelas. Não podíamos correr o risco de comprometer a operação. Os aviões não tripulados continuavam registrando patrulhas inimigas sob as árvores que circundavam a estrada principal e o complexo.

O segredo era surpreender. Em Kunar, na maior parte das vezes, a distância mais curta entre dois pontos era uma trilha rústica. Eu ouvia a mesma coisa quando era criança, no Alasca. Não tínhamos escolha: precisávamos encontrar um caminho alternativo. Ninguém queria estar no vale quando o sol nascesse.

“Vamos subir direto e dar a volta”, disse pelo rádio o líder da equipe de reconhecimento.

Por pouco minhas pernas não gritaram, mas todos tínhamos consciência de que aquela era a decisão correta. O cara do reconhecimento dava por certo que se subíssemos direto para

as montanhas encontraríamos a trilha rústica que minha equipe teria de percorrer no plano inicial.

Saindo da estrada, literalmente escalamos a montanha em busca da tal trilha. Diversas vezes tive de ajustar a alça de minha arma junto ao corpo para poder agarrar-me às pedras e subir. Quando não estava tomando impulso para subir a encosta da montanha, estava fazendo meus próprios zigue-zagues. Ninguém falava, mas eu podia ouvir os gemidos de meus companheiros.

Todos nós víamos aquele alvo como um prato cheio. Estávamos dispostos a saltar sobre ele, se pudéssemos. Mesmo assim, a cada passo, eu só pensava em como seria bom se de fato aquilo tudo valesse a pena.

Depois de algumas horas de subida, encontramos finalmente a trilha rústica. Minhas pernas estavam doloridas, e, de tão cansado, eu tinha dificuldade para recuperar o fôlego. Mas encontrar a trilha nos revigorou. Sem dúvida, nossos companheiros do reconhecimento eram os melhores do ramo. Não fosse pelo seu meticuloso planejamento, nunca teríamos como levar a operação a termo com êxito.

A trilha não tinha mais de trinta centímetros de largura e subia e descia pela montanha. De um lado, o penhasco erguia-se sobre nós; do outro, a parede reta caía direto dentro do vale. Não tínhamos tempo de pensar que um passo em falso poderia nos fazer escorregar pelo paredão quase vertical. Tínhamos levado uma hora para encontrar a trilha e o amanhecer não tardaria, de modo que o tempo era crucial.

Era forçoso continuar.

Finalmente, a trilha desembocou numa posição perfeita, levemente acima do complexo-alvo, e pudemos respirar fundo. Eram três casas principais, com um pátio entre elas e diversas construções menores distribuídas ao redor.

Ao pé da trilha, se estendia uma lavoura com canteiros em terraços, como uma escadaria. Por estarmos na estação seca, a terra se encontrava estorricada. Quando as lavouras se inundavam, tínhamos de nos arrastar pelo barro.

Posicionamo-nos em filas e minha equipe ficou nivelada com o alvo principal.

"Alfa em posição", eu disse pelo rádio.

A equipe de Steve formou uma fileira logo acima da minha e se dirigiu para o flanco direito.

"Charlie em posição", disse Steve pelo rádio.

A equipe Bravo formou uma fileira abaixo da minha, visando o lado sul do alvo, o mais distante da encosta.

"Bravo em posição."

Uma descarga de adrenalina inundou meu corpo. Já não sentia cansaço nem dor. Cada um dos meus sentidos se aguçou, estávamos em alerta máximo. Se tudo corresse segundo nosso plano, pegaríamos o inimigo de surpresa. Mas se desse tudo errado, nos veríamos num tiroteio em ambiente fechado.

"Vamos lá", disse o líder da companhia pelo rádio. "Devagar e sempre."

Começamos a avançar a pé com cautela. Todos em silêncio, ponderando cada passo. Nada era mais estressante do que quando nos esgueirávamos para dentro de um alvo inimigo, volta e meia indo dar diretamente nos quartos onde os combatentes dormiam. Nossa ação agora não tinha nada a ver com aquelas em que uma unidade tinha de reagir a um ataque a bomba, ou a uma emboscada na beira de uma estrada. Agora era tudo deliberado e calculado. Nossas táticas não eram exclusivas. O que nos tornava diferentes era nossa experiência e saber discernir entre o momento da ação violenta decisiva e a hora de ser paciente e sereno.

Senti o coração aos pulos. Cada ruído parecia amplificado. Dávamos quatro ou cinco passos e parávamos. Apoiei a arma no ombro e mirei meu laser em direção às casas, à procura de algum movimento. Meus companheiros faziam o mesmo.

"Devagar", pensei. "Devagar e em silêncio."

Ao chegar à primeira das casas, experimentei a maçaneta enferrujada da pesada porta de madeira.

Trancada.

Charlie fez o mesmo na porta da construção à direita. Trancada também.

Ninguém falava. Não usamos nenhum dos sinais dos Seal. Acenei com a cabeça para Charlie, e começamos a dar a volta, para chegar ao lado que dava para o pátio.

Um portãozinho conduzia à área de convivência externa. Walt cortou uma corda em que estava pendurado um lençol, que atrapalhava o caminho.

Ao entrar, Steve, Walt e o resto da equipe se agruparam diante de portas que ficavam do outro lado do pátio. Um atirador da equipe de reconhecimento com uma mira térmica estava sobre a laje, fazendo uma varredura em busca de patrulheiros inimigos no leito seco de um riacho que corria de norte a sul, paralelo a um dos lados do complexo.

O batedor de minha equipe nos conduziu através do mesmo portão, e nos aproximamos da porta da frente da casa em que deveríamos agir.

Walt experimentou a porta de sua casa. Estava destrancada. Empurrou-a devagar e viu um homem com uma lanterna. Walt entrou no quarto para dominar o homem e viu outro saindo de baixo das cobertas. Usava um colete tático e tinha ao lado um AK-47. Walt e outro Seal abriram fogo e mataram os dois.

Em frente ao quarto onde estava Walt, Steve abriu a porta e encontrou um grupo de mulheres e crianças. Deixou um homem de guarda e foi com o resto da equipe para a porta seguinte.

Nos fundos da casa que Steve estava vasculhando, um atirador da equipe de reconhecimento procurava sentinelas. Ao fazer a varredura da estrada que subia para o vale, viu por uma janela meia dúzia de combatentes talibãs que agarravam suas armas. Abriu fogo no momento em que Steve e sua equipe chegavam à porta do quarto.

Entreabrindo a porta, Steve viu os combatentes se arrastando para se protegerem.

“Granada!”

Um dos homens de Steve entreabriu a porta apenas o indispensável para lançar uma granada entre os combatentes. Ouviu-se uma explosão abafada e choveram estilhaços pelo quarto, matando os inimigos.

Assim que chegamos à porta da casa que íamos atacar, percebi o ruído surdo de um segundo fuzil com silenciador abrindo fogo. Havia um sentinela sentado numa pedra que dava para a estrada principal. Tinha um AK-47 pendurado nas costas e um lança-rojões ao lado.

Meu batedor empurrou a porta da frente e irrompeu no primeiro quarto. O piso da casa estava sujo, e sacos de alimentos e roupas, além de latas de óleo, enchiam o quarto. Vi que o batedor abriu fogo. Um combatente, de arma na mão, tentava pular uma janela dos fundos para fugir. As balas perfuraram suas costas e nádegas, e ele caiu.

Do lado de fora, um dos atiradores da SAW da equipe Bravo, mandou ver.

*RÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ!*

Os tiros da metralhadora ecoaram pelo vale. Pegaram-me desprevenido, porque quase todos nós usávamos silenciadores nas armas para abafar o som.

“Homens chegando a norte”, ouvi a rede de comando pelo rádio. Começávamos a receber informação de que havia combatentes de outros pontos do vale vindo em nossa direção. O alvo já tinha nos rendido três trocas de tiros, e agora nos informavam que mais combatentes avançavam para nossa posição.

O atirador da SAW e a equipe Bravo continuavam agindo na encosta, logo abaixo de nós. Um a um, pelo menos mais cinco combatentes que tentavam assumir posições para disparar seus lança-rojões e metralhadoras pesadas foram apanhados pela equipe Bravo. O atirador da SAW deu mais uma rajada de trinta

segundos e metralhou o último sentinela escondido entre as pedras no leito seco do riacho.

Em poucos minutos, ouviu-se o ronco de um AC-130. Pelo rádio, o comandante da companhia informou que o AC-130 ia alvejar os homens que vinham do norte.

"Você entendeu", eu disse a meu companheiro.

Deixei-o ali com outro Seal e fui com Charlie revistar um beco que havia entre nossa casa e a próxima. As três casas ficavam em níveis diferentes, da mesma forma que os canteiros da lavoura pela qual entramos.

Não era possível ver o fim do beco, estreito e cheio de tralhas encostadas nas paredes. Fiquei preso diversas vezes nas cordas de pendurar roupas muito baixas que havia entre as duas casas.

Charlie e eu nos situamos em paredes opostas. Eu cobria o lado dele com meu laser, vendo o laser dele cruzando o beco e chegando à parede que estava junto a mim. Parecia um jogo de ângulos.

Seguimos com cuidado pelo beco, no maior silêncio possível. O segredo era o controle da aceleração. Tínhamos de ser rápidos, quando necessário, e depois retomar o avanço lento e silencioso. Estávamos perto da metade do beco quando Charlie abriu fogo.

POP, POP, POP.

Fiquei imóvel. Não conseguia ver o que tinha pela frente. Depois de uma breve rajada, Charlie recomeçou a avançar. Numa fração de segundo, olhei para a frente e vi um combatente cair contra a parede, três passos adiante. Quando chegou ao chão, largou uma escopeta.

Normalmente levávamos trinta quilos de equipamentos, além das placas balísticas para nos proteger dos tiros. Charlie também estava sem suas placas.

Depois de vasculhar cada canto do beco, paramos para nos reorientar.

“Se eu for atingido esta noite, ninguém será melhor que você para dizer a minha mãe que eu não estava usando as placas balísticas”, sussurrei para Charlie.

“Combinado”, disse Charlie. “O mesmo vale para mim.”

Pouco depois, ouvimos pelo rádio o aviso de “tudo limpo”. O alvo estava sob controle, mas agora tínhamos de fazer uma cuidadosa exploração do local, operação que chamávamos de SSE. Basicamente, tirávamos fotos dos mortos e recolhíamos armas e explosivos, além de *pen drives*, computadores e documentos.

A SSE evoluíra ao longo dos anos. Era um modo de contestar falsas alegações de que os combatentes mortos eram agricultores inocentes. Sabíamos que poucos dias depois da operação, os anciões do vilarejo procurariam a base local da Otan, a Organização do Tratado do Atlântico Norte, para nos acusar de matar civis inocentes. Sabíamos, e agora podíamos provar, que esse tipo de civis inocentes andava com lança-rojões e fuzis AK-47. Quanto mais meticulosa a SSE, mais provas haveria de que tínhamos disparado contra culpados.

“Estamos em cima da hora, minha gente, andem rápido”, disse o líder da companhia. “Ainda temos patrulheiros a norte.”

A voz dele foi abafada pelo barulho dos projéteis de 120 milímetros disparados por um AC-130 que caíam a poucas centenas de metros de onde estávamos, encosta acima. Olhei meu relógio. Passava das quatro. O dia ia clarear, e desde que os tiros começaram vínhamos recebendo um fluxo contínuo de informações enviadas pelos aviões não tripulados, alertando para a presença de mais combatentes vindo em nossa direção.

Feitas as fotos, empilhamos armas e munição no meio do pátio e instalamos explosivos com retardo de cinco minutos.

Com os rapazes do reconhecimento na frente, voltamos rapidamente e em silêncio pelo mesmo caminho. Correndo para longe do complexo, ouvi a explosão e vi a bola de fogo

que iluminou o pátio no momento em que as armas e munições dos combatentes eram destruídas.

A volta foi mais fácil que a ida. Nossa taxa de adrenalina estava lá no alto depois do que tínhamos acabado de realizar. Durante a descida, tivemos de parar algumas vezes e pedir apoio aéreo para dispersar numerosos grupos de combatentes que estavam a nossa procura. Não queríamos permanecer no vale mais tempo do que o indispensável, e não podíamos estar lá de jeito nenhum depois do nascer do dia.

Três horas depois da invasão do complexo, estávamos de volta à base. Os rapazes foram se sentando ao longo das paredes, exaustos. Todos estavam enfumaçados. Engolimos água, energéticos, praticamente tudo o que nos caiu nas mãos.

No centro de operações, entregamos ao capitão todas as SSE. Ele poderia mostrar provas aos anciões que viessem se queixar.

"Temos dezessete E.K.I.A.", disse o chefe da companhia ao capitão, querendo dizer com isso que dezessete inimigos foram mortos na operação. "Deve haver mais sete ou oito mortos pelo AC-130."

O capitão do Exército ficou surpreso ao ver as fotos em seu computador. Ele e seus homens raramente tinham a oportunidade de participar de uma ofensiva. Sua missão era proteger os vilarejos e as estradas do vale. Fiquei muito satisfeito ao saber que tínhamos eliminado combatentes talibãs que vinham atacando o posto avançado.

No helicóptero que nos levou de volta a Jalalabad, tive tempo de refletir sobre a missão. Sentado no escuro, perto da rampa, me surpreendi que tivéssemos sido capazes de executar uma operação tão dinâmica como aquela sem sofrer baixas sérias.

Desde a escalada da montanha até o ataque, aquela tinha sido uma operação militar exemplar, que incorporou tudo o que havíamos aprendido em operações anteriores.

Em vez de chegar pelo ar e descer por cordas, nos infiltramos na surdina.

Em vez de explodir todas as portas, entramos cautelosamente e pegamos os combatentes desprevenidos.

Em vez de gritar e quebrar tudo, usamos silenciadores e fizemos o menor ruído possível.

Usamos as trilhas deles, carregamos equipamento leve e derrotamos o inimigo em seu próprio jogo. No fim das contas, tínhamos invadido um alvo com mais de uma dúzia de combatentes fortemente armados sem sofrer nenhuma baixa. A operação provou que bom planejamento e ação furtiva são uma combinação imbatível.

# 9

# Algo muito especial em Washington

Estava no meu quintal, passei os pés pela grama, olhando para o céu azul.

Era o começo da primavera de 2011. Três semanas antes, eu estava andando aos tropeços no cascalho grosso que cobre o chão das bases de operações avançadas, tentando me manter aquecido no inverno gelado do Afeganistão. Havia meses que tudo era frio, neve e barro. Depois de ser constantemente convocado desde o Onze de Setembro de 2001, indo de um país desértico a outro, aprendi a desfrutar de coisas simples, como um belo gramado verde.

Era uma felicidade estar em casa.

A última temporada tinha sido tranquila, durante a maior parte do tempo. As missões no inverno quase sempre eram assim, já que os combatentes iam para o Paquistão à espera de um tempo mais ameno. Minhas três semanas de licença estavam terminando, e minha companhia iria ao Mississippi para treinamento. Estava ansioso para pegar em armas novamente depois da licença. Seria um daqueles treinos de tiro em que ainda poderíamos relaxar um pouco e descansar.

Seria também a primeira vez, em muito tempo, que eu não ia atirar com Steve. O período dele como líder de equipe acabara. Quando voltamos da última missão, ele foi transferido para a Equipe Verde como instrutor. Não houve discurso de despedida. Chegamos, guardamos o equipamento e, assim que voltou de sua licença, Steve estreou logo na primeira turma.

Naquela manhã, cheguei cedo para fazer um treino físico e aprontar meu kit para a viagem, e me deparei com ele.

"Preciso de uma pausa. Tem sido uma correria desde a Equipe Verde, e com todas essas regras novas o trabalho perdeu toda a graça", disse Steve.

"Estou com você", eu respondi. "Vou pegar mais um turno como líder de equipe e depois vou ver o que fazer."

Todos os membros do esquadrão eram combatentes veteranos. Em média, cada um dos rapazes participara de uma dúzia de missões. Mesmo nesse ritmo e com o sacrifício de ficar longe da família, a maior parte de nós ainda queria mais.

"Vai ser um descanso breve", eu disse a Steve. "Logo você volta como líder da companhia."

"Para a gente aprender junto a arte do PowerPoint", disse Steve.

No Afeganistão, as coisas estavam ficando cada vez mais difíceis. Parecia que a cada turno éramos submetidos a novas exigências e restrições. Para conseguir que aprovassem uma operação, eram telas e mais telas de slides de PowerPoint. Advogados e oficiais analisavam cada detalhe, em cada tela, para ter certeza de que o plano seria aceitável para o governo afegão.

A cada operação de assalto, reduzia-se o número de participantes e aumentava-se o de "pingentes", que desempenhavam funções muito limitadas. Agora tínhamos de levar soldados do Exército convencional em nossas operações, como observadores, para que pudessem refutar falsas acusações.

Nossos governantes nos pediam para trocar todas as lições que tínhamos aprendido, principalmente as aprendidas com sangue, por soluções políticas. Durante anos, tínhamos entrado furtivamente nos complexos inimigos para pegar combatentes de surpresa.

Mas isso já não acontecia mais.

Na última missão, uma nova exigência foi como um tapa na cara: devíamos chamar o inimigo para fora. Com a casa

cercada, um intérprete pegaria um megafone e gritaria para que os rebeldes saíssem de mãos para o alto. Como fazia a polícia nos Estados Unidos. Depois que os combatentes saíssem, revistaríamos a casa. Se encontrássemos armas, eles seriam presos, mas é evidente que estariam em liberdade poucos meses depois. Era frequente capturarmos o mesmo sujeito diversas vezes durante uma mesma temporada.

Eu me sentia como se estivéssemos fazendo guerra com uma mão e trabalho burocrático com a outra. Quando trazíamos prisioneiros, tínhamos mais duas ou três horas de trabalho com a papelada. A primeira pergunta que faziam aos combatentes presos era: "Você sofreu abuso?". Uma resposta afirmativa acarretava uma investigação e mais papéis.

E o inimigo agora conhecia as nossas regras.

As táticas deles evoluíam tão rapidamente quanto as nossas. Em minhas primeiras missões, eles lutavam. Nas mais recentes, começavam a esconder suas armas, sabendo que não podíamos disparar se não estivessem armados. Os combatentes conheciam nossas regras e sabiam que bastava encontrar uma brecha no sistema para voltar a suas aldeias em poucos dias.

Era frustrante. Sabíamos os sacrifícios que estávamos fazendo em nosso país; nós nos dispúnhamos a aceitá-los em troca de fazer o trabalho do nosso jeito. Quanto mais regras se estipulavam, mais difícil ficava justificar o risco que corríamos. O trabalho estava se transformando mais numa estratégia de retirada do que na execução dos passos táticos recomendáveis.

"Boa sorte", disse Steve. "Quem sabe o que nos espera no ano que vem?"

Ri.

"Espingardas de chumbinho, talvez", eu disse. "Armas de eletrochoque e balas de borracha."

O comando era pequeno o bastante para que eu visse Steve com frequência, mas ele não estaria conosco na próxima temporada no Afeganistão.

Terminei rapidamente de arrumar meu kit e fui para casa. Estava começando a fazer calor em Virginia Beach. Não o

suficiente para nadar no mar, mas já dava para usar mangas curtas. Eu ainda precisava fazer algumas das coisas da minha lista de pendências antes de ir embora mais uma vez.

A primeira dessas pendências era renovar a cobertura orgânica do jardim de casa.

Ao chegar, vi uma velha e surrada caminhonete F-150 parada na entrada. O cara da compostagem tinha estendido uma lona no chão, sobre a qual havia um monte de adubo. Com uma pá, enchia um carrinho de mão, levava-o a um dos canteiros e voltava para repetir a operação. Trabalhava sozinho.

Enquanto ele enchia o carrinho, fui até lá para bater papo. Não o conhecia, mas alguns de meus companheiros tinham recomendado seus serviços. Distribuir o adubo era algo que eu mesmo poderia fazer, mas com tão pouco tempo para assuntos pessoais era mais fácil pagar alguém para que o fizesse.

"Você é das equipes, não é?", perguntou ele em certo momento.

"Sou", respondi.

Pela aparência, ele bem que poderia ser um Seal, não fosse o cabelão de surfista. Era alto e forte, com os dois braços cobertos de tatuagens. Usava uma camiseta mal-ajambrada e calças de trabalho.

"Bem que eu pensei, você tem cara", disse ele, apoiando o carrinho no chão. "Acabo de fazer a casa do Jay. Sabe quem é?"

"É meu chefe", respondi. "Vamos viajar para dar uns tiros na semana que vem."

Jay era o comandante do meu esquadrão, mas eu não o conhecia muito bem. Tinha assumido o posto antes de nossa última missão. Não era frequente que participasse conosco das missões, e por esse motivo eu nunca tinha trabalhado com ele. De seu posto, podia ser encontrado comandando o Centro de Operações Conjuntas (JOC) e ajudando-nos a fazer malabarismos para que aprovassem as missões.

Às vezes, chamávamos os oficiais de "funcionários temporários" porque os víamos durante alguns anos e depois

eles eram transferidos, pois tinham subido mais um degrau na carreira. Pulavam de um cargo para outro e nunca ficavam num mesmo lugar tempo o bastante para criar vínculos como os que existiam entre seus subordinados. Por outro lado, nós costumávamos ficar muito mais tempo numa mesma equipe. Jay foi o quarto oficial a assumir o comando do meu esquadrão desde que eu tinha entrado.

"Acho que ele está ocupadíssimo ultimamente", disse o cara do jardim.

Fiquei surpreso, já que tínhamos estado de licença durante as três últimas semanas. Depois de uma temporada, a maior parte dos rapazes preferia desaparecer. Seria normal para uma pessoa do nível de Jay estar trabalhando no planejamento e na coordenação de futuras missões. Só me pareceu estranho que já estivesse tão ocupado se ainda estávamos em férias.

"Por que você diz isso?"

"Fiz o jardim dele outro dia", disse o cara, entre dois carregamentos de adubo. "Tem alguma coisa importante acontecendo, ele foi para Washington."

"O quê?", perguntei, confuso. "Ele devia ir conosco para o Mississippi daqui a dois dias."

Naquela época, a Primavera Árabe estava a toda. O Egito tinha um novo governo, e pipocavam protestos por todo o Oriente Médio. A Líbia estava em guerra civil, com rebeldes pedindo apoio da Otan. Com focos de conflito na Síria — para não mencionar o Chifre da África e o Afeganistão, que ainda exigiam atenção —, era difícil prever o que poderia estar acontecendo.

Todas as semanas, éramos informados de qualquer ameaça, efetiva ou potencial, que pudesse ocorrer em qualquer parte do mundo. Nosso departamento de inteligência analisava cada região, às vezes com ênfase num ponto em particular, como no caso da Líbia. O relatório normalmente se encerrava com as últimas informações sobre o Afeganistão e o Iraque.

Quanto mais bem informados, mais bem preparados estaríamos.

Não era raro que planejássemos uma operação, fizéssemos ensaios e depois ficássemos à espera da aprovação de Washington. Em alguns casos, como na operação de resgate do capitão Phillips, acabávamos indo. Mas na maior parte das vezes, nada acontecia depois do alerta. Ao longo dos anos, quase todos nós aprendemos a tirar essas coisas da cabeça e focar na tarefa que tínhamos diante de nós, deixando as especulações para outros. Com isso, pelo menos poupávamos energia.

Paguei o homem do jardim e fiquei feliz por ser líder de equipe e não oficial. Os oficiais são mandados de um lado para outro dez vezes mais que nós. De qualquer forma, eu estava pronto para me divertir um pouco no Mississippi.

Essa temporada no Mississippi não foi igual ao período que passei lá quando estava na Equipe Verde. Não tinha de me preocupar com a lista dos cinco piores nem correr o risco de ser mandado para casa por mau desempenho. Passávamos metade do dia no estande de tiro e a outra zanzando pela casa da morte, aperfeiçoando nossas técnicas e nos certificando de que estávamos sincronizados. Tínhamos diversos caras novos na companhia e precisávamos ter certeza de que estavam bem preparados.

Ninguém notou que Jay e Mike (o suboficial do esquadrão, que era o Seal mais antigo da unidade) não estavam lá. Mas as palavras do cara do jardim não me saíam da cabeça. Ficava imaginando o que estaria acontecendo de tão especial em Washington.

Chegamos numa quinta-feira. A caminho do aeroporto, recebi uma mensagem de texto de Mike.

"Reunião 0800."

Mike era grandalhão como Charlie, tinha braços grossos e tórax largo. Era tão antigo no DEVGRU quanto eu na Marinha e,

da mesma forma que Jay, ele não costumava participar das missões.

Na volta, soube que alguns dos outros rapazes tinham recebido a mesma mensagem. Charlie me ligou na noite em que voltei à cidade.

"Recebeu aquela mensagem?", perguntou.

"Sim. Você sabe de alguma novidade? Ouviu alguma coisa?"

"Negativo. Só sei que Walt também recebeu", disse ele. "Acho que é uma lista."

Charlie recitou alguns outros nomes da lista. Não eram equipes inteiras, só caras mais antigos.

"Mal posso esperar para saber do que se trata", eu disse. "Me parece suspeito."

No dia seguinte, cheguei cedo ao comando, vesti minha "farda de trabalho" — um uniforme Crye Precision cáqui para camuflagem no deserto e tênis de corrida Salomon de cano baixo — e joguei o celular na minha gaiola.

A reunião seria feita na sala de conferências de segurança, o que significa: nada de celulares. Essa sala ficava num andar chamado Dependências de Informação Confidencial Compartimentada, ou SCIF, onde se processava informação sigilosa ou ultrassecreta. Usávamos crachás especiais que nos permitiam passar pelas portas de segurança. As paredes revestidas de chumbo impediam o uso de aparelhos eletrônicos.

No interior da sala de conferências, as quatro telas planas estavam apagadas. Não havia fotos ou mapas na parede. Ninguém fazia ideia do que nos esperava. Peguei uma cadeira e sentei-me à mesa redonda que havia no meio da sala. Ali estavam Walt, Charlie e Tom, meu antigo instrutor na Equipe Verde, que fez um aceno com a cabeça quando me viu. Tom era também o antigo chefe de Steve.

Era esquisito não ter Steve ali. Participamos das mesmas missões durante oito anos. Mesmo que aquilo acabasse sendo a perseguição de uma miragem e nos frustrássemos mais uma

vez, era estranho planejar alguma coisa não tendo Steve por perto. Pressenti que quando aquilo não desse em nada, ele riria por último.

Havia quase trinta pessoas na sala, entre membros do Seal, um técnico do EOD e mais dois caras de apoio. Amontoamo-nos ali, Mike se sentou e começou a nos explicar do que se tratava. Jay, o comandante do esquadrão, não estava. Mike parecia pouco à vontade e não deu muitos detalhes.

"Vamos fazer um exercício conjunto de prontidão, e iremos à Carolina do Norte para treinar", disse Mike, distribuindo a lista de equipamentos que devíamos levar. "Não tenho informações detalhadas. Ponham na bagagem o equipamento normal de assalto e saberão mais na segunda-feira."

Dei uma olhada na lista. Não tinha nada fora do comum — armamento, ferramentas e explosivos — ou algo que desse uma pista sobre o que íamos fazer.

"Quanto tempo vamos ficar lá?", perguntou um de meus companheiros.

"Não sabemos", disse Mike. "Partimos na segunda-feira."

"Vamos ter alojamento ou será preciso levar barracas?", perguntou Charlie.

"Terão alojamento e rancho", disse Mike.

Outros caras fizeram perguntas similares, mas Mike encerrou a conversa. Eu havia acabado de erguer a mão para fazer uma pergunta. Tinha curiosidade de saber como nos organizaríamos. Havia muita experiência naquela sala. Os que estavam ali vinham de equipes diversas. Em geral, cada equipe sempre tinha um cara mais novo que levava a escada e a marreta. Mas olhando em volta, só víamos veteranos. Eles estavam formando uma espécie de *dream team*, ou "time dos sonhos".

Assim que ergui a mão, Tom olhou para mim e balançou a cabeça. Baixei a mão. Normalmente, ele não era muito de conversa. Eu era um pouco mais loquaz. Muitas perguntas davam voltas na minha cabeça. O fato de não saber o que

íamos fazer me incomodava, principalmente por achar que poderíamos estar sendo manipulados.

"Vamos cuidar da bagagem", disse Tom, quando saíamos. "Na segunda-feira teremos mais informações."

Todos nós sabíamos o que tínhamos de fazer e qual o equipamento a ser empacotado. Desci para as gaiolas e encontrei um dos meus rapazes.

"Ei, cara", eu disse. "Vou precisar da sua marreta emprestada."

Veteranos levando objetos como uma marreta era uma coisa rara, o que suscitou ainda mais perguntas entre nossos companheiros.

"Pode pegar", disse ele. "Mas por que tenho de ceder minha marreta de novo?"

Fiquei sem saber o que responder.

"Estamos indo para um exercício", expliquei. "Chamaram um punhado de caras para uma reunião, vamos para a Carolina do Norte. Eles dizem que é um exercício conjunto de prontidão."

Não fui mais convincente do que Mike. Meu companheiro só me olhou com cara de "que merda é essa?".

De volta à área de armazenamento do esquadrão, começamos a encher dois ISUS — pequenos contêineres — com o equipamento. Isso nos manteve ocupados durante a maior parte do dia, e na hora de ir embora os contêineres estavam cheios de ferramentas, armas e explosivos.

Enquanto preparávamos a bagagem, mais especulações. Alguns caras acharam que seríamos enviados à Líbia em poucas semanas. Outros apostaram na Síria e até no Irã. Charlie, que parecia estar refletindo sobre todas as perguntas e sobre a falta de respostas, fez o prognóstico mais ousado.

"Vamos pegar UBL", disse.

Como não há uma regra universal para a transliteração do árabe para o inglês, usávamos a grafia escolhida pelo FBI e pela CIA: Usama bin Laden, ou UBL.

“Como é que você sabe?”, perguntei.

“Olhe, quando estávamos perguntando sobre o plano, eles disseram que vamos para um lugar onde há uma base com infraestrutura”, disse Charlie. “Se não vamos precisar daquelas coisas, é porque estamos indo para o Iraque ou para o Afeganistão, um lugar onde haja uma base americana. Eu diria que vamos para o Paquistão, mas que ficaremos nas instalações no Afeganistão.”

“De jeito nenhum”, disse Walt. “Mas se é para lá que vamos, já estive em Islamabad. É o cu do mundo.”

Walt e eu já estivéramos numa perseguição de miragens à procura de Bin Laden e suas túnicas brancas esvoaçantes.

Em 2007, eu estava em minha sexta temporada, trabalhando com a CIA na base operacional avançada Chapman, na província de Khost.

Essa província afegã era um dos lugares onde foram treinados os sequestradores dos aviões que participaram dos atentados contra o World Trade Center e o Pentágono. Sempre havia combatentes da Al-Qaeda e do Talibã na província, cruzando facilmente a fronteira com o Paquistão.

Lá pela metade da temporada, o esquadrão completo, que se encontrava distribuído por numerosas bases em todo o país, foi chamado de volta a Jalalabad. Uma das principais fontes da CIA relatou ter visto Osama bin Laden perto de Tora Bora. Era o mesmo lugar onde forças americanas estiveram a ponto de capturá-lo em 2001.

A Batalha de Tora Bora começou em 12 de dezembro de 2001 e durou cinco dias. Acreditava-se que Bin Laden estivesse escondido num labirinto de cavernas nos montes Brancos, perto do passo de Khyber. O conjunto de cavernas era um refúgio tradicional de combatentes afegãos, e a própria CIA tinha financiado muitas das obras feitas no local durante a

década de 1980 para ajudar os mujahedins a combater a invasão soviética.

Forças afegãs e americanas tomaram posições do Talibã e da Al-Qaeda nessa batalha, mas não conseguiram matar ou capturar Bin Laden. Agora, a fonte da CIA dizia que ele estava em Tora Bora.

"Viram um homem alto, com uma túnica branca esvoaçante, em Tora Bora", disse o comandante. "Ele voltou para lá provavelmente para sua última estada." Tinham se passado seis anos desde o Onze de Setembro. Até aquele momento, não existiam informações confiáveis sobre o paradeiro de Bin Laden. Todos nós queríamos acreditar naquilo, mas os detalhes não eram muito convincentes.

Íamos voar até Tora Bora — que fica na fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão, entre Khost e Jalalabad — e tomar de assalto o lugar suspeito. Na teoria parecia ótimo, mas a operação se baseava nas informações de uma única fonte, o que raramente dá certo. Ninguém confirmou o relato, apesar de dúzias de aviões espiões que voavam dia e noite sobre Tora Bora. A operação foi marcada para poucos dias depois de nossa chegada, mas sempre era adiada.

A cada dia vinham com uma nova desculpa.

"Estamos esperando os bombardeiros B-1."

"Os Rangers ainda não estão em posição."

"As Forças Especiais estão indo para a área com unidades afegãs parceiras."

Parecia que cada general do Afeganistão queria tirar uma casquinha da operação. Foram mobilizadas unidades de todas as forças. Na véspera do lançamento da operação, Walt e eu fomos chamados ao centro de operações.

"Alguma coisa aconteceu, vocês dois vão trabalhar com o PakMil, as forças armadas paquistanesas", disse o comandante. "Se encontrarmos fujões a caminho da fronteira, vamos precisar de vocês ao lado dos paquis para coordenar posições de bloqueio."

“Devemos levar nosso equipamento?”, perguntei.

“Sim. Levem todo o equipamento operacional. Provavelmente entrarão em ação com os paquis.”

Uma vez em solo, recebemos ordens de deixar Walt em Islamabad, porque os paquistaneses só permitiam que um de nós fosse com eles. Como eu era o mais experiente, a tarefa coube a mim. Um oficial da inteligência e um técnico em comunicações foram comigo.

Passei a maior parte da semana num pequeno centro de comando, instalado num edifício de concreto em forma de U. Estudava as transmissões dos aviões não tripulados que davam voltas sobre Tora Bora e monitorava o rádio.

Na noite em que cheguei ao Paquistão, a Força Aérea começou os bombardeios que prepariam o caminho para a equipe de assalto aéreo. Meus companheiros pousaram nas montanhas de Tora Bora e começaram a vasculhar a área em busca de Bin Laden e seus combatentes.

Frequentemente, eu chamava o PakMil ao centro de comando para mostrar as informações dos aviões espiões. Certa vez, os aviões detectaram algo que parecia um acampamento perto da fronteira. Consegui distinguir barracas e homens armados patrulhando a área. Os homens, ao que parece, não usavam uniforme, mas os oficiais do PakMil disseram que era um posto da alfândega.

Eu estava numa posição incômoda, já que não sabia se podia confiar nos oficiais do PakMil. Cada um vinha com uma história diferente, e eu ficava ali, tentando dar sentido aos dados. O oficial da inteligência não ajudava, e eu me sentia como um político tentando contentar meus anfitriões e meus chefes do outro lado da fronteira.

Depois de dias nessa corda bamba, o PakMil encerrou minha participação porque a operação acabou sendo uma furada. Não havia fujão nenhum. No dia seguinte voltamos para casa. Em Islamabad, encontrei-me com Walt. Ele estava pronto para voltar ao Afeganistão.

O saldo de tanto tempo e esforço foi, em essência, o bombardeio de montanhas desertas e, para meus companheiros, uma semana de acampamento. Não havia rastro do homem de túnica branca esvoaçante. Uma semana depois voltamos ao Afeganistão, e passamos a nos referir a operações frustradas como "túnicas brancas esvoaçantes".

O exercício de treinamento na Carolina do Norte se anunciava como mais uma missão furada.

Mas até a segunda-feira eu não saberia de nada. Infelizmente, precisei ficar mais um dia em Virginia Beach, razão pela qual a equipe toda partiria antes, sem mim. Eu esperava que o atraso não me custasse o lugar na equipe, se por acaso a coisa fosse verdadeira. Deixei claro a Mike que eu podia cancelar os meus planos e viajar com a equipe.

"Não se preocupe", disse Mike. "Venha na terça de manhã."

Na tarde de segunda-feira, comecei a mandar mensagens de texto a Walt e Charlie, na esperança de conseguir alguma informação. Os dois responderam praticamente a mesma coisa:

"Corra para cá."

Eles teriam dito se aquilo fosse uma bobagem. A falta de resposta significava que era sério. Não consegui dormir.

Levantei-me na terça antes de o dia clarear. Em alta velocidade debaixo de uma chuva torrencial, tive de fazer força para dirigir mais devagar. Eu sabia que alguma coisa importante estava prestes a acontecer, e não queria derrapar na estrada e acabar batendo a caminhonete em alguma árvore.

As duas horas de viagem pareceram oito.

Finalmente, por volta das sete da manhã, passei pelo portão da base de treinamento e pelo guarda. Do lado de fora, o lugar parecia inocente, a não ser pelos tapumes afixados na cerca para evitar que de fora se visse o interior.

Dei-lhe meu nome, que estava numa lista, peguei meus crachás laminados e fui para o edifício onde estava o resto da equipe. Deixei a janela do carro aberta depois de passar pelos

guardas. A base ficava no meio de um bosque de pinheiros. A chuva da manhã fazia o perfume das árvores ficar mais forte.

Eu estava três horas adiantado, mas não me importava. Já tinha um dia de atraso. Não ter chegado antes me incomodava tanto quanto não saber de nada. Não ia dar para esperar até o fim da manhã para começar. Eu precisava recuperar o tempo perdido.

Uma pista única de cimento conduzia a um portão. O caminho era ladeado por barreiras de madeira com três metros de altura, o que impossibilitava ver qualquer coisa dentro do complexo. Empurrei o portão e me dirigi para o estacionamento diante de dois prédios de concreto de dois andares da década de 1970.

Assim que saltei, vi meus companheiros passando dentro de um dos edifícios. Dei uma buzinada e estacionei numa vaga próxima. Eles pararam e esperaram por mim. Caía uma chuva fina, corri para dentro.

"Chegou cedo", disseram eles. "Acabamos de tomar café. A que horas você pegou a estrada?"

"Cedo", eu disse, e fui direto ao assunto. "O que está acontecendo?"

Queria uma explicação imediata.

"Está preparado?", disse um deles, sorrindo. "UBL."

"Tá de sacanagem."

Charlie tinha acertado logo no início. Eu não conseguia acreditar. Agora, o papo do cara do jardim fazia sentido. Jay estava em Washington ajudando a planejar a operação.

"É isso, UBL", disse um dos rapazes. "Foi encontrado."

"Onde?", perguntei.

"Paquistão."

# 10

# O Marchador

Fui levado para uma sala de conferência que servia de centro de operações.

Havia laptops e impressoras instalados em mesas dobráveis. Mapas do Paquistão pendiam numa parede, incluindo os de uma cidade chamada Abbottabad. Todos os móveis eram de imitação de couro, precariamente estofados e com braços de metal. Sofás e poltronas tinham sido empurrados para junto das plantas de plástico, a fim de acomodar o equipamento.

Não havia ninguém na sala, além de alguns caras da CIA trabalhando em silêncio. Tentei gravar mentalmente mapas e fotografias, mas era informação demais. Eu ainda não conseguia acreditar que tivessem achado Osama bin Laden.

As pistas de que dispúnhamos nunca foram boas. Ele era como um fantasma pairando sobre a guerra. Todos nós sonhávamos em participar da missão para matá-lo ou capturá-lo, mas ninguém pensava nisso seriamente. Só tendo muita sorte. Sabíamos que era uma questão de estar no lugar certo, na hora certa, e ao entrar no centro de operações naquela quinta-feira senti que estávamos chegando lá. Em vez de utilizarem uma unidade já formada, eles selecionaram os mais experientes do regimento.

Mike entrou e nos viu analisando o organograma. Havia vinte nomes na lista, incluindo um especialista em descarte de material bélico explosivo. Um intérprete e um cão adestrado para combate, chamado Cairo, completavam a equipe.

“Ali é um terp da agência”, disse Mike. “Terp” era a forma abreviada de intérprete. Havia também quatro reservas para o caso de alguém se ferir durante o treinamento. “Arranjamos tudo em quatro equipes, e pus seu nome como um dos quatro chefes.”

Tom também estava na lista como chefe de equipe.

“Você estará no Chalk Um na infiltração”, disse Mike. “Sua equipe é responsável pela casa de hóspedes, C1, ao sul.”

C1 era a designação da casa de hóspedes, uma estrutura separada da casa principal, onde era mais provável que Bin Laden morasse. Chalk Um e Chalk Dois referiam-se aos dois helicópteros que transportariam as quatro equipes de assalto aéreo na missão.

Notei que Charlie e Walt também estavam no Chalk Um, mas em outra equipe. A missão fora organizada de tal modo que os dois helicópteros tinham a mesma capacidade. Chalk Um correspondia exatamente a Chalk Dois. Na minha equipe havia um oficial que interviria se o pássaro de Jay caísse. Mike, nosso suboficial, era parte da minha equipe, mas, assim que aterrissássemos, ele dirigiria os deslocamentos e nos manteria dentro do cronograma.

A disposição do alvo ainda era pouco familiar. Na parede, vi um diagrama que mostrava a propriedade e seus muros em forma de seta. Eu sabia que a casa de hóspedes era uma missão periférica; estaria mentindo se dissesse que não queria participar da equipe encarregada de ir para o telhado do prédio principal, chamado A1. Se tudo saísse como planejado, eles seriam os primeiros a entrar no terceiro piso, onde supunha-se que Bin Laden morava. Mas tinha de me concentrar na parte que me cabia. Havia muita coisa a fazer e eu simplesmente me sentia feliz por fazer parte da missão.

“Positivo”, eu disse, examinando o organograma. “Will vai voltar para isto?”

Will completava minha equipe. Tinha sido designado para o regimento coirmão do nosso, já baseado em Jalalabad, no

Afeganistão. Will — que aprendera a falar árabe por conta própria — poderia se comunicar com a família de Bin Laden.

"Você se encontrará com Will em J-bad", disse Mike. "Tenho uma reunião agora, mas dê uma olhada em nossa maquete. Eles gastaram um bocado de dinheiro. Os outros devem voltar do café da manhã daqui a pouco."

Saí do centro de operações e dei uma volta pelo prédio, tomando meu café. Nosso equipamento estava espalhado pelo chão num quarto perto do vestíbulo. Havia estojos Pelican com armas abertos num canto. Rádios carregando a bateria enfileiravam-se na outra parede, perto de sacos de ferramenta. Uma impressora de gráficos estava enfiada num canto. Entupindo outro canto havia quadros brancos e cavaletes, com blocos de anotações.

Encontrei a maquete da propriedade de Bin Laden do lado de fora, perto das portas da sala de instrução principal. Ficava sobre uma base de compensado quadrada com cada lado medindo um metro e meio. Era feita de espuma; havia uma caixa de madeira maciça, protegida por cadeados no canto da sala. Era para cobrir a maquete, quando não estava sendo usada.

A maquete mostrava a casa de Bin Laden com incrível riqueza de detalhes, incluindo as arvorezinhas do pátio e os carros na entrada da garagem e na rua que passava pelo lado norte do conjunto. Mostrava também onde ficavam os portões e portas de acesso, as caixas-d'água no teto, e até o arame farpado que corria pelo topo do muro. Um gramado cobria o pátio principal. Até as casas vizinhas e os campos eram representados quase nos mínimos detalhes.

Entre goles de café, estudei a maquete.

A propriedade de quatro mil metros quadrados ficava na rua Kakul, num bairro residencial de Abbottabad. A cidade, ao norte de Islamabad, capital do Paquistão, era chamada assim em homenagem ao major britânico James Abbott. Ali está sediada a academia militar do Paquistão.

Meus companheiros de equipe ainda tomavam seu café da manhã, por isso a maquete estava à minha disposição. Eu queria começar logo, mas ainda tentava acabar de assimilar as informações. Finalmente íamos pegar Bin Laden.

Osama bin Laden nasceu em 10 de março de 1957, em Riad, na Arábia Saudita. Foi o sétimo de cinquenta filhos. O pai, Mohammed Awad bin Laden, era um bilionário da construção civil, e a mãe síria, Alia Ghanem, foi sua décima mulher. Bin Laden mal conheceu seu pai. Eles se divorciaram quando ele tinha dez anos. A mãe voltou a se casar, e Bin Laden foi criado com quatro meios-irmãos.

Na escola secundária em Jidá, na Arábia Saudita, Bin Laden aderiu a um grupo de estudos islâmicos que memorizava todo o Alcorão. Nessa época, foi influenciado pelo Islã fundamentalista e deixou crescer a barba, como o profeta Maomé.

Bin Laden casou-se com uma prima quando tinha dezoito anos. Tiveram um filho em 1976, o ano de sua formatura em administração pública na Universidade Rei Abdulaziz em Jidá.

Quando a União Soviética invadiu o Afeganistão em 1979, Bin Laden mudou-se para Peshawar, no Paquistão, cidade que depois seria anexada ao Afeganistão. Dizia que era seu dever de muçulmano lutar contra os invasores soviéticos. Construiu acampamentos e treinou mujahedins, às vezes com ajuda dos Estados Unidos. Quando a guerra acabou, em 1989, Bin Laden voltou para a Arábia Saudita, mas desgostou-se com o governo monárquico, que considerava corrupto. Em 1992, manifestou-se publicamente contra o governo saudita e foi banido para o Sudão.

Um ano depois, formou a Al-Qaeda, que quer dizer “a fundação” ou “a base” em árabe. Seu objetivo era dar início a uma guerra contra os Estados Unidos, para unir os muçulmanos e criar um único país árabe no Oriente Médio.

A guerra contra os Estados Unidos começou em 1996, quando a Al-Qaeda bombardeou um caminhão na Arábia Saudita, matando soldados americanos. Sob pressão da comunidade internacional, o governo sudanês exilou Bin Laden, que fugiu para o Afeganistão em busca de proteção dos talibãs.

Em 1998, a Al-Qaeda ficou conhecida por seus atentados a bomba contra embaixadas dos Estados Unidos no Quênia e na Tanzânia. Os ataques mataram quase trezentas pessoas. Depois desses atentados, o USS *Cole* foi bombardeado no porto de Áden, em 2000. Mas os golpes mais decisivos foram os quatro ataques de Onze de Setembro de 2001. Seus seguidores mataram quase três mil civis em Nova York, em Washington D.C. e na Pensilvânia. Quando as forças de Coalizão depuseram os talibãs em 2001, Bin Laden passou a viver escondido, depois de quase ser capturado em Tora Bora, no Afeganistão.

Nos dez anos seguintes, forças da Coalizão, incluindo as dos Estados Unidos, tinham caçado Bin Laden na fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão. Fora os rumores de 2007, a inteligência sempre acreditara que UBL estaria escondido no Paquistão.

Meus companheiros de equipe começaram a voltar do café da manhã. Eu ainda estudava a maquete quando Tom entrou na sala. Ele era um dos chefes de equipe no Chalk Um e a responsabilidade de sua turma era desobstruir o primeiro andar do prédio principal, chamado A1.

“Eles o chamam de o Marchador, porque é capaz de andar horas seguidas. Estão sempre o vendo por ali”, disse Tom, apontando para o pátio do lado leste do conjunto. “De acordo com a inteligência, ele caminha pelo jardim para se exercitar de vez em quando. Acham que o Marchador é UBL.”

Walt e Charlie chegaram em seguida. Ambos estavam sorrindo com alegria.

“E aí?”, eu disse a Charlie. “Como o encontraram?”

“Um de seus mensageiros”, ele respondeu. “Há dois sujeitos que trabalham para ele.”

No dia anterior, a CIA tinha explicado a meus companheiros sobre a “Estrada para Abbottabad”, em resumo, sobre como acharam Bin Laden. No centro de operações, havia muitos folhetos com informações coletadas sobre a região e sobre o líder da Al-Qaeda. Enquanto esperávamos os outros voltarem do café, comecei a ler as instruções finais. Eu estava atrasado um dia e queria me atualizar, antes que o planejamento começasse para valer.

Fontes públicas confirmaram depois que a propriedade, próxima à academia militar do Paquistão, fora construída em 2005 e avaliada no valor de quase um milhão de dólares. Era muito maior que as outras casas no entorno, e não tinha telefone nem internet. Os muros eram mais altos no lado sul para impedir que as pessoas olhassem para dentro do pátio. Esses muros bloqueavam a vista do segundo e do terceiro piso. Além disso, as janelas desses andares eram escurecidas para que ninguém visse o que se passava ali dentro.

Não havia indícios de que o Marchador tivesse qualquer contato fora da propriedade. Os moradores queimavam o próprio lixo e tinham pouquíssimo contato com os vizinhos.

Sabia-se que um dos moradores era Abu Ahmed al-Kuwaiti.

A CIA obteve informações sobre Ahmed al-Kuwaiti depois do interrogatório de um homem chamado Mohammed al-Qahtani, cidadão saudita que, supostamente, seria o vigésimo sequestrador em Onze de Setembro de 2001. Agentes da imigração o impediram de entrar nos Estados Unidos em agosto de 2001 por acharem que pretendia imigrar ilegalmente para o país. Investigadores descobriram depois que Mohammed Atta, um dos líderes do complô, esperava-o no aeroporto de Orlando naquele dia.

Mandado de volta para Dubai, Qahtani foi capturado na Batalha de Tora Bora em dezembro de 2001 e levado para a

prisão na baía de Guantánamo, em Cuba. Quando ficou comprovado que suas impressões digitais eram as mesmas do homem barrado pela imigração, os interrogadores puseram mãos à obra durante meses em 2002 e 2003.

Qahtani acabou contando que Khalid Sheikh Mohammed, que planejou os ataques de Onze de Setembro, foi quem o enviou aos Estados Unidos. Também admitiu ter se encontrado com Bin Laden, recebendo treinamento de terrorista, e identificou um homem chamado Ahmed al-Kuwaiti como um dos mensageiros e auxiliares mais confiáveis do líder. Khalid Sheikh Mohammed, nessa época também prisioneiro dos americanos, admitiu conhecer Al-Kuwaiti, mas ressaltou que o mensageiro não fazia parte da Al-Qaeda.

Até que, em 2004, Hassan Ghul foi capturado. Ghul era mensageiro e agente da Al-Qaeda. Contou a funcionários da seção de inteligência que Al-Kuwaiti era íntimo de Bin Laden. Quando os interrogadores voltaram a interrogar Khalid Sheikh Mohammed sobre o assunto, ele minimizou o papel de Al-Kuwaiti. O sucessor de Mohammed, Abu Faraj al-Libi, capturado pelos paquistaneses em 2005, disse aos interrogadores que havia um bom tempo não via Al-Kuwaiti. Como tanto Mohammed quanto Al-Libi deram pouca importância à função de Al-Kuwaiti, analistas de inteligência começaram a achar que ele talvez estivesse com o terrorista.

A CIA sabia que Al-Kuwaiti e o irmão, Abrar Ahmed al-Kuwaiti, de trinta e três anos, tinham trabalhado para Bin Laden no passado. A agência começou a rastrear Ahmed al-Kuwaiti no Paquistão, na esperança de que ele os levasse primeiro ao irmão e depois a Bin Laden em pessoa.

Então, durante uma ligação para a família em 2010, interceptada pela CIA, um dos parentes lhe perguntou o que fazia. A maior parte do tempo, Al-Kuwaiti foi esperto e guardou segredo sobre quem o empregava. Mas, quando o parente perguntou em que estava trabalhando, Al-Kuwaiti respondeu: “Fazendo o que fazia antes”.

A resposta sutil ajudou a CIA a ligar alguns pontos e ofereceu um bom pontapé para a operação. Todas as provas eram indiretas, mas era tudo de que se dispunha para seguir em frente.

A CIA começou a seguir Ahmed al-Kuwaiti, observando sua conduta. Os agentes notaram que ele dirigia um caminhão branco com a imagem de um rinoceronte na capa do pneu sobressalente. Com o tempo, a agência seguiu o caminhão até a propriedade em Abbottabad, representada na maquete.

Pelas estimativas da CIA, Bin Laden morava no terceiro andar do A1, o prédio principal. O filho, Khalid, vivia no segundo. A CIA acreditava que ainda moravam ali pelo menos uma ou duas mulheres e cerca de dez crianças. Era comum que houvesse crianças nos alvos que atacávamos, portanto estávamos muito familiarizados com essa questão.

Jay e Mike tinham ajudado a planejar a missão em Washington, em suas linhas gerais, mas cabia a nós cuidar dos detalhes e pôr o plano à prova. Sabíamos de nossas capacidades melhor do que ninguém, e uma vez que nos incumbiram de executar a operação, nós também teríamos papel crucial no planejamento.

Reunimo-nos em volta da maquete, e Jay e Mike começaram a explicar em que fase estava o planejamento. Como eles já estavam envolvidos nisso havia mais tempo, as linhas gerais do plano estavam definidas.

"Voamos para X", disse Jay. "Chalk Um desce no pátio."

Indo para o lado sul da maquete, Jay apontou para a casa de hóspedes, chamada de C1.

"Mark, você e sua equipe são responsáveis por C1", disse Jay. "Sua equipe vai diretamente para a casa de hóspedes. O atirador cobre a garagem e se instala no telhado. Vocês ocupam C1. Ahmed al-Kuwaiti vive na casa com a mulher e os filhos.

Quando terminarem, vocês seguem para dar apoio à equipe de Tom no A1, se for preciso."

Os outros atacantes no Chalk Um, chefiados por Tom, se separariam e seguiriam para o A1.

"Charlie e Walt vão para a porta norte do A1 e esperam", disse Jay. "Eles acham que o Marchador costuma usar essa porta. A estimativa da CIA diz que provavelmente existe uma escada em espiral que leva para seus aposentos no terceiro andar."

Tom e sua equipe se deslocariam em direção à porta sul, e entrariam para desobstruir o primeiro andar. Supunha-se que o irmão do mensageiro, Abrar Ahmed al-Kuwaiti, vivia ali com a família. Dependendo do que Tom visse lá dentro, sua equipe atravessaria até a porta norte ou deixaria Charlie e Walt entrarem. Se não pudessem passar, sairiam e dariam a volta até a porta norte.

"Não temos ideia de como as coisas são lá dentro, fora a suspeita de que a casa é dividida em duas áreas de residência", disse Jay. "Por isso, Charlie e Walt manterão posição até que Tom lhes diga que está tudo desimpedido e que podem penetrar."

Enquanto isso, o segundo helicóptero — transportando Chalk Dois — deixaria uma equipe de cinco pessoas ao norte da propriedade, com a função de cuidar da segurança externa. Dois atacantes e o CAD, o cão de assalto em combate, patrulhariam o perímetro da propriedade. O cão seria usado para encontrar qualquer um que tentasse escapar. Os outros dois atacantes e o intérprete se posicionariam perto do canto nordeste da propriedade, para lidar com possíveis circunstantes ou com a polícia local.

Esse trabalho de segurança externa era, a rigor, uma das mais perigosas posições da incursão. Se ficássemos tempo demais no alvo, eles teriam que lidar com as primeiras reações, muito provavelmente a polícia, e com a ameaça de forças militares que porventura aparecessem. Embora não fosse uma missão

glamorosa, era absolutamente essencial, e poderia acabar sendo a mais dinâmica.

"Depois que nossa segurança externa descer, o helicóptero sobe e fica parado em cima do A1 e os outros atacantes descem no telhado, seguem para a varanda do terceiro andar e invadem o terceiro piso."

Se as informações da inteligência estivessem corretas, e tudo saísse como planejado, essa seria a equipe que teria mais probabilidade de encontrar Bin Laden primeiro.

Na última parte da reunião, Jay e Mike examinaram detidamente o plano de carregamento. Finalmente designaram as "*pro words*" — palavras que fazem as vezes de outras — da operação. Na prática, *pro words* são mensagens encapsuladas numa palavra que transmitem informações de maneira eficiente. Isso reduziria ao mínimo a troca de mensagens por rádio, tornando mais confiável a transmissão de informações. Para essa missão, escolhemos *pro words* com um tema ligado aos índios americanos.

"UBL é Gerônimo", disse Jay.

A reunião de instrução levou mais ou menos uma hora; Mike e Jay foram embora quando terminou.

"Agora cabe a vocês descobrirem furos", disse Mike. "Jay e eu estamos examinando isso há semanas. Vocês chegaram ontem. Quero que vejam com calma, analisando absolutamente todos os detalhes."

Tentávamos jamais nos apaixonar por um plano, porque isso prejudica o rigor.

A primeira coisa que tentamos fazer foi descobrir uma forma alternativa de chegar ao alvo. Ninguém queria voar direto para X. Tínhamos deixado de agir assim havia anos. Ficaríamos mais à vontade se descêssemos perto e seguíssemos por terra até a propriedade. Com o passar dos anos, nossas táticas evoluíram e nos tornamos tão sorrateiros quanto possível, preservando o elemento surpresa até o último segundo.

As equipes de reconhecimento e tocaia estudaram imagens de satélite à procura de zonas de desembarque num raio de quatro a seis quilômetros do alvo, mas nenhuma das rotas parecia boa. A propriedade ficava numa área residencial. Todas as zonas de desembarque eram próximas demais de áreas urbanas, o que faria com que tivéssemos de andar pelas ruas da cidade. O risco de comprometer a infiltração era muito alto. No fim, voar direto para X era o menor dos dois males. Seria intenso, mas rápido. Não poderíamos correr o risco de comprometer tudo durante a patrulha a pé.

Amontoadas em cantos separados do centro de operações, as equipes se reuniram individualmente para planejar sua parte. Além do equipamento pessoal, fizemos a lista de material conjunto — escada de mão, marreta, explosivos.

"Vou precisar da escada para subir no toldo da garagem", disse o atirador. A escada dobrável era pesada e incômoda. "Mike disse que escorregará pela corda com ela nas costas para que eu possa dar melhor segurança."

Posicionamos dois atiradores de elite, um em cada porta do Chalk Um, para nos dar cobertura enquanto descíamos pela corda para a propriedade. Não queríamos ninguém com um AK-47 atirando contra nós enquanto escorregávamos pela corda.

"Como Will não está aqui para protestar, ele fica com a marreta", eu disse, rindo. "Eu levo duas cargas de invasão e um conjunto de torqueses."

Uma carga de invasão era uma tira de explosivos de duas polegadas de espessura. A carga tinha uns trinta centímetros de comprimento, com uma tira de adesivo para prender na porta. Uma vez ativada, explodia em três segundos, e geralmente abria a porta destruindo o mecanismo da fechadura.

A meta de cada equipe era a autossuficiência. A última coisa que alguém queria era precisar pedir ajuda a outra equipe por falta de equipamento adequado.

Uma mulher da Agência Nacional de Inteligência Geoespacial, uma loura de trinta e poucos anos, cuidava dos mapas e das imagens de satélite para nós. Fornecia qualquer detalhe — maior ou menor.

Ajoelhando-me para olhar a maquete, estudei a porta que levava à casa de hóspedes.

"Essas portas na C1 abrem para dentro ou para fora?", perguntei-lhe.

Ela voltou com a resposta poucos minutos depois.

"Porta dupla de metal", disse ela. "Abre para fora."

Foi assim a semana inteira. Se tínhamos alguma pergunta, eles tinham a resposta. Sabiam dizer onde o Marchador andava, quem mais vivia na propriedade, que portões estavam trancados ou destrancados e até mesmo onde costumavam estacionar os carros. Dispunham de uma quantidade imensa de fotografias tiradas por aviões não tripulados e por satélites. Havia pouca coisa que não soubessem a respeito do entorno da propriedade.

Em Washington, o presidente Obama e seus assessores ainda discutiam diferentes opções. O presidente ainda não descartara o assalto terrestre. Até então, só tínhamos autorização para planejar e treinar. A Casa Branca ainda examinava a opção de usar a Força Aérea, um intenso ataque aéreo com bombardeiros B-2 Spirit para destruir a casa.

O secretário de Defesa Robert Gates era a favor do ataque aéreo, pois evitaria que forças terrestres americanas entrassem no Paquistão e tornaria a missão menos ofensiva à soberania do país.

Os Estados Unidos não tinham um grande histórico operacional no que dizia respeito a incursões de tropas especiais como a que estávamos planejando. Desde a Operação Garra de Águia, ordenada pelo presidente Jimmy Carter para resgatar cinquenta e dois americanos mantidos em cativeiro na embaixada dos Estados Unidos em Teerã, no Irã, era muito

complicado submeter tropas a situações de alto risco num país soberano.

Durante a execução de Garra de Águia, um dos seis helicópteros que voavam para uma base auxiliar no Irã antes do ataque deparou-se com uma violenta tempestade de areia, e chocou-se contra um MC-130E carregado de combustível. O incêndio destruiu as duas aeronaves e matou oito militares. A missão, uma das primeiras operações conduzidas pela Força Delta, foi abortada. Garra de Águia redundou em desastre, e contribuiu para a derrota de Carter na reeleição.

A opção do ataque aéreo exigiria trinta e duas bombas inteligentes de duas mil libras. A barragem duraria um minuto e meio e a cratera penetraria no solo pelo menos dez metros, para o caso de a propriedade ter um bunker. A probabilidade de danos colaterais era alta, e a de encontrar restos mortais identificáveis depois de uma destruição desse porte era baixa.

Se a missão fosse realizada com ataque aéreo ou com incursão rápida o governo iria querer provas de que Bin Laden tinha sido morto. O assalto era arriscado, mas o ataque aéreo trazia complicações extras.

Poucos dias depois que chegamos à Carolina do Norte, vimos o Marchador pela primeira vez.

Em pé diante de uma tela de computador, assistimos a imagens da propriedade filmadas por aviões não tripulados. Eram em preto e branco, com poucos detalhes. Consegui distinguir o prédio principal e o pátio na parte nordeste da propriedade.

Depois de alguns segundos, vi o Marchador aparecer no vídeo. Parecia uma formiga. Não havia como ver claramente seu rosto, nem mesmo ter ideia da estatura. Mas vimos que saía pela porta norte e andava pelo pátio descrevendo um trajeto oval no sentido dos ponteiros do relógio. Um toldo

provisório foi armado para escondê-lo, mas só cobria uma parte do jardim.

"Ele faz isso por horas", disse um dos analistas da agência. "Eu o vi passar por homens trabalhando, mas jamais os ajuda. Limita-se a andar."

Às vezes andava acompanhado de uma mulher e de uma criança. Nenhum deles parava para fazer qualquer tipo de serviço. Quando um veterinário veio cuidar de uma vaca que vivia no pátio, eles a levaram a outro local para ser tratada.

"Achamos que mudaram a vaca de lugar porque não querem que ninguém veja aquele lado da propriedade", disse o analista. "É prova indireta, mas parece que estão escondendo alguém. Vejam isto."

Assistindo a um vídeo gravado em outro dia, vimos a propriedade, e então, do lado direito da tela, um helicóptero paquistanês a sobrevoando.

"De onde veio?", perguntei.

"Um helicóptero militar paquistanês Huey", disse o analista. "Não temos muita certeza de onde, mas está saindo da academia militar."

Fitamos a tela esperando ver se alguém na propriedade reagia. Não vimos o Marchador correr para um carro e fugir. Pensamos imediatamente a mesma coisa: ele estava acostumado a ouvir helicópteros.

"Talvez a gente consiga acesso antes que eles entendam o que está acontecendo", disse Charlie.

Com a missão planejada, iniciamos o treinamento.

O Black Hawk começou a descer em picada sobre a floresta de pinheiros da Carolina do Norte e parou sobre a propriedade. De onde estava, sentado com as pernas para fora da porta esquerda do helicóptero, vi a maquete em tamanho natural da propriedade de Bin Laden. Aninhada numa remota parte da base, a propriedade foi construída para treinamento, em escala real, usando compensado, cerca de alambrado, e contêineres.

Escorregando pela corda, desci no pátio e segui para as portas duplas da C1. Ao redor de mim, os companheiros de equipe corriam para seus objetivos. Com o barulho dos motores era difícil falar, mas depois de três dias de treino não precisávamos mais nos preocupar com isso. A missão inteira já tinha sido internalizada. Fora algumas conversas pelo rádio, o sistema estava mudo. Todos sabiam qual era o seu trabalho. Tínhamos anos de experiência e tudo transcorreu sem percalços. Esse alvo não era nem um pouco mais complicado do que centenas de outros que tínhamos atacado ao longo dos anos.

Os ensaios eram feitos menos pelo treinamento e mais para mostrar à Casa Branca que seríamos capazes de cumprir a missão.

O nível de detalhes da maquete era impressionante. A equipe de construção da base tinha plantado árvores, cavado uma vala em volta da propriedade, e até amontoado terra para simular os campos de batata que cercavam o conjunto no Paquistão.

Depois de alguns ensaios, perguntamos se podiam acrescentar a varanda do terceiro andar e mudar alguns portões de lugar, para simular melhor a disposição da propriedade original.

Antes do treino seguinte, as mudanças foram feitas.

A equipe de construção nunca perguntava por que nem dizia não. Simplesmente aparecia e fazia as alterações pedidas. Nunca nos trataram assim. A burocracia desaparecera. Se precisássemos de algo, conseguíamos. Ninguém nos fazia perguntas. Era muito diferente do que tínhamos sido obrigados a enfrentar no Afeganistão.

O único buraco negro na propriedade de treinamento eram os interiores. Não fazíamos ideia de como a casa era por dentro. Mas não era uma grande preocupação. Tínhamos anos de experiência em combate, e podíamos aplicá-los a esse problema. Não duvidávamos de que teríamos êxito; só precisávamos chegar lá.

Parado na porta do contêiner que simulava a C1, dei uma espiada dentro antes de entrar. No dia do ataque, eu não faria ideia se Ahmed al-Kuwaiti estaria armado, ou se usaria um colete suicida. Esperávamos que todos os homens — Bin Laden, Khalid e os dois irmãos Kuwaiti — se defendessem.

Depois de treinar a melhor hipótese, começamos a ensaiar os imprevistos que podiam acontecer. Em vez de descer no pátio, pousamos fora dos muros e invadimos a propriedade a partir de lá. Também ensaiamos a perseguição de fujões, para o caso de alguém sair correndo do alvo antes do assalto.

Cada contingência foi praticada à exaustão. Nunca treináramos tanto na vida para um objetivo particular, mas agora era fundamental. A missão era clara, mas a preparação extra nos ajudava a sincronizar movimentos, já que vínhamos de diferentes equipes.

Depois dos últimos ensaios, nos reunimos no centro de operações. Jay estava lá com as últimas instruções.

"Vamos para casa, depois, na segunda-feira, seguimos para o oeste, para outra semana de treino e um perfil completo da missão", disse ele.

Levantei a mão.

"Alguma palavra oficial sobre a aprovação?"

"Nada", disse ele. "Ainda esperando Washington."

Olhei para Walt. Seus olhos reviraram. Era o mesmo que tínhamos experimentado na operação de resgate do capitão Phillips: andar depressa para ter que esperar depois.

"Aposto que não iremos", disse Walt quando saímos.

Voamos para a outra etapa de treinamento na manhã de segunda-feira. Na quinta, quase duas semanas depois de recebermos a tarefa, fizemos o ensaio geral.

Toda a equipe e todos os planejadores se reuniram num imenso hangar da base. No chão havia um mapa da parte oriental do Afeganistão. Um grupo de VIPs, encabeçado pelo

almirante Mike Mullen, chefe da Junta de Chefes de Estado-Maior, pelo almirante Eric Olson, comandante do Comando de Operações Especiais em Tampa, e por um antigo comandante do DEVGRU, sentou-se com o vice-almirante Bill McRaven em estandes perto do mapa.

McRaven já tinha sido comandante em todos os níveis dentro da comunidade de operações especiais, incluindo o DEVGRU. Ele me impressionou. McRaven, o almirante de três estrelas no topo do JSOC, era alto, magro e distinto. Quase todos os almirantes eram velhos e fora de forma, mas McRaven ainda parecia capaz de fazer o que se esperava dele. Sabia como lidar com seus iguais e tinha um bom entendimento dos meandros políticos de Washington.

Íamos executar o que se chamava comumente de "ensaio final", e tudo, dos corredores de voo para helicópteros à maquete da propriedade, estava no mapa no piso do hangar. O narrador que lia um roteiro começou a reunião de instrução de uma hora e meia sobre a Operação Lança de Netuno.

Os pilotos foram os primeiros a falar. Ensaiaram todo o trajeto do voo de Jalalabad à propriedade em Abbottabad. Falaram a respeito de chamadas de rádio, assim como de imprevistos que poderiam surgir durante o voo.

Finalmente, cada chefe de equipe de assalto se levantou e fez um resumo de suas tarefas individuais.

"Minha equipe vai descer do Chalk Um para o pátio, vamos desobstruir e garantir o C1, e voltar para dar apoio de reserva ao resto das equipes no A1", eu disse.

A maioria das perguntas dos VIPS era sobre a equipe de perímetro. Havia muita preocupação em saber como nossa segurança externa lidaria com possíveis circunstantes.

"Qual é o seu plano se encontrarem pela frente a polícia ou os militares?", perguntaram ao chefe da equipe.

"Vamos desinflar a situação até onde for possível", disse ele. "Primeiro usando o intérprete, depois o cão, e depois um laser visível. Em último caso, usaremos a força."

Perto do fim, alguém perguntou se a missão era de captura ou de morte. Um advogado do Departamento de Defesa ou da Casa Branca salientou que não era para ser assassinato.

"Se estiver nu, com as mãos para cima, ninguém deve entrar em conflito com ele", disse o advogado. "Não sou eu quem vai lhes dizer como devem fazer seu trabalho. O que estamos dizendo é que, se ele não representar uma ameaça, os senhores deverão apenas detê-lo."

Depois da reunião de instrução, entramos nos helicópteros e decolamos para o ensaio final. Íamos assaltar uma maquete da propriedade, para que os VIPS assistissem. Era o último obstáculo. Eu sabia que era uma etapa necessária, mas a sensação de ser observado dessa maneira era estranha. Era como se estivéssemos num aquário. Mas todos nós concordávamos que se fazer isso nos levaria a conseguir a aprovação, o inconveniente valia a pena.

A um minuto do alvo, o chefe da tripulação abriu a porta e eu pus as pernas para fora.

Agarrado à corda, vi alguns VIPS perto do alvo olhando para nós com óculos de visão noturna. Quando o helicóptero parou sobre o local de descida pela corda, os rotores levantaram uma tempestade de pedras e poeira, golpeando os VIPS e obrigando-os a correr na direção oposta. Ri comigo mesmo ao ver algumas mulheres tropeçarem em seus saltos altos.

O ensaio acabou sem nenhuma dificuldade.

"E aí, acha que vamos receber o sinal verde?", perguntou Charlie.

"Cara, não faço ideia", eu disse. "Não conto muito com isso."

No dia seguinte, todos estavam sérios no voo de volta. Estávamos prontos para partir. Mas não podíamos fazer nada além de esperar.

# 11

# Para matar o tempo

O sol já estava caindo quando mostrei minha identidade para o guarda na entrada de nossa base em Virginia Beach. Ele viu meu adesivo quando cheguei perto e acenou para que eu entrasse. Passei por uma longa fila de carros com pessoas indo para casa.

Eu tinha chegado cedo demais para o voo, com algumas horas de antecedência, mas estava cansado de esperar. A semana em casa fora longa. Quando passava o tempo demais em casa acabava ficando inquieto. Era Páscoa, e liguei para meus pais para dar notícias. Pusemos os assuntos em dia, mas não pude contar o que realmente estava fazendo. Enquanto o resto dos Estados Unidos coloria ovos de Páscoa, nós estávamos diante do maior segredo de nossa vida.

Depois do ensaio final no oeste, tudo dependia de os políticos em Washington tomarem uma decisão. Fizemos mais uma viagem à Carolina do Norte para uma última revista, passo a passo, da propriedade, antes de voltar e descobrir que finalmente tínhamos recebido ordem de seguir para Jalalabad, no Afeganistão.

Mas ainda estávamos céticos. Ninguém deu pulos de satisfação; cada um digeriu a notícia à sua maneira, e foi cuidar da vida. Pelo menos estávamos um pouco mais perto.

Estacionei minha caminhonete e peguei a mochila. Vi que alguns companheiros se dirigiam para o quartel-general. Tenho certeza de que os mesmos pensamentos passavam pela cabeça de todos nós.

“Caramba, não acredito que tenham aprovado mesmo.”

Acho que a maioria ainda imaginava que não havia como aquilo, de fato, se concretizar. Em certo sentido, é um mecanismo de defesa. Se cancelassem no último minuto, não ficaríamos tão desapontados.

“Qual é! Só acredito quando estivermos voando”, disse Walt, entrando comigo no saguão do edifício.

“Mas se realmente estão nos mandando para lá, acho que isso pode mesmo acontecer”, eu disse.

Transferindo-nos, corria-se o risco de haver mais e mais vazamentos. O restante do nosso grupo especial definitivamente sabia que alguma coisa séria estava acontecendo. Mesmo um movimento de tropas tão reduzido poderia causar congestionamentos quando um grupo de operadores passasse por Bagran num rodízio não programado.

Dentro da sala da equipe, alguns faziam um lanche de última hora antes do longo voo. Outros simplesmente ficavam por ali, conversando. Todos nós vestíamos jeans e camisa, nosso traje de viagem rotineiro. Parecíamos um grupo saindo em férias. Se carregássemos tacos de golfe em vez de fuzis e dispositivos de visão noturna, poderíamos ser confundidos com um time de jogadores profissionais.

Além do meu equipamento para a incursão, eu levava pouca bagagem: uma muda de roupa, nécessaire de banho e chinelo de dedo. Não íamos ficar muito tempo. O plano era voar para lá, passar dois dias nos aclimatando e executar a missão na terceira noite.

Não demorou para que os ônibus nos levassem da base para um aeroporto próximo. Na pista havia um imenso avião C-17 Globemaster cinza. Tinha os motores ligados enquanto a equipe da Força Aérea fazia a checagem de preparação para o voo. Os mecânicos de helicóptero já estavam a bordo. Perto dali, analistas da Agência de Segurança Nacional e da CIA conversavam.

Sentamos e nos sentimos à vontade por estar num lugar onde já tínhamos estado muitas vezes. Era sempre assim quando íamos entrar em ação. Dentro da aeronave, o equipamento e as ferramentas da tripulação dos helicópteros estavam presos por correias ao piso. Havia filas de bancos junto às paredes. Joguei minha mochila no chão e peguei minha rede de náilon verde. Enquanto procurava um lugar para armá-la no compartimento de carga, vi meus companheiros em busca de um lugar confortável para esticar o corpo, éramos especialistas em tornar o voo o mais confortável possível.

Armei minha rede entre as travas de dois contêineres. Outros ocuparam lugares em cima dos contêineres ou no espaço aberto entre os bancos e a carga. Alguns companheiros encheram colchões infláveis. Eu era um dos poucos que usavam rede. Nós a recebíamos para missões na selva, mas eu gostava de usá-la para evitar contato com o piso frio.

Tínhamos pela frente um voo de nove horas até a Alemanha, e, depois de uma pequena pausa, mais oito horas até Bagran. Dormir o máximo possível durante o voo era essencial.

A tripulação da Força Aérea nos mandou voltar para os assentos e afivelar o cinto antes da decolagem. O único assento vago era ao lado de Jen, uma analista da CIA. Apertei o cinto de segurança, e senti o avião taxiar para a cabeceira da pista. Minutos depois, aceleramos e rapidamente ganhamos altura. Quando acabamos de subir, alguns tiraram suas pílulas para dormir e se acomodaram para o longo voo.

Eu não estava cansado e puxei conversa com Jen. Conhecera-a na Carolina do Norte, mas desde que tínhamos começado a planejar a operação nunca mais conversáramos direito. Eu estava curioso para saber o que ela achava de tudo, pois era uma das principais analistas que tinha nos ajudado a caçar Bin Laden.

"Honestamente", perguntei a Jen, "quais são as chances de ser ele mesmo?"

"Cem por cento", ela respondeu, em tom quase desafiador.

Recrutada pela agência na faculdade, ela vinha trabalhando na missão Bin Laden nos cinco anos anteriores. Analistas faziam rodízio na missão, mas ela persistiu. Depois do telefonema de Al-Kuwaiti, trabalhara para montar o quebra-cabeça. Perdi a reunião de instrução conduzida por ela no primeiro dia, na qual Jen explicou como seguiram a pista até Abbottabad. Nas semanas transcorridas desde então, ela tinha sido a analista que procurávamos para esclarecer todas as questões de inteligência relacionadas ao nosso objetivo.

Tínhamos ouvido a estimativa de "cem por cento" no passado, e isso sempre me dava uma pontada no estômago.

"Cuidado com conversa fiada", eu disse. "Quando nosso pessoal de inteligência diz que a chance é de cem por cento, o mais provável é que seja dez. Quando diz dez por cento, é mais provável que seja cem."

Ela sorriu, sem recuar.

"Não, não. Dessa vez é cem por cento."

"Cem por cento como em 2007", eu respondi.

Como eu, ela se lembrava de 2007, quando tínhamos sido levados a caçar o sujeito de túnica branca. Jen revirou os olhos e franziu a testa.

"Não era uma boa pista", disse ela, embora a pista tivesse vindo de uma fonte da CIA. "Aquela situação mudou muito rápido."

Era bom ouvir a CIA assumir alguma parte da culpa, embora pudesse, por assim dizer, responsabilizar outros pelo fiasco. Aquela missão foi prejudicada pelo problema típico de todo mundo querer participar e tomar crédito. As diferenças entre 2007 e agora eram visíveis, o que dava mais credibilidade a nossa missão.

Jen não tinha nenhum receio de manifestar sua opinião até mesmo para os mais altos oficiais, incluindo o vice-almirante McRaven. Desde o início ela deixara claro que não era favorável a opção de assalto terrestre.

“Às vezes o chefe do JSOC é o grande gorila da sala”, disse ela. “Eu gostaria de poder simplesmente apertar um botão e lançar-lhe uma bomba.”

Era uma atitude típica fora do JSOC. Havia muitos detratores do Comando de Operações Especiais Conjuntas, não apenas nas Forças Armadas, mas também na agência. Nem todos confiavam em nós, porque não nos conheciam.

“Não se policie”, eu disse. “Nos ame ou nos odeie, agora você está no círculo de confiança. Estamos todos juntos nisto.”

“Você quer dizer o clube dos meninos?”, disse Jen. “Vocês só apareceram na hora de jogar a grande partida.”

Ela estava certa. A operação era sua criatura. Jen e sua equipe passaram cinco anos seguindo a pista de UBL, para nos levar ao ponto em que nos encontrávamos agora. Só estávamos ali para finalizar o serviço.

“Vocês fizeram a parte mais árdua do trabalho para nos trazer até aqui”, respondi. “Mas estamos muito felizes por ter nossos trinta minutos de diversão.”

“Admito que vocês não são de maneira nenhuma como eu esperava”, disse ela.

“Como eu disse, agora você está no círculo.”

Estava escuro quando descemos em Bagram. Taxiamos até um ponto longe dos terminais principais da base, a rampa abriu, e vimos um avião a hélice C-130 com a rampa abaixada e as hélices girando. Bagram é a principal base da Otan no norte do Afeganistão. Essa base imensa, pouco ao norte de Cabul, expandiu-se e hoje é do tamanho de uma pequena cidade. Milhares de soldados e fornecedores civis consideram-na sua casa. Houve alguns combates perto de Bagram. A rigor, o lugar tornara-se tão seguro que o único perigo era ser multado por excesso de velocidade nas ruas da base, ou por não usar cinto refletor à noite. Se ficássemos em Bagram, mesmo por um curto período, seria difícil guardar segredo.

Ainda bem que íamos para Jalalabad. A pista lá era tão curta que não comportava o C-17. O JSOC tomou providências para

que o C-130 fosse nos buscar. Não queríamos correr o risco de ir para o terminal principal de Bagram, ou para o refeitório, e sermos vistos. Uma tropa inteira aparecendo ali provocaria indagações.

Juntando nossa bagagem, e espantando os efeitos dos remédios para dormir, saímos em silêncio pela traseira do C-17 e fomos direto para o C-130.

Enquanto nos acomodávamos nos assentos de náilon laranja dobráveis pendurados na parte da frente, equipes de terra da Força Aérea prendiam três contêineres com nosso equipamento na traseira da aeronave. A rampa foi recolhida e partimos para um voo de uma hora até a base em J-bad.

Os bancos do C-130 eram desconfortáveis. Quem se senta na fila do meio precisa contar com o apoio do sujeito sentado atrás, ou afunda esmagando as costas. Se viajar estirado numa rede num C-17 era a primeira classe num voo militar, um C-130 era a cadeira do meio da classe econômica.

Aterrissar num C-130, mesmo em pista pavimentada, é desagradável porque sacode demais. As rodas ficam perto da fuselagem, e é como aterrissar sobre patins. Pior ainda, o barulho dá a impressão de que a própria barriga do avião bateu na pista. Segurei-me na barra enquanto o avião taxiava e parava no terminal principal. O chefe da tripulação baixou a porta, e vimos que havia ônibus esperando para nos levar até o recinto do JSOC.

O aeroporto de Jalalabad está localizado a poucos quilômetros da fronteira paquistanesa. Sede de numerosas unidades americanas — incluindo uma força do JSOC — a base é a principal área de estacionamento de aeronaves que operam no noroeste do Afeganistão.

Maior do que os postos avançados que se espalham pelos vales ao longo da fronteira, Jalalabad é parte do Comando Regional do Leste, e é de J-bad que unidades da área fronteiriça recebem seus suprimentos e sua correspondência. Abriga cerca de mil e quinhentos soldados, além de numerosos

fornecedores civis. As Forças de Segurança Afegãs ajudam a protegê-la.

A pista de pouso divide a base ao meio. Soldados vivem do lado sul do aeroporto. A área do JSOC tinha refeitório, ginásio, centro de operações e várias barracas de compensado. O recinto era sede dos Rangers do Exército, do DEVGRU e do pessoal de apoio.

Quase todos nós tínhamos ido a J-bad mais de dez vezes a serviço. Passar pelo portão era como entrar em casa.

"Qual é, irmão?", disse Will quando chegamos.

Ele já tinha ouvido falar que faríamos parte da incursão, e estava ansioso para conhecer o plano.

Depois de guardar o equipamento, nos encontramos no fogareiro. Em temporadas anteriores, nosso pessoal tinha construído o buraco de tijolo e argamassa, que se tornara, na verdade, a pracinha da base. A cada nova missão acrescentávamos alguma coisa, até o pátio parecer uma espécie de república de estudantes. Sofás baratos comprados na cidade viviam cheios de sujeitos tomando café, fumando charuto, ou simplesmente falando besteira. O rodízio dos sofás era tão frequente quanto o nosso. Eram fabricados no Paquistão, e o estofamento de má qualidade das almofadas não aguentava ossaturas de noventa quilos por muito tempo.

Os Seal que já estavam em Jalalabad foram informados do plano enquanto voávamos. Tinham ouvido rumores de que alguma coisa estava rolando, mas ninguém sabia dos detalhes até a reunião de instrução que fizemos na base.

Por falar árabe, Will fora o único membro de seu esquadrão selecionado para ir conosco. Seus outros companheiros seriam a força de contra-ataque, ou QRF, embarcada em dois helicópteros CH-47, e esperariam para ajudar se a equipe na propriedade tivesse alguma dificuldade. Estavam incumbidos também de estabelecer um ponto avançado de reabastecimento

aéreo (FARP) ao norte da propriedade. Usando os volumosos helicópteros CH-47, basicamente ônibus escolares voadores, a QRF levaria bexigas infláveis para combustível, a fim de que os Black Hawks com as equipes de assalto pudessem obter gasolina para o voo de volta a Jalalabad.

"Você viu a maquete?", perguntei a Will.

Entramos na sala de reuniões de instrução perto do centro de operações e abri os cadeados. Will me ajudou a levantar a tampa de madeira maciça.

"Nossa! Que beleza", disse ele, debruçando-se para olhá-la com mais atenção.

Will era a própria imagem do Seal. Tinha pouco menos de um metro e oitenta de altura e físico enxuto. O que o tornava diferente era o fato de que aprendera árabe sozinho. Era extraordinariamente perspicaz e profissional, um homem de poucas palavras.

As equipes Seal eram uma comunidade muito unida. Parecia estranho virmos executar essa missão quando todos sabiam que o esquadrão já posicionado poderia fazê-lo tão bem quanto nós. A única razão para terem nos incumbido dessa missão era estarmos disponíveis para realizar os ensaios capazes de convencer as autoridades responsáveis na Casa Branca de que esta era a melhor opção. Todos os esquadrões do grupo especial eram intercambiáveis. Em resumo, estávamos no lugar certo na hora certa.

"Vamos lá, então, me faça um resumo rápido", disse Will.

"Tudo bem. Estamos no Chalk Um", eu disse. "Nosso pássaro será o primeiro a se aproximar pelo sudeste e ficar em posição aqui." Apontei para o pátio. "Vamos descer e desobstruir este prédio, que chamamos de C1".

Era mais ou menos o de sempre, e Will não levou muito tempo para se atualizar. Durante algumas horas, repassamos todo o plano e todas as contingências. Contei-lhe dos ensaios. Aquele foi o primeiro contato de Will com o intensivo planejamento a que o resto de nós vinha se dedicando havia

semanas. Passar três semanas ensaiando era incomum. Tipicamente, no Afeganistão ou no Iraque, ao receber uma missão, a planejávamos e a executávamos em poucas horas.

O pessoal do nosso quartel-general continuava a trabalhar nas linhas gerais e na coordenação. Com nosso equipamento pronto, tudo o que tínhamos a fazer era esperar.

Via de regra, a maioria de nós sofria de transtorno de déficit de atenção, ou pelo menos era o que gostávamos de dizer de brincadeira. Éramos capazes de nos concentrar, mas não por muito tempo. Esperar era a pior parte. Walt sempre me criticava com afinco. Eu não conseguia sequer assistir a um filme sentado.

Como todo mundo, todos nós tínhamos método na hora de arrumar o equipamento. Tudo era conferido e reconferido. Todas as baterias de meus dispositivos de visão noturna e a laser eram novas. Meus rádios ficavam o tempo todo nos carregadores. Tudo era organizado. Botas e meias ao lado do uniforme dobrado. O estojo, um colete com duas placas balísticas e cartucheiras e o equipamento ficavam junto do H&K 416 ao lado da cama.

Eu não tinha pressa para organizar meu equipamento, mas lá pela meia-noite — para nós hora de almoço —, ainda nos sobravam algumas horas. Em tempo ocioso assim, íamos para o ginásio. Alguns preparavam café, mas não café instantâneo — café passado na cafeteira French Press. Um sujeito trouxe um estojo Pelican com cafeteira, moedor, e cafés de tantos tipos que fariam o Starbucks corar de inveja. Eu cheguei quando ainda estavam preparando. Uma xícara podia levar uma hora. Primeiro moíam os grãos, para depois passarem o café. Com grande cuidado, ferviam a água, e iam sentar-se perto do fogo. Era parte de um ritual, e o tempo dedicado ao café significava menos alguns minutos esperando pela missão. Cada um tinha seu jeito de matar o tempo. Ainda faltavam dois dias para a operação Bin Laden, se a aprovação se mantivesse.

No dia seguinte, fui com Will e dois companheiros ao hangar para ver os pilotos. Já tínhamos trabalhado com as tripulações do 160º Regimento de Aviação de Operações Especiais durante nossos ensaios.

Só trabalhávamos, quase exclusivamente, com o 160º. Para nós, eram os melhores pilotos do mundo.

Teddy, um homem baixo, de cinquenta anos, e cabelo cortado rente, era o piloto que levaria Chalk Um. Ele nos esperava à porta do hangar. Andamos em volta do Black Hawk e mostramos a Will o plano de carregamento. Antes de ir embora, falamos sobre contingências.

"Se as coisas saírem mal e tivermos de fazer um pouso de emergência, farei o que puder para baixar naquele pátio aberto a oeste", disse Teddy.

Nós o chamávamos de pátio Eco, e era a maior área aberta da propriedade. Teddy, piloto experiente, sabia que se seu helicóptero fosse atingido por fogo inimigo, ou sofresse uma avaria, aquele pátio seria sua melhor opção.

"Mas não se preocupe", eu disse. "Já tivemos a nossa cota de desastres. Se alguém vai sofrer um acidente, será Chalk Dois."

Eu nunca sofrera um acidente aéreo, mas sete dos doze Seal do meu helicóptero já tinham se envolvido em algum tipo de desastre. Apenas dois homens do Chalk Dois podiam afirmar o mesmo. Dizíamos, brincando, que a lei da probabilidade manteria nosso pássaro no ar.

A oportunidade favorável para o lançamento da missão estava chegando. Na semana seguinte a lua iluminaria mais a região. As condições só voltariam a ser tão boas dentro de um mês. Além disso, quanto mais tempo adiássemos, maior a preocupação com vazamentos. Nas três semanas desde que começáramos a planejar, o número de pessoas que tinham conhecimento da operação aumentara exponencialmente.

O JSOC acelerava sua atividade. McRaven estava no Afeganistão, o que em si não era novidade, mas o fato de que se dirigia a J-bad causaria certo burburinho. Um coronel dos Rangers, que chefiava operações diárias a partir de nosso centro de comando em Bagram, teve de ser posto a par da missão. Com isso, o número de pessoas que sabiam o que estava acontecendo só aumentava.

Em Washington, a grande preocupação parecia ser a confiança nas informações obtidas pelos serviços de inteligência. Diferentemente de Jen, seus colegas analistas tinham apenas sessenta por cento de certeza de que Bin Laden vivia na propriedade.

No Afeganistão, ignorávamos as excessivas preocupações de Washington. Tínhamos reuniões de instrução diárias. Aviões não tripulados sobrevoavam a propriedade para vigiá-la. Também precisávamos combater a "fada das boas ideias". A fada aparece quando o pessoal do quartel-general tem tempo livre de sobra. Essencialmente, o que acontece é que oficiais e planejadores começam a sonhar hipóteses fantasiosas, irreais, com as quais podemos ter de lidar nas missões.

"Agora querem que a gente leve um megafone para controle de multidão", disse o chefe de equipe encarregado da segurança externa. "Isso está no mesmo nível da luz de carro de polícia."

O pessoal do quartel-general tinha aventado a possibilidade de a equipe de segurança externa instalar uma luz intermitente no teto de um dos carros de Bin Laden, que seria levado para fora da propriedade e se passaria por um veículo policial.

"Aí eu disse: 'Senhor, quer dizer que a gente vai simplesmente empurrar o carro para fora? Não temos as chaves'", disse o chefe de equipe. "E se o volante travar? Além disso, que equipe terá tempo para tirar um carro da garagem e empurrá-lo até a esquina da rua? E não nos esqueçamos de que passaremos a ter uma luz intermitente da polícia dando maior visibilidade à nossa posição."

“Qual é a cor da luz da polícia no Paquistão?”, perguntei.

“Não faço ideia”, disse ele. “Foi minha pergunta seguinte. Depois ficamos meia hora discutindo sobre Ali.”

Ali era o intérprete da CIA na segurança externa. Falava pachto, língua usada naquela área.

“A fada das boas ideias quer que ele fique à paisana. Ele vai ficar entre mim e um atirador da SAW. Estamos fardados, portanto que importância tem?”

A lógica venceu as duas batalhas. Não levaríamos uma luz intermitente de polícia e Ali usaria farda.

Questões desse tipo sempre aparecem quando os planejadores resolvem cuidar dos detalhes. A CIA pediu que levássemos uma caixa de vinte e sete quilos para bloquear sinais de celular. Peso já era um problema, e essa “boa ideia” morreu logo. Se fosse possível recuperar o tempo que perdemos combatendo a fada, talvez recuperássemos também alguns anos de vida.

Na segunda noite, sentei-me perto do fogareiro e tomei um café com Charlie e Walt. O debate do dia era sobre onde se deveria alvejar Bin Laden.

“Tentem não acertar o filho da puta no rosto”, disse Walt. “Todo mundo vai querer ver a foto.”

“Mas se estiver escuro e eu só puder ver a cabeça, não vou esperar para que ele detone um colete suicida”, disse Charlie.

“Serão as fotos mais vistas de todos os tempos”, eu respondi. “Se tiverem chance, tudo o que digo é: atirem no peito.”

“Mais fácil falar do que fazer”, disse Walt.

“Lembre-se de mirar alto”, eu disse. “Pois com a sua altura você não passa dos testículos dele.”

Já tínhamos decidido que no cinema o papel de Walt ficaria com Elijah Wood, que não era mais alto que um hobbit de J.R.R. Tolkien.

Designar atores para o filme sobre a missão Bin Laden era uma brincadeira sem fim. Quem faria o papel de quem na versão hollywoodiana da missão? Ninguém seria interpretado por Brad Pitt ou George Clooney. Mas tínhamos um ruivo na equipe, que certamente seria interpretado por Carrot Top. Pelo menos Walt ia ficar com Frodo, não com um comediante de segunda.

"Sabe que se isso sair mesmo, Jay vai ganhar sua estrela", eu disse.

Todo mundo sabia que, para os oficiais — como Jay —, se o ataque tivesse êxito se tornaria um marco. Muito provavelmente Jay chegaria a almirante. Para os praças, não teria significado algum; era apenas mais um serviço.

"E vamos reeleger Obama, com certeza", disse Walt. "Já posso vê-lo falando como matou Bin Laden."

Já tínhamos visto algo parecido antes, quando ele ficou com o crédito pelo resgate do capitão Phillips. Embora devêssemos aplaudir as autoridades responsáveis, ninguém tinha dúvida de que Obama ficaria com todo o crédito político também por essa missão.

Sabíamos que isso era maior do que nós e maior do que a política partidária. Talvez os oficiais e os políticos se beneficiassem, mas isso não diminuía a nossa vontade de fazê-lo. Era assim que funcionava. Nossa recompensa era fazer o trabalho, e não agiríamos de nenhuma outra forma.

Já era quase de manhã quando o fogareiro apagou, e tentamos dormir um pouco. Como operávamos de noite, a maioria da população no recinto do JSOC dormia o dia inteiro.

Tomei duas pílulas para dormir. Ninguém estava conseguindo descansar sem elas. Por mais que nos esforçássemos para que essa missão fosse igual às outras, não era. Só dois dias haviam passado, mas a sensação era de meses.

O terceiro, supostamente, seria o dia de partir, mas o tempo encoberto atrasou nosso início. Nada que fizesse muita diferença para nós. Sempre nos atrasávamos, por isso já era

esperado. Atrasar era melhor do que cancelar. McRaven queria ter certeza de que os aviões não tripulados pudessem vigiar a propriedade, caso Bin Laden saísse quando estivéssemos a caminho, o que o tempo encoberto tornava impossível.

Nossas reuniões de instrução diárias eram realizadas numa sala comprida e estreita, com bancos de madeira feitos a mão colocados no meio, como numa igreja. Na frente da sala havia TVs de tela plana para apresentações de PowerPoint, e para mostrar imagens filmadas por aviões não tripulados ou fotos de satélite.

Para assistir à reunião daquele dia, só em pé. Acomodei-me perto de Charlie, junto ao encosto de um dos bancos. Vi vários Seal do outro esquadrão amontoados em volta da maquete. Examinavam-na com toda a atenção antes das instruções. Era incrível como ela absorvia e prendia a nossa atenção.

Uma parte da reunião foi sobre o que fazer se a missão desse drasticamente errado e as autoridades paquistanesas de alguma forma nos detivessem.

O presidente já nos dera luz verde para que nos protegêssemos, ainda que tivéssemos de entrar em conflito com as forças armadas paquistanesas. Íamos penetrar em território paquistanês, e precisávamos dar uma boa desculpa se fôssemos detidos.

"Tudo bem", disse o oficial. "Eis o que eles imaginaram. Estamos numa missão de busca e salvamento de uma plataforma ISR derrubada", disse ele.

Plataforma ISR é como os militares chamam os aviões não tripulados. Essencialmente, teríamos de dizer aos interrogadores paquistaneses que a Força Aérea dos Estados Unidos tinha perdido um avião.

Risada geral.

"Foi o melhor que conseguiram?", disse alguém no fundo da sala. "Por que não nos dão um megafone e uma sirene da polícia só pra garantir?"

A história era ridícula. Éramos aliados do Paquistão no papel, e, se perdêssemos um avião não tripulado, o Departamento de Estado negociaria diretamente com o governo paquistanês para tê-lo de volta. A história não convenceria ninguém e seria muito difícil sustentá-la durante horas de interrogatório.

Pelo menos podíamos dar boas risadas. Talvez achassem que um pouco de humor nos ajudaria a aguentar. A verdade é que, se chegássemos a esse ponto, nenhuma história que inventássemos justificaria a presença de vinte e dois Seal com vinte e sete quilos de equipamento hi-tech nas costas, um especialista em descarte de material bélico explosivo e um intérprete — num total de vinte e quatro homens —, mais um cão, incursionando num bairro de subúrbio a poucos quilômetros de uma academia militar paquistanesa.

No fim da reunião, o oficial comandante do DEVGRU chegou. Era um capitão de cabelos prateados e bigode, que anos antes perdera uma perna num acidente de paraquedas. Enquanto caminhava para a frente da sala de conferência, mal pude perceber os pequenos trancos que dava por causa da perna mecânica.

O oficial que nos instruía recuou enquanto o comandante tomava a dianteira. As risadas e os murmúrios provocados pela história da explicação que deveríamos dar diminuíram, e a sala ficou em silêncio.

"Tudo bem, pessoal", disse o comandante do DEVGRU. "Eu estava no telefone com McRaven. Ele acabou de falar com o presidente. A operação foi aprovada. Partimos amanhã à noite."

Não houve vibração nem palmas. Olhei de relance para alguns companheiros sentados nos bancos à minha volta. Os sujeitos com quem eu tinha participado de operações, lado a lado, durante anos.

"Puta merda", disse para mim mesmo. "Nunca pensei que fosse realmente acontecer."

Não haveria mais reuniões de instrução.

Não haveria mais fada das boas ideias.

E, acima de tudo, não haveria mais espera.

# 12

# Dia de partir

Não consegui dormir.

Tinha passado as últimas duas horas tentando arranjar uma posição confortável. Mas não encontrei paz no colchão duro nem em minha cabeça. Era o dia de partir, e, agora, não havia como não pensar no significado da missão.

Abri o cobertor de camuflagem pendurado no beliche para me proteger da claridade, pus as pernas para fora e esfreguei os olhos. Depois de três dias tentando não pensar na missão, agora era impossível tirá-la da cabeça. Se tudo saísse como planejado, em menos de doze horas estaríamos escorregando pela corda para descer na propriedade de Bin Laden no Paquistão.

Não me sentia cansado. A única prova de que eu tinha dormido era um recipiente vazio, que antes continha duas pílulas para dormir e um punhado de garrafas cheias de urina. Como vivíamos num alojamento distante, ir ao banheiro mais próximo exigia uma caminhada de uns cem metros. Eu guardava garrafas vazias de água ou Gatorade para urinar. Era uma prática comum. Ligávamos as lanternas de cabeça e nos aliviávamos sem nem acordar direito.

Sentia-me renovado fisicamente, mas mentalmente estava excitado. Não nervoso, mas inquieto. A rotina de nos apressarmos com as missões e depois ter de esperar aprovação me irritava. Estava feliz apenas porque a espera praticamente acabara.

Tentando não fazer barulho, porque alguns companheiros ainda dormiam, esgueirei-me do beliche e me vesti. Dava para ouvir o vago ronco dos outros em seus quartos. Peguei os óculos escuros, e saí da barraca para a luz do dia. O sol me atingiu como uma cacetada. Era como deixar um cassino em Las Vegas depois de jogar a noite toda.

Precisei de um segundo para me adaptar, mas logo o sol do fim da tarde me fez bem e comecei a andar pelo refeitório. Olhei meu relógio. Para o pessoal do recinto — que, como nós, obedecia o horário de vampiro — era como se fosse de manhã.

Para o resto da base, era a metade de um dia de trabalho. O rugir constante de helicópteros compunha a trilha sonora. Enquanto eu andava, passou um caminhão sugador de bosta depois de limpar um conjunto de banheiros portáteis no acampamento. O pungente cheiro químico de desinfetante encheu o ar.

Baixei a cabeça e fui andando no cascalho até o primeiro portão. Cada unidade mudava a combinação ao chegar. Pesquei no bolso um pedaço de papel com o código. Minha cabeça ainda estava devagar por conta dos remédios para dormir. Digitando os algarismos, tentei virar a maçaneta.

Não funcionou.

Precisei tentar três vezes para conseguir sair, mas finalmente estava a caminho.

"É só conseguir chegar ao café da manhã", pensei.

Eu tentava retomar o mandamento que me guiou na Equipe Verde. Sabia que se só pensasse na missão teria um colapso. O único jeito de sobreviver era passar o dia indo de uma refeição para outra. Horas antes da maior missão da minha carreira, eu só pensava em chegar ao café da manhã.

Era o êxito passo a passo.

No refeitório, lavei as mãos num jato de água fria. O cheiro de comida gordurosa de lanchonete era tão forte que impregnava a roupa. O refeitório ainda tinha decorações de antigas festas coladas na parede de concreto. Um pôster dos anos 1970 com os quatro grupos de alimento, já bem

desbotado, ocupava a maior parte do quadro de avisos, ao lado do cardápio do dia.

Dei uma examinada nos longos bufês de aço inoxidável. Atrás de cada um, de avental e chapéu, havia um civil pronto para nos servir uma colher de creme de milho ou uma pilha de bacon.

Nada tinha cara boa. O bacon era mais gordura do que carne, além de estar empapado de óleo. Mas eu precisava de energia. Fui direto para a grelha onde havia uma pequena fila. Um cozinheiro atrás da chapa pegava os pedidos na hora. Ele recolheu uma omelete, dobrou-a formando um troço oleoso, e colocou-a no prato do sujeito a minha frente.

"Quatro ovos", eu disse quando ele me olhou. "Mexidos, por favor. Presunto e queijo."

Enquanto o cozinheiro preparava os ovos, peguei torradas e frutas. A seleção era a mesma de sempre, grandes bandejas com melão-cantalupo alaranjado escuro e melão doce de um verde quase químico. Em meu último rodízio, eu tinha visto no refeitório uma caixa com os dizeres: PARA USO EXCLUSIVO NAS FORÇAS ARMADAS OU NAS PRISÕES. Parecia adequado.

Ninguém ingressa nas forças armadas por causa da comida.

Peguei duas fatias de pão e passei-as na torradeira e pus alguns pedaços de abacaxi no prato. O abacaxi eles não conseguiam estragar. De volta à grelha, peguei os ovos e parei para servir-me de aveia e passas numa tigela.

Examinei as mesas arranjadas em longas filas na área de jantar. O murmúrio das conversas, mais a grande tela de TV enfiada num canto e sintonizada num canal de notícias, formavam uma gritaria indistinta. Vi alguns companheiros sentados a uma mesa longe da TV e fui buscar café.

O refeitório era de uso exclusivo do pessoal do JSOC, mas nem todos sabiam da missão.

Enquanto jogava uma pitada de pimenta nos ovos mexidos, balbuciei um alô para meus companheiros, incluindo Charlie e

Tom. Eles responderam à saudação, mas, assim como eu, não queriam conversa. Ficávamos mais à vontade sozinhos, com nossos pensamentos.

"Dormiram bem?", perguntei.

"Sono de merda", disse Charlie.

"Tomou remédio?"

"Dois", disse ele.

"Veja pelo lado positivo, pelo menos estamos nos deliciando com este glorioso café da manhã. É como o bufê do Hotel del Coronado."

O hotel era um dos resorts mais antigos da Costa do Pacífico, não muito longe de onde fizemos nosso BUD/S.

"De fato", disse Charlie. "Isso é o melhor que você consegue imaginar?"

Eu quis ser engraçado, mas era cedo demais. Charlie sempre criticava minhas piadas. Eu sabia que eram horríveis, mas parte da graça estava nisso.

Não falamos mais nada. Não se falou da missão. Não havia mais nada a explorar. A comida não era boa, mas se vissem nossos pratos quando terminamos, ninguém diria isso.

Duvido que algum de nós tenha saboreado o café da manhã. Era só combustível para mais tarde. Depois dos ovos e das frutas, engoli à força a tigela de aveia e bebi o copo de suco de laranja. De volta para o quarto, senti-me entupido. Não sabia quando voltaria a comer.

Os quartos ainda estavam em silêncio quando voltei. Alguns companheiros tentavam dormir até o último minuto, mas eu estava muito excitado. Peguei a escova de dentes e uma garrafa d'água, com cuidado para não me confundir e levar a de urina. Saí para uma área de cascalho lateral onde escovei os dentes e cuspi no chão.

Café da manhã, sim.

Dentes escovados, sim.

De volta ao quarto, enfiei a escova de dentes na mochila.

Eu já tinha estirado meu uniforme de combate Crye Precision Desert Digital em cima da cama. Ele era composto de uma camisa de manga comprida e uma calça cargo. Tinha dez bolsos, cada um com uma função. A camisa era feita para usar debaixo do colete à prova de bala. As mangas e os ombros eram camuflados, mas o corpo da camisa era cor de bronze, de um material leve que absorvia o suor. Eu tinha cortado suas mangas porque estava calor.

Sentado na cama, comecei a me vestir. Nada que fiz depois de vestir as calças era casual.

Cada etapa fora cuidadosamente planejada.

Cada checagem era um jeito de me concentrar, e ter certeza de que não me esquecia de nada.

Eram os mesmos passos de todas as missões anteriores.

Antes de enfiar as calças, conferi novamente cada bolso do uniforme.

Num bolso estavam minhas luvas de assalto e as de couro para escorregar pela corda. O outro bolso tinha baterias extras, um repositor energético e duas barras nutricionais. O bolso do tornozelo direito continha um torniquete extra, e o do esquerdo luvas de borracha e meu kit de proteção SSE.

Num dos bolsos do ombro esquerdo, apalpei os duzentos dólares em cédulas que levava caso precisasse pagar uma passagem ou subornar alguém. Escapar custa dinheiro, e poucas coisas funcionam melhor do que dinheiro americano em espécie. Minha câmera, uma Olympus digital *point-and-shoot*, ia no bolso do ombro direito. Na parte de trás do cinto, eu tinha uma faca de lâmina fixa Daniel Winkler.

Enfiei a camisa, e peguei o kit para inspecioná-lo de novo. As placas balísticas de cerâmica cobriam meus órgãos vitais na frente e atrás. Eu tinha dois rádios montados em cada lado da placa dianteira. Entre os rádios, eu levava três carregadores para o fuzil de assalto H&K 416 e uma granada de fragmentação do tamanho de uma bola de beisebol. Também tinha várias

luzes químicas instaladas na parte da frente do colete, incluindo uma versão infravermelha que só é útil para dispositivos de visão noturna. Quebrávamos as luzes plásticas e as jogávamos em quartos e áreas desobstruídas. As luzes eram invisíveis a olho nu, mas meus companheiros poderiam vê-las com seus dispositivos de visão. Dessa forma saberiam quais eram as áreas seguras.

Minhas torqueses viajavam num bolso das costas, com os dois cabos presos um pouco acima do ombro. No colete estavam presas as duas antenas dos rádios.

Passando as mãos pelo kit, puxei a carga de invasão que prendi com elásticos na parte de trás. Depois dei atenção ao capacete. Pesava cerca de quatro quilos e meio, já com os óculos de visão noturna conectados. Oficialmente era capaz de deter um projétil de nove milímetros, mas havia histórias de capacetes como esse que já tinham detido balas de AK-47. Acendi a lanterna presa ao trilho das laterais do capacete. Era uma lanterna recarregável Princeton Tec. Eu a usara na missão anterior.

Vesti o capacete e baixei os óculos de visão noturna, ou NVGS. Diferentemente dos óculos convencionais, tínhamos NVGS com quatro tubos em vez dos dois costumeiros. Isso nos dava um campo de visão de cento e vinte graus, e não apenas de quarenta. Olhar por NVGS comuns era como olhar através de tubos de papel higiênico. Mas os nossos NVGS nos possibilitavam ver as zonas periféricas com facilidade e davam maior percepção situacional. Quando liguei os óculos de sessenta e cinco mil dólares, o quarto banhou-se de uma tonalidade esverdeada. Depois de alguns ajustes, dava para ver detalhes dos móveis com grande nitidez.

Finalmente, peguei o fuzil. Colocando-o no ombro, liguei a mira EOTech. Instalada atrás dela havia uma lente de aumento de três vezes, que permitia atirar com mais precisão à luz do dia. Apontando para a parede perto do meu beliche, testei o

laser vermelho, visível a olho nu, e baixei os NVGS para testar o laser infravermelho.

Puxando o ferrolho, introduzi um cartucho na câmara. Conferi a pressão empurrando o ferrolho de volta e inspecionando a câmara para ver se o cartucho estava no lugar. Conferi outra vez para ter certeza de que estava travado, e encostei o fuzil de novo contra a parede.

Com o equipamento checado e pronto, puxei um livreto — nosso caderninho de cola para a missão — de um pequeno bolso da frente do colete e o folheei mais uma vez.

A primeira página era um miniguia de coordenadas de referência, ou GRG. Era uma imagem aérea da propriedade com as principais áreas legendadas e as construções numeradas. Todo mundo usava o mesmo GRG, dos pilotos à Força de Reação Rápida, incluindo o pessoal do centro de operações.

Havia uma lista de radiofrequências na página seguinte. A última seção trazia os nomes e as fotos de todo mundo que se supunha morar no alvo. Examinei com atenção as fotos dos irmãos de Al-Kuwaiti, detendo-me mais tempo nele próprio, pois acreditava-se que vivesse na C1. Cada página tinha não apenas fotos, mas estatísticas vitais, como altura, peso e todos os pseudônimos conhecidos. A página final tinha uma foto de Bin Laden e diversas representações projetando a aparência atual dele e do filho.

Já vestido com meu uniforme de camuflagem e com o equipamento preparado, peguei minhas botas Salomon Quest e calcei-as. Eram um pouco mais volumosas do que os tênis de corrida off-road de cano curto que meus companheiros usavam às vezes. Preferi essas botas porque me protegiam os tornozelos, que eu torcia com grande frequência. Eu tinha escalado montanhas na província de Kunar e feito patrulhas nos desertos do Iraque com elas. Todo o meu equipamento era testado e fora cuidadosamente observado em missões anteriores. Eu sabia que tudo funcionava.

Fui atingido por um pensamento quando amarrava as botas. Poderia ser a última vez que eu participava de uma missão. O que íamos fazer agora tinha grande significado. Havíamos nos esforçado para deixar a História de lado. Executávamos nosso trabalho, e aquilo era apenas a próxima missão. Nossa tarefa era assaltar uma casa e capturar ou matar um alvo. Não me importava quem se supunha que fosse, mas, enquanto amarrava os cadarços, ocorreu-me que talvez importasse, sim. Não havia como escapar ao significado que aquilo tinha, e eu queria ter certeza de que os cadarços não iam desamarrar.

Durante a última hora, eu tinha pensado nas tarefas menores. Tudo tinha que ser perfeito. Amarrei a ponta dos cadarços numa laçada dupla e enfiei-as na parte de cima das botas. No meio do quarto, icei o colete de vinte e sete quilos por sobre a cabeça e baixei-o sobre os ombros. Apertei as tiras, basicamente selando-me entre as placas balísticas. Tirei um segundo para ver se conseguia alcançar tudo. Passando a mão por cima da cabeça, peguei os dois cabos da torquês. Apalpei a carga de invasão no ombro esquerdo.

Conectei as antenas dos rádios e pus os "fones ósseos", que encostavam nas maçãs do rosto. Eles me permitiriam ouvir qualquer conversa pelo rádio. Se fosse preciso, eu poderia também colocar um fone de ouvido para eliminar os ruídos ambientes e deixar o som viajar diretamente para dentro do meu canal auditivo.

No ouvido direito, eu ouviria a rede da tropa. Nessa rede, escutaria as comunicações entre os companheiros. O ouvido esquerdo monitoraria a rede de comando, e poderia me comunicar com os outros chefes de equipe e com o quartel-general.

Como chefe de uma equipe, eu precisava de duas redes separadas, mas a realidade é que, para esse objetivo, não haveria muita troca de mensagens na rede de comando. Só os oficiais falariam pelo rádio via satélite, e a maior parte das comunicações radiofônicas sobre o alvo seria feita pela rede da tropa.

Eu tinha verificado tudo o que era preciso. Tomara todas as providências preparatórias para a missão. Dei uma última olhada no quarto, para ter certeza de que não esquecera nada, e rumei para a porta.

O sol se punha. À minha volta, os outros também se preparavam. Falavam pouco, mas dava para ouvir seus movimentos, conferindo o equipamento e fazendo as malas. A porta do edifício dava pancadas regulares no batente, enquanto os rapazes entravam e saíam.

Devíamos estar prontos para revista dentro de poucos minutos. Ouvia-se a batida retumbante de uma banda de metais saindo de alguns alto-falantes. Fui me juntar à equipe, encontramos um lugar e esperamos McRaven aparecer. Ele pedira um tempinho para falar conosco antes da missão.

"Preparado?", perguntei a Will.

Ele fez que sim com a cabeça.

Olhando em volta, vi Walt, Charlie e os outros aguardando com suas equipes. Poucas horas antes ríamos só de imaginar quem faria o papel de cada um de nós no cinema. Agora, todos estavam sérios.

McRaven apareceu sem muito estardalhaço. Quando entrou, nos reunimos à sua volta.

Sua fala concentrou-se no nível estratégico, algo sobre o qual discorria com mais tranquilidade. Não guardei nada do que disse, minha cabeça estava concentrada no que aconteceria dali a pouco. Quando saiu, nos mandaram dar o fora.

"Todo mundo que vai nos Black Hawks deve tomar os ônibus um e dois", ouvi alguém do pessoal de apoio berrar. "Os ônibus três e quatro vão para os 47."

Os ônibus estavam em fila já com o motor ligado. Enfiei-me num banco perto do meio. Will espremeu-se a meu lado. Os ônibus eram velhos e empoeirados. Os bancos de vinil estavam gastos depois de anos transportando militares com seus equipamentos para a linha de voo.

O ônibus mais trotava do que corria. Os choques vinham do peso extra, e cada solavanco subia pelas pernas e pelas costas. A viagem durou poucos minutos, mas pareceu mais longa.

Instantes depois, vi enormes holofotes virados para fora, perto do hangar onde eu sabia que os Black Hawks nos esperavam. Era como se uma estrela tivesse explodido e fosse impossível enxergar dentro do globo de luz. Ouvimos o zunido de um gerador quando saltamos e andamos atrás de uma cerca que circundava o hangar.

Dentro, as tripulações dos helicópteros faziam as últimas conferências. Com o barulho dos rotores era impossível conversar. Escapei para dar uma última mijada. Quando os helicópteros estavam prontos, vi alguns membros da turma de apoio abrir o portão, e os helicópteros saíram.

Fiz acenos de cabeça para alguns sujeitos do Chalk Dois, mostrando-lhes o dedo do meio com um sorriso. Separamo-nos em silêncio. Qualquer coisa que se dissesse seria levada pelo vendaval dos rotores, mas os gestos poderiam dizer o mesmo.

*Vejo você quando aterrissar.*

Não havia mais o que dizer.

Posicionamo-nos nas laterais dos helicópteros. Olhei meu relógio. Tínhamos dez minutos. Achei um lugar na pista de decolagem para me deitar. Descansei a cabeça no capacete e contemplei as estrelas. Por um segundo, apenas relaxei. Finalmente, o chefe da tripulação fez sinal para que embarcássemos.

Fui um dos últimos a subir, pois seria o primeiro a descer pela corda. Depois que todos embarcaram, sobrou um lugarzinho perto da porta, ao lado de Walt e do atirador que nos daria cobertura quando descêssemos. Mesmo espremendo a bunda, estava apertado. Verifiquei se minha arma estava travada. Quando se está espremido num helicóptero, com pouco espaço para se mexer, a última coisa que se deseja é que alguém esbarre sem querer no mecanismo de segurança da arma.

Protegi o capacete no colo, para que os óculos de visão noturna não fossem danificados. Virados para cima, pareciam chifres galhados no capacete.

Quando a porta travou, o helicóptero levantou voo e pairou no ar por alguns segundos, antes de pousar de novo. Então, na hora exata, pulou da pista de decolagem. Senti seu nariz apontado para baixo ao ganharmos velocidade. Quando saímos do campo de aviação, o Black Hawk inclinou-se para a direita e seguiu rumo à fronteira.

A cabine estava escura e atulhada. Eu sentia os joelhos de Walt nas minhas costas quando ele se mexia. O rádio em meu ouvido estava mudo. Uma luz fraca vinha dos controles na cabine, mas nada do lado de fora das janelas. Estava escuro como breu.

Depois de cerca de quinze minutos de voo, a primeira mensagem chegou na rede da tropa.

"Atravessando a fronteira."

"Acho que estamos mesmo fazendo isto", pensei.

Logo, logo comecei a pescar de sono. Já perto de Abbottabad, ouvi pela rede da tropa as primeiras *pro words* dos diferentes pontos de referência. Mas toda vez eu voltava a cochilar.

"Dez minutos."

Isso me sacudiu o sono. Esfreguei os olhos e mexi os dedos dos pés para reativar a circulação. Devo ter dormido mais do que me dei conta, porque o aviso de dez minutos pareceu ter vindo rápido demais. Acho que a maioria dos companheiros no helicóptero aproveitou para pôr em dia o sono atrasado.

"Seis minutos."

Toda a agitação tinha desaparecido e era apenas outra noite de trabalho para nós. Pus o capacete e fechei a correia de segurança do queixo. Baixando os NVGS sobre os olhos, verifiquei o foco. Apertei bem a arma contra o peito para que não ficasse pendurada quando eu escorregasse pela corda, e

conferi a trava de segurança pela última vez. Ainda estava escuro na cabine, mas eu sabia que os demais deviam estar cumprindo com os mesmos procedimentos.

"Um minuto."

O chefe da tripulação abriu a porta. Posicionei a barra do Sistema de Inserção/Extração por Corda Rápida, ou FRIES. A corda foi conectada à barra do FRIES, o que permitiria que descêssemos verticalmente para o chão. Ela estava presa por um pino na base. Passei a mão ao longo dela para ter certeza de que o pino estava no lugar. O chefe da tripulação também conferiu. Dei um forte puxão na corda para verificar se estava bem presa, e pus as pernas para fora da borda do helicóptero.

Agarrei a corda e me inclinei bem para enxergar adiante. Sobrevoamos várias casas com piscinas iluminadas e jardins bem cuidados atrás de altos muros de pedra. Eu estava acostumado com aldeias pobres de cabanas de adobe. De cima, tive a impressão de estar sobrevoando um subúrbio nos Estados Unidos.

Inclinei-me para fora da porta e finalmente pude ver a propriedade. O voo de Jalalabad tinha durado cerca de uma hora e meia, e era bem possível que chegássemos depois da meia-noite. Estava escuro como breu, e nenhuma das casas vizinhas estava com a luz acesa. Parecia que tinha faltado energia no quarteirão inteiro. Blecautes eram comuns naquela área.

O barulho do motor mudou quando o helicóptero começou a rondar a propriedade. Quando chegássemos ao ponto predeterminado para descer, eu poderia jogar a corda. A aeronave oscilava, e era claro que os pilotos estavam com dificuldade para manter a posição. Era como se estivessem brigando com o helicóptero para obrigá-lo a cooperar. Meus olhos corriam do chão para os tripulantes, esperando que o Black Hawk entrasse em voo estacionário.

"VAMOS, VAMOS, VAMOS", era tudo o que se passava na minha cabeça.

Os pilotos nunca tinham dificuldade para pairar sobre um ponto fixo. Havia algo de errado. Todos queríamos desesperadamente sair do helicóptero e ir para o chão.

"Vamos circular", ouvi pela rede da tropa.

"Merda", pensei. "Nem chegamos ao chão e já estamos no plano B."

De repente, o helicóptero deu uma guinada de noventa graus para a direita e senti um vazio no estômago, como se estivesse desabando num declive de montanha-russa. Os rotores gritavam enquanto o Black Hawk usava toda a força que tinha para subir. Mas a cada segundo, o helicóptero chegava mais perto do chão. De onde estava, era como se a propriedade corresse em nossa direção.

Tentei me segurar e escorregar de volta para dentro da cabine. Havia pouco espaço atrás de mim porque meus companheiros de equipe tinham avançado, preparando-se para descer pela corda. Senti a mão de Walt agarrar meu equipamento e me puxar mais para dentro. Sua outra mão se estendeu e agarrou o atirador ao meu lado. Inclinei-me para trás com toda a força. Minhas pernas chutavam o ar enquanto eu tentava colocá-las para dentro. Eu sabia que se elas estivessem expostas quando caíssemos ficariam presas ou seriam decepadas.

Quanto mais nos aproximávamos do chão, mais raiva eu sentia. Cada um de nós havia sacrificado muita coisa para chegar àquele ponto. Todos achávamos que era sorte demais termos sido escolhidos para a missão, e ali estávamos, a um passo da morte, sem que nos fosse dada sequer uma chance de fazer a nossa parte.

"Merda, merda, merda", pensei. "Isto vai doer."

# 13

# Infiltração

Meu corpo estava tenso e meus músculos abdominais agonizavam enquanto eu tentava dobrar as pernas para encostá-las no peito.

Diante da porta aberta, tudo o que eu podia ver era o chão crescendo em minha direção. Helicópteros não são como aviões, que podem planar para executar uma aterrissagem forçada. Quando param de funcionar, desabam do céu como pedra. E ao baterem no chão, as lâminas do rotor desprendem-se, disparando estilhaços e destroços em todas as direções. Sentado na porta, tive medo de que a cabine capotasse, me esmagando debaixo dela.

Eu sentia Walt agarrado ao meu kit, tentando me puxar de volta para dentro da cabine. Por mais que eu tentasse dobrá-las, minhas pernas continuavam do lado de fora.

É difícil descrever a sensação de estar num helicóptero em queda livre. Acho que minha mente não apreendeu exatamente o que acontecia. Passou-me pela cabeça que talvez eu pudesse escapar como um personagem do cartum *Looney Tunes*. Sabem como é, a casa cai do penhasco e o sujeito sai pela porta da frente. Por uma fração de segundo, imaginei que quando o helicóptero batesse e rolasse, eu sairia pela porta e estaria salvo.

O muro que cercava o alvo passou rapidamente, enquanto rumávamos direto para o chão.

O helicóptero fez um giro de noventa graus, e o rotor da cauda quase bateu no muro do lado sul da propriedade. Senti o

pavor pressionando meu peito, enquanto o chão vinha ao meu encontro. Eu não tinha controle algum, e acho que era o que mais me assustava. Sempre imaginei que provavelmente morreria num tiroteio, não num desastre aéreo. Já estava acostumado a contar com a sorte. Sabia dos perigos. Fazia o cálculo de batalha e confiava em minhas aptidões. Mas dentro de um helicóptero eu não podia fazer nada.

Segundos antes do impacto, senti o nariz do aparelho mergulhar. Suspendi a respiração e esperei o choque. O helicóptero estremeceu quando a dianteira cravou no chão, mole como um dardo. Num instante o chão tinha vindo em alta velocidade ao meu encontro. No instante seguinte eu estava totalmente imóvel. Foi tudo tão rápido que nem senti o impacto.

As lâminas não se desprenderam. Em vez disso, os rotores causaram uma ventania no pátio úmido, espalhando poeira e destroços e criando um furacão à nossa volta.

Soprei meu nariz com força e pisquei para tirar a poeira dos olhos. Semicerrando os olhos para me proteger do ataque de pedras e pó, percebi que ainda estávamos a quase dois metros do chão, em ângulo bastante inclinado.

"Cai fora desta porra", berrou Walt para mim, empurrando-me.

Pulei da cabine e caí agachado no pátio. Apesar de carregar trinta quilos de equipamento, não senti o peso ou o solavanco no impacto com o chão. Sem olhar para trás, corri como um velocista olímpico para longe do local da queda. Parando a uns trinta metros de distância, olhei para trás e vi os destroços pela primeira vez.

Quando o helicóptero caiu, a cauda ficou presa no muro de três metros e meio. O cone de carga traseiro segurou o aparelho e impediu que os rotores atingissem o chão. Se qualquer outra parte atingisse o muro, ou se tivéssemos virado e o rotor tocasse o chão primeiro, nenhum de nós teria saído

andando, ileso. Teddy e seu copiloto tinham conseguido fazer o impossível.

Vi meus companheiros de equipe saltarem da cabine e passarem correndo por uma brecha debaixo do helicóptero que ficou preso no muro.

Assim como eles, ao longo da carreira de Seal eu me tornara muito bom em não perder a cabeça em situações de grande tensão, e agora era preciso esquecer a queda. Dois minutos antes eu estava furioso porque íamos cair fora da propriedade, mas agora estávamos vivos, no chão e dentro dos muros. Apesar do quase desastre, a missão prosseguia.

Meus companheiros já rumavam para o portão que levava ao edifício principal. Eu precisava me mexer logo porque, se Charlie ou Walt me vissem ali parado enquanto eles já se deslocavam para suas posições, suas gozações seriam infinitas.

Tínhamos calculado trinta minutos para completar a missão, com base no consumo de combustível dos helicópteros e num possível tempo de reação dos paquistaneses. Tínhamos acrescentado dez minutos de flexibilidade só para garantir. Achei que íamos precisar desses minutinhos extras.

O helicóptero estava empoleirado no muro de um jeito que não me sobrava espaço para passar pela frente sob os rotores. Estava escuro, e mesmo com meus óculos de visão noturna era impossível saber a altura exata em que os rotores giravam. A única maneira de chegar à propriedade seria passando por baixo dos destroços.

"Vou usar explosivo", ouvi Charlie dizer na rede da tropa. Avistei-o no portão do edifício principal preparando a carga.

Com o tronco inclinado para baixo, corri em direção aos destroços. Ao me aproximar, tentei me manter colado ao muro, enquanto passava por baixo do cone de cauda. Um ar quente de escapamento soprava dos motores quando passei. Foi como andar alguns segundos dentro de um secador de cabelo.

Ao sair do outro lado, vi Charlie preparando a carga no portão de ferro trancado. À sua volta havia companheiros com

as armas já em posição, destravando o mecanismo de segurança.

Fui em direção a uma sala de orações perto do portão a fim de me certificar de que estava vazia. A sala tinha uma grande área aberta com grossos tapetes no assoalho e almofadas junto às paredes. Sabíamos, graças à inteligência, que a sala era usada muito provavelmente para receber convidados, o que raramente acontecia. Uma vez verificada, tirei uma luz química infravermelha e atirei-a pela porta para avisar aos outros que o local já estava tomado.

Quando saí de novo, Charlie conferia a área que seria explodida para ter certeza de que ninguém seria atingido por estilhaços. Vi piscar o flash quando Charlie apertou o detonador e saiu rolando do caminho, como já fizera milhares de vezes.

Todos nós abaixamos a cabeça para proteger os olhos. Ninguém ficou apavorado ou nervoso. Finalmente estávamos no chão e, finalmente também, cabia a nós executar o serviço.

A explosão provocou uma onda de choque que abriu um buraco no portão. Charlie foi o primeiro a passar, chutando e arrancando o metal chamuscado para alargar o buraco e podermos entrar. Todos passaram e partiram, às pressas, para fazer sua parte. Apesar de alguns imprevistos, estávamos de novo seguindo o plano original.

Depois de desobstruir o portão, vi de relance o segundo Black Hawk trazendo Chalk Dois. Pela maneira como o helicóptero se movimentava, deduzi que Chalk Dois já tinha baixado a equipe de segurança fora dos muros da propriedade. As dezenas de vezes que treinamos me acostumaram a receber no rosto o vento dos rotores quando o helicóptero entrava em voo estacionário em cima do prédio e as equipes escorregavam pela corda para descer no telhado.

Mas em vez de pairar em cima da casa, o helicóptero desapareceu rapidamente atrás dos muros. Os pilotos deviam ter visto quando caímos, e pousaram para deixar a equipe do lado de fora.

“Não tenham medo de deixar os helicópteros numa posição ruim, e ponham os homens no chão”, reiterou o almirante McRaven numa das últimas reuniões de instrução. “Não importa onde, o essencial é colocá-los no chão em segurança. Eles cuidam do resto.”

Imaginei que o Chalk Dois, depois de ver o que tinha acontecido conosco, preferiu não arriscar descer os homens pela corda no prédio principal. Foi a decisão certa.

Ouvi as primeiras chamadas de rádio repicarem na rede. Eu sabia, pelos planos de contingência, que, se não descessem pela corda, o Chalk Dois seguiria para um portão no lado norte da propriedade.

A caminho do C1, Will ia ao meu lado quando nos aproximamos da porta da frente da casa de hóspedes. O único barulho que denunciava nossa presença era o arrastar das botas no cascalho.

Sabíamos que Ahmed al-Kuwaiti, sendo um dos mensageiros mais confiáveis de Bin Laden, morava na casa de hóspedes com a família. Esperávamos pelo menos uma mulher e várias crianças. E como havia crianças morando ali, eu não esperava nenhuma armadilha com bombas.

Exatamente como na maquete e nas imagens, havia um conjunto de portas de metal duplas com janelas no alto. Uma janela à direita da porta tinha barras cobrindo o vidro. Não vi luzes dentro da casa. Lençóis cobriam todas as janelas, impossibilitando enxergar lá dentro.

Will assumiu posição à direita da porta enquanto eu tentava a maçaneta. Virei duas vezes para baixo o puxador em forma de L, mas estava trancada.

Recuando um pouco, Will tirou o malho da parte de trás do seu kit e puxou o cabo extensível. Dei-lhe cobertura pela direita.

Will recuou ereto e atingiu a fechadura com um golpe rijo. O malho bateu com força na maçaneta, mas o resultado foi apenas um puxador torto e um corte profundo. Ele deu mais

duas pancadas, mas a fechadura não cedeu. As portas eram de metal sólido, o malho não funcionaria.

Will voltou-se para as janelas e tentou quebrar o vidro, para que pudéssemos tirar o lençol e olhar lá dentro. Enfiando a cabeça do malho pelas barras, fez força para quebrar a vidraça, mas, cada vez que puxava a ferramenta de volta, ela ficava presa. As barras eram muito estreitas.

"Vou usar explosivo", sussurrei para Will e tirei a carga de invasão da parte de trás do meu kit.

Ambos sabíamos que o tempo era essencial e que tínhamos perdido o elemento surpresa no minuto em que o helicóptero caíra. Will pôs o malho de lado e me deu cobertura com seu fuzil.

Do outro lado da propriedade houve uma explosão quando a equipe do Chalk Dois abriu o portão norte a bomba. "Não houve ruptura", avisou o rádio. "Estamos indo agora para o portão Delta para tentar entrar na propriedade." Depois de explodir o portão norte, descobriram que por trás dele havia uma parede de tijolo. Àquela altura, era para a equipe deles já estar assaltando o terceiro andar, mas ainda não tinham nem conseguido entrar na propriedade.

"Câmbio, vou encontrar vocês lá e tentar abri-lo por dentro", respondeu Mike.

O portão Delta ficava na ponta norte da entrada da garagem que separava a área onde caiu o helicóptero do resto da propriedade. Mike estava na ponta sul da entrada da garagem, perto da casa de hóspedes.

Agora a missão se desenrolava depressa. Cinco minutos tinham se passado desde que pousáramos, e os vinte quatro homens deslocavam-se em grupos pela propriedade. Pelo menos duas cargas de explosivos tinham sido usadas, e, com o barulho dos helicópteros, sabíamos que àquela altura os ocupantes da propriedade deviam já estar preparados para se defender.

Apoiando-me num joelho à direita da porta, tirei a proteção da faixa de adesivo da carga de invasão e a coloquei entre a

maçaneta arrebentada e a fechadura. Eu sempre me ajoelhava para colocar cargas de invasão, porque no Iraque eu fora alvejado através da porta muitas vezes. Combatentes gostam de metralhar no meio da porta, disparando às cegas onde acham que um homem deve estar de pé.

O terceiro membro da minha equipe entrou na propriedade. Foi um dos últimos a sair do helicóptero e tinha acabado de nos alcançar. Sua tarefa era desobstruir a escada que levava ao telhado da casa de hóspedes. Quando começou a andar em direção à escada, que ficava bem na frente da porta, balas de AK-47 quase o atingiram, errando por pouco.

Afastei-me enquanto balas também estalavam poucos centímetros acima da minha cabeça. Os primeiros tiros sempre dão um tremendo susto. Senti pedaços de vidro atingindo meu ombro.

"Essa arma não tem silenciador", pensei.

Era fácil saber quem atirava: nossas armas tinham silenciadores, disparos sem silenciador significavam fogo inimigo. Alguém dentro da casa tinha um fuzil de assalto. Mirando na altura média, disparara uma rajada às cegas. Mas era um animal enjaulado. Não tinha para onde ir e sabia que estávamos chegando.

Will, cobrindo a porta pelo lado esquerdo, começou a atirar de volta instantaneamente. Ao me virar e abrir fogo, senti uma intensa queimação no ombro esquerdo, talvez de vidro ou estilhaço. Nossos disparos atravessaram a porta de metal.

Rolando para me afastar da entrada, levantei-me e fui até a janela a alguns passos da porta.

"Ahmed al-Kuwaiti", disse Will. "Ahmed al-Kuwaiti, saia daí!"

Quebrando a janela com o cano da arma, atirei contra a sua provável posição.

Will ainda berrava, sem obter resposta. Sem tempo a perder, voltei-me para a carga de invasão, ainda presa à porta. O único

jeito de entrar seria explodindo a entrada. Enquanto me aproximava, tomei a precaução de me manter bem abaixado.

Depois que explodimos a porta, decidi jogar uma granada lá dentro, para desobstruir o caminho. Ahmed al-Kuwaiti já demonstrara que não desceria por vontade própria, e eu não queria arriscar.

Eu já ia colocar o detonador na carga quando ouvimos alguém mexer na tranca. Will também ouviu, e imediatamente recuamos para longe da porta. Não fazíamos ideia de quem poderia sair dali, ou o que esperar. Será que ele ia abrir levemente a porta e jogar uma granada, ou suspender seu AK-47 e nos metralhar?

Dei uma olhada rápida em torno. Não havia onde buscar refúgio. O pátio estava atulhado de lixo e ferramentas de jardinagem. Nossa única opção era andar para trás.

A porta se abriu devagar, e ouvi uma voz de mulher gritar. Não queria dizer que estivéssemos livres de perigo. Se ela saísse usando um colete suicida, morreríamos. Aquela era a propriedade de Bin Laden. Aqueles eram seus auxiliares. Tiros foram disparados, sabíamos que estavam dispostos a morrer para protegê-lo.

Através do suor que escorria pelo meu rosto e da areia que o vento dos rotores me jogara nos olhos, vi indistintamente uma figura de mulher no fulgor esverdeado dos óculos de visão noturna. Tinha qualquer coisa nos braços e meu dedo começou a apertar lentamente o gatilho. Nossos lasers dançavam em torno de sua cabeça. Bastaria uma fração de segundo para acabar com a vida dela, se estivesse com uma bomba.

Como a porta ficou aberta, vi que o objeto era um bebê. A mulher de Al-Kuwaiti, Mariam, saiu com a criança apertada contra o peito. Atrás dela, saíram mais três meninos arrastando os pés.

"Vem cá", Will a chamou em árabe.

Mantive o fuzil apontado enquanto avançavam.

"Ele está morto", gritou Mariam a Will em árabe. "Vocês atiraram nele. Está morto. Vocês o mataram."

Will a revistou rapidamente.

"Ela diz que ele está morto", Will traduziu para mim.

Eu estava agachado à direita da porta, pronto para abri-la com um empurrão.

Vi os pés de alguém estirado no chão na entrada do quarto de dormir. Não havia como saber se ainda estava vivo, e eu não ia correr riscos. Will apertou meu ombro para que eu soubesse que ele estava pronto. Posicionei o fuzil, entrei e disparei vários tiros contra o homem.

A casa cheirava a óleo de calefação. Passando por cima do corpo de Al-Kuwaiti, vi uma pistola e um AK-47 no chão, dentro do quarto, perto da porta. Chutei o fuzil para longe e continuei a desobstruir o local, que tinha uma cama no centro e camas pequenas para as crianças junto às paredes. A família inteira dormia no mesmo quarto.

Do outro lado do corredor ficava a cozinha. Nossos disparos tinham destruído a sala, esfacelando os armários e explodindo alimentos por toda a parte. Água escorria da bancada. O fogão tinha vários furos e os ladrilhos baratos foram quebrados, espalhando pedaços pela bancada e pelo chão.

O chão estava escorregadio por causa da água e do sangue de Al-Kuwaiti, que empoçara no corredor e sujara as nossas botas. Desobstruímos rapidamente os dois quartos e fomos para fora.

"Tiros disparados C1, prédio garantido", eu disse pela rede da tropa, e atirei uma luz química na porta da frente da casa de hóspedes. Seguimos para o prédio principal a fim de dar apoio às outras equipes.

# 14

# Khalid

Nem dez minutos tinham se passado desde a queda do helicóptero. Will e eu passamos correndo pelo portão aberto entre a casa de hóspedes e o prédio principal.

Íamos para a porta norte do A1.

"Explosivos preparados, porta norte A1", disse Charlie pela rede da tropa.

A carga foi posta no lugar e ele ficou esperando a ordem de explodir. Tudo que Charlie e Walt precisavam agora era que Tom desse o o.k. pelo rádio.

Até então, Jen e seus analistas estavam certos. Suspeitavam que a casa era dividida num dúplex. A família de Bin Laden ocupava o segundo e o terceiro andares, com entrada própria. O Marchador sempre saía pela porta norte, mas os irmãos Kuwaiti sempre usavam a porta sul.

Sem saber direito se havia um corredor entre as portas norte e sul, não queríamos arriscar duas cargas de explosivo ao mesmo tempo. Por isso Tom e sua equipe tinham proposto um plano que consistia em invadir primeiro o lado sul da casa, enquanto Charlie aguardava Tom chamar pelo rádio antes de detonar a carga de explosivos.

Os três homens da equipe de Tom estavam lá dentro, desobstruindo o primeiro andar. O interior do prédio estava escuro, quase breu, mas com a visão noturna podiam enxergar facilmente o longo corredor e as quatro portas, duas de cada lado. A equipe de Tom tinha avançado poucos passos no prédio quando o sujeito da frente viu a cabeça de um homem

aparecer no primeiro quarto à direita. Já tinham ouvido o barulho inconfundível de tiros de AK-47 na casa de hóspedes, e não iam correr riscos. Tempo suficiente tinha se passado para que alguém no A1 pudesse se preparar para resistir.

O homem da frente disparou um tiro. O projétil atingiu o ocupante — que depois se confirmaria ser Abrar al-Kuwaiti — e ele desapareceu dentro do quarto. Deslocando-se lentamente pelo corredor, a equipe parou perto da porta. Abrar al-Kuwaiti estava ferido no chão. Quando eles abriram fogo de novo, sua mulher Bushra pulou para tentar protegê-lo. A segunda rajada matou os dois.

A equipe viu outra mulher e várias crianças chorando, amontoadas num canto do quarto. Havia um AK-47 no chão. Tom pegou-o e descarregou-o enquanto o resto da equipe vasculhava os outros quartos.

No fim do corredor havia uma porta trancada, diretamente alinhada com a porta norte. Com o lado sul do A1 garantido, a equipe de Tom saiu rapidamente.

Numa ação comum, teríamos deixado alguém tomando conta da mulher e das crianças no primeiro quarto, mas não havia tempo nem homens suficientes. Elas foram simplesmente deixadas ali.

"Charlie, pode mandar", disse Tom pela rede da tropa.

Quando saíam pela porta sul, um dos Seal removeu o pente e jogou o AK-47 de Abrar al-Kuwaiti no pátio. Estava escuro e era pouco provável que alguém saísse para pegá-lo.

Segundos depois de Tom falar pelo rádio, ouvi o estrondo quando Charlie detonou sua carga de invasão. Will e eu contornamos o lado oeste do prédio e ficamos atrás dos companheiros enfileirados para entrar pela porta norte, que agora estava aberta.

Os Seal do Chalk Dois tinham chegado à propriedade. Depois da primeira tentativa fracassada, seguiram para o portão principal e foram postos para dentro por Mike. Agora, já estavam na fila da porta norte.

Charlie já estava lá dentro, e uma fila não muito rigorosa se formara enquanto esperávamos para entrar no alvo. Com a visão noturna, vi múltiplos lasers percorrerem janelas e sacadas, só para garantir. Esquadrinhando com meu laser, na altura do segundo e do terceiro andares, não vi nenhum movimento. Com a vedação das janelas era impossível enxergar dentro.

A correria começara a sossegar. Depois da queda do helicóptero dez minutos antes, tudo entrara nos eixos. Nosso desejo era continuar o ataque escada acima, mas Charlie informou pelo rádio que outro portão de metal bloqueava o caminho para o segundo andar. Charlie concentrava-se agora em preparar sua terceira carga de invasão da noite.

Tudo que nos restava era esperar e dar proteção. Eu sabia que Charlie e os outros agiam com rapidez máxima. Enquanto estava ali parado, pensei em como tudo aquilo era surreal. A sensação era de estar esperando para começar um treino de combate em ambiente confinado na Equipe Verde.

O cacarejo de galinhas muito irritadas me tirou dos meus pensamentos. A caminho da porta norte passamos por uma pequena área de galinheiros cercados com grade. Nossos coletes à prova de bala e o equipamento tático tomavam conta da estreita passagem, esmagando os galinheiros.

Ficar parado em pé me deixava maluco. Ouvi dois sujeitos conversarem na minha frente.

"Puta merda, não posso acreditar que caímos mesmo", disse Walt.

"Caíram, que porra é essa?"

"É, nosso helicóptero caiu", disse Walt.

Parado ali perto estava Jay, o comandante da missão, que viera no Chalk Dois. Ao ouvir Walt falar em acidente, entrou na conversa.

"O quê?"

"É, nós caímos", disse Walt, apontando para o lugar do acidente. "Dê uma olhada no pátio."

Mesmo através da visão noturna achei engraçado ver Jay mudar de expressão enquanto processava a informação. Ele se virou e voltou às pressas para trás da fila. Acho que ninguém do Chalk Dois sabia que tínhamos caído. Até aquela altura não fora divulgado nas redes. Quando viram Chalk Um cair no pátio, os pilotos do Chalk Dois cancelaram a arriscada descida no telhado pela corda e foram pousar fora dos muros.

No helicóptero, Teddy e sua equipe estavam desligando os motores e destruindo criteriosamente todos os instrumentos. Por um segundo, ele chegara a pensar em decolar. Não havia nenhuma grande avaria visível no helicóptero, e imaginou que sem peso talvez pudesse levantar voo. No fim, a cautela venceu.

Depois de correr até o local do acidente, Jay pegou o rádio via satélite e chamou a Força de Reação Rápida.

A Força de Reação Rápida imediatamente decolou de sua posição a uma pequena distância dali, ao norte da propriedade, e partiu em nossa direção. Para ganhar tempo, pegou um atalho que passava por cima da academia militar do Paquistão. Mas poucos minutos depois Jay novamente falou no rádio. Apesar de termos sofrido um acidente, não havia mortos ou feridos. Todos os Seal estavam posicionados no A1 e iam começar a desobstruir as escadas.

"Mantenham a posição", disse ele à Força de Reação Rápida.

Dentro do A1, Charlie preparou a próxima carga de invasão e conferiu a área de explosão. Como a carga detonaria dentro do prédio, a superpressão seria mais dinâmica, arrebentando janelas e portas. Dois outros Seal estavam perto de Charlie. Com cobertura praticamente zero para protegê-los da explosão, um dos Seal escondeu-se atrás de uma porta que dava para outro quarto.

"Ei, cara, talvez seja melhor prestar atenção nessa porta", disse Charlie.

O invasor saiu de trás da porta no momento exato em que Charlie detonou a carga. Ouvi o eco da explosão de onde estava, do lado de fora, perto dos galinheiros. A superpressão

arrancou a porta atrás da qual o Seal tentara se proteger, e arremessou-a contra a parede oposta. O Seal ficou parado, aturdido. Se não tivesse saído da frente poucos segundos antes estaria gravemente ferido.

"Valeu", disse ele a Charlie, enquanto ambos empurravam e abriam o portão avariado.

Com o portão aberto, começamos a limpar a escada. Levei alguns segundos para chegar à porta. Abri o segundo portão de metal com o cotovelo e comecei a subir a escada. A maioria dos camaradas tinha ido na frente.

Os degraus de ladrilho ficavam em ângulos de noventa graus, criando uma espécie de escada caracol com pequenos patamares. Não sabíamos o que esperar. Àquela altura, Bin Laden, ou quem quer que estivesse lá dentro, tivera tempo suficiente para pegar uma arma e preparar uma defesa. Como o único caminho para cima era pela escada, podíamos facilmente ser bloqueados.

Estava escuro e nos esforçávamos para não fazer barulho. Cada passo era deliberado.

Não falávamos.

Não berrávamos.

Não corríamos.

Nos velhos tempos, teríamos invadido a propriedade lançando granadas luminosas enquanto desobstruíamos cada objetivo. Agora fazíamos o mínimo possível de barulho. A vantagem era nossa, por causa da visão noturna, mas poderíamos perdê-la se nos precipitássemos. Era questão de controlar o acelerador. Não havia motivo para corrermos em direção à morte.

Quando alcancei o segundo andar, quase todos os outros assaltantes tinham se espalhado. Esse piso abria para um longo corredor que levava a um terraço no lado sul do prédio. Havia quatro portas. Vi meus companheiros de equipe caminharem em silêncio pelo corredor, amontoando-se nas portas antes de entrarem e desobstruírem os quartos em completa mudez.

Percebi que havia um companheiro, três ou quatro degraus escada acima, dando proteção para nós entre o segundo e o terceiro andar. Vi um corpo estendido no chão. Sangue escorria no piso de mármore.

Depois soube que, enquanto nos dava proteção, o camarada vira um homem assomar a cabeça procurando algo. A inteligência dissera que podia haver até três homens habitando a propriedade principal. Khalid, o filho de Bin Laden, muito provavelmente moraria no segundo andar, enquanto Bin Laden viveria no terceiro.

A cabeça que espiara tinha boa aparência, e nenhuma barba. Só podia ser o filho de Bin Laden.

"Khalid", sussurrou meu camarada. "Khalid."

Todos que estavam na propriedade tinham ouvido os motores dos helicópteros. Ouviram também disparos na casa de hóspedes, e ouviram as cargas de invasão.

Mas depois tudo ficara em silêncio novamente. Só se escutavam passos. E de repente o sujeito ouvira alguém chamando seu nome.

*Eles sabem meu nome?* — imagino que tenha pensado.

Não resistiu à curiosidade e esticou-se para ver quem era. No segundo em que voltou a assomar a cabeça, meu camarada atingiu-o no rosto. O corpo rolou pela escada.

Olhando para trás, vi que vários Seal tentavam subir e se amontoavam atrás de mim. O corredor do segundo andar já estava tomado e eles não precisavam de ajuda.

Só nos restava subir.

Parado atrás do camarada que ia na frente, apertei-o para avisar que estávamos prontos.

"Continue."

# 15

# Terceiro piso

Khalid estava esparramado de barriga para cima e tivemos de passar com cuidado por ele na escada.

Os degraus eram de ladrilho escorregadio, mais escorregadio ainda por causa do sangue. Cada degrau era precário. Vi ao lado o fuzil AK-47 de Khalid encostado na parede.

"Ainda bem que ele não quis bancar o macho usando esse troço", pensei.

Se o batedor não o tivesse chamado pelo nome, poderíamos ter ficado detidos na escada. Bastava Khalid se sentar no patamar e disparar algumas rajadas toda vez que tentássemos subir. Teria sido um pesadelo, e com certeza sofreríamos baixas.

Tínhamos previsto mais luta. Apesar de toda a conversa sobre coletes suicidas, e sobre estarem dispostos a derramar sangue por Alá, só um dos irmãos, Al-Kuwaiti, chegou a nos enfrentar. Pelo menos Khalid tinha pensado no assunto. Posteriormente, ao examinar seu AK-47, descobrimos que havia um cartucho na câmara de carregamento. Ele estava preparado para lutar, mas a verdade é que não lhe foi dada a oportunidade.

A olho nu, a escada estava escura como breu, mas com a visão noturna tudo se banhava de uma luz esverdeada. O camarada que dava proteção agora era o batedor, e nós o seguíamos escada acima. Tínhamos voltado a agir sem pressa. O batedor era os olhos e os ouvidos do restante de nós. Ele controlava os passos.

Acelerava. Desacelerava.

Até aquele momento, tudo dera certo. O único homem que restava era Bin Laden. Mas tirei esses pensamentos da cabeça. Não importava quem estivesse no terceiro andar. Agora muito provavelmente nos encaminhávamos para uma disputa a tiros, e a maioria das disputas a tiros em ambientes confinados dura poucos segundos. Não havia margem para erro.

"Concentre-se", disse a mim mesmo.

Com o batedor logo na minha frente, não havia muito o que eu pudesse fazer. Estava ali para lhe dar apoio. Uns quinze minutos tinham se passado, e Bin Laden tivera tempo de sobra para vestir um colete suicida ou simplesmente pegar sua arma.

Meus olhos esquadrinharam o andar de cima. Meus sentidos estavam superexcitados. Os ouvidos esforçavam-se para captar os ruídos de um cartucho sendo carregado, ou os passos de alguém que se aproximava. Nada do que fazíamos agora era novidade. Tínhamos participado de centenas de missões. No nível mais básico, estávamos ali desobstruindo cômodos exatamente como aprendêramos a fazê-lo na Equipe Verde. Só o alvo e o fato de estarmos no Paquistão tornavam essa missão significativa.

O fim da escada dava num corredor estreito, que acabava numa porta que levava à sacada. Mais ou menos a um metro e meio do último degrau da escada havia mais duas portas, uma à direita e outra à esquerda.

A escada era meio apertada, especialmente para um bando de sujeitos portando equipamento. Era difícil ver além do batedor, pois a escada e o patamar estreitavam à medida que subíamos.

Estávamos a menos de cinco degraus do topo quando ouvi tiros disparados com silenciador.

Bop. Bop.

O batedor tinha visto um homem espiar pela porta do lado direito do corredor a cerca de dois metros e meio à nossa frente. Eu não consegui descobrir, da minha posição, se os

disparos tinham atingido o alvo. O homem desapareceu no quarto escuro.

O batedor subiu até o terceiro andar e depois se deslocou lentamente em direção à porta. Diferentemente do que o cinema costuma mostrar, não pulamos os últimos degraus e entramos no quarto disparando a esmo. Fomos devagar e com cuidado.

O batedor mantinha o fuzil apontado para o interior do quarto enquanto caminhávamos lentamente até a porta aberta. Como antes, não corremos. Paramos à entrada e espiamos. Lá dentro havia duas mulheres perto de um homem estendido ao pé da cama. Ambas vestiam longas túnicas e tinham os cabelos bagunçados, como se acabassem de levantar da cama. Choravam e lastimavam-se histericamente em árabe. A mais nova ergueu os olhos e nos viu à porta.

Ela deu um grito em árabe e precipitou-se em direção ao batedor. Estávamos a menos de um metro e meio de distância. Virando a arma para o lado, o batedor segurou as duas mulheres e empurrou-as para um canto. Se as mulheres usassem coletes suicidas, é provável que ele tivesse salvado nossa vida, mas ao custo da sua. Foi uma decisão altruísta tomada numa fração de segundo.

Afastadas as mulheres, entrei na sala com um terceiro Seal. Vimos imediatamente o homem deitado no chão ao pé da cama. Trajava camiseta sem mangas, calças largas marrons e túnica marrom. Os tiros do batedor tinham penetrado do lado direito de sua cabeça. Sangue e massa cinzenta escorriam do crânio. À beira da morte, ele se contorcia, em convulsão. Eu e o outro invasor apontamos nossos lasers para seu peito e fizemos vários disparos. As balas rasgaram-lhe a carne, sacudindo o corpo contra o assoalho, até parar de mexer.

Dando uma olhada rápida para certificar-me de que não havia mais ameaças, vi pelo menos três crianças amontoadas num canto, perto da porta de vidro de correr que abria para a sacada. As crianças — não dava para saber se eram meninos ou

meninas — ficaram sentadas no canto, atônitas, enquanto eu verificava o quarto.

Agora que o homem no chão parara de mexer, e não havia mais ameaças, verificamos dois quartos menores ao lado do quarto de dormir. Empurrando a primeira porta, dei uma espiada e vi um pequeno escritório, atulhado e desarrumado. Havia papéis espalhados sobre uma escrivaninha. A segunda porta dava para um banheiro.

Tudo agora era instinto. Ticávamos nossa lista mental de conferência. A principal ameaça estava morta ao lado da cama. O batedor cobria as mulheres e as crianças. Meus camaradas e eu desobstruímos o pequeno escritório e o banheiro, enquanto os outros Seal desobstruíam o quarto do outro lado do corredor.

Quando atravessávamos o corredor para o outro quarto, passei por Walt.

"Tudo limpo aqui", disse ele.

"Este lado também", respondi.

O batedor tirou as mulheres e as crianças do quarto e as levou até a varanda para acalmá-las. Quando chegou ao terceiro andar, Tom viu que ambos os quartos estavam limpos.

"Terceiro piso garantido", ouvi-o dizer pela rede da tropa.

# 16

# Gerônimo

Quando voltamos ao quarto, a mulher mais jovem estava deitada na cama, gritando histericamente, agarrada às crianças.

Walt estava em pé ao lado do corpo. Ainda estava escuro e era difícil distinguir o rosto do homem. A casa permanecia sem luz. Ergui a mão e acendi a lâmpada presa ao trilho na lateral do meu capacete. O alvo estava garantido e, com as janelas obstruídas, ninguém lá fora poderia nos ver, o uso da luz branca era seguro.

O rosto do homem estava coberto de sangue e tinha sido deformado por pelo menos um ferimento de bala. Um furo na testa fizera o lado direito do crânio afundar. O peito estava rasgado no ponto onde as balas tinham penetrado o corpo. Ele jazia numa poça de sangue que não parava de crescer. Quando me agachei para olhar de perto, Tom se juntou a mim.

“Acho que é nosso menino”, disse ele.

Ele ainda não ia dizer pelo rádio que era Bin Laden, pois sabia que essa comunicação seria transmitida a Washington com a rapidez de um raio. Sabíamos que o presidente Obama estava ouvindo, e não queríamos cometer erros.

Repassei de cabeça as características que constavam da lista de conferência.

O homem era bem alto. Calculei aproximadamente um metro e noventa e cinco.

Tique.

Era o único adulto do sexo masculino no terceiro piso.

Tique.

Os dois mensageiros estavam exatamente onde a CIA disse que estariam.

Tique.

Quanto mais olhava para o rosto deformado, mais meu olho reparava no nariz. Não estava danificado e me parecia familiar. Tirei o livreto do estojo e examinei as fotos. O nariz comprido e delgado correspondia. A barba era preta escura e não havia nenhum vestígio do grisalho que nós esperávamos.

"Walt e eu vamos cuidar disto", disse a Tom.

"Positivo", disse Tom.

Peguei a câmera e as luvas de borracha, e comecei a tirar fotos enquanto Walt se preparava para extrair amostras de DNA.

Will, que falava árabe, tratava da perna ferida da mulher, que chorava deitada na cama. Soubemos depois que era Ama al-Fatah, a quinta mulher de Bin Laden. Não sei quando foi atingida, mas era um ferimento muito leve, talvez produzido por fragmentos de bala.

"Temos uma quantidade significativa de SSE no segundo andar", ouvi alguém dizer pela rede da tropa. "Vamos precisar de mais gente aqui."

Quando Tom saiu do quarto, ouvi-o dizer pela rede de comando:

"Temos uma possível, repito, uma POSSÍVEL aterrissagem do alvo no terceiro andar."

Walt tirou sua mangueira CamelBak do estojo e espremeu água no rosto do homem.

Comecei a limpar o sangue do rosto dele usando um cobertor da cama. A cada movimento, o rosto ficava mais conhecido. Parecia mais jovem do que eu esperava. A barba era negra, como se tivesse sido tingida. Eu não parava de pensar em como não era nem um pouco parecido com a imagem que eu tinha.

Era estranho ver de perto um rosto tão infame. Deitado em minha frente estava o motivo de termos passado a última década lutando. Era surreal tentar limpar o sangue da face do

homem mais procurado do mundo para que eu pudesse fotografá-lo. Mas eu tinha de me concentrar na missão. Precisávamos de fotos de boa qualidade. Essa imagem poderia acabar sendo vista por muitos e examinada à exaustão. Eu não queria estragá-la.

Afastando o cobertor, peguei a câmara que usara para tirar centenas de fotos nos últimos anos e comecei a clicar. Todos nós aprendêramos bem a tirar esse tipo de foto. Estávamos bancando o CSI do Afeganistão havia anos.

As primeiras fotos foram de corpo inteiro. Depois me ajoelhei perto da cabeça e tirei algumas só do rosto. Afastando a barba para a direita e depois para a esquerda, tirei várias fotos de perfil. Queria mesmo era fazer boas fotos do nariz. Por ser a barba tão negra, a foto de perfil foi a que mais ficou em minha lembrança.

"Ei, cara, segure o olho bom dele aberto", eu disse a Walt.

Ele estendeu a mão e puxou a pálpebra expondo o olho castanho, agora sem vida. Dei um zoom e fotografei-o bem de perto. Enquanto eu tirava fotos, Will ficou com as mulheres e as crianças na sacada. Abaixo de nós, meus camaradas pegavam todos os computadores, cartões de memórias, notebooks e vídeos. Lá fora, Ali, o intérprete da CIA, e a equipe de segurança lidavam com circunstantes curiosos.

Pelo rádio, ouvi Mike falar sobre o Black Hawk quebrado.

"Equipe de demolição, prepare a explosão", disse Mike.

Eu sabia pelas conversas de rádio que o Seal encarregado de demolição e o especialista em descarte de material bélico explosivo estavam a caminho do pátio.

"Ei, vamos explodir", disse o Seal.

"Câmbio", disse o técnico. Ele começou a tirar as cargas e colocá-las no chão em volta da casa principal.

"Que merda é essa?", perguntou o Seal enquanto o técnico tirava o material.

Todos estavam confusos.

"Você me disse para preparar para explodir, certo?"

“Não a casa”, disse o Seal. “O helicóptero.”

“Que helicóptero?”

O especialista em descarte de material bélico explosivo achou que queríamos explodir a casa, um dos planos de contingência que havíamos treinado.

A notícia do acidente com Chalk Um ainda não se espalhara. As pessoas ainda estavam descobrindo. Em Washington, ninguém teve certeza se tínhamos mesmo caído quando viram as imagens transmitidas por um avião não tripulado. Ouvi dizer depois que pelo vídeo em preto e branco parecia que tínhamos “estacionado” no pátio para a equipe descer. O presidente e as autoridades ficaram confusos, e chegaram a perguntar ao Comando de Operações Especiais Conjuntas o que tinha havido. Uma mensagem rápida para McRaven voltou com a resposta: “Agora vamos corrigir a missão... temos um helicóptero caído no pátio. Meus homens estão preparados para essa contingência, e vão dar um jeito”.

Lá fora, a tripulação do helicóptero precisava destruir o equipamento, que era secreto. Teddy, o piloto mais antigo e o guia do voo, foi um dos últimos a sair. Chegando à porta, olhou para baixo, a quase dois metros do chão. Não quis de jeito nenhum pular e correr o risco de se machucar. Chutando a corda para fora da cabine, escorregou até o pátio, tornando-se o único homem naquela noite a descer pela corda.

O especialista em explosivos e o Seal chegaram lá logo depois e começaram a preparar cargas de explosivos em torno da fuselagem. Subindo na cauda, o Seal tentou colocar cargas o mais perto possível dos rotores. Mas de kit e vestindo óculos de visão noturna não era fácil galgar a instável e estreita seção do cone de cauda. Quando tentava alcançar a seção encostada no muro de três metros e meio de altura, ficava com medo de que ela quebrasse com seu peso.

Subindo até onde pôde, colocou as cargas com uma mão. A outra o mantinha estável enquanto se equilibrava precariamente acima do pátio. Destruir o equipamento de comunicação e o eletrônico era a parte mais importante.

Depois de instalar cargas na cauda, pôs as restantes na cabine principal.

Enquanto isso, o Black Hawk que não caíra e o CH-47 com a Força de Reação Rápida voavam em círculo ali perto, esperando que acabássemos. Combustível tornara-se uma preocupação, e isso queria dizer que o prazo para nossa permanência na propriedade esvaia-se rapidamente.

"Dez minutos", ouvi Mike dizer pelo rádio.

No terceiro piso, as lâmpadas do quarto foram acesas. O blecaute aparentemente terminara. Era o momento perfeito, e tornava tudo mais fácil.

Enquanto eu terminava de tirar fotos, Walt colheu mais amostras de DNA. Untou um cotonete com o sangue de Bin Laden. Enfiou outro na boca do morto para obter amostras de saliva. Finalmente, pegou uma seringa dosadora fornecida pela CIA para obter amostra de medula. Tínhamos sido treinados para fincá-la na coxa e obter amostra de dentro do fêmur. Walt enfiou-a várias vezes na coxa de Bin Laden, mas a agulha não funcionou.

"Aqui", disse eu, oferecendo-lhe a minha. "Tente com esta."

Ele pegou minha seringa e a espetou na parte carnuda da coxa de Bin Laden, mas ela também estava quebrada.

"Merda de seringa", disse Walt, atirando-as para o lado.

Tirei uma segunda série de fotos usando a câmera de outro Seal. Tiramos duas amostras de DNA e duas séries de fotos para que ficássemos com conjuntos idênticos. Walt guardou uma amostra e deu outra para um Seal que iria em outro helicóptero. Planejamos assim para que uma amostra de DNA e um conjunto de fotos sobrevivessem, se um dos helicópteros fosse derrubado no voo de volta para Jalalabad. Queríamos ter provas de que tínhamos pegado Bin Laden para mostrar ao Paquistão e ao resto do mundo.

Enquanto isso, na sacada, Will tentava obter a confirmação de que era Bin Laden que estava estendido no chão. Sua

mulher, Amal, que fora ferida no tornozelo, ainda estava histérica e não falava. Eu ouvia suas lamúrias na cama acima de onde eu trabalhava. A outra mulher, os olhos inchados de tanto chorar, tentava manter uma expressão séria enquanto Will perguntava, repetidamente, quem era o morto.

"Qual é o nome dele?"

"O sheik", disse a mulher.

"Que sheik?", perguntou Walt. Ele não queria pôr nada na boca da mulher, e continuou a fazer perguntas que ela pudesse responder por conta própria.

Depois que ela mencionou vários pseudônimos, Will dirigiu-se às crianças na sacada. Estavam sentadas, mudas, contra a parede. Will ajoelhou-se e perguntou a uma das meninas: "Quem é esse homem?".

Ela não sabia mentir.

"Osama bin Laden."

Will sorriu.

"Tem certeza de que é Osama bin Laden?"

"Tenho", disse a menina.

"Tudo bem", disse ele. "Obrigado."

De volta ao corredor, ele segurou uma das mulheres pelos braços e deu-lhe uma boa sacudida.

"Pare de bancar a esperta comigo", disse ele, mais sério do que antes. "Quem é aquele ali no quarto?"

Ela começou a chorar. Estava muito amedrontada, não tinha mais condição de resistir.

"Osama", disse ela.

"Osama de quê?", perguntou Will, ainda segurando-lhe o braço.

"Osama bin Laden", disse ela.

Will a levou de volta para a varanda com as crianças e retornou ao quarto.

"Ei, confirmação dupla", disse Will. "Confirmado pela menina. Confirmado pela mulher. As duas dizem a mesma coisa."

Quando Will saiu do quarto, Jay e Tom apareceram. Vendo o corpo, Jay se aproximou e se debruçou.

"Will confirmou, por intermédio de uma mulher e uma menina, que é UBL", disse Tom.

Ajoelhado perto da cabeça, puxei-lhe a barba para a direita e para a esquerda, para que Jay pudesse ver o perfil. Eu tinha comigo meu cartão SSE e o coloquei perto do rosto dele para que Jay pudesse ver o verdadeiro Bin Laden ao lado dos retratos da CIA.

"É, parece o nosso homem", disse Jay.

Jay saiu do quarto imediatamente para fazer uma chamada. Nós retomamos o nosso serviço. Uma vez fora do prédio, Jay comunicou-se pelo rádio via satélite com o almirante McRaven em Jalalabad. O almirante mantinha informados o presidente Obama e os demais na sala de emergência da Casa Branca.

"Por Deus e pelo país, transmito Gerônimo", falou Jay. "Gerônimo E.K.I.A."

Era a sigla, em inglês, para Gerônimo Inimigo Morto em Combate.

Pela rede da tropa, ouvi os homens do segundo andar. Precisavam de mais ajuda para coletar as informações de inteligência nas salas de mídia. Era no segundo andar que Bin Laden tinha um escritório improvisado, onde instalara computadores e gravava pronunciamentos em vídeo.

As salas eram imaculadas e organizadas. Tudo no lugar. Todos os CDS, DVDS e cartões de memória perfeitamente empilhados. Os Seal concentraram-se em apoderar-se da mídia eletrônica — gravadores, cartões de memória, *pen drives* e computadores. A CIA nos instruíra sobre o tipo de gravador de voz digital que supunha que Bin Laden usasse, e até nos mostrou um similar durante o nosso treinamento. Os Seal que faziam busca no segundo andar de fato encontraram um

exatamente igual ao previsto pela CIA. Mais uma vez senti a maior admiração pela equipe de inteligência. Quando Jen falou em cem por cento, eu deveria ter acreditado.

Quando acabamos de colher amostras de DNA e tirar fotos, Walt e outro Seal agarraram Bin Laden pelas pernas e o arrastaram para fora do quarto. Apesar da comoção e de toda atividade à minha volta, ainda me lembro de ficar olhando os dois arrastarem seu corpo escada abaixo.

Fiquei no quarto e comecei a juntar qualquer informação de inteligência que encontrasse. Pegamos tudo que poderia vir a ser útil. Peguei uns papéis, possivelmente escritos religiosos, e algumas fitas cassete e pus na sacola de náilon. Todos nós levávamos sacolas leves e dobráveis com essa finalidade. Uma inspeção rápida no minúsculo banheiro de azulejos verdes não rendeu nada de valor. Achei uma caixa de tintura para cabelo, que ele devia usar na barba. Não é de admirar que parecesse tão jovem quando o encontramos.

Na parede entre o banheiro e o escritório, abri um guarda-roupa de madeira. Tinha quase dois metros de altura, com duas portas compridas. Dentro, havia muitos conjuntos de roupa, incluindo as camisas longas, as calças folgadas e os coletes usados na região.

Fiquei espantado com a arrumação. Comparado ao resto da casa, que parecia habitada por colecionadores compulsivos, seu guarda-roupa seria aprovado numa inspeção do Campo de Treinamento do Corpo de Fuzileiros Navais. Todas as camisetas estavam dobradas e empilhadas num canto. As roupas eram dispostas com espaços regulares entre si.

"Podia ser o meu guarda-roupa", pensei.

Peguei algumas camisas e um colete e enfiei na sacola. Sabia que estávamos ali para recolher mídia eletrônica, mas como praticamente não havia nada do gênero no quarto, ocorreu-me pegar aquilo. Abrindo as gavetas da parte de baixo, remexi sua roupa à procura de alguma coisa que prestasse. No geral, parecia que seu quarto era mesmo só para dormir.

Antes de sair, notei uma prateleira em cima da porta. Ficava logo acima de onde ele se encontrava quando chegamos ao terceiro andar. Passei a mão e apalpei duas armas, que descobri serem um AK-47 e uma pistola no coldre. Baixei as armas, tirei os pentes e examinei as câmaras de carregamento.

Ambas estavam vazias.

Ele nem sequer esboçara uma defesa. Não tinha intenção de lutar. Pediu aos seguidores, durante décadas, que vestissem coletes suicidas ou atirassem aviões contra prédios, mas nem sequer foi pegar sua arma. Em todas as missões, esse fenômeno era rotineiro. Quanto mais alta a posição do indivíduo na cadeia, mais covarde ele é. Os líderes eram menos dispostos a lutar. Eram sempre os jovens, os impressionáveis, que cingiam o corpo com explosivos.

Bin Laden sabia que estávamos chegando ao escutar o helicóptero. Eu tinha mais respeito por Ahmed al-Kuwaiti na casa de hóspedes, porque pelo menos tentou defender a si e a sua família. Bin Laden teve mais tempo para se preparar do que os outros, mas ainda assim não fez nada. Será que acreditava na própria mensagem? Estava pronto para travar a guerra que apregoava? Acho que não. Do contrário, teria pelo menos pegado a arma e se defendido. Não há honra alguma em mandar as pessoas morrerem em nome de uma causa pela qual nós mesmos não lutaríamos.

Pelo rádio, ouvi as últimas notícias da equipe que estava no perímetro de segurança.

Ali e os quatro Seal passaram a maior parte do tempo no alvo dando proteção ao longo da rua a nordeste da propriedade. Depois de inseridos, dois invasores e Cairo, o cão de assalto, fizeram uma varredura do perímetro.

Após a patrulha, esperaram e cuidaram dos circunstantes que apareceram para investigar o que havia acontecido. Moradores tinham escutado os helicópteros, as explosões intermitentes, os tiros. Curiosos para saber o que estava

acontecendo, pequenos grupos abordaram a equipe de segurança.

"Voltem para dentro", disse Ali em pachto. "Está havendo uma operação de segurança."

Felizmente para nós, os paquistaneses obedeceram e voltaram para suas casas. Alguns postaram mensagens no Twitter sobre helicópteros e barulhos.

O tempo se esgotava.

Mike estava no rádio dando recados constantes sobre o tempo que faltava, para que sincronizássemos nossos relógios. Estávamos na propriedade havia quase trinta minutos. Cada vez que ele falava algo, meus companheiros de equipe no segundo andar pediam mais tempo.

"Precisamos de mais dez minutos", disse um Seal do segundo andar. "Não estamos nem na metade."

Mike simplesmente repetia quanto tempo faltava, calmamente. A missão exigia um equilíbrio delicado. Todos nós queríamos ficar e ter certeza de que não estávamos deixando nada para trás, mas os helicópteros já não dispunham de muito combustível e não havia tempo de sobra.

"Pós-assalto, cinco minutos", disse Mike, finalmente. Ou seja, deixem o que estão fazendo e dirijam-se à zona de embarque em cinco minutos.

Eu terminara minha parte no terceiro andar, e comecei a rumar para a porta. Tinha a impressão de estar deixando alguma coisa por fazer. Nos orgulhávamos de levar conosco toda informação valiosa que pudemos encontrar e recolher. Mas ainda havia tanta coisa ali. Tínhamos de encarar o fato de que nem todas as áreas tinham sido vasculhadas, e depois tirar isso da cabeça. Sabíamos que era arriscado ficar sem combustível, ou permanecer no alvo tempo demais, dando à polícia ou às forças armadas tempo para reagir. Conseguimos o que fomos buscar: Bin Laden. Era hora de partir, enquanto ainda era tempo.

"Ei, juntem as mulheres e as crianças e tirem-nas do A1", disse Mike pelo rádio.

Ouvi Will tentar convencer as mulheres e as crianças a sair. Não queríamos que se machucassem com a explosão do helicóptero. Mas era como pastorear gatos, e Will não obteve progresso algum. As mulheres ainda soluçavam, e as crianças choravam ou ficavam sentadas, aturdidas. Nenhuma delas queria ir para parte alguma.

Não tive tempo para ajudar. Ainda precisava ir à C1. Segui a mancha de sangue deixada pelo corpo de Bin Laden. Era um rasto escorregadio que ia até o primeiro andar, onde Walt pusera o corpo dentro de um saco mortuário. Quando descia a escada, vi que tinham arrastado o corpo por cima do de Khalid. A camisa branca do filho estava manchada com o sangue do pai.

Dirigi-me à C1. Os outros tinham tirado fotos e pegado amostras de DNA de Al-Kuwaiti. Quando cheguei, a mulher e os filhos dele estavam acocorados no canto do pátio. Tentei fazê-los se levantar e andar quando um chamado urgente de Mike veio pelo rádio.

"Companheiros", disse ele. "Larguem o que estão fazendo e se desloquem para a zona de aterrissagem do helicóptero de exfiltração."

Com pouco combustível, o Black Hawk e um CH-47 estavam vindo nos buscar. Usando sinais com os braços, fiz a família de Al-Kuwaiti levantar-se e toquei-a para a casa de hóspedes. Eu sabia que as cargas no helicóptero iam explodir ali perto. Seria uma grande explosão, mas a casa de hóspedes ficava suficientemente longe; e estariam a salvo se permanecessem dentro do quarto.

Dentro da C1, tentei comunicar a ideia de que haveria uma grande explosão, usando as mãos e fazendo barulho com a boca.

"Fiquem aqui", eu disse em inglês.

Eu não tive como saber se haviam me entendido. Saí do quarto e fechei a porta atrás de mim.

Correndo pelos sulcos de pneus da entrada da garagem, vi Teddy e os tripulantes do outro helicóptero parados perto de Mike. Tinham uma aparência engraçada, com seus grandes capacetes de aviação e uniformes de combate do Exército. Pareciam perdidos, e fora do seu ambiente, desconfortáveis por estarem no chão.

Quando passei, disse a Mike:

"As mulheres e as crianças estão na C1. Não houve meio de deslocá-las."

Os Seal do segundo andar estavam esvaziando o prédio. Parecíamos um acampamento de ciganos, ou Papai Noel na noite de Natal. Alguns levavam nos ombros sacolas de náilon tão cheias que lhes dificultava a corrida até o helicóptero. Vi um Seal com uma CPU numa mão e uma sacola de couro para roupa de ginástica repleta de objetos na outra. Os Seal do segundo andar tinham recolhido tanto material que não tinham bolsas em quantidade suficiente, por isso passaram a pegar as sacolas que encontraram na casa para enchê-las também. Os Seal carregavam valises de couro dos anos 1950 como se estivessem a caminho do escritório, e sacolas falsificadas da Adidas como se tivessem saído da academia de ginástica.

Fora do portão, virei à direita e corri para onde estava o resto do pessoal, que começara a formar filas para embarcar. Vi que atiradores já davam cobertura à zona de pouso. A exfiltração do meu grupo seria feita no Black Hawk que sobrara, porque o corpo estava conosco. A aeronave menor, mais manobrável, tinha menos chance de ser derrubada. O CH-47 levaria os Seal do Chalk Dois, assim como Teddy e sua equipe do Black Hawk acidentado.

À nossa volta, as luzes das casas tinham acendido. Vi cabeças nos observando das janelas ao redor. Ali gritava-lhes em árabe, pedindo que voltassem para dentro de suas casas. Começamos a contar as pessoas. Dei pela falta de Will.

"Cadê Will?", perguntei, passando pela fila.

“Estava juntando as crianças e as mulheres quando saí”, disse Walt, parado perto do corpo, pronto para levá-lo para o helicóptero.

Eu ia tentar localizar Will pelo rádio quando o vi sair correndo da propriedade. Foi o último a deixá-la.

Assumindo meu posto perto de Walt, próximo ao saco com o corpo, vi o Black Hawk chegar bem em cima da luz estroboscópica infravermelha. Enquanto o helicóptero se equilibrava no ar, baixei a cabeça para proteger os olhos da nuvem de poeira e dos detritos dos rotores. Quando a nuvem passou, eu e Walt pegamos o corpo e saímos correndo a toda velocidade para o helicóptero. Era o nosso pássaro da liberdade, não queríamos perdê-lo.

O campo tinha sido arado recentemente e tropeçávamos em montes de terra na corrida de cem metros até o helicóptero. Parecíamos um bando de bêbados, tropeçando e caindo a caminho da aeronave.

O peso morto não era fácil de carregar para ninguém, mas Walt tinha mais dificuldade para se manter ereto. Com apenas um metro e setenta, seus passos eram bem mais curtos que os meus.

Walt dava alguns passos e caía num monte de terra. Lançando uma série de palavrões, ele se levantava e prosseguia.

Agindo às pressas sob os rotores em movimento, jogamos o corpo dentro e subimos rapidamente a bordo. Achei um lugar junto ao espaldar das cadeiras dos pilotos. Estávamos exaustos. Meu peito chiava, tentando puxar o ar.

“Puta merda, vamos conseguir”, pensei.

Quando vi que não íamos levantar voo imediatamente, fiquei ansioso. No Afeganistão, o helicóptero decolava quando a bota do último Seal ainda estava no solo. Quanto mais esperávamos, mais eu me preparava para o momento que um rojão de granada nos acertaria.

“Vamos, vamos, vamos”, eu pensava, aflito. “Ande logo, homem. Vamos!”

Mas o Black Hawk aguardava. Até desacelerou os motores. Os pilotos não queriam decolar antes que o CH-47 chegasse. Éramos instruídos a sempre voar em dupla. As cargas no Black Hawk acidentado deviam explodir em poucos segundos. O Seal e o especialista em descarte de explosivos tinham regulado a explosão para dentro de cinco minutos. Seria tempo mais que suficiente, se estivéssemos no horário.

Mas estávamos atrasados. Àquela altura, tínhamos passado oito minutos da hora prevista. Mesmo com os dez minutos extras de tolerância, esse prazo também estava quase vencendo.

Não podíamos deixar de supor que a polícia e as forças armadas paquistanesas estavam a caminho para investigar a situação. Éramos uma força militar estrangeira que invadira seu território soberano. Vi a expressão de Tom. Pelo sistema de comunicação do helicóptero ele tentava descobrir o que se passava. Queria que os pilotos se apressassem e decolassem.

"VAMOS", gritou ele, finalmente. "TEMOS DE DECOLAR AGORA!"

Faltava menos de um minuto para que as cargas explodissem o Black Hawk acidentado. O Seal que pusera a carga correu para Jay e o agarrou. Ambos permaneciam na zona de pouso esperando o CH-47 chegar. Jay estava tão concentrado em trazer os helicópteros com segurança que nem sequer ouviu chamar seu nome.

"Cancele o 47", disse o Seal a Jay. "É preciso tirar todos os pássaros da área vizinha, a carga vai explodir em menos de trinta segundos."

Jay começou a falar pelo rádio. Sabia que a explosão derrubaria o CH-47 que estava a caminho, e que os estilhaços destruiriam o nosso Black Hawk.

Enfim os rotores aceleraram, e o Black Hawk rapidamente ganhou altura. Virando para o norte, adquirimos velocidade. Segundos depois da decolagem, vi um grande clarão. Por um segundo a cabine foi inundada pela luz da explosão, e mergulhou de novo no escuro.

O CH-47 fez uma volta pelo sul e pousou na propriedade depois da explosão. Os outros Seal e a tripulação restante entraram no helicóptero. Como queimara combustível demais vagueando, o CH-47 não podia se dar ao luxo de desperdiçar. E com o peso extra dos Seal a bordo, o combustível mal dava para voar direto até a nossa base em Jalalabad.

Fechando os olhos, respirei fundo. A cabine do nosso Black Hawk estava escura. As únicas luzes eram as do painel da cabine, e de onde eu via indistintamente alguns indicadores, incluindo o de combustível.

Quando pensei que poderia enfim relaxar, notei a luz vermelha piscando, indicando que estávamos entrando na reserva de gasolina. Não sou piloto, mas sabia o suficiente para perceber que luzes vermelhas piscando no painel jamais eram bom sinal.

# 17

# Exfiltração

Continuei espiando o painel para ver as luzes vermelhas que não paravam de piscar, indicando a falta de combustível.

Lembrava-me, das reuniões de instrução antes da missão, que só deveríamos levar dez minutos para alcançar o ponto avançado de reabastecimento aéreo. Senti que o helicóptero se inclinou e descreveu um largo círculo, como se fôssemos água girando num escoadouro. Tive a impressão de que dávamos voltas em torno de uma determinada área. Junto às portas, os chefes de tripulação sondavam o solo pelas janelas. Pelo canto do olho, vi que a linha que indicava a quantidade de combustível no helicóptero estava ainda menor.

Mais uma vez nos amontoávamos na cabine. Tom ficara perto de mim. Walt teve de sentar-se no corpo de Bin Laden, estirado aos meus pés no centro da cabine.

Logo depois de decolar, minhas pernas começaram a ficar dormentes e tentei mexer os dedos para manter o sangue circulando. Sabia que, no quadro geral das coisas, nossa parte do trabalho estava concluída. Apesar disso, nenhum de nós poderia relaxar enquanto não conseguíssemos combustível e estivéssemos a salvo do outro lado da fronteira.

Olhando novamente para dentro da cabine escura, tirei da cabeça o assunto do combustível. Éramos todos personalidades do tipo A, que gostam de ter tudo sob controle. Cerca de trinta e oito minutos antes, tudo que eu queria no mundo era jogar a corda para fora do helicóptero, escorregar por ela e assaltar a propriedade. Agora que essa parte da missão estava cumprida,

eu me via novamente dentro de um helicóptero sem nada para fazer.

De que adiantava preocupar-me com combustível? Eu não era piloto. As luzes vermelhas piscantes podiam até ser enfeite de árvore de Natal, no que me dizia respeito.

O helicóptero fez outra longa volta antes de se inclinar acentuadamente, perder altitude e ficar parado no ar. O chefe de tripulação abriu a porta e finalmente pude ver a silhueta escura de um CH-47 a cerca de cinquenta metros de distância.

Alguns Seal do outro esquadrão estabeleceram uma área de segurança. Quando aterrissamos, estavam apoiados num joelho, de costas para o helicóptero, vasculhando o horizonte em busca de sinais das forças armadas ou da polícia paquistanesas. O vento dos rotores açoitava o capim em torno deles.

Dois homens do Exército foram encarregados de nos abastecer e, usando óculos para proteger os olhos de fragmentos, puxaram uma mangueira até o Black Hawk. Enquanto os rotores giravam, conectaram a mangueira ao tanque de combustível.

"Para diminuir o peso, eles querem que quatro pessoas saiam e façam a viagem de volta no 47", berrou Tom em meio ao barulho do helicóptero.

Com o peso adicional do corpo e do tanque cheio, precisávamos aliviar a carga. Os pilotos queriam segurança absoluta. Vi dois sujeitos saírem, sendo Charlie um deles.

Enquanto isso em Abbottabad, a explosão na propriedade tinha finalmente atraído a atenção das forças armadas paquistanesas. Sem que soubéssemos, eles mantiveram todas as suas aeronaves no chão e fizeram uma contagem. Depois de se certificarem de que não faltava ninguém, providenciaram dois caças F-16 armados com canhões de trinta milímetros e mísseis ar-ar. As forças armadas do Paquistão mantêm-se em estado de alerta contra a Índia. A maioria das defesas aéreas do país

aponta para o leste. Os jatos ganharam o espaço rugindo e dispararam para a área de Abbottabad.

Sentado no helicóptero, olhei o relógio. Estava impaciente, queria voltar logo para Jalalabad. Meu desejo era sair da aeronave e ajudar os abastecedores. Era o que todo mundo queria, mas sabíamos que esse era o trabalho deles, e não o nosso. Se eu tentasse ajudar, ia atrasar ainda mais. E naquele momento o êxito da missão dependia de os abastecedores colocarem o helicóptero novamente no ar.

O solitário CH-47 que extraíra os homens do Chalk Dois já tinha ido embora havia muito tempo quando os jatos paquistaneses chegaram à área da propriedade de Bin Laden.

De onde estava, quando os abastecedores tiraram a mangueira, vi que eles a arrastaram de volta para o CH-47. Os rotores do seu helicóptero começaram a girar enquanto a enrolavam rampa acima. A equipe de segurança subiu novamente a bordo.

Um depois do outro, os dois helicópteros decolaram e seguiram em direção oeste, para o Afeganistão. Sem luzes piscantes. Agora só precisávamos atravessar a fronteira.

Verifiquei o relógio de novo. Levamos vinte minutos para reabastecer. Na minha cabeça, eu via os jatos paquistaneses à nossa procura. Naquele momento eu não sabia, mas os F-16 circularam em torno de Abbottabad, antes de ampliarem as buscas.

Repassei mentalmente o livreto sobre as defesas aéreas paquistanesas. Não havia como não saberem da nossa presença. Eu só esperava que mantivéssemos boa distância de quem quer que estivesse atrás de nós.

Pela primeira vez desde que recebera o aviso de dez minutos antes do assalto, tirei meu capacete. Enquanto passava a mão pelo cabelo amassado e suado, eliminei todos os pensamentos sobre jatos e mísseis ar-ar. Ainda tínhamos pela frente cerca de quarenta e cinco minutos de voo até Jalalabad, e eu não queria

ficar ali sentado, me preocupando de maneira obsessiva. Fiquei feliz quando Tom nos deu alguma coisa para fazer.

"Vamos examinar o corpo mais uma vez para ter certeza de que não perdemos nada."

Walt saiu de cima do peito de Bin Laden e calçou um par de luvas. Corri o zíper e abri o saco, deixando o corpo à mostra. Walt começou a apalpá-lo, primeiro na frente, depois deslizou as mãos pelos lados e pelas costas. Em seguida verificamos as calças. Procurávamos sobras nos bolsos — papeizinhos com números de telefone ou outras informações.

Enquanto Walt vasculhava, vi que os chefes de tripulação no helicóptero tentavam dar uma espiada no corpo. Tinham visto o cadáver de passagem no solo e depois tentado olhar por sobre os ombros. Fizemos um aceno para que se aproximassem, e acendi uma lanterna de lente vermelha no rosto de Bin Laden.

Os olhos deles brilharam. Sorriram. Vi que ambos se sentiam orgulhosos de participar da missão. Tínhamos treinado com eles desde os primeiros dias na Carolina do Norte. Sem eles, não haveria operação nenhuma. Souberam evitar com segurança as defesas aéreas paquistanesas e dentro de poucos minutos nos levariam para casa. Diante de sua comoção, percebi pela primeira vez que aquilo seria maior do que eu tinha imaginado.

Walt não encontrou nada. Fechou o zíper do saco mortuário e voltou a sentar-se no peito de Bin Laden.

Fechei os olhos e comecei a processar o que tinha acontecido. Pouco mais de uma hora antes, eu achava que nós íamos todos morrer num desastre de helicóptero. Curiosamente, gastei mais tempo pensando na queda da aeronave que no fato de poder ser alvejado pela porta. Eu já tinha participado de tiroteios, mas foi meu primeiro desastre aéreo. Desenrolou-se em câmara lenta. Tive tempo de pensar. Pude sentir o peito apertar enquanto eu achava que ia cair do céu. Vi o chão se aproximar em disparada ao nosso encontro.

Não tive controle, e isso foi o que mais me apavorou.

Para uma parte de mim, era como se tivéssemos fracassado, apesar do corpo que estava ali aos meus pés. Não obtivéramos todas as informações valiosas que poderíamos obter. Não abrimos todas as gavetas. No corredor do segundo andar havia pilhas de caixas que não foram sequer tocadas. Em geral, nosso trabalho era melhor do que isso. Mas não houve tempo. Éramos perfeccionistas, e apesar de o resto da operação ter transcorrido sem percalços depois da queda, a SSE deixara a desejar.

Éramos sempre nossos críticos mais severos.

O rádio chiou-me no ouvido, despertando-me dos pensamentos.

"Estamos de volta ao espaço aéreo afegão", disse Tom.

Depois eu soube que tínhamos saído bem na frente, e os jatos jamais chegaram perto de nos alcançar.

Quinze minutos mais tarde, vi as luzes brilhantes de Jalalabad. Eu tinha passado centenas de vezes por aquela situação, e dessa vez não foi muito diferente. Eu sabia que tínhamos conseguido voltar, e que em poucos minutos estaríamos em terra firme, a salvo.

O helicóptero baixou perto do hangar. O halo de luzes protetoras estava ligado e uma picape Toyota Hilux nos aguardava na pista.

Quando descíamos, vi três Rangers do Exército que tinham chegado num caminhão para buscar o corpo. Estavam encarregados de levá-lo de J-bad para Bagram.

Os soldados eram chefiados por um primeiro-sargento com quem eu trabalhara da última vez. Ele tinha ficado no país quando fui embora um mês antes. Tínhamos nos encontrado algumas vezes na praça de alimentação antes da missão. Ele era muito experiente. Havia entre nós uma relação de respeito mútuo.

Mas quando começaram a andar em direção à cabine para pegar o corpo fizemos um aceno para que se afastassem. A missão era nossa.

"Não, porra", berrou Walt. "Isto é nosso."

Tínhamos ido ao Paquistão pegá-lo. Íamos acompanhar a operação até o fim.

Comigo segurando a alça, carregamos o saco mortuário para a traseira do caminhão. Pulei para dentro, e me sentei. Dali pude ver Chalk Dois deixando o CH-47, e por um segundo senti um peso imenso saindo de minhas costas. Todos voltaram a salvo.

Durante a viagem de caminhão, o primeiro-sargento pôs a mão no meu ombro. Quando levantei os olhos, ele me mostrou uma moeda do 75º Regimento de Rangers na palma da mão.

"Você vai ser um herói para meu filho pelo resto da vida", disse o primeiro-sargento. "Parabéns."

Assenti com a cabeça. Eu me sentia feliz por todos estarem de volta vivos e em segurança. Não tinha tempo para pensar em meu legado.

# 18

# A confirmação

Ao entrar no hangar, vi o almirante McRaven.

Estava em pé, sozinho, perto da porta, com as mãos nos bolsos. Devia ter vindo do Comando de Operações Especiais Conjuntas logo que ouviu pelo rádio a informação de que tínhamos atravessado a fronteira.

O caminhão parou junto à porta do hangar, e ele veio até perto da traseira da carroceria. Parecia ansioso para ver o corpo.

"Vamos vê-lo", disse McRaven.

"Sim, senhor", eu disse, descendo pela traseira da carroceria.

Segurei o saco mortuário pelos fundos e puxei-o para fora do caminhão. Ele caiu com um baque surdo no chão de cimento, como um peixe morto. Ajoelhando-me, abri o zíper. Quase toda a cor tinha sumido do rosto e a pele parecia ter sido pintada de cinza. O corpo estava mole e polposo, e o sangue congelado empoçara no fundo do saco.

"Aí está o corpo de vocês", eu disse.

McRaven, trajando uniforme de camuflagem digital, ficou parado junto a Bin Laden enquanto eu lhe agarrava a barba e virava a cara para um lado e para outro, a fim de que o almirante pudesse ver o perfil.

"Ele obviamente tinha acabado de tingir a barba", eu disse. "Não parece tão velho como eu esperava."

Levantei-me e recuei enquanto os outros se juntavam ao redor do corpo. Muitos homens dos outros helicópteros ainda

não tinham visto o cadáver. Em pouco tempo, uma multidão cercava McRaven, que se ajoelhara para ver melhor.

"Ele deve ter um metro e noventa e cinco", disse McRaven, examinando a multidão.

Vi-o apontar para alguém.

"Qual é a sua altura?"

Um dos Seal respondeu: "Um metro e noventa e cinco".

"Você se importa de se deitar ao lado dele?", perguntou McRaven.

Depois de hesitar um pouco, para ter certeza de que McRaven não estava apenas sacaneando, o Seal deitou-se ao lado do saco mortuário, enquanto McRaven conferia de perto a medição.

"Tudo bem, tudo bem", disse McRaven. "Pode ficar em pé."

A medição tinha sido mais uma brincadeira. Mas Bin Laden não era bem como tínhamos imaginado. Estou seguro de que McRaven pensou o mesmo que eu tinha pensado lá no terceiro andar.

Em pé atrás da multidão, vi Jen. Parecia pálida e estressada sob as luzes brilhantes do hangar. Ainda havia homens se aproximando quando ela viu Ali. Ele sorriu, e ela começou a chorar. Dois Seal passaram os braços em volta dela e a conduziram para que pudesse ver o corpo, o que me surpreendeu.

Poucos dias antes, na praça de alimentação, Jen me dissera que não queria ver o cadáver de Bin Laden.

"Não tenho interesse em vê-lo", disse. "As minhas atribuições não incluem ter de olhar um corpo morto."

Achei que era algum tipo de bravata. Ela não precisava sujar as mãos no desempenho de suas funções. Usava caros sapatos de salto alto, e ter de carregar peso morto para um helicóptero estacionado nunca seria uma de suas preocupações. Tinha vencido Bin Laden num nível intelectual.

"Se conseguirmos", eu lhe dissera do outro lado da mesa, "você terá de ver o corpo."

No hangar, Jen se manteve afastada da multidão. Não disse nada, mas eu sabia, por sua reação, que de onde estava podia ver o corpo de Bin Laden no chão. Enquanto lágrimas lhe escorriam pelas faces, percebi que Jen levou algum tempo para processar. Passara metade de uma década perseguindo esse homem. Agora ele jazia a seus pés.

Para nós foi mais fácil.

Víamos corpos mortos o tempo todo. Era a espécie de feiura com a qual convivíamos, e uma vez terminado o serviço não pensávamos mais no assunto. Não éramos militaristas enfastiados, mas quem já viu um corpo morto, não se impressiona mais.

Pessoas no nível de Jen jamais precisavam lidar com sangue. Por isso ver finalmente o corpo de Bin Laden aos seus pés deve ter sido um baque para ela.

Afastei-me da multidão. Encostado no caminhão, pus o fuzil na traseira da carroceria, tirei as luvas e enfiei-as num dos bolsos. A maioria dos meus companheiros estava de volta e se dirigia ao hangar. Havia muitos sorrisos.

Teddy foi um dos últimos a entrar ali. Vi pela expressão do seu rosto que estava furioso, talvez um pouco constrangido, devido à queda do helicóptero. Interceptei-o quando entrava e dei-lhe um abraço apertado.

"Teddy", eu disse. "Você é o cara."

Ele riu encabulado e tentou se livrar do abraço.

"Cara, falo sério", repeti.

Para mim era inegável que ele tinha salvado a missão aterrissando como aterrissara. Todos só queriam saber quem tinha apertado o gatilho, mas aterrissar um helicóptero avariado era muito mais difícil que puxar o gatilho. Bastaria um movimento errado para que acabássemos num monte de destroços no pátio. Teddy salvou a vida de todos nós.

"Grande trabalho", disse-me Walt, com um aperto de mão que se transformou num abraço.

Em seguida, todos nós passamos alguns minutos trocando cumprimentos. Ainda havia gente chegando ao hangar. Não me

lembro bem com quem falei, mas me lembro muito bem de como era bom estar de volta a salvo.

Não demorou para que começassem a falar besteira.

"Explodir a casa? Não diga!", ouvi Charlie falar com o sujeito dos explosivos.

Depois nos reunimos para tirar fotos. Éramos uma equipe grande. Terminada a sessão de fotografias, entramos novamente no espírito do nosso trabalho. Nossos cinco minutos de diversão tinham acabado, e era hora de seguir para Bagram a fim de processar o material de inteligência recolhido.

Os Rangers já tinham empacotado o corpo novamente e estavam a caminho de Bagram. Seguiríamos logo atrás em nosso avião. Na linha de voo, pusemos nosso equipamento dentro do C-130 e o prendemos firmemente à plataforma do piso. Subimos a bordo ainda usando nossos apetrechos e portando armas. Havia poucos bancos, e fui me sentar na parte da frente do avião.

Vi Jen soluçar ali perto. Sentada no piso, apertava as pernas contra o peito em posição fetal. Sob a luz vermelha da cabine, eu mal conseguia ver seus olhos. Estavam inchados e o olhar se perdia na distância. Levantei-me e acariciei seu ombro.

"Ei, era cem por cento!", eu disse, debruçando-me para que pudesse me ouvir no meio do barulho dos motores.

Ela me olhou aturdida.

"Sério, sem brincadeira", eu disse. "Era cem por cento."

Dessa vez ela assentiu com a cabeça, e voltou a chorar. Contorci-me de volta para meu lugar no piso enquanto os tripulantes apagavam as luzes da cabine. Minutos depois, voávamos em direção a Bagram. Durante a maior parte do voo de quarenta e cinco minutos, fiquei meio inconsciente. Não dormi, mas descansei. Sabia que ainda tínhamos horas de trabalho pela frente.

O C-130 nos deixou num hangar. Lá dentro, um pequeno grupo de especialistas do FBI e da CIA nos aguardava para examinar conosco documentos, *pen drives* e computadores que havíamos confiscado na propriedade. Ao entrar, surpreendeu-me ver que os analistas estavam todos em pé, ao lado de suas mesas, com as mãos para trás, como se estivessem num desfile militar.

Num canto, havia mesas dispostas em círculo com vasilhas de plástico verde cheias de comida — pilhas de nuggets de frango e batatas fritas. Uma grande cafeteira produzia uma horrível xícara de café depois da outra. Já fazia pelo menos sete horas que tínhamos tomado o café da manhã, mas ninguém tocou na comida. Precisávamos trabalhar.

Logo que atravessamos a porta, começamos a nos livrar de nosso equipamento. Ao tirar meus apetrechos, senti uma dor percorrendo meu ombro. Não era uma dor aguda, mas irritante, indistinta. Olhei por cima do ombro, mas não vi sinal de sangue.

"Ei, Walt, tem alguma coisa no meu ombro?", perguntei.

Ele também estava tirando seu equipamento.

"Não parece nada demais", disse ele. "Deve ter sido um fragmento. Nada que precise de pontos."

Inspecionando meu equipamento, apalpei a torquês presa às minhas costas e senti com a ponta do dedo a presença de um caco de metal. Segurando a ferramenta na mão, vi um estilhaço de bom tamanho embutido no cabo.

"Fragmento de bala", pensei.

Quando Al-Kuwaiti atirou, fragmentos de bala devem ter me atingido antes que eu atirasse de volta. A torquês estava presa no alto das minhas costas, com o cabo a poucos centímetros da cabeça. Foi muita sorte os estilhaços não me atingirem o pescoço.

Após uma rápida série de perguntas para repassar o que acontecera durante a missão, começamos a descarregar o material recolhido na casa. O treinamento básico BUD/S nos

condicionara a cuidar primeiro do equipamento do grupo, depois do equipamento do departamento, depois do pessoal.

Dividimos as mesas em grupos correspondentes a cada cômodo do alvo. Levei todas as minhas sacolas para a mesa do edifício principal, terceiro piso, sala A. Abri a sacola e tirei o material que coletei. Empilhei as fitas que recolhera no guarda-roupa e pus a pistola e o fuzil na mesa.

No quadro branco, desenhamos um diagrama do interior da propriedade, e as plantas dos andares do prédio principal e da casa de hóspedes. Levei minha câmera para onde um dos Seal ajudava o analista da CIA a descarregar as fotos de nossas câmeras digitais.

"Como estão saindo as fotos até agora?", perguntei, entregando a minha câmera.

"Até agora, tudo bem", ele respondeu.

À medida que as imagens do corpo de Bin Laden apareciam em sua tela, eu relaxava. Como tínhamos trazido o corpo, as fotos já não eram absolutamente cruciais. Mas, eu podia imaginar que, se tivesse conseguido estragá-las, Charlie e Walt nunca mais parariam de me gozar.

"Acha que estão boas?", perguntei.

"Até agora sim", disse o analista. "É tudo que precisamos."

Eu não sabia se as fotos seriam divulgadas, e, para ser franco, não estava muito preocupado com isso. A decisão estava bem acima do meu nível e fora do meu controle. Ouvi os companheiros falarem com o analista da CIA sobre o material recolhido.

"Cara, a gente lamenta muito", disse um companheiros que vasculhou o segundo andar. "Havia muito mais coisas. Mas não tivemos tempo. Poderíamos ter feito melhor."

O analista da CIA quase soltou uma gargalhada.

"Vocês são bons", disse ele. "Parem de se preocupar. Vejam esta merda que temos aqui. Vamos precisar de meses para examinar tudo. Só aqui temos mais do que o que conseguimos nos últimos dez anos."

A entrega do material de inteligência levou mais de duas horas. Na frente do andar, e a uns dez metros das mesas, vi o especialista em DNA do FBI tirar amostras do corpo de Bin Laden. Quando terminou, os Rangers escoltaram o corpo até o USS *Carl Vinson* para sepultamento.

Terminada a entrega do que fora recolhido, comecei a empacotar meu equipamento. Descarreguei e travei a arma, desliguei os visores, e guardei-a no estojo. Pus os apetrechos na mesa e removi a granada e a carga de explosivo. Não havia necessidade de levá-las para casa.

Estava terminando quando Jen e Ali chegaram. Iam sair dentro de poucos minutos e tomar o avião de volta para os Estados Unidos. A Força Aérea tinha um C-17 vazio esperando para levá-los.

Ela me deu um abraço.

"Não sei quando voltarei a ver vocês", disse ela, dirigindo-se à porta com Ali. "Cuide-se."

Ela tinha meses para peneirar o material de inteligência recolhido na incursão, e isso a manteria ocupada. Mas, diferentemente de nós, essa caçada era sua vida. Ao afastar-se, parecia ao mesmo tempo aliviada e exausta. Para alguém que como ela passara a maior parte dos últimos dez anos tentando encontrá-lo, tenho certeza de que não era fácil ir embora.

Com a maior parte do equipamento empacotado, alguns começaram a beliscar alguns pratos frios. Fomos até a TV que tinha sido instalada nos fundos do hangar. O presidente Obama ia falar. Todos pararam e se amontoaram em volta da tela.

Circulavam boatos que o JSOC tinha revisado o discurso para certificar-se de que os detalhes da operação permanecessem em segredo. Ninguém duvidava que os detalhes acabariam vazando, mas àquela altura esperávamos que o presidente Obama guardasse segredo por mais algum tempo.

“Dou uma semana para divulgarem que os Seal estavam envolvidos”, disse a Walt.

“Porra, não dou nem um dia”, ele respondeu.

Por volta das nove e quarenta e cinco da noite na Costa Leste, a Casa Branca anunciou que Obama ia falar à nação naquela noite. Às dez e meia, os primeiros vazamentos sobre a operação já circulavam. O oficial de inteligência da Reserva Naval Keith Urbahn foi acusado de ter vazado a notícia no Twitter. Logo, todos os grandes jornais e emissoras de TV informavam que Bin Laden estava morto.

Às onze e quarenta e cinco, o presidente Obama apareceu na TV. Entrou pelo longo corredor e assumiu posição atrás do pódio. Olhando diretamente para a câmera, ele contou ao mundo o que tínhamos feito.

“Boa noite. Hoje posso informar ao povo americano e ao mundo que os Estados Unidos conduziram uma operação que matou Osama bin Laden, líder da Al-Qaeda e terrorista responsável pelo assassinato de milhares de homens, mulheres e crianças inocentes.”

Escutávamos em silêncio.

Obama agradeceu às Forças Armadas por perseguirem a Al-Qaeda e protegerem cidadãos americanos.

“Frustramos ataques terroristas e fortalecemos a defesa nacional. No Afeganistão, removemos o governo talibã, que tinha oferecido refúgio e apoio a Bin Laden e à Al-Qaeda. E no mundo inteiro trabalhamos com amigos e aliados para capturar ou matar dezenas de terroristas da organização, incluindo diversos terroristas que participaram do complô de Onze de Setembro”, disse Obama.

O presidente ressaltou que logo depois de ter sido eleito tinha dito a Leon Panetta que a morte ou a captura de Bin Laden eram uma prioridade em seu governo e descreveu em linhas gerais como o tínhamos encontrado. Essa parte do discurso foi habilmente redigida e não revelou qualquer detalhe danoso.

“Hoje, sob minha aprovação, os Estados Unidos lançaram uma operação específica contra aquela propriedade em Abbottabad, Paquistão. Uma pequena equipe de americanos conduziu a missão com coragem e competência extraordinárias”, disse Obama. “Nenhum americano foi ferido. Eles tomaram precauções para que não houvesse vítimas civis. Depois de uma troca de tiros, mataram Osama bin Laden e apreenderam seu corpo.”

Nenhum de nós era grande admirador de Obama. Nós o respeitávamos como comandante-chefe das forças armadas, e por ter autorizado a missão.

“Saibam que acabamos de ajudar Jay a conquistar suas estrelas de almirante”, disse Walt, enquanto ouvíamos o discurso. “E de reeleger esse sujeito.”

“Você teria preferido não fazer isso?”, perguntei.

Todos sabíamos qual era o acordo.

Éramos peças da caixa de ferramentas dos políticos, e eles sempre promoviam aquilo que dava certo. Exageram sua participação. Mas, fizemos o que devíamos fazer, porque era o certo. Independentemente dos aspectos políticos envolvidos, o resultado final foi o que todos nós desejávamos.

“McRaven estará dirigindo o Comando de Operações Especiais dentro de um ano, e provavelmente um dia ainda será Chefe de Operações Navais”, eu disse.

Obama chamou a missão de “a mais significativa conquista até o momento no esforço do país para derrotar a Al-Qaeda” e agradeceu nosso sacrifício.

“O povo americano não vê o seu trabalho nem sabe os seus nomes”, disse ele.

Esperávamos que ele revelasse detalhes. Se revelasse, poderíamos ao menos falar mal. Mas não acho que o discurso foi ruim de forma alguma. Se teve algum defeito, talvez tenha sido o de ser um tanto contido.

“Tudo bem, chega disso”, disse eu a Walt. “Vamos comer alguma coisa, ou pelo menos tomar um banho quente.”

Correu a notícia de que nosso voo para casa sairia em poucas horas. Peguei minha mochila com roupas civis e tomei um ônibus para o recinto do JSOC. A equipe decidira tomar um banho rápido antes de seguir de volta para Virginia Beach.

O recinto tinha alguns trailers com chuveiro. Em pé debaixo da água escaldante, senti que o corpo começava lentamente a relaxar.

Além disso, eu estava faminto.

O DEVGRU tem uma pequena seção no recinto do JSOC. Era nossa oficina de mobilidade terrestre. Basicamente, ali eram mantidos funcionando todos os nossos caminhões, motocicletas, veículos de quatro rodas e Humvees. Um Seal o chefiava, trabalhando com um grupo de mecânicos e de marinheiros do Batalhão de Construção.

O voo para casa atrasou algumas horas, por isso pudemos descansar um pouco. Na área de trabalho, a garagem era atulhada de peças, ferramentas e veículos em todas as fases de reparo. Reunimo-nos num pequeno escritório com sala de estar e sofá. O Seal que dirigia a oficina nos recebeu de braços abertos.

"Precisam de alguma coisa?", perguntou.

Entre os prédios modulares e a garagem coberta para a frota de veículos, foi construído um pequeno pátio com forno de tijolo para pizza e uma grande churrasqueira a gás. Walt deu uma volta pelo pátio distribuindo charutos que a NRA, a Associação Nacional do Rifle, lhe enviara semanas antes como gesto de boas-vindas ao voltar de uma missão. Eles jamais poderiam suspeitar que fumaríamos os charutos para comemorar a missão que matara Osama bin Laden.

Todos estavam ali, exceto Jay, Mike e Tom. Os cabeças ainda estavam dando informações ao almirante McRaven.

Passamos a maior parte do tempo no pátio, absorvendo o sol quente da primavera. O pessoal do Batalhão de Construção que vivia no recinto estava acendendo a churrasqueira para assar carne e caudas de lagosta que tinham conseguido na praça de

alimentação. Eu sentia o cheiro de pipoca e de pizza, que assava no forno de tijolo.

Enquanto estava tomando sol e quase cochilando no pátio, ouvi alguém gritar:

"Vocês não vão acreditar nesta merda. Já vazou."

Num dos terminais de computador, o chefe da equipe de segurança do local estava lendo os sites de notícias. Em menos de quatro horas, os noticiários já informavam que os Seal tinham executado a missão. Depois, que foram Seal do DEVGRU, da Equipe Seis, com base em Virginia Beach.

Havia quase um mês que trabalhávamos na missão em sigilo máximo, e de repente estava em todos os noticiários. Vimos imagens de multidões que se juntaram espontaneamente na frente da Casa Branca, do Marco Zero e do Pentágono. Numa partida de beisebol da Liga Nacional da Filadélfia, torcedores começaram a cantar "U-S-A". Todos comentaram como os torcedores eram jovens. Meninos como aqueles não faziam ideia de como eram os Estados Unidos antes de Onze de Setembro de 2001.

Vimos a loucura pela TV e não pude deixar de imaginar o que meus amigos e minha família estariam pensando. Ninguém sabia que eu me achava no Afeganistão. Tinha dito a meus pais que ia sair da cidade para treinamento e não levaria o celular. Agora todos deviam estar ligando para tentar me encontrar.

O sol estava quente quando nos sentamos do lado de fora para comer. Saciado, eu agora só pensava em dormir. O ônibus voltou poucas horas depois para nos levar até o avião. A adrenalina tinha passado quando nos arrastamos para embarcar.

O C-17 estava vazio, sem contar os tripulantes.

Nossos contêineres embarcaram primeiro, depois nós entramos, espalhando almofadas na plataforma do piso. Enquanto nos arrumávamos, vi os chefes de tripulação falando com os pilotos. Os voos de C-17 da Força Aérea são sempre

uma loteria. Às vezes a gente viaja com uma tripulação legal, que nos deixa dormir onde quisermos, mas há tripulações que seguem as normas ao pé da letra, e nos obrigam a ficar em nossos assentos.

Enquanto os motores do avião se aqueciam, o chefe da tripulação falou pelo sistema de comunicação.

"Ei, rapazes, não vamos fazer escala na Alemanha, por isso seremos abastecidos no ar por um avião-tanque na viagem de volta para os Estados Unidos", disse ele. "Podem dormir."

Os tripulantes obviamente descobriram quem eram os passageiros, e foram tão legais que nos deixaram pôr em dia o sono atrasado. O comum é pararmos na Alemanha para reabastecer. Mas todos ficaram felizes porque a tripulação era gentil e o voo ia ser direto. Àquela altura, estávamos havia quase vinte e quatro horas acordados. A decolagem foi tranquila, e o avião tomou o rumo do ocidente.

Estávamos esgotados.

A blitz da mídia que tínhamos acabado de ver na TV e on-line nos abalou. Acho que ninguém estava preparado para isso. Mas, estirando-me na plataforma do C-17, eu não tinha energia para nada. Minha mente precisava desligar.

Tomei dois remédios para dormir e, antes de sairmos do espaço aéreo afegão, eu já sonhava profundamente.

# 19

# Tirar uma casquinha

Meu celular vibrava, zunia, tocava e bipava com as mensagens do dia.

Segundos depois que nosso C-17 aterrissou em Virginia Beach, ligamos nossos telefones, deflagrando uma cacofonia de toques. Pus o meu perto de mim, e ele saltava como pipoca na panela.

Enquanto atravessávamos o Atlântico, notícias da incursão tinham dominado os noticiários da TV e da web. Repórteres correram para Virginia Beach, à procura de membros de Seal da Marinha vivos e reais que pudessem entrevistar. Em Washington, qualquer um no Capitólio ou no Pentágono que tivesse um fiapo de informação tornou-se uma fonte.

Quando meu telefone finalmente parou, comecei a examinar as mensagens. Ninguém fazia ideia de que eu tinha participado da incursão. Mas todos que sabiam que eu era Seal ligaram para falar a respeito. Havia mensagens da família e até de amigos da faculdade com quem não falava havia anos. Todas as mensagens eram uma só:

"Ei, cara, o que está acontecendo? Estou vendo as notícias. É só pra saber se você está na cidade."

A missão era tão secreta quando partimos que não contamos para onde íamos nem mesmo a pessoas da nossa própria unidade. Mas agora eu tinha quase cem e-mails, umas cinquenta mensagens de voz, e mais de trinta mensagens de texto perguntando se eu por acaso não estava no Paquistão, ou

se sabia o que estava acontecendo. Minha família só queria saber se eu estava na cidade e em segurança.

Quando o avião finalmente parou e a tripulação abriu a porta, o velho comandante do nosso esquadrão subiu a bordo correndo. Estava esperando para assumir o comando do DEVGRU em breve. A mudança de comando fora protelada até o fim da missão, e por isso ele não esteve conosco no Afeganistão. Era um dos melhores líderes com quem eu tinha trabalhado. Todos os companheiros o adoravam, porque sempre defendia os nossos interesses e cuidava do nosso bem-estar.

Enquanto juntávamos nossas mochilas, ele passou pela fila cumprimentando cada um com um aperto de mão e um abraço. Queria ser o primeiro a nos dar as boas-vindas. Ainda espantávamos a vaga perturbação causada pelas doses de remédio para dormir, o que fazia com que aquela situação parecesse um tanto surreal. Foi o primeiro sinal de que nossa recepção seria maior do que previámos.

Com o ronco dos motores era difícil escutar alguma coisa quando saímos do avião. Lá fora estava escuro como breu. Sair da cabine iluminada para a noite escura piorava a situação. Meus olhos levaram alguns segundos para se acostumar, mas quando o fizeram vi uns duzentos companheiros enfileirados para nos cumprimentar. Consegui distinguir suas silhuetas ao andar em direção aos ônibus brancos que nos levariam à base. Estávamos a cinquenta metros de distância do ônibus, e devo ter trocado pelo menos cem apertos de mão.

Sempre tentávamos receber os esquadrões quando retornavam. Dei-me conta de que qualquer um daqueles que estavam ali na fila apertando nossas mãos poderia estar em nosso lugar. A diferença é que estávamos no lugar certo na hora certa. Senti-me realmente um homem de sorte.

Eu só dispunha de poucos segundos para dizer alô ou murmurar um obrigado enquanto passava. Estávamos exaustos, e um tanto atordoados quando entramos no ônibus.

Felizmente havia um isopor repleto de cerveja e pizza quente esperando por nós. Acomodei-me em silêncio em meu banco. Segurando a mochila entre as pernas, equilibrei o celular na coxa enquanto comia e bebia. Olhei à minha volta dentro do ônibus. Todo mundo estava de cara enfiada no celular tentando fazer uma seleção na enxurrada de mensagens. Vinte e quatro horas antes o presidente Obama tinha falado à nação sobre o combate.

Pela primeira vez, a ficha caiu. Aquilo era muito legal. Tinha sido uma missão como aquelas sobre as quais eu lia no Alasca quando menino. Entrou para a história. Mas com a mesma rapidez com que esses pensamentos me entraram na cabeça, eu me livrei deles. Se pararmos e acreditarmos exageradamente na própria importância, estamos perdidos.

De volta ao comando, nem cheguei a entrar. Nosso equipamento e nossas armas foram colocados na seção de armazenagem e trancados. Não havia necessidade de descarregar tudo, e era uma sorte podermos tirar alguns dias de folga do trabalho. Joguei a mochila civil em meu caminhão e rumei para casa. Não tinha intenção de sair para os bares e comemorar. Só queria um pouco de sossego. Já estava suficientemente atordoado pela recepção.

A caminho de casa, vi a placa neon de um drive-through da Taco Bell. Eu sempre parava para uma refeição mexicana ao voltar para casa de uma temporada no Exército, geralmente vindo da Alemanha. Tinha feito essa parada muitas vezes ao longo dos anos. Entrei na fila e pedi dois tacos crocantes, um burrito de feijão e uma Pepsi média.

Na janela, um estudante do ensino médio me entregou a comida e a bebida. Segui para o estacionamento e peguei o taco. Estendi o papel no colo, joguei um pouco de molho picante na alface fria e crocante e comi.

No rádio sintonizei numa estação de música country. Entre uma mordida e outra, eu tentava entender. Dias antes, eu enfiava comida goela abaixo no refeitório tentando afastar a missão dos meus pensamentos. Agora, enquanto comia a

caminho de casa, continuava tentando afastar a missão dos meus pensamentos.

Eu precisava de uns dias de folga.

Antes de sair de Bagram brincávamos sobre fazer uma pausa. Eu sabia que o resto do esquadrão estava na costa da Virgínia praticando abordagem em curso. O comando tinha alugado um navio de cruzeiro e o enchera de encenadores. Era um treinamento de grandes dimensões e caro. Sempre parecia mais divertido do que era de fato. Inevitavelmente, acabávamos passando horas em águas geladas, golpeados pelas ondas enquanto galgávamos o costado de um navio.

Depois da última mordida no burrito de feijão, enrolei o papel e o pus de volta no saco. Tomando um bom gole de Pepsi, engatei a primeira marcha e segui para casa. Antes de relaxar, desfiz a mochila e tomei um demorado banho de chuveiro.

Mas ainda estava muito tenso. Acabara de dormir dezenove horas. A TV estava ligada e comecei a navegar pelos canais de notícias. Todo programa transmitia alguma coisa sobre a missão. A maioria era especulação.

Informavam que tínhamos participado de um tiroteio de quarenta minutos.

Então vi que tínhamos levado tiros quando estávamos do lado de fora do portão.

Depois, que Bin Laden tinha uma arma e tentou se defender antes de o atingirmos.

E é claro que se noticiou que, nos últimos segundos de Bin Laden, ele teve tempo suficiente para nos olhar nos olhos e ver que eram os americanos chegando para matá-lo.

A missão era relatada como um medíocre filme de ação. De início, era engraçado porque estava errado.

Mas depois fotos da propriedade relampejaram na tela. O que fora supersecreto durante semanas agora estava em todos os noticiários. Vi os destroços do helicóptero. As cargas destruíram a fuselagem, mas ainda havia uma seção intacta do

rotor da cauda. Quando os explosivos detonaram, a seção da cauda partiu-se e caiu no chão do lado de fora do muro.

A agência de notícias Reuters tinha até fotos dos corpos que deixamos para trás. Imagens dos irmãos Al-Kuwaiti — incluindo Abrar, que Will e eu baleamos através da porta da casa de hóspedes — apareceram na tela. Uma imagem do lugar onde estivera o corpo de Bin Laden veio em seguida. Vi o sangue seco no tapete.

Eu me esforçava para compreender.

Ver essas imagens no horário nobre da televisão era uma coisa com a qual era difícil de lidar. As imagens penetraram no minúsculo compartimento do meu cérebro onde eu guardara toda a experiência. Agora não havia mais barreira separando casa e trabalho. Eu sempre fora bom em bloquear mentalmente o "trabalho" que fazia fora. Quando estava em casa, estava em casa. Ver essas imagens era como confundir as margens e fazia a cabeça doer.

Não dormi bem aquela noite. Eu tinha guardado duas pílulas para dormir para uma hora de necessidade. Não havia como dormir sem elas.

Nos dois dias seguintes, esquivei-me de ligações de parentes e amigos. O telefone não parava de tocar. Minha família queria saber se eu estivera envolvido. Meus pais sabiam que eu tinha viajado, mas não sabiam para onde.

Antes de partir, eu tinha ligado para eles e dito que ia treinar, e que não levaria telefone. Sempre tentei ser vago com eles no que dizia respeito ao trabalho. Tinha mandado para minhas irmãs uma mensagem de texto meio sem sentido dizendo simplesmente que as amava. Na época não era uma bandeira vermelha, mas depois que a notícia foi divulgada minhas irmãs sabiam que eu devia estar metido em algo.

Um dia depois que cheguei, quando eu levava minha lata de lixo para o meio-fio, a vizinha do outro lado da rua veio e me deu um forte abraço. Ela sabia que eu era um Seal, e percebeu que eu me ausentara alguns dias.

“A gente nunca sabe direito o que é que nossos vizinhos fazem para ganhar a vida, né?”, disse ela, rindo, e voltou para sua casa.

Foi a mesma coisa com meus companheiros. Um deles mal passou pela porta de casa e já estava de novo trocando fraldas.

“Então, eu chego em casa e ela me entrega meu filho imediatamente”, disse ele quando voltamos para o trabalho. “Tínhamos acabado de matar UBL. Pensa que pude sentar e tomar uma cerveja?”

Outro passou a manhã seguinte cortando a grama. Talvez a mídia nos desse tratamento de celebridade, mas em casa éramos apenas maridos ausentes.

Quando voltamos oficialmente para o trabalho dois dias depois, Jay nos chamou para uma reunião na mesma sala de conferência onde pela primeira vez ouvimos falar da missão. Em nível de comando, havia uma preocupação com todos os vazamentos em torno da incursão.

“É imperativo ficarmos fora da mídia”, disse Jay. “Devemos tomar cuidado, manter a discrição.”

Fiquei pasmo. Tínhamos guardado o maior segredo durante semanas. Agora, Washington divulgava tudo, e nós é que recebíamos um sermão por causa disso. Achei que era só questão de tempo para que alguns dos nossos nomes aparecessem no noticiário.

Tínhamos acabado de matar o terrorista número um do mundo. A última coisa de que precisávamos era ter nossos nomes associados a isso. Tudo que desejávamos era desaparecer novamente nas sombras, e voltar ao nosso trabalho.

“Resolvido isso”, disse Jay, “aqui está a escala de vocês. Tirem uma semana de folga.”

“Mas não uma verdadeira semana de folga, certo?”, disse Walt.

Ouvi um riso abafado de outros.

“Quando é que o circo começa?”, perguntei.

“A Agência estará aqui em poucos dias”, disse Jay. “O secretário de Defesa também planeja uma visita em breve. Informamos qual será a agenda quando a recebermos. Aproveitem a folga.”

Dessa vez rimos.

“Qual é, todo mundo quer tirar uma casquinha”, disse Tom quando saíamos da sala de conferência.

A missão não tinha sido tão complicada ou difícil.

Semanas e meses depois da missão, começaram a aparecer detalhes sobre o ataque com foco na unidade. Isso provocou temores sobre nossa segurança pessoal. A maioria de nós já tinha investido em sistemas de segurança domésticos.

Alguns manifestaram preocupação a Jay e Mike no que parecia uma reunião semanal.

“E se nossos nomes aparecerem na mídia?”, perguntei.

A ABC News transmitira uma reportagem ridícula sobre como identificar um Seal. O repórter Chris Cuomo informou que o Seal que atirou em Bin Laden era provavelmente um homem branco, em boa condição física, na faixa dos trinta anos, de barba e cabelos longos. Depois Cuomo fez o que os outros repórteres faziam. Foi atrás de um Seal que quisesse falar a nosso respeito, nesse caso o fundador do DEVGRU, Richard Marcinko.

“Eles não têm barriga, têm pernas de gazela e uma imensa configuração na parte superior do corpo. Além de um bloco mental que diz ‘não falharei’”, disse Marcinko a Cuomo.

Outros traços reveladores: mãos calosas de disparar armas, ferimentos de estilhaços de missões anteriores e egos imensos.

“Basicamente, são indivíduos egomaníacos que tocam música juntos. Aprendem a depender um do outro. Quando estão chateados brincam uns com os outros para não deixar cair a peteca. Do contrário, fica muito difícil para eles”, disse Marcinko à ABC News.

Rimos disso até não poder mais. Sabíamos que ele era o fundador do DEVGRU, mas estava claro que perdera irremediavelmente o contato com a realidade. Eu não conhecia um só Seal a quem se aplicasse aquele perfil. Não existiam mais egomaníacos em nosso meio. Não havia um marinheiro, um piloto, um fuzileiro naval na comunidade de operações especiais que correspondesse à sua descrição. Não fazia parte da nossa cultura. Trabalhávamos em equipe e sempre tentávamos agir da maneira correta.

Mas estávamos na reunião para tratar de vazamentos e preocupações com segurança.

"Guardem bem este segrego, porque ninguém mais sabe", disse Jay. "Amanhã vocês terão um encontro com o presidente em Kentucky."

Com o circo armado, já esperávamos que isso acontecesse.

"Vamos voar trajando roupas civis e depois vestir nossos uniformes para conhecer Barack Obama", disse Jay.

Fomos dispensados, e encerramos o expediente. Quando ia para o caminhão, o telefone tocou.

Era uma mensagem de texto de minha irmã.

"Ouvi dizer que você vai se encontrar com o presidente amanhã", dizia. "Não vá de short, para que não vejam suas pernas de gazela e saibam que é um Seal."

E tanto investimento que se fazia em segurança operacional.

De manhã partimos num dos C-130 mais velhos que já vi. Recém-pintado, disfarçava a idade por fora. Mas quando se subia a bordo, seu interior denunciava. Tudo ali dentro desbotara.

Subindo a rampa, ninguém ficou muito impressionado, mesmo que estivéssemos habituados a voar em C-130 bem mais novos, ou mesmo em C-17.

"Isto é que é ter status de *rock star*", disse Charlie, encolhendo sua estrutura de um metro e noventa e cinco na cadeirinha laranja dobrável. "Acho que nossos quinze minutos de fama acabaram."

Mas uma placa perto da porta nos contou a verdadeira história. O avião foi uma das três aeronaves MC-130E Combat Talon I usadas na Operação Garra de Águia, a missão ordenada por Jimmy Carter para resgatar americanos mantidos em cativeiro na embaixada dos Estados Unidos em Teerã, Irã, em 1979.

Um chefe de equipe descobriu o avião num depósito de aparelhos fora de uso e convenceu um general da Força Aérea a restaurá-lo e devolvê-lo ao inventário. Não deixava de ser apropriado voarmos naquele avião para o encontro com o presidente em Kentucky. Ele tinha muita história e acho que faria pelo menos mais um voo histórico.

Do aeroporto, seguimos por ruas secundárias para o quartel-general do 160º Regimento de Aviação de Operações Especiais, onde Teddy e as tripulações aéreas tinham sua base. O presidente Obama deveria falar para milhares de soldados da 101ª Divisão Aerotransportada depois do encontro conosco.

Conduziram-nos a uma grande sala de conferência, onde ficamos aguardando. Junto à parede dos fundos havia uma mesa repleta de sanduíches chiques, batatas fritas, biscoitos e bebidas.

"Estamos em ascensão no mundo", eu disse. "Isto é muito melhor do que nuggets de frango frios. Será que vão nos cobrar por isto?"

Numa das mesas perto da porta havia uma bandeira emoldurada. Era uma das bandeiras que carregamos na missão. Os rapazes estavam assinando no verso da moldura e a ideia era dá-la ao presidente.

"Por que tenho de assinar isso?", perguntei a Tom.

Como sempre, ele tomava providências enquanto Jay e Mike conversavam com os superiores.

"Todos que participaram da missão precisam assinar", disse ele.

"Por quê?" Eu só queria uma explicação.

“Isso vai para o presidente”, disse Tom, já cansado de minhas perguntas.

“Por quantas mãos deve passar antes de ser pendurada na parede?”, perguntei. “Não há visitantes na Casa Branca?”

A única coisa que permanecia em segredo eram nossos nomes.

Fui falar com os outros rapazes.

“Todo mundo está assinando?”

A maioria já tinha assinado.

“Rabisque um nome qualquer e tudo bem”, disse Charlie. “Foi o que fiz.”

Depois de muita correria e espera, finalmente seguimos para o auditório a fim de nos encontrarmos com o presidente. O Serviço Secreto nos fez passar por um detector de metais. Quando chegou a minha vez, o aparelho apitou por causa do meu canivete. Tirei o canivete e o joguei numa pilha de objetos que não parava de crescer.

Era um pequeno palco com filas de cadeira na frente.

Walt sentou-se ao meu lado.

“Eu preferiria estar praticando abordagem em curso a estar sentado aqui”, disse ele.

Obama chegou de terno escuro, camisa branca e gravata azul-clara. O vice-presidente Biden acompanhava-o, vestindo camisa azul e gravata vermelha. O presidente subiu ao palco e falou alguns minutos. Concedeu à unidade uma Menção Presidencial de Unidade, em reconhecimento a nossa proeza. É a mais alta honraria que se concede a uma unidade.

Não me lembro bem do discurso. Era uma peça preparada seguindo à risca o livro de instruções do redator de discursos.

“Vocês são o que os Estados Unidos têm de melhor.”

“Vocês são aquilo que os Estados Unidos representam.”

“Obrigado em nome do povo americano.”

“Excelente trabalho.”

Depois do discurso, posamos para fotos. Biden contava piadas sem graça que ninguém entendia. Parecia um bom sujeito, mas me lembrava um tio bêbado na ceia de Natal. Antes de sair

para falar perante dois mil soldados da 101ª, Obama convidou a equipe para tomar uma cerveja em sua residência.

"O que é residência?", perguntei.

"Sei lá", respondeu Walt. "Sua casa. A Casa Branca, imagino."

"Isto seria legal", eu disse. "Eu não acharia ruim ir à residência."

Walt apenas riu de um jeito forçado.

Enquanto o ônibus nos levava para o aeroporto, Obama fez um discurso no hangar da base para soldados e foi muito aplaudido.

"Decepamos sua cabeça", disse ele, "e vamos derrotá-los... nossa estratégia está funcionando, e não existe maior prova disso do que a justiça que finalmente foi feita a Osama bin Laden."

Depois da viagem, a vida começou a voltar ao normal. Voltamos à rotina de sumir durante algumas semanas e passar uma semana em casa. Tínhamos embarcado de novo no trem em movimento.

Nunca recebemos a ligação chamando para uma cervejinha na Casa Branca. Lembro-me de ter voltado a mencionar o assunto a Walt meses depois. Tínhamos acabado de voltar do campo de tiros e entrávamos na sala da equipe.

"Ei, você ouviu mais alguma coisa sobre aquela cerveja?", perguntei.

O riso forçado de Walt estava de volta.

"Você acreditou naquela merda, hein?", disse ele. "Aposto que votou pela mudança também, otário."

# Epílogo

Menos de um ano depois da missão Bin Laden, saltei do trem em movimento.

Tinha passado dez anos da minha vida fazendo sacrifícios pelo emprego e pelo país. Desisti de tudo para viver o sonho. Longos períodos longe de amigos e da família, feriados perdidos e castigos físicos cujos efeitos perdurarão para sempre. Servi ao lado do que os Estados Unidos têm de melhor, e fiz amizades duradouras com um grupo de rapazes que posso chamar de meus irmãos. Desde a minha primeira missão como Seal e dos ataques de Onze de Setembro, eu sonhava em participar da missão para matar ou capturar Bin Laden. Tive a sorte de desempenhar essa função. É hora de ceder lugar para outro.

Pouquíssimos podem dizer que tiveram a sorte de desempenhar uma função operacional durante toda a sua carreira como Seal. Logo depois de concluir a BUD/S, ingressei na Equipe Cinco dos Seal e em seguida na Equipe Seis, o DEVGRU. Nunca fiz um trabalho que não fosse operacional. Em mais de dez anos como Seal, jamais tive férias, foi uma sucessão ininterrupta de missões de combate. Quando terminei meu tempo como líder de equipe no começo do ano de 2012, minhas opções eram deixar o esquadrão, ser instrutor na Equipe Verde ou executar tarefas não operacionais dentro do comando. Eram serviços realizados longe do campo de batalha e, para ser honesto, talvez fossem exatamente a pausa de que eu necessitava. Mas eu sabia que depois dessa breve

interrupção ficaria louco para voltar à luta. Como qualquer um dos homens do comando, minha vida pessoal sofrera muito sob a tensão das missões. Era hora de dar prioridade à vida pessoal. Por mais que odiasse deixar o comando, era hora de seguir em frente, e encerrar a carreira de Seal.

Antes de sair, tive um encontro com o comandante que nos recebeu depois do ataque. Nessa época, ele era o comandante interino do DEVGRU. Eu sabia que ele compreendia de fato o estresse do nosso tipo de vida. O encontro foi em seu escritório, poucos dias antes da data prevista para a minha saída do comando.

"O que poderíamos fazer para convencê-lo a continuar?", perguntou ele.

Senti-me honrado e queria ficar. Mas, olhei-o nos olhos e humildemente sacudi a cabeça.

"Para mim, é hora de ir andando", respondi.

Embora sentisse uma boa dose de culpa, como se deixasse para meus irmãos a tarefa de carregar o fardo, eu estava em paz com essa decisão. Havia rapazes mais novos, recém-saídos da Equipe Verde, prontos para comandar a luta. Eu simplesmente estava cansado. E disposto a recomeçar.

Era estranho deixar Walt, Charlie, Steve e Tom para trás. Ainda somos todos amigos, os quatro continuam no comando. Para sua proteção, não vou me estender muito sobre o que fazem agora. Basta dizer que ainda sacrificam sua vida pessoal, e seu tempo, pelo bem dos Estados Unidos.

Phil recuperou-se completamente do ferimento a bala na panturrilha. Ainda é um brincalhão muito popular e um dos meus melhores amigos. Como eu, não está mais na Marinha, aposentou-se depois do ferimento.

Um dos meus primeiros projetos depois de sair foi este livro. Decidir escrevê-lo não foi fácil. Ninguém no comando gostou da notoriedade que recebemos depois da incursão para matar Bin Laden. De início achamos divertido, mas logo se tornou um terror, à medida que as informações vazavam. Sempre nos

orgulhamos de ser profissionais discretos, mas quanto mais eu acompanhava a cobertura do ataque mais tinha vontade de contar a verdade.

Até agora, o que se informou sobre a missão para matar Bin Laden está errado. Mesmo os relatos que alegam ter tido acesso a informações exclusivas estão incorretos. Eu me sentia como se tivesse a obrigação de contar a história verdadeira. Para mim, a história é maior do que a incursão em si. Diz muito mais respeito aos homens do comando que deliberadamente arriscam suas vidas, sacrificando tudo o que têm para executar o serviço. Suas histórias merecem ser contadas, e da forma mais rigorosa possível.

Desde 1º de maio de 2011, todo mundo — do presidente Obama ao almirante McRaven — tem dado entrevistas sobre a operação. Se o meu comandante-chefe está disposto a falar, eu também me sinto à vontade para fazê-lo.

É claro que a missão está sendo usada na disputa política, enquanto os dois partidos lutam pela Casa Branca. A operação jamais teve qualquer relação com isso para os vinte e quatro homens que subiram a bordo dos helicópteros naquela noite. Fazer política é para Washington, para as autoridades que, em segurança, assistiram ao desenrolar da ação num monitor de vídeo, a milhares de quilômetros.

Quando embarcamos em nossos helicópteros em Jalalabad, política era a menor de nossas preocupações. Não me entendam mal. Não é que fôssemos indiferentes à política partidária. Sabíamos que ia acontecer. Isso teve alguma influência no resultado? Claro, mas acho que pouco importa se a ordem foi dada por um republicano ou por um democrata. Não é o que vai me fazer votar nesse ou naquele partido.

Sejamos claros, não acho que esta seja a minha história. Desde o início, o que pretendi foi narrar a verdadeira história da missão e mostrar os sacrifícios feitos pelos Seal do comando. Utilizei minha vida apenas para mostrar o que é fazer parte de uma unidade tão especial. Não sou único, nem

especial, e espero que minha experiência seja vista como exemplo do que é a vida de todos os homens com quem servi. Os homens que admiro, os homens com quem trabalhei, são os melhores do mundo, e o que têm feito pelos Estados Unidos é mais do que as pessoas jamais conseguiriam entender.

Para os Seal que não voltaram para casa, o sacrifício não foi em vão. Alguns desapareceram lutando no Iraque ou no Afeganistão. Outros morreram treinando para o combate. Levamos todos em nossos corações, sabendo que morreram por algo muito maior. E apesar de saberem dos riscos, homens como esses continuam a sacrificar tudo.

Convido os que leram este livro a sacrificar um pouco também. Ouço muito a pergunta: "Não sou Seal, e provavelmente não conseguiria ser, ainda que tentasse, mas como posso ajudar?".

Duas respostas me ocorrem.

Não se limite a estar vivo, mas viva por um objetivo maior do que você. Seja útil para sua família, sua comunidade, seu país.

A outra resposta é que sempre é possível doar tempo e dinheiro para uma organização de veteranos, ou para uma organização de apoio a guerreiros feridos. Esses homens e mulheres já deram a sua contribuição, e precisam de nossa ajuda.*

* O autor está cedendo parte dos lucros deste livro a instituições de caridade. Se você também quiser fazer uma doação a famílias de Seals da Marinha mortos em combate, o autor recomenda as seguintes organizações: All in All The Time Foundation (Allinallthetime.org); The Navy Seal Foundation (Navysealfoundation.org); e Tip of the Spear Foundation (Tipofthespearfoundation.org).

Contei esta história e estou doando a maior parte dos lucros de sua venda em honra dos homens que perdemos desde o Onze de Setembro. Eles são os verdadeiros heróis.*

Thomas C. Fouke

Thomas Ratzlaff

Stephen Mills

Robert Reeves

Nicholas Spehar

Nicholas Null

Michael Strange

Matthew Mason

Louis Langlais

Kraig Vickers

Kevin Houston

Jonas Kelsall

Jon Tumilson

John Faas

John Douangdara

Jesse Pittman

Jason Workman

Jared Day

Heath Robinson

Darrik Benson

Christopher Campbell

Caleb A. Nelson

Brian Bill

Aaron Vaughn

Tyler Stimson

Ronald Woodle

Denis Christopher Miranda

David Blake McLendon

Collin Thomas

Brendan John Looney

Adam Olin Smith

Adam Brown

Tyler J. Trahan

Ryan Job

Eric F. Shellenberger

Andrew J. Lightner

Thomas J. Valentine

Shapoor “Alex” Ghane

Nathan Hardy

Michael Koch

Luis Souffront

Lance M. Vaccaro

Joshua Thomas Harris

John W. Marcum

Jason R. Freiwald

Steven P. Daugherty

Robert R. McRill

Mark T. Carter

Joseph Clark Schwedler

Jason D. Lewis

Freddie Porter

Michael A. Monsoor

Marc A. Lee

Shane E. Patton

Michael P. Murphy

Michael M. McGreevy Jr.

Matthew G. Axelson

Jeffrey S. Taylor

Jeffrey A. Lucas

James Suh

Jacques J. Fontan

Erik S. Kristensen

Danny P. Dietz

Daniel R. Healy

Theodore D. Fitzhenry

Robert P. Vetter

Brian Ouellette

Thomas E. Retzer

Mario Maestas

David M. Tapper

– –

Peter G. Oswald

Neil C. Roberts

Matthew J. Bourgeois

Jerry “Buck” Pope

* Lista cedida pela The Navy Seal Foundation (Navysealfoundation.org).

# Fontes consultadas


"ABBOTTABAD". In: *Encyclopaedia Britannica Online*, 11. ed. Disponível em: <http://en.wikisource.org/wiki/1911_Encyclop%C3%A6dia_Britannica/Abbottabad>. Acesso em: 2 ago. 2012.

ACKMAN, Dan. "The Cost of Being Osama bin Laden". *Forbes Magazine*, 14 set. 2001.

ASSOCIATED PRESS. "Jimmy Carter: Iran Hostage Rescue Should Have Worked". *USA Today*, 17 set. 2010.

BOWDEN, Mark. *Black Hawk Down*: *A Story of Modern War*. Nova York: Signet, 2002. [Ed. bras.: *Falcão Negro em perigo*: *A história de uma guerra moderna*. Trad. Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle. São Paulo: Landscape, 2001.]

BUTCHER, Mike. "Here's the Guy Who Unwittingly Live-Tweeted the Raid on Bin Laden". *TechCrunch*, 2 maio 2011.

CHALKER, Dennis; DOCKERY, Kevin. *One Perfect Op*: *Navy Seal Special Warfare Teams*. Nova York: Avon, 2002.

EGGEN, Dan. "Bin Laden, Most Wanted for Embassy Bombings?". *The Washington Post*, 28 ago. 2006.

FBI. "FBI Ten Most Wanted Fugitives". Arquivo original de 3 jan. 2008.

FURY, Dalton. *Kill Bin Laden*. Nova York: St. Martin, 2008.

GOLDMAN, Adam; APUZZO, Matt. "Phone Call by Kuwaiti Courier Led to Bin Laden". *PilotOnline*, 3 maio 2011.

GRAHAM, Maureen; GRAHAM, Troy. "Navy SEAL Killed in Afghanistan Was Part of Lynch Rescue". *Philadelphia Inquirer*, 22 ago. 2003.

HAGERMAN, Bart. *USA Airborne*: *50th Anniversary*. Paducah, KY: Turner, 1990.

MARCINKO, Richard. *Rogue Warrior*. Nova York: Pocket, 1992.

MAYER, Jane. *The Dark Side*: *The Inside Story of How the War on Terror Turned Into a War on American Ideals*. Nova York: Random House, 2008.

MILLER, Greg. "CIA Flew Stealth Drones into Pakistan to Monitor Bin Laden House". *The Washington Post*, 17 maio 2011.

"MOST wanted terrorists list released". CNN.com, 10 out. 2001.

MURDICO, Suzanne J. *Osama bin Laden*. [S.l.]: Rosen, 2004.

SCHMIDLE, Nicholas. “A Reporter At Large: Getting Bin Laden: What Happened that Night in Abbottabad”. *The New Yorker*, 8 ago. 2011.

SMITH, Michael. *Killer Elite: The Inside Story of America’s Most Secret Special Operations Team*. Nova York: St. Martin, 2007.

UNITED States Army. 160th Special Operations Aviation Regiment. *160th SOAR(A) Green Platoon Train- up Program*. Arquivo original de 31 maio 2008.

# Sobre os autores

Mark Owen foi membro do Grupo para o Desenvolvimento de Operações Especiais da Marinha, o DEVGRU, mais conhecido como Equipe Seis do Seal. Em seus muitos anos como Seal da Marinha, participou de centenas de missões no mundo inteiro, incluindo o resgate do capitão Richard Phillips no oceano Índico em 2009. Foi chefe de equipe na Operação Lança de Netuno, em Abbottabad, Paquistão, em 1º de maio de 2011, que resultou na morte de Osama bin Laden. Owen foi um dos primeiros homens a adentrar no esconderijo do terrorista e testemunhou, em primeira mão, a sua morte. O nome verdadeiro de Mark Owen, assim como o de todos os Seal mencionados neste livro, foi trocado por motivos de segurança.

Kevin Maurer cobre as atividades das forças de operações especiais norte-americanas há nove anos. Trabalhou como repórter das Forças Especiais em seis ocasiões no Afeganistão. Em 2006, passou um mês com unidades de operações especiais no leste da África e acompanhou as forças americanas em missões no Iraque e no Haiti.

Tanque militar trafega entre as montanhas de Bagram e Kunduz, no Afeganistão. Durante o inverno, os combates diminuíam tendo em vista as condições climáticas.

Vista de nossa base militar no Afeganistão central. Nas temporadas em que servi no país, a beleza natural do lugar sempre me impressionou.

Minhas principais armas: uma submetralhadora Heckler & Koch MP7 com silenciador (no alto); um lançador de granadas M79 de quarenta milímetros, que chamávamos de "garrucha de pirata" (no meio); e um fuzil Heckler & Koch 416 com silenciador e cano de dez polegadas (embaixo).

Meu kit de assalto em uma das temporadas que servi no Afeganistão. Estão visíveis na foto minhas pistolas, meus fuzis de assalto, meu capacete com os óculos de visão noturna e meu colete com placas balísticas de vinte e sete quilos.

Capacete equipado com a última geração de óculos de visão noturna, ou NVGs, lanterna tática e luz estroboscópica infravermelha. Os quatro tubos de visão nos NVGs nos possibilitavam enxergar as zonas periféricas com muito mais facilidade que os dois tubos presentes nos capacetes convencionais. A luz estroboscópica infravermelha é essencial em operações de assalto por via aérea.

Rampa do avião militar C-17 momentos antes de pularmos no oceano Índico para a operação de resgate do capitão Richard Phillips.

Treinamento de salto de grande altitude e acionamento imediato (HAHO) no Grand Canyon.

Membros da Equipe Seis do Seal preparando-se para o pouso em um treinamento de HAHO.

Helicóptero CH-47, também conhecido como “ônibus escolar voador”.

Vista traseira da cabine de um CH-47. As sacolas contêm as cordas para assaltos aéreos.

Helicóptero CH-47 como o que foi usado na missão realizada na província montanhosa de Kunar.

Helicópteros MH-6 Little Birds usados para operações de assalto aéreo no Iraque.

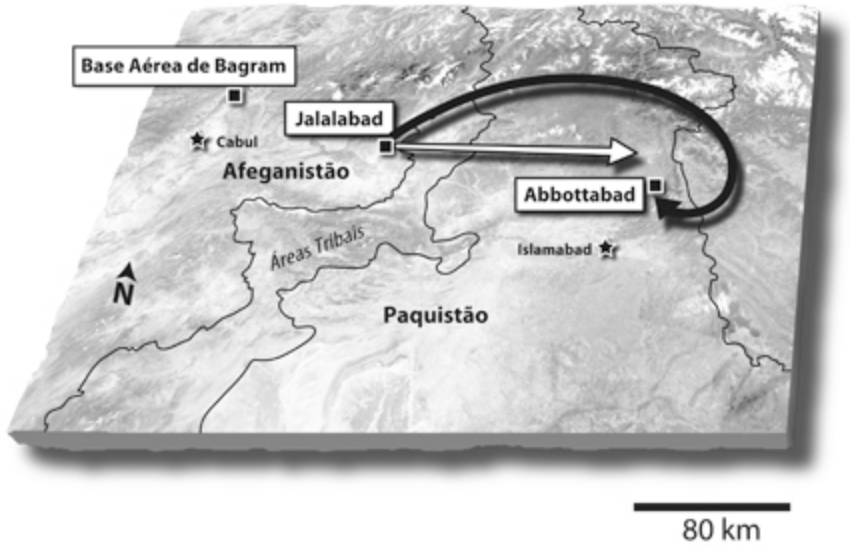
Membros do DEVGRU no deserto iraquiano depois de uma longa noite de trabalho.

# Operação Lança de Netuno

(1º de maio de 2011)

O plano previa que dois helicópteros Black Hawk transportariam — de uma base em Jalalabad, no Afeganistão, para a propriedade-alvo localizada em Abbottabad, no Paquistão — vinte e dois Seal, um especialista em Descarte de Material Bélico Explosivo (EOD) e um intérprete da CIA.
Dois helicópteros CH-47, levando combustível extra e uma Força de Reação Rápida do Seal, estabeleceram um ponto avançado de reabastecimento a quinze minutos do alvo.

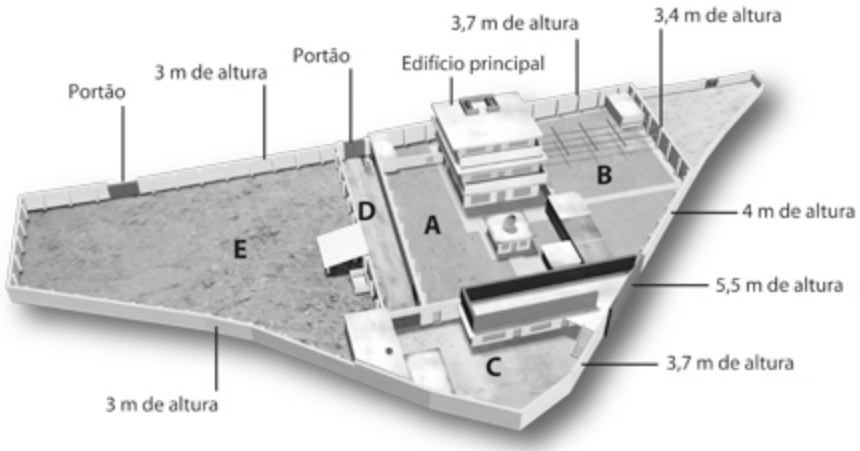
Mapa detalhado

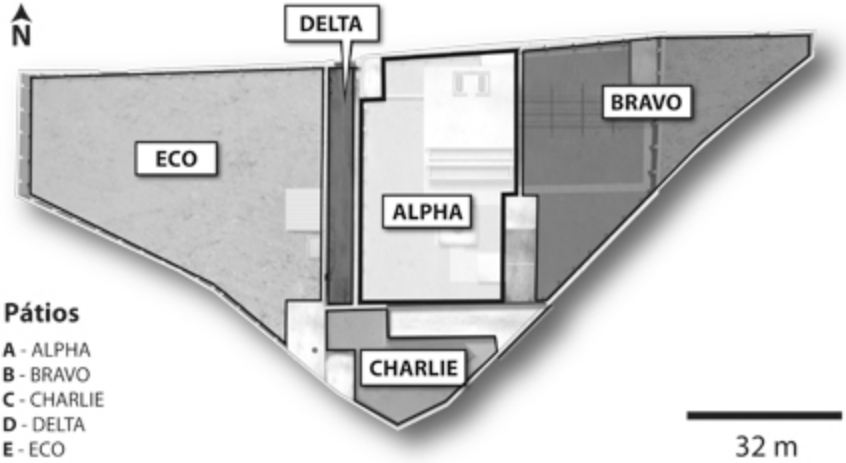


# Propriedade de Osama bin Laden

A propriedade, de quatro mil metros quadrados, ficava na rua Kakul, em Bilal, um bairro de classe média na cidade de Abbottabad. A cidade é um destino popular de férias e sedia uma academia militar paquistanesa.
Bin Laden vivia no edifício principal, no terceiro andar.

* Em cima dos muros que rodeavam a propriedade havia arame farpado




**Pátios**

**A** - ALPHA
**B** - BRAVO
**C** - CHARLIE
**D** - DELTA
**E** - ECO

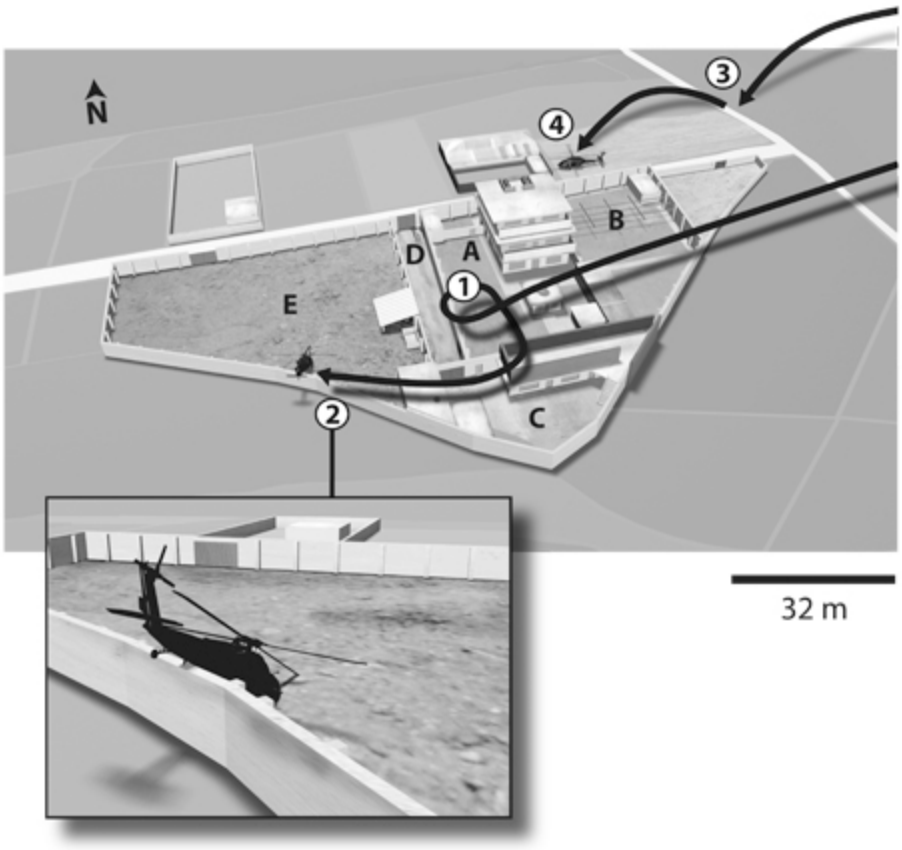
# Operação Lança de Netuno: Infiltração

① Chalk Um tentou pairar sobre o pátio A, mas não conseguiu entrar em voo estacionário e fez um pouso forçado.

② O pouso de emergência do Chalk Um aconteceu no pátio E, a oeste do edifício principal.

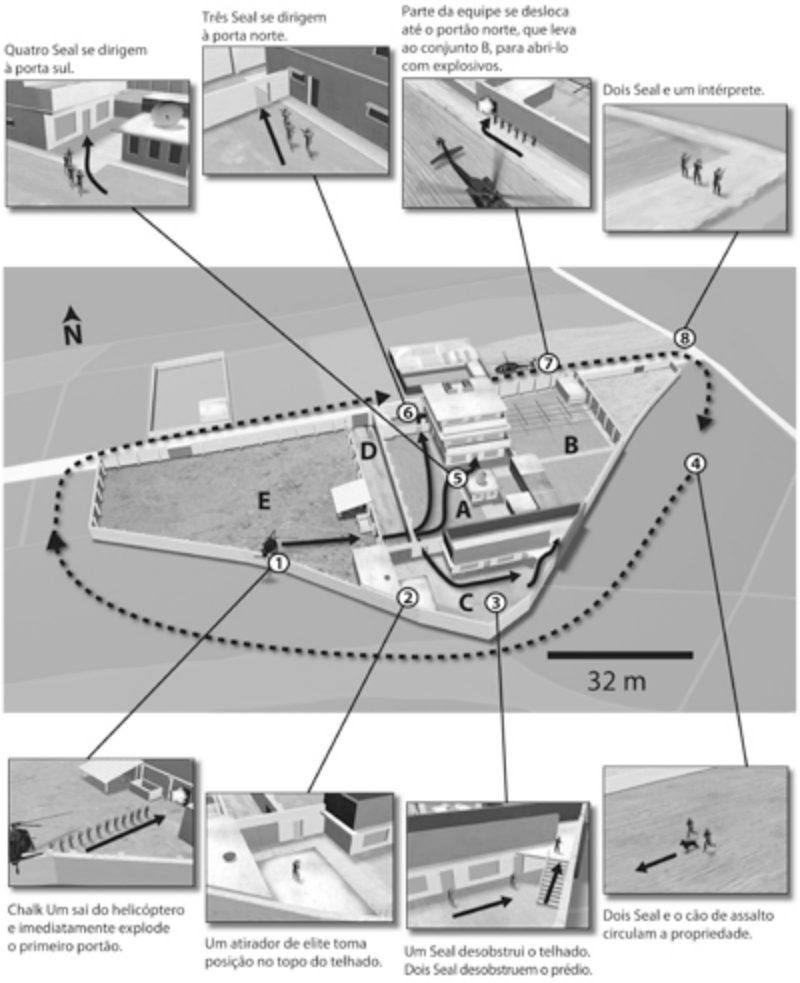
③ Chalk Dois aterrissou e deixou no solo a equipe de segurança externa formada por quatro Seal, um intérprete e um cão de assalto em combate.

④ Ao ver o acidente do Chalk Um, o piloto do Chalk Dois rapidamente tomou a decisão mais segura de aterrissar fora da propriedade, em vez de tentar inserir os Seal diretamente no edifício principal.



# Operação Lança de Netuno: Assalto

Depois do acidente do Chalk Um, os Seal rapidamente se recuperaram e começaram o assalto.



# Operação Lança de Netuno: o edifício principal

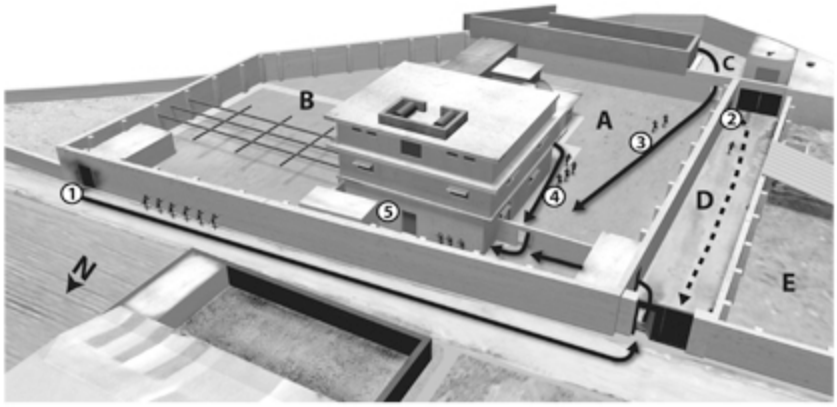
① Chalk Dois explode o portão do pátio Bravo, mas descobre que há uma parede de tijolos bloqueando a entrada. Chalk Dois então se desloca para acessar a propriedade pelo portão Delta, o portão principal.

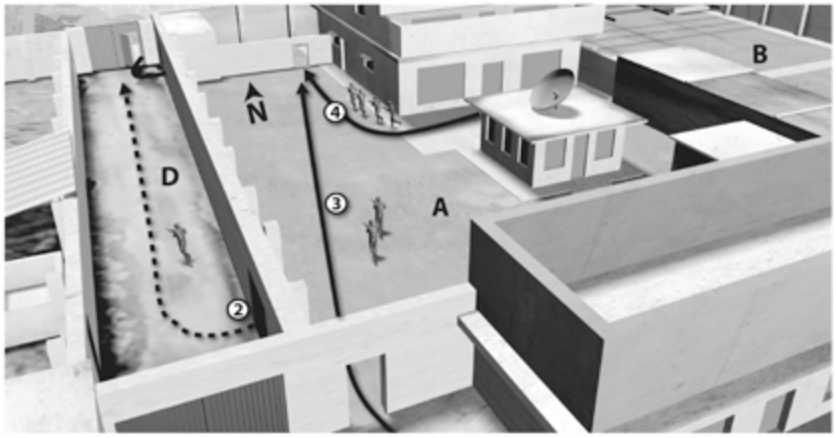
② Mike, o Seal mais experiente da missão, facilita a entrada de Chalk Dois pelo portão Delta.

③ Depois de desobstruir a casa de hóspedes, chamada de C1, a equipe de Owen se dirige ao edifício principal para ajudar no assalto.

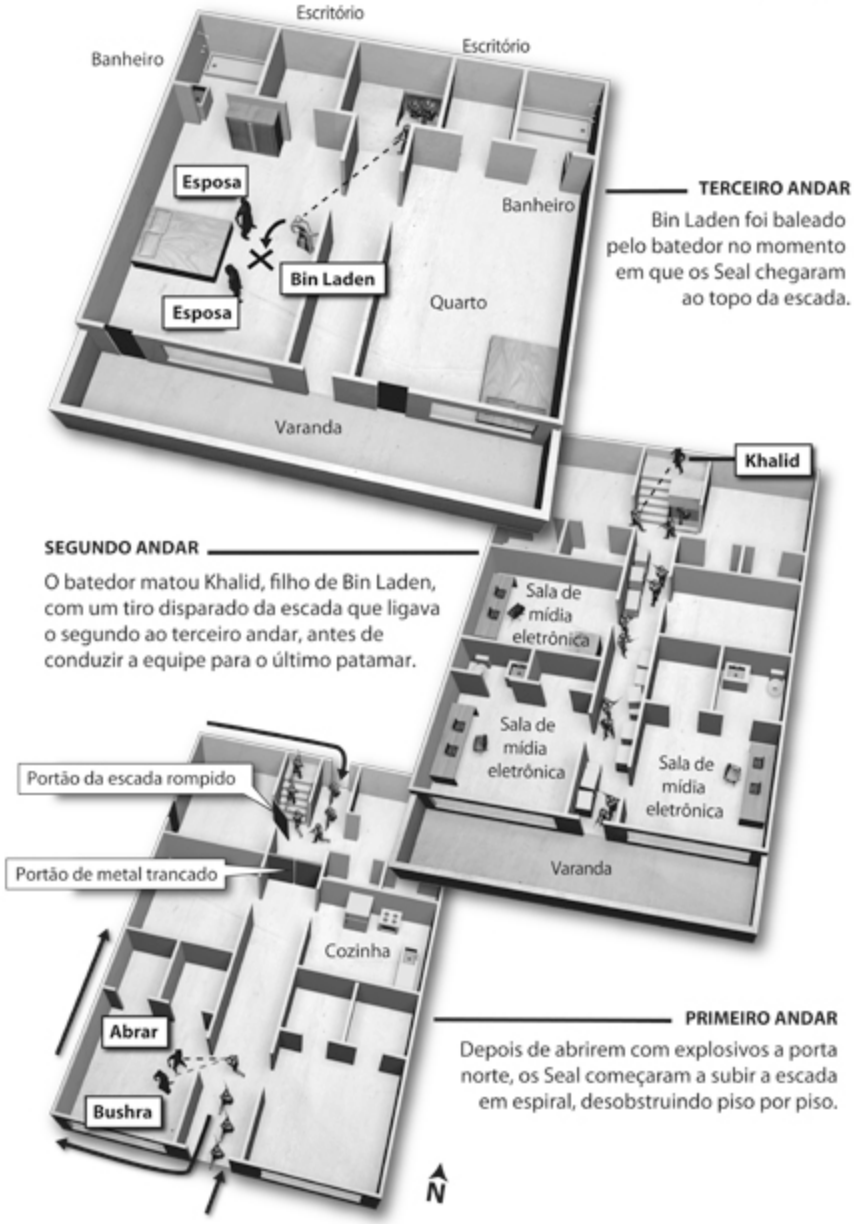
④ Bloqueados por um portão de metal que havia no corredor, Tom e sua equipe desobstruem a parte sul do primeiro piso do edifício principal e depois seguem para a porta norte.

⑤ Charlie coloca uma carga de explosivos na porta norte e espera o o.k. de Tom para detoná-la.



## Dentro do edifício principal




**TERCEIRO ANDAR**

Bin Laden foi baleado pelo batedor no momento em que os Seal chegaram ao topo da escada.

**SEGUNDO ANDAR**

O batedor matou Khalid, filho de Bin Laden, com um tiro disparado da escada que ligava o segundo ao terceiro andar, antes de conduzir a equipe para o último patamar.

**PRIMEIRO ANDAR**

Depois de abrirem com explosivos a porta norte, os Seal começaram a subir a escada em espiral, desobstruindo piso por piso.

# Operação Lança de Netuno: Exfiltração

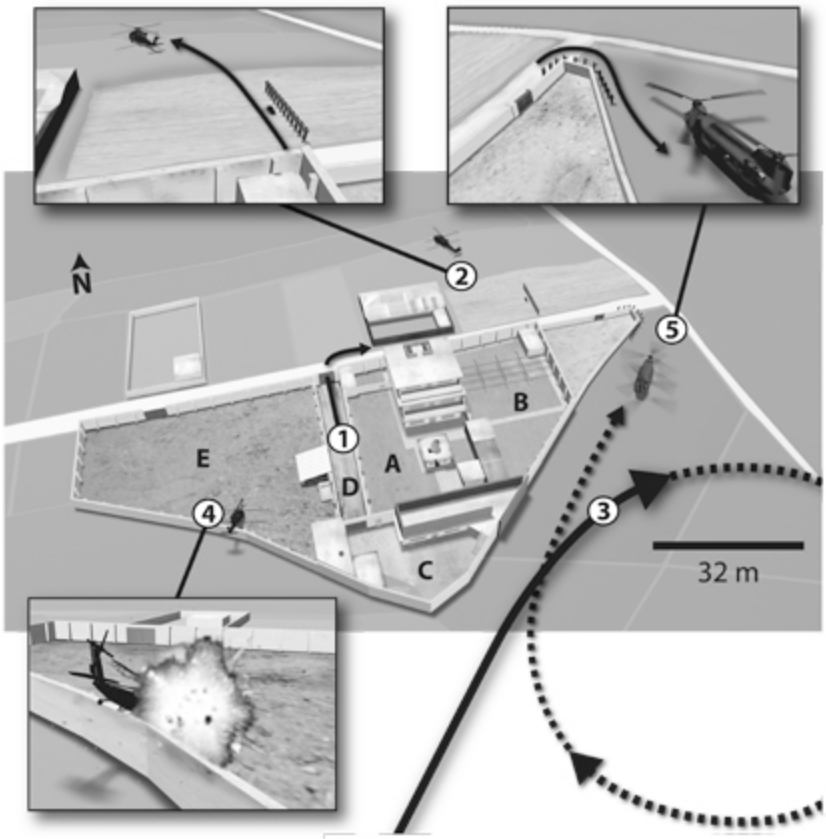
① Os Seal tiram o corpo de Bin Laden da propriedade.

② Chalk Um embarca no helicóptero Black Hawk que antes transportava Chalk Dois.

③ Poucos segundos antes da explosão das cargas colocadas no Black Hawk acidentado, o helicóptero CH-47 é instruído a desviar na direção sul para evitar os estilhaços.

④ O Black Hawk acidentado explode.

⑤ Chalk Dois e os pilotos do Black Hawk acidentado embarcam no CH-47.



# Operação Lança de Netuno: Exfiltração

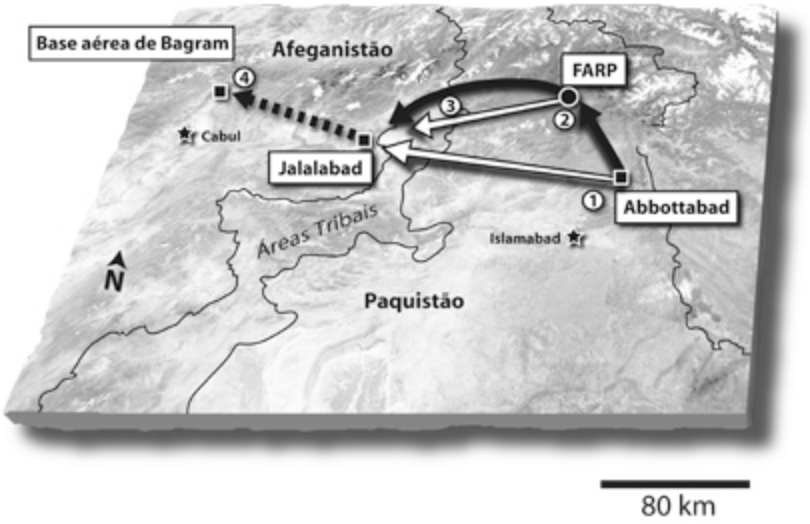
① Um helicóptero CH-47 retira Chalk Dois e os pilotos do Black Hawk acidentado da propriedade e voa diretamente para Jalalabad.

② O Black Hawk segue para o norte, aterrissando em um ponto avançado de reabastecimento aéreo, ou FARP.

③ O Black Hawk e outro helicóptero CH-47, que auxiliou no seu reabastecimento, voam para Jalalabad.

④ O avião C-130 conduz a equipe de assalto de Jalalabad para Bagram.

Mapa detalhado



Copyright © 2012 by Mark Owen

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico*
*da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor*
*no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL No Easy Day

CAPA Nick Shah

FOTO DE CAPA NRA Life of Duty/ Alamy/ Shutterstock

CADERNO DE FOTOS Coleção pessoal do autor

MAPAS Travis Rightmeyer

PREPARAÇÃO Huendel Viana

REVISÃO TÉCNICA David Pfaltzgraapf

REVISÃO Vivian Miwa Matsushita e Renato Potenza Rodrigues

[2012]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br